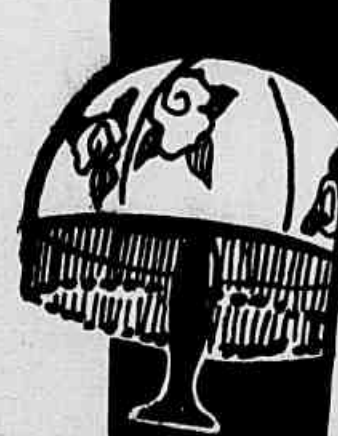
Arte de Bordar
RISCOS PARA BORDAR E
ARTES APPLICADAS
APPARECE NOS DIAS 15 DE
CADA MEZ
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
TRAVESSA DO OUVIDOR, 34
RIO DE JANEIRO
ARTE DE BORDAR é uma revista mensal de riscos para bordar e artes applicadas. Contém 20 paginas de grande formato e dois grandes supplementos que vêm soltos dentro da revista com os mais encantadores e suggestivos riscos para bordados em tamanho de execução. A capa da revista, em quatro e cinco côres, traz sempre um lindo motivo de almofada ou toalha e, no texto, o risco correspondente com todas as explicações para executar o trabalho.
ARTE DE BORDAR contém riscos para: Sombrinhas, Almofadas, Stores, Kimonos, Monogrammas, Pyjamas, Guarnições e Toalhas para altar, Guarnições para "lingerie", Roupas brancas, Roupas para creanças, Guarnições para cama e mesa. --- Trabalhos: Em "Crochet", Rafia, Lã, Pellica, Panno couro, Feltro, Estanho, Pinturas, Flores, etc.
QUALQUER LIVRARIA, BANCA DE JORNAES E TODOS OS VENDEDORES DE JORNAES DO BRASIL TÊM Á VENDA A PUBLICAÇÃO ARTE DE BORDAR.
A REVISTA, CONTENDO OS DOIS SUPPLEMENTOS SOLTOS, CUSTA APENAS 2$000 EM TODO O BRASIL.
NUMEROS ATRAZADOS DE "ARTE DE BORDAR"
DESTA CAPITAL, DAS CAPITAES DOS ESTADOS E DE MUITAS CIDADES DO INTERIOR, CONSTANTEMENTE SOMOS CONSULTADOS SE AINDA TEMOS TODOS OS NUMEROS ATRAZADOS DE ARTE DE BORDAR. PARTICIPAMOS A TODOS QUE, PREVENDO O FACTO DE MUITAS PESSOAS FICAREM COM AS SUAS COLLECÇÕES DESFALCADAS, RESERVÁMOS EM NOSSO ESCRIPTORIO TRAVESSA DO OUVIDOR, 34, TODOS OS NUMEROS JÁ PUBLICADOS, PARA ATTENDER A PEDIDOS. CUSTAM O MESMO PREÇO DE 2$000 O EXEMPLAR EM TODO O BRASIL E TAMBEM SÃO ENCONTRADOS EM QUALQUER LIVRARIA, CASA DE FIGURINOS E COM TODOS OS VENDEDORES DE JORNAES DO PAIZ.
PEDIDOS DO INTERIOR
Snr. Gerente de ARTE DE BORDAR — Caixa Postal 880 — Travessa do Ouvidor, 34-Rio
Pedidos sob registro
Envio-lhe
2$000 para receber 1 numero
16$000 " " durante 6 mezes
30$000 " " " 12 "
Nome
Ender.
Cid.
Est.
PREÇO
2$

PERGUNTE-ME OUTRA

VANELIA COOPER (Mossoró) — Aos cuidados desta redacção, apenas. Não posso fornecer o endereço delle.

GAU'CHINHA (Porto Alegre) — Ramon é solteiro. Quando será a viagem ao Japão...? O Pery está ahi no Sul, agora.

JO-JAN (Porto Alegre) — 1º — Maria Alba e Antonio Moreno. 2º — A pessoa que a fazia não tem mais tempo. Mas vamos publicar uma secção, que dará o mesmo assumpto. 3º — Agora não tem mais actualidade.

MATA HARI NOVARRO (Maceió) — Gósto sim. Absolutamente. O movimento apenas diminuiu para tornar-se agora mais sério. Dir-se-ia que lembra o carneiro que recúa para dar uma marrada maior... Deixaram o Cinema. Outras estrellas surgirão e o nosso enthusiasmo é cada vez maior. Como posso saber se ella recebeu sua carta? George Universal City, Cal.

M. LUDOVICO (Pelotas) — Não tenha medo, o gato, neste caso é como aquelle que o Richard Arlen faz em "Alice no paiz das maravilhas"... apenas faz caretas mas não assusta. Breve verá que pode ter confiança. Agora é que ella está me enthusiasmando... Embora não appareça, tem se trabalhado muito, equipando o Studio!

HUMBERTO CALIXTO (Parahyba do Sul) — Creio que Rosita já está lá. Não houve, nova versão, "Trumpet Blows" não é bem o mesmo assumpto. Interessantes os seus commentarios, mas "Varieté", com John Barrymore deveria ser terrivel...

FIM (S. Paulo) — Recebi a descripção da inauguração do Broadway, obrigado. Aguardo os photos. Grato tambem pelas outras noticias. Já passou sim, e não gostei muito... achei-o um dramalhão. A critica vae sahir breve.

LILY (Rio) — As comedias de Ben Blue para Hal Roach, se não me engano vieram para a Brasil. Elle agora está na Vitaphone e já vimos uma dellas — "Mãos nervosas", um dos ultimos programmas do Pathé Palacio. E' engraçado sim.

CARMEN (Rio) — O ultimo Film de D. José Mojica para a Fox é "Cossacks" com Rosita Moreno e Mona Maris.

CARY GRANT (Bello Horizonte) — Mae West vae fazer a "Rainha de Sabá", para a Paramount.

B. C. M. DE MELLO (Parahyba) — Não veja má vontade, mas é impossivel. Sentimos muito dizer, mas não está na alçada do nosso representante e para falar com franqueza Gilberto Souto tem orientação de não cuidar de nenhum interesse particular, mesmo porque não dispõe de tempo para isso. Gostariamos de dar uma informação detalhada ao amigo por carta particular mas infelizmente o tempo é pouco. Desculpenos, mas nada podemos fazer e aqui estamos ás ordens.

FRINKS (Rio) — Irene Castle depois de 12 annos ausente do Cinema, volta agora contractada pela War-

ner. Lembra-se de "Miss Antique", da Paramount?

CAROLE (Rio) — O novo Film de Joan chama-se "Pretty Sadie McKee", e tem dois galãs: Franchot Tone e Gene Raymond.

Depois, Joan fará "Sacred and Profane Love", com C. Gable.

Buster Keaton terminou sua primeira comedia na Educational, cujo titulo não me occorre no momento e prepara-se para fazer "Allez Oop". Se continua "mudo", ainda não sei...

FAN DE RUTH CANNING (Bello Horizonte) — Ella vae casar-se com o director Hamilton Mac Fadden. Tambem gosto desta Ruth de cabellos de ouro...

REINALDO MANSO (Cataguazes) — Envie photographia para lá e não desanime porque o Cinema Brasileiro embora não pareça vae melhor do que nunca, se bem que esteja longe de onde devemos chegar.

GOOD BOY (Rio) — Talvez será ridiculo dizer que ainda estão se preparando mas é a verdade. Formidaveis melhoramentos estão sendo realizados e breve iniciará maior producção. Sobre encadernador, procure falar com A. Rocha, rua Buenos Aires, 61 — 1° (Guanabara).

AMY SWEET — Vae sahir um artigo sobre Cary. Diga á sua amiguinha para não deixar de vel-o fazendo a "Tartaruga falsa", em "Alice no paiz das maravilhas"... Quero, sim. Ramon foi mal comprehendido. Não tinha um gerente, elle não sabia o que fazer. Aguardo a critica promettida.

KISS WHITE — Desde já agradeço a photographia. Ramon virá sim. Tambem senti a morte della. Sobre a caricatura vou vêr se publico. Até logo, Kiss.

JUJANE (Itabira) — Obrigado. Os enredos tem muitos apreciadores e não podemos supprimil-os. Mas nestas pequenas noticias que sahem em todas as paginas, damos todo o movimento de artistas, directores, etc. 1° — E' difficil saber. 2° — Lux-Arte-Film. 3° — Não me lembro no momento. Creio que foi *Bom*. 4° — Ainda não. 5° — Continúa. Grato pelas informações.

MADAME MAX BAER (Santos) — Terei muito prazer. M. G. M.-Studios, Culver City, Cal. Penso que enviará. Escreva em brasileiro mesmo, gryphando a palavra "photograph". No momento, não sei os endereços que pede. Vou pedir ao Gilberto para entrevistar Max. O conselho que pede é uma resposta tambem difficil... Sinto muito, Madame, mas trata-se de um caso delicado e é muito difficil trabalhar no Cinema. Não estou aborrecido não. Pergunte outra!

LOUCO POR ELISSA DANDI (Rio) — Elissa vae trabalhar no "Count of Monte Christo", que a United vae fazer, depois que terminar o seu trabalho em "I Loved An Actress", na Paramount, Film que por signal teve o titulo mudado para "The Great Flirtation".

SOLITARIO DE LAGOINHA (Rio) — "Mrs. Wiggs of the Cabbage Patch" que a Paramount vae Filmar agora com Pauline Lord é a mesma historia que já fez com Marguerite Clark e aqui foi exhibido como "Mariazinha amorosa". Por falar em Filmagem: a Majestic vae fazer a "Letra escarlate" que Lillian Gish interpretou. Robert Vignola, o antigo director dos Films historicos de Marion Davies, dirigirá.

FUM-FILM (S. Paulo) — Diana Wynyard está trabalhando em "One More River", da Universal, ao lado de Colin Clive, e Mary Astor e Reginald Denny, que ha annos fizeram juntos uma comedia deliciosa neste mesmo Studio...

FRANCISCO BARLETO (Manhumirim) — Paramount: — Avenida Rio Branco, 247. Columbia: — Rua do Passeio, 2 (Edificio Odeon). Warner Bros-First National: Rua Alvaro Alvim, 52, 2° Só respondo por aqui.

ZOZI DE GRISOL (Belém) — Muito breve "Cinearte" divulgará. Não sei no momento o nome dessa "black star"... Sim é muito sympathico. Pena ter sido tão mal comprehendido, com a falta de um gerente. Fui alinhado n'outros tempos... Vou pedir ao Gilberto para entrevistar Gary Cooper e Janet Gaynor. Gostei do typo sim, principalmente da descripção dos "eyes"... Volte de novo "Zozo".

O GOVERNO ESTÁ COMPLETANDO AS LEIS DE PROTECÇÃO AO CINEMA BRASILEIRO

Ministério da Educação e Saúde Pública

República dos Estados Unidos do Brasil

O ministro de Estado de Educação e Saúde Pública, em nome do Governo Provisório, resolve baixar as seguintes instruções para cumprimento do art. 13 do decreto n°. 21.240, de 4 de abril de 1932:

Art. 1.° A partir de noventa dias contados da data da publicação das presentes instruções no **Diario Oficial,** cada programa cinematográfico que contiver um filme de enrêdo de metragem superior a mil metros e cujo certificado de censura tem a data posterior á fixada para a vigência destas instruções, sómente poderá ser exibido em espectáculos públicos, quando faça parte um filme nacional de bôa qualidade, sincronizado, sonóro ou falado, sistema movietone, filmado no Brasil e confecionado em laboratórios nacionais, com a medição minima de cem metros lineares, censurado posteriormente á data de publicação das presentes Instruções.

§ 1.° Se na data fixada ou em qualquer tempo não existirem filmes suficientes nas condições previstas nêste artigo, para satisfazerem as necessidades dos programas sujeitos á presente obrigatoriedade, a juizo da Comissão de Censura Cinematográfica, esta suspenderá a execução das presentes Instruções, restabelecendo-as quando julgar oportuno.

§ 2.° Na metragem mínima de cem metros lineares só serão contadas as cenas ou vistas, independentemente dos letreiros ou titulos que contiverem os filmes, não podendo êstes exceder a 30% das cenas ou vistas.

Art. 2.° A partir de doze meses da data em que entrarem em vigor as presentes Instruções, todos os programas cinematográficos exibidos nas Capitais dos Estados da União terão obrigatoriamente de conter um filme nacional nas condições previstas no art. 1.°, embora exibam filmes em "reprise", incidindo nesta mesma obrigatoriedade os casinos, clubs e sociedades sportivas ou outras em que se exibam programas cinematográficos, continuando todas as demais exibições na territorio nacional sujeitas ao que prescreve o art. 1°. das presentes Instruções.

Art. 3°. A Comissão de Censura Cinematográfica além do disposto no artigo do decreto n. 21.240, de 4 de abril de 1932, julgará a qualidade do filme quando de produção nacional e para os efeitos do art. 1°., tendo em vista os requisitos de sonoridade, sincronização e as qualidades técnicas e artisticas exigiveis nêste gênero de produção.

Paragráfo único. Os filmes que contiverem propaganda comercial, industrial ou particular, não serão considerados de bôa qualidade, para os efeitos previstos no art. 1°. destas Instruções.

Art. 4°. Quando de um mesmo programa constar mais de um filme sujeito ao disposto no art. 1°. destas Instruções, o exibidor só fica obrigado a agregar um filme nacional nas condições previstas no referido artigo.

§ 1°. O filme nacional que fôr agregado a um programa não poderá ser agregado ao outro na mesma casa de diversões, salvo se, independente dêste, fôr agregado em cada novo programa um novo filme nas condições previstas no art. 1°. destas Instruções.

§ 2°. O filme nacional que fôr incluido em programa para o cumprimento do art. 1°. destas Instruções poderá ser exibido no mesmo dia em mais de um cinema, na mesma cidade, dêsde que independente dêste conste em programa outro filme nas condições previstas no citado art. 1°. das presentes Instruções.

Art. 5°. Entender-se-á a expressão "em cada omissão", usada no art. 14 do decreto n. 21.240, a não exibição do filme nacional em qualquer das sessões que forem realizadas em qualquer das casas exibidoras.

Art. 6°. Os casos omissos serão resolvidos por dois membros da Comissão de Censura Cinematográfica do Ministério da Educação e Saúde Pública, nomeados por seu presidente, dois representantes da classe dos produtores de filmes nacionais e dois outros do Sindicato Cinematográfico de Exibidores, indicados pelas respectivas associações, sob a presidência do presidente da Comissão de Censura Cinematográfica, com recurso voluntário para o ministro da Educação e Saúde Pública.

Rio de Janeiro, 24 de maio de 1934. — **Washington F. Pires.**

(Do **Diario Oficial** de 26 de Maio de 1934).

Mary e Sylvia pertencem á legião das jovens que, em New York, trabalham para vencer. São duas pequenas americanas modernas que sabem fazer da vida uma optima gargalhada. São alegres, joviaes e sempre dispostas para uma festa ou outra cousa qualquer que divirta o espirito.

Mas em breve a loura Sylvia fica sem a parceria de sua bella e "brunette" irmã. E' que Mary apaixona-se por Lord Rexford, um "gentleman" inglez, e como este tambem está completamente aos pés de Mary... os dois casam-se e partem para a Inglaterra.

A mudança que se dá na vida de Mary é notavel. Como esposa de um distincto "lord" inglez, ella é cercada de mil attenções e apresenta-se austera, aristocrata. A sua verdadeira personalidade, porém, muito soffre com isto. Mary é alegre, viva espontanea e custa-lhe um pouco submetter-se ao pesado ambiente a que agora pertence...

Não obstante, sua vida matrimonial é feliz e mais feliz ainda se torna quando nasce Pamela, que passa a ser o encanto da vida do casal.

O tempo passa e apesar do amor de seu marido ser o mesmo Mary não acha completa a sua felicidade. Lord Rexford gasta a maior parte das horas de seus dias, com os assumptos politicos.

Exceptuando-se as poucas horas que o marido passa ao seu lado, a vida de Mary torna-se dia a dia mais monotona...

E' por isto que ella muito se alegra com a visita de uma tia de Lord Rexford, que até então não conhecera. E' a tia Hetty, creatura buliçosa, de genio muito espirituoso e mesmo incompativel com os seus muitos janeiros. Tia Hetty vae passar a primavera na "Côte d'Azur" e faz questão de levar a linda Lady Rexford em sua companhia. Lord Rexford concorda com o passeio, pois partirá para New York a serviço de um cargo politico. E assim, Mary deixa Londres, acompanhando a velha tia na sua alegre jornada.

Riviéra! O brilho dos salões e casinos de Antibes, Nice, Monte Carlo, Aix-les-Bains! O eterno encanto de uma natureza primaveril! As praias "chics"... Em Cannes, Mary e tia Hetty descansam. Mary é de novo a creatura alegre e vivaz dos tempos de New York. O ar fino e penetrante das praias francezas varreu de seu espirito os ultimos vestigios da neblina londrina...

Mary tem ahi a surpreza de reencontrar um antigo apaixonado: Tommie, um estroina, sympatihco como poucos e que sempre perseguira Mary com suas declarações de amor.

Ao seu lado, innocentemente, Mary passa algumas horas. Mas o rapaz, constantemente "tocado", quér que Mary permaneça na sua companhia.

Mary passa momentos perigosos ao lado de Tommie mas que não deixam de ser divertidos. Em certa hora elle chega ao cumulo de atiral-a dentro de uma piscina, seguindo-a logo apóz no elemento liquido... E isto em traje de "soirée"!

A' noite, elle procura-a em seu apartamento no hotel, fazendo para isso a proeza de pular varias sacadas, com risco da propria vida.

Attendendo ao pedido de Mary, que lhe pede que se retire, elle sahe do mesmo modo por que entrara, e soffre um accidente nessa occasião. O facto faz escandalo, naturalmente — e não tarda que, em New York, Lord Rexford veja o caso commentado e "ampliado" nos jornaes. E ainda mais o que era muito grave: illustrado com uma photo em que se via Tommie, num leito de hospital, recebendo um beijo de Lady Rexford!

Telephonando para seu marido, para explicar-lhe a verdade de tudo, Mary detalhou: a photo fôra tomada por um photographo sequioso de escandalo. O beijo era innocente, entretanto, porque ella e Tommie eram velhos amigos e elle lh'o pedira para ter a certeza de que ella o perdoava de a ter collocado em tão ingrata situação.

Mulher Quer Ama

O incidente provoca a volta de Mary a Londres. Ella ahi encontra o marido que mostra-se reservado, indifferente. Mas Mary "sente" que elle não esqueceu o escandalo de Cannes...

A vida entre ambos torna-se, aos poucos, intoleravel.

Tommie, restabelecido, vem a Londres e procurando Lord Rexford, afiança-lhe nada ter havido entre elle e Mary, além do que se soubera. No coração de Lord Rexford, entretanto, o ciume ruminava, e proposito de tudo e de nada, constantemente, elle rememorava á esposa o escandalo de Cannes e as demasiadas attenções de Tommie.

Desesperada com a indifferença do marido e as suas attitudes hostis, Mary abandona o lar e passa a viver á larga...

E ahi temos algumas sequencias "glamorous" com Norma Shearer evocando episodios de "A Divorciada" e "Beijos a esmo"... numa fascinação irresistivel...

Mergulha num turbilhão de prazeres — e quando Tommie, sempre apaixonado, a procura, ella não se esquiva... Mas Lord Rexford não esquecera a esposa — e sem ella não podia viver.

O seu amor fôra mais forte do que o "monstro de olhos verdes": o ciume. Dominando-o e assim recuperando a sua calma interior, Rexford procura a esposa atravez as capitaes européas.

Encontra-a numa cidade da Suissa. Uma Mary brilhante, alegre, espirituosa, irresponsavel... Mas quanta dôr, quanta amargura, quantas horas de saudade incontida pelo marido e a filha, não revelou o seu primeiro olhar que Rexford recebeu!

Mary ouve o marido. Ah! mas agora ella já tem as suas faltas verdadeiras para confessar... Mas o que importa isso para o novo Lord Rexford? O amor está acima de tudo.

E Mary volta a ser Lady Rexford — e uma legitima lady, agora.

(RIPTIDE)

DISTRIBUIÇÃO:

Mary	Norma Shearer
Lord Rexford	Herbert Marshall
Tommie	Robert Montgomery
Sylvia	Lilyan Tashman
Tia Hetty	Mrs. Patrick Campbell
Fenwick	Ralph Forbes
Erskine	Skeets Gallagher
Percy	Arthur Jarrett
Celeste	Helen Jerome Eddy
Bertie	George K. Arthur

Direcção: — EDMUND GOULDING

SONS OF THE DESERT (Hal Roach — M. G. M.) — Outra comedia de longa metragem, em que o Gordo e o Magro apparecem envoltos em novas situações. Desta vez, a historia fornece situações bem engraçadas e qui-pro-quos comicos. O Film tambem explora Stan Laurel numa scena longa e silenciosa, quando elle, sem saber, saboreia uma maça de cêra... As suas pantomimas são notaveis! O elenco é completado por Mae Busch, Dorothy Christy, Lucien Littefield e Charles Chase, que surge, apenas numa sequencia. Ha trechos bem engraçados, principalmente, a volta de Stan e Oliver de uma supposta viagem a Honolulu, quando elles tinham ido, realmente, a uma convenção de uma loja maçonica em Chicago, escondidos das respectivas caras metades. O Film differindo dos anteriores trabalhos dos dois comicos, tem parte da sua graça nos dialogos, principalmente no de Stan Laurel que diz toda sorte de tolices e barbaridades, empregando palavras difficeis e sem nexo algum. Talvez que este lado possa ser remediado, numa boa traducção e numa adaptação intelligente de letreiros para o Brasil. Ha um numero de dansas hawaianas e uma canção "Honolulu Baby" — que Stan Laurel, mais tarde, canta tambem fazendo passos gozadissimos. Charles Chase, nas scenas em que apparece, está esplendido. Direcção de William Seiter e historia de Frank Craven.

CINEMAS & CINEMATOGRAPHISTAS

Noticias do Rio Grande do Sul: — O Cinema Gaúcho, em S. Sebastião do Cahy, installou movietone.

—:—

Bagé vae possuir mais um Cinema: o "Royal" que será explorado pela empresa Zavier & Santos, de Pelotas, que já explora o "Capitolio". O "Royal" terá lotação para duas mil pessoas, todo o conforto de um Cinema moderno e apparelhos Western Electric. As obras da construcção vão começar já

ACONTECEU

AQUELLA moreninha millionaria voluntariosa, casara-se contra a vontade do pae com um actor de New York e viajava incognita num omnibus de Miami para a cidade dos "skyscrapers", afim de encontrar-se com o artista King Westley.

O acaso, porém, faz com que no mesmo omnibus tambem viaje o jornalista Peter Warne que reconhece na encantadora "brunette", uma linda pequena, cujo pae ignora o paradeiro e offerece u m a boa recompensa a quem dér informações da filha...

Depressa Peter estuda o caracter da sua adoravel companheira de viagem e vê o quanto ella é orgulhosa, mas isto ainda augmenta mais o interesse delle pela linda Ellie! Ella é tão bella, tão fascinante, quanto convencida, mas o jornalista acha-a admiravel por isto mesmo... Nada mais delicioso que uma mulher bonita que não dá confiança para um rapaz persistente.

E assim a viagem corre divertida, animada por um "flirt" tão interessante cujo desfecho não tardará muitos kilometros percorridos... porque a jovem millionaria é antes de tudo mulher e o seu constante admirador é um "homem da caverna"... como a maioria das pequenas idealisam...

Ellie não tardará a render-se...

E assim aconteceu mesmo, porque além de tudo o acaso não satisfeito de ter approximado o parsinho, lançou mão ainda de uma barreira cahida na estrada, para impedir a viagem do omnibus e obrigar Ellie e Peter a pernoitarem num hotel proximo ao local.

Já então amiguinhos e... namorados, a m b o s resolvem registrar-se no livro como casados, por sport... e economia.

E uma vez no interior do quarto que lhes é fornecido, arranjam uma original "separação" de aposentos: pendurando um cobertor no meio do quarto... idéa genial de Peter, "as paredes de Jerichó" como elle chama... e Peter diz a Ellie que durma descançada e que ella está salva até que Joshua toque a sua trombeta...

— "Good-Night"!

— "Good-Night"...

No dia seguinte a viagem prosegue. Shapely, u m caixeiro-viajante que tambem reconheceu a millionaria procurada pelo pae, attenta candidatar-se á recompensa, mas Peter, percebendo-o, amedronta-o, fingindo ser um "gangster" terrivel...

Sua habilidade logra tambem salvar Ellie da curiosidade de certos detectives que a procuravam...

O omnibus caminha tão vagarosamente que os dois decidem fazer o resto do caminho á pé. Ellie está gostando das aventuras e da amizade franca de Peter, tanto assim que sente muito pouca vontade d e voltar quando os jornaes annunciam que seu pae está prompto a aprovar o seu casamento com o artista...

Os dois viajantes passam a noite seguinte em outro hotel, desta vez uma noite mais romantica do que a anterior.

Peter sabendo que a sua encantadora amiguinha é casada, ignora os subtis propositos de Ellie. Ella quer casar-se com elle...

De repente, Peter levanta-se e dirige-se a New York, onde vende as aventuras de Ellie por mil dollars ao seu redactor, afim de obter bastante dinheiro para poder casar-se com a pequena.

Ellie, entretanto, acorda-se e não vendo o rapaz pensa que o mesmo abandonou-a, e resolve telephonar ao pae, pedindo-lhe para vir buscal-a de volta para casa. O pae vem buscal-a e traz tambem o actor Westley.

Acontece porém q u e Peter tendo vendido a historia ao seu redactor regressa ao hotel onde tinha deixado a namorada e antes de chegar a vê passar noutro automovel, nos braços do artista.

Elle fica furioso e crente de que Ellie apenas divertiu-se á sua custa, resolvendo voltar para a cidade e devolver o dinheiro ao redactor.

O pae de Ellie faz com que um formal re-casamento seja effectuado entre Ellie e Westley. Ella confessa o seu amor por Warne, mas sente-se completamente desilludida e triste quando seu p a e mostra-lhe uma carta delle, pedindo-lhe uma entrevista por motivos financeiros, pensando que Peter vinha reclamar a recompensa de tel-a encontrado.

Peter apresenta uma conta da somma gasta por Ellie em gazolina e hotel e Andrews emquanto

NAQUELLA NOITE

(IT HAPPENED ONE NIGHT)

FILM DA COLUMBIA

Peter	Clark Gable
Ellie	Claudette Colbert
Alexander Andrews	Walter Connoly
Shapeley	Roscoe Karns
King Westley	Jameson Thomas
Danker	Allan Hale
Zeke	Arthur Hoyt
Mrs. Zeke	Blanche Frederici

DIRECÇÃO DE FRANK CAPRA

acompanha a filha ao altar, conta-lhe o que foi a entrevista entre elle e Peter, fazendo-lhe saber que ha um automovel esperando na porta, no caso della querer alcançal-o... E Ellie, mais do que depressa tira proveito da suggestão e foge...

Uma annulação é feita. Andrews telegrapha aos fugitivos para que deixem cahir as "muralhas de Jerichó", emquanto no "auto camp", triumphalmente Joshua, toca a sua trombeta...

Acha-se installada no Edificio Odeon, sala 414, 4.º andar, a nova Agencia Cinematographica "Alliança Cinemat Ltda", que distribuirá os Films europeus da Cine-Allianz, de Berlim. Alguns dos Films a serem lançados no Rio: "A Symphonia inacabada", o grande Film baseado no amor tragico de Franz Schubert; "Cuidado, espiões", com Brigite Helm; "Sua Alteza quér casar", com Liane Haide e Willi Forst; "Dois corações em tempo de valsa", "O que sonham as mulheres" — e —"Um tango para você" todos dirigidos por Geza von Bolvary.

* * *

NOTICIAS DE SÃO PAULO:

O antigo Rink de Patinação São Caetano, á Rua do mesmo nome, passou por completa reforma e agora funcciona lá um optimo Cinema, espaçoso e moderno. E' da Empresa Cine-Brasil Ltda., que já conta com seis optimas casas em São Paulo, entre as quaes o Rosario.

O antigo Predio da Praça João Mendes, onde esteve o Diario Nacional tambem acaba de ser reformado e nelle irá funccionar, o Cine São Gonçalo.

O Cine-Alhambra, da Empresa Cine-Brasil Ltda., inaugurou o seu novo apparelhamento sonoro.

* * *

A 2 de Junho foi inaugurada a cobertura do novo Cinema Ipanema, da C. B. C.

Florence Vidor

(D e P . R .)

Estrella de mais de cincoenta Films, Florence Vidor disse adeus á sua carreira para tornar-se apenas a esposa de Jascha Heifetz, o famoso violinista. E com elle e sua filha Suzanne, filha ainda de King Vidor, o seu primeiro marido, chegaram ao Rio. Com excessiva delicadeza, é verdade, ella procurava não falar aos jornalistas, não queria photographias e a menor publicidade Cinematographica.

Jascha Heifetz disse que costuma vencer sózinho e não consente nenhuma publicidade sobre Florence...

Nós de *Cinearte* observamos que seria difficil evitar um photographo mesmo de um jornal commum, não especializado em Cinema. Jascha Heifetz affirmava que durante as suas viagens pelo mundo todo tem conseguido abafar toda publicidade ao redor de sua esposa, mas as suas malas ainda tinham o nome todo de Florence Vidor. Florence Vidor, não tem mais a popularidade dos seus aureos tempos. A maior parte do publico já trocou a sua admiração pelas "Wampas" de 1934... mas a inesquecivel heroina de "Alta traição" ainda tem seus *fans* leaes e, póde-se contar entre estes, Waldemar Torres, chefe da publicidade da Metro-Goldwyn que tambem nos acompanhou pela madrugada, na lancha, só para vel-a.

Cinearte não poderia silenciar sobre Florence Vidor e estourou o magnesio da primeira chapa. Foi um "tiro" ás esquivas da estrella e a trincheira que seu marido queria sustentar, e diga-se mesmo com franqueza, com um procedimento que chegava a malcreação.

Por muito menos, Ramon soffreu maior campanha...

Ha cavalheiros que se irritam com as homenagens que se prestam ás estrellas de Cinema e desejam toda a cidade fosse receber com vivas a um escriptor qualquer da Europa... como se a gloria do Cinema, o posto de fama conseguido atravez o mundo todo, fosse menos notavel...

Vivam os artistas de Cinema e os jogadores de "football", são os idolos do povo.

E ninguem observa o poder formidavel de diffusão que tem o Cinema, o seu prestigio, que nós bem poderiamos aproveitar melhor...

Florence Vidor era uma pequena de Texas nascida em Houston em 1895 no dia 23 de Julho, educada nas escolas publicas e no Convento do Sagrado Coração da sua cidade natal.

Quando mocinha, appareceu um rapaz King Vidor de Galveston, um anno mais velho do que ella e que já dirigia uns Films para uma companhia de Texas.

Elle ia muitas vezes á sua casa... e Florence, um dia, pediu-lhe para figurar naquelles seus Films em uma parte, mas sua familia não deixou:

Mais tarde Florence Arto passou a ser Florence Vidor e seu marido estava em grande difficuldade para arranjar artistas para seus Films. Pensou, então, mandar buscal-os na California, mas acabaram por decidir ir buscal-os.

E o casal Vidor seguiu para California num Ford e dormindo pelas estradas. Em S. Francisco já não havia mais dinheiro e King Vidor vendeu um revólver velho para jantar.

Hollywood logo segurou-os. King Vidor continuou os seus trabalhos de direcção e vencendo sempre sem ouvir a sonata da bilheteria. E Florence, sem o marido saber, arranjou um trabalhinho de "extra" num Film de far-west da Vitagraph, sob a direcção de Rolin Sturgeon. Mais tarde, passou a Morosco onde trabalhou num Film de Frank Lloyd que a escolheu para uma scena de "Thermidor" que resolveu toda a sua carreira. Ninguem fazia fé, que num "bitzinho" uma artista pudesse chamar a attenção, menos William Farnum, astro do Film, e Frank Lloyd. O Film agradou e a scena em que Florence Vidor ia na carroça com William Farnum para á guilhotina e dizia:

— Porque não segura e aperta a minha mão? — ficou gravada aos olhos de todos.

— Quem é aquella que vae na carroça com William Farnum? — perguntavam todos, mesmo os brasileiros quando o Film aqui foi exhibido.

Logo em seguida, ella figurava ainda ao lado de Farnum em "Methodos americanos" e em "The Intrigue", tambem da Fox.

E foi mais tarde chamada a figurar ao lado de Sessue Hayakawa em "Hashimura Togo", da Paramount.

Aquella Florence que usava o "pensamento", nos seus trabalhos e que assim a camera salientava todas as subtilezas da construção do caracter que interpretava.

King Vidor continuava a luctar nos Studios da Brentwood e Florence era apenas a sua inspiração.

Florence nunca foi grande belleza. Foi sempre uma artista fina, elegante e estes traços ella ainda os mantem, mesmo quando se levantou com cara de sonho e nos appareceu num costume cinzento e uma rapoza da mesma côr lhe dava um toque todo seu de "chic".

Não insistimos em falar sobre Cinema com Florence Vidor. Os seus olhos mantinham-se revirados para o violinista russo com um ponto falso pregado acima do olho direito... E até essas linhas serem escriptas ainda não a procuramos novamente.

Deixa que platéa de musica, ouça de mão no queixo, ás symphonias de Jascha e depois bata muitas palmas...

Gostariamos de ouvir Florence Vidor. Sabemos que é muito culta e intelligente e já lemos muitas observações suas notaveis sobre este mundo...

Gostariamos de ouvil-a falar sobre aquella sua theoria — a responsabilidade da mulher e que ella em outros tempos dizia estar ensinando á sua filhinha Suzanne, hoje uma moça.

Poderiamos transcrever muita cousa do que Florence Vidor já disse, ou... inventar mesmo, mas *Cinearte* se mantem honesto nas suas reportagens e queremos ouvir observações novas...: mesmo que sejam sobre a bahia da Guanabara que ella já visitou em tempos no Film "Sêde de amor"...

Florence, seu marido e seus representantes.

Florence Vidor, representantes de seu marido no Rio e nós de CINEARTE.

Pisando em terra brasileira.

E não podemos deixar de ligar o nome de King Vidor, a algum commentario sobre Florence Vidor. Elles eram logo citados como exemplo, quando se falava nos escandalos e divorcios de Hollywood.

O seu divorcio foi, por isso, a maior surpresa de Hollywood. Elles tinham compatibilidade de genios, tinham a mesma profissão e a mesma religião. Ambos tinham successo, fama e fortuna.

Quando Suzanne estava mais crescida.

Não se sabe o que foi. Deve ter apparecido uma serpente do ciume, da duvida ou do "ego"...

Talvez porque tivessem casado muito moços, sem maior conhecimento da vida e do "sex". Para elle, talvez ella não fosse mais aquella pequena que elle beijara pela primeira vez num jardim florido de Texas e sim uma artista com obrigações de ir ao Studio.

Para ella, talvez elle não fosse mais aquelle marido devotado de outros tempos, o mesmo que vendeu o revólver.

E o amor de ambos não se baseasse mais nas lagrimas, sacrifi-

Florence Vidor tinha vencido e seu marido, cada vez mais radiante com os seus progressos.

Ella não evitava nenhuma publicidade sobre seu marido...

Venceu com os seus proprios esforços. A sua fama foi conseguida atravez o matrimonio, porque se não tivesse casado com King Vidor, talvez tivesse continuado em Texas, mas venceu com a sua propria arte e em todas as entrevistas ella só falava no talento do seu marido director...

— "Os criticos reclamam que o Cinema é immoral, só trata de historias de "sex", entretanto, quando apparece um Film como "The Jack Knife Man" (Film de King Vidor não exhibido no Brasil), todos dizem que a historia não tem elemento amoroso...

Ao lado de Hayakawa, fez uma serie de Films notaveis, tendo-se juntado depois a elles, Jack Holt, um actor que andava perdido pelas series da Universal.

Lembram-se de "Intenção occulta", "A espada do Duque" e "Tragedia reveladora"?

Florence era a maior admiradora de Hayakawa, com quem aprendeu muito, como artista, diz ella, mas o grande actor japonez achava que Florence era o "touch" fino dos seus Films.

Quando Florence Vidor chegou ao Rio no "Western Prince", na mesma hora tambem chegava o "Buenos Aires Maru" como que ainda um protesto japonez contra o som de um "stradivarius" que pensava conseguir apagar a consagração brasileira á arte inconfundivel daquella figura inesquecivel de D'Arrast em "Quarteto de amor"...

cios e luctas. Tinham a mesma casa e os mesmos amigos: Mary e Douglas, Laurette Taylor e Hastley Manners, Fred Niblo e Enid Bennett e ainda Charles Ray.

Não se sabe.

Lembremos agora, alguns dos muitos Films de Florence Vidor!

"O poder da viuva", um daquelles Films de Julian Eltinge em "travesti".

"Perolas occultas" só com Jack Holt e "Faca denunciadora", só com Hayakawa.

Sob a direcção de King Vidor, trabalhou em "Alice Adams", "Gloriosa aventura", "Do crepusculo a aurora", "A estalagem do Tio Liborio" e outros.

Florence Vidor foi estrella de Cecil B. de Mille e numa dellas, heroina de um daquelles seus Films matrimoniaes — "Esposas velhas por novas" — da serie "Não troqueis vossos maridos" e "Porque trocar de esposa?", lembram-se? A outra vez foi no "Rei-Heróe", com Bryant Washburn.

Foi a heroina de Lubstsch em "O circulo do casamento". Depois appareceu em "Inferno Conjugal", "A duqueza e o garçon" de Mal. St. Clair.

"Com o mundo a seus pés", Film de propaganda feminista... tendo Florence como advogada.

Um Filmsinho lindo, inesquecivel mesmo, de Florence Vidor foi tambem "Porque divorciar?" — que ella fez com Menjou e Betty Bronson e dirigida pelo mesmo St. Clair. "Escrava por amor" mostrou-na ao lado de Gary Cooper, numa historia bonita passada numa fazenda, num ambiente rural, bem differente daquelles em que estavamos acostumados a vêr a adoravel artista... mas um Film magnifico. "Uma desventura feliz", com Edward Everet Horton, outro trabalho interessante. "A montanha encantada" e "Nas ondas azues da incerteza", mostraram-na ao lado daquelle Jack Holt que já a secundara nos tempos com Hayakawa e tambem George Bancroft.

no Rio

Appareceu-nos em "Capitão Sazarac", com Ricardo Cortez; "Belleza", com Milton Sills; "Amor sem rumo", com Clive Brook; "Esposas e mariposas", com Matt Moore; "Nupcias de odio" com o conhecido galã italiano Tullio Carminati; "Com medo de amar", "Maridos e mulheres" e "Sêde de amar", todos com Clive Brook, este ultimo um Film em que ella chegava ao Rio, á noite... lembram-se?

Com excepção de "Circulo do casamento", "Belleza" e "Sêde de amar", o primeiro da Warner, daquelle tempo em que ella era a "classica da tela" — e os dois ultimos da First National, que nem sonhava em unir-se aos irmãos Warner..., todos os Films acima foram da Paramount, aliás a empresa em que mais Films Florence trabalhou, tendo Filmado nada menos de vinte e nove trabalhos, se não nos escapou algum á nossa memoria.

E na empresa de Zukor e Lasky (nesse tempo elle ainda era o vice-presidente da marca das estrellas) Florence ainda fez "Mulher contra mulher", cujo galã não nos recordamos no momento; "O elegante Horacio", com Lewis Stone; "Alta Traição", pela segunda vez dirigida por Lubitsch, um grande Film que ainda está na memoria de todos para que o recordemos com phrases de elogio; onde Florence estava formosissima!

"A guerra dos Tongs", o Film em que a linda artista se despediu do Cinema e o seu unico Film falado, sendo justo salientarmos que foi um dos melhores Films com ambiente chinez que ja vimos, infelizmente prejudicado na sua exhibição no Brasil, por ser falado e o termos assistido em copia muda.

Não pensem entretanto que o repertorio de Florence Vidor parou aqui... Ha ainda mais Films seus: "Maridos emprestados" em que Florence volveu a Vitagraph, o Studio em que trabalhou como "extra", antes de apparecer como "Mimi" que acompanhava William Farnum á grilhotina, em "Thermidor", o primeiro "Cavalcade" que Frank Lloyd dirigiu... E interessante é que quando fez "Maridos emprestados" Florence estava separada de King Vidor e a historia do Film era a de uma esposa identica, que separava-se do marido apenas para não arrefecer o amor... tal qual como ella e King fizeram, antes do divorcio...

"Flaming Forties", "A mulher e a tentação" ("Mirage"... talvez o mesmo argumento da "Possuida" de Joan Crawford...) e "Os que em verdade se amam", este ultimo ao lado de Edmund Lowe, todos da Producers Distributing.

"The Virginian", ao lado de Kenneth Harlan, (a historia que dizem ser o verdadeiro caracter de Gary Cooper, que aliás elle tambem já viveu no Cinema) da Preferred.

"A rua principal", com Monte Blue, da Warner Bros.

"Labios que mentem" e "As sacrificadas", para a Associated Producers — e — "Maridos e amantes", da First National, com Lewis Stone, um daquelles estudos de John Stahl.

Eis ahi os Films de Florence Vidor, agora outras interessantes particularidades de sua carreira: King Vidor foi o director que a dirigiu em maior numero de Films — nove.

Hayakawa foi o artista com quem mais ella trabalhou — sete Films. Em segundo logar, Jack Holt — 6 Films. Terceiro logar — Clive Brook — cinco Films...

COMMISSÃO DE CENSURA CINEMATOGRAPHICA

"Kol Nidre" (Short-Judéa) Approvado.

"O tempo dos amores" (Short Paramount) — Approvado.

"O dentista" (Comedia) — Paramount. Approvado.

"A sericicultura no Brasil" — Diret. Estat. e Publicidade — Ministerio da Agricultura. — Approvado.

"Pelos sete mares afora" — Aventuras de um Cameraman — Short — Fox. — Approvado.

"Entre a cruz e a espada" (Drama) — Fox. — Approvado.

"Terra portugueza" (O Minho) Short — J. G. Araujo & C. Ltda e Cosmos Films Ltda Brasil. — Film educativo.

"Um momento de loucura" (Comedia) — Fox. — Approvado.

"Genio malvado" (Desenho) — Columbia. — Approvado.

"Vendo estrellas" (Desenho) — Columbia. — Approvado.

"Gato gelado" (Desenho) — Columbia. — Approvado.

"Lobo malvado" (Desenho) — Columbia. — Approvado.

"Sondando a musica (Short-Vitaphone) — Approvado.

"Salva do vilão (Desenho) — Paramount. — Approvado.

"Rixa antiga" (Drama) — Paramount. — Improprio para creanças. — Approvado.

"O ultimo chá do General Yen" (Drama). — Approvado.

"Asas do dia" (Comedia) — M. G. M. — Approvado.

"Delirio de Hollywood" (Drama) — M. G. M. — Approvado.

"Commigo é no duro" (Desenho) — Paramount. — Approvado.

"Fabrica de bebés" (Desenho) — Paramount. — Approvado.

"O bamba da zona" (Drama) — 20th Century. — Improprio para menores. — Approvado.

"Um dia com Dick Powell" (Short) — Vitaphone. — Approvado.

"Opera telephonica" (Short) — Vitaphone. — "Que semana" (Drama) — First National. Approvado.

"O prosista" (Drama) — Universal. — Approvado.

"Quando a luz se apaga" (Drama) — Universal. — Approvado.

"Maldade" (Drama) — Paramount. — Approvado.

"Pão e ouro" (Drama) — Paramount. — Approvado.

"Mas que dentes" (Comedia) — Vitaphone. — Approvado.

"O acaso é tudo" (Drama) — United Artists. — Approvado.

"Reflexos de Bangkok" (Short) — Fox Film educativo.

"O renascimento da canção franceza" (Short) — Paramount.

"O duetto improvisado (Short) — Paramount. — Approvado.

"O anno sportivo" (Short) — Paramount. — Approvado.

"A mulher preferida" (Drama) — Paramount. — Approvado

"Panoramas de Londres" (Short) — Fox. — Approvado.

"A Inglaterra rural" (Short) — Fox. — Film educativo.

"Paredes de ouro" (Drama) Fox. — Approvado.

Florence no dia da sua chegada ao Rio.

Florence e Suzanne.

Florence e King quando se casaram.

Quando nasceu Suzanne.

Ao lado de Wm. Farnum na celebre scena de "Thermidor".

Florence Vidor em "Gloriosa aventura", Film dirigido por King Vidor.

Florence em "Amor sem rumo".

Cary casou mesmo com Virginia Cherrill.

Cary, Charlotte Henry e o director Norman Mc Leod, durante a filmagem de "Alice no paiz das maravilhas".

CINEMA

UM dia, num bairro qualquer de New York, a dona de uma pensão familiar apossou-se violentamente do bahú de um inquilino, por falta de pagamento do respectivo aluguel. Pertencia a veneravel reliquia a um jovem actor sem vintem, chamado Archie Leach, que já não existe. Em seu logar, ha hoje o bello e arrogante Cary Grant dos Films, o suave e bem tratado rapagão, cujo alegre semblante dá idéa de uma vida singularmente feliz e descuidada. Cary Grant já passou, realmente, por boas e sabe perfeitamente o que é não ter amigos, nem dinheiro, nem casa para dormir. Viveu assim por espaço de muitas semanas, comendo de vez em quando e ouvindo todos os dias a mesma cantilena, nos theatros onde ia pedir trabalho: "Nada por ora!"

Depois de ser posto na rua pela dona da pensão, Cary Grant procurou o conforto de um banco de jardim. Conheceu a mais negra miseria, sem nunca descurar, porém, da sua apparencia pessoal. Sempre limpo e aprumado. Um dia, o agente theatral Jimmy Ashley deixou o ambicioso jovem dormir nos escriptorios delle, installados nos altos do Winter Garden, na Broadway. Jimmy é já fallecido, mas a sua memoria ainda vive na gratidão de Cary.

Foi esse mesmo Jimmy quem conseguiu para o actor um papel em "Oh, Mamma", um "musical" esquecido, que nunca chegou a Broadway. A peça serviu, entretanto, a Cary como salto das variedades para a comedia musical, convencendo-o de que, havendo opportunidade, poderia vir a transformar-se num verdadeiro actor.

No verão anterior, trepado em andas, Cary fizera reclames em Coney Island. Deve dizer-se que o artista não se envergonhava disso, não pretendendo occultar a ninguem essa passagem da sua vida.

Depois, trabalhou, na Broadway, numa daquellas "extravagancias" de R. H. Burnside, que concorreram para celebrizar o velho Hippodrome. Foi outro passo na transição de acrobata para actor, pois como acrobata é que Cary chegou á America ha doze annos e depois de fugir de casa, na Inglaterra.

Filho unico de um alfaiate de Bristol, a mãe morreu-lhe, quando o futuro galã de Mae West ainda não contava doze annos de edade. Da sua familia, só o avô, Snr. Percival Leach, trabalhara em theatro, sendo artista conhecido em toda a Inglaterra. Foi por intermedio de um amigo, electricista do Hippodrome, de Bristol, que o jovem Archie Leach, que, mais tarde, havia de ter nome mudado pela Paramount, teve o seu primeiro contacto com o palco.

Interessando-se pela electricidade, não sahia da caixa do theatro e, assim, fez relações com muitos artistas da companhia. Cedo lhe offereceram logar num elenco ambulante de artistas jovenis, desses em que Charles Chaplin começou a sua carreira. Fugiu logo de casa, na tenra edade de doze annos, para se dedicar ao theatro.

O pae, furioso, fel-o voltar ao lar. Cary teve que se conformar, mas, sempre com a mania do palco, tornou a derrapar, aos dezeseis annos, ingressando na "troupe" acrobatica de Bob Pender.

Desta vez, o pae comprehendeu que era inutil tornar a intervir. Demais, casara de novo e tinha agora que cuidar de outro filho. Deixou Cary seguir o seu destino.

Em 1920, a "troupe" de Bob Pender partiu para a America e foi desse modo que Cary poz o pé em New York, cidade dos seus sonhos. Se soubesse o que lhe estava guardado, teria regressado á Inglaterra com a "troupe", mas preferiu permanecer na America, com o fito de trocar as variedades pelo genero mais serio da comedia musicada.

Finalmente, surgiu a opportunidade. Cary abandonou o fato de malha por um "smoking". Cantou, dansou, dialogou, fazendo bem as tres coisas. Começou a progredir.

— Hoje, olhando para trás, diz elle, tenho a convicção de que o lance mais difficil foi deixar a acrobacia. Como os de Cinema, os artistas de variedades só muito raramente conseguem abandonar o genero.

Mas, depois, as coisas começaram a peorar. A America, a terra das facilidades, voltou as costas ao jovem actor. Desanimado, Cary arranjou algum dinheiro e voltou á Inglaterra.

— Passava as noites no navio a pensar. Decidi adquirir maior experiencia do palco e voltar, depois, para conquistar a Broadway. Estava desanimado, mas não me considerava vencido. Tinha certeza de que surgiria outra opportunidade e queria estar preparado para a occasião.

Ao chegar a Londres, assignou contracto com a "Nightingale Stock Company" e fez uma temporada na Inglaterra e no Paiz de Galles. A sua "chance" veiu pela forma mais inesperada, quando trabalhava num suburbio de Londres. Reggie Hammerstein, o emprésario de New York, estava de visita á Inglaterra. Aconteceu entrar no theatro e, agradando-se de Cary, convidou-o immediatamente para voltar á America, a fazer um papel na peça musical "Polly".

Mais actor, Cary voltou a New York, desta vez com contracto no bolso. "Polly" porém teve demora nos ensaios e, assim, deram ao artista um papel em "Golden Dawn", que alcançou grande exito. Quando "Polly" subiu finalmente á scena, Cary viu-se obrigado a abandonar o elenco de "Golden Dawn" para cumprir o contrato, assignado com Hammerstein. Infelizmente, "Polly" fracassou completamente nos primeiros espectaculos e teve de ser retirada do cartaz.

Aqui, interveiu o Destino. Um empregado dos Shuberts, que vira a peça, recommendou Cary como um bom elemento. Os Shuberts entraram em entendimento com Hammerstein e puzeram o artista como galã de Jeannette Mac Donald em "Boom Boom". Foi a melhor opportunidade que Cary encontrou, porque a peça esteve muito tempo em scena na Broadway.

Definitivamente lançado, fez outra visita á Inglaterra, diz elle que para mostrar aos patricios os progressos já realizados. De volta á America, tomou parte numa temporada de comedia musicada em St. Louis, e, ao regressar a New York, foi immediatamente contractado para um importante papel na versão theatral de "Nikki", com Fay Wray e Douglass Montgomery.

Quando ficou livre, decidiu tentar uma viagem a Hollywood. Tinha grande desejo de entrar para o Cinema, mas as esperanças eram poucas. No Éste, nunca lhe haviam feito verdadeiras propostas. Apenas representara um "short".

Chegando á Costa, foi visitar o seu amigo Marion Gehring, director. Ora, naquelle dia, Gehring estava justamente a fazer o "test" de uma jovem actriz por quem o Studio se interessava. Pediu logo a Gary, como favor, que entrasse no "test" com a pequena. O resultado foi o artista assignar contracto, emquanto a candidata se via rejeitada, coisa que, em Hollywood, é frequente. Cary affirma que a historia da sua entrada para o Cinema por intermedio de Jeannette Mac Donald não é verdadeira, embora admire muito a artista.

Na verdade, porém, Cary só admira verdadeiramente uma mulher, a encantadora loura Virginia Cherrill. Fala pouco sobre o romance, mas não será de admirar que, a estas horas, até já se tenha casado com a sua apaixonada.

Leva muito a serio a sua carreira Cinematographica, mas não sente grande enthusiasmo pelos papeis que lhe têm dado. De Mae West, costuma dizer:

— Trabalhar ao lado della equivale a um aprendizado. A industria tem uma grande divida de gratidão a saldar com Mae.

O seu Film predilecto é "Dragões da morte" embora deposite grandes esperanças em "Sailor, Beware".

(Termina no fim do numero)

LU' MARIVAL

Estreou num pequeno, mas destacado papel em "Ganga Bruta, e ainda não teve nova opportunidade até agora.

Mas Lu' está sendo ouvida pelo Radio e vae voltar aos Films muito breve.

ALICE FAYE

está apparecendo... Vamos vel-a nos "Scandals", de George White para a Fox.

O Divorcio e as Mulheres

"AS mulheres são uma das causas principaes da actual epidemia de divorcios, simplesmente porque deram agora para casar-se, sem ligar grande importancia ao casamento. Começa Helen Twelvetrees. Uma mulher, que se casa, sem primeiro se haver convenientemente preparado para a vida matrimonial, está, por assim dizer, a procurar desgraças por seu proprio pé. Deveriam existir leis, que obrigassem as collegiaes a aprender a serem esposas, como aprendem a ler e a contar.

A mulher devia entrar no matrimonio com a mesma seriedade e o mesmo discernimento com que abraça uma carreira profissional. Devia estar preparada para enfrentar todos os problemas da vida conjugal, com a mesma proficiencia com que se conduz nos differentes meios em que exerce a sua actividade. Preparando-se, porém, com afinco, para os diversos cargos que, no mundo dos negocios, costuma desempenhar, a mulher entende que a missão de esposa não lhe deve merecer os mesmos cuidados e desvelos, e, por isso, é que o matrimonio se transforma nessa perigosa brincadeira que, por ahi, se vê.

Que me chamem de trahidora ao meu proprio sexo, mas não posso deixar, em sã consciencia, de accusar a mulher! As jovens modernas atiram-se ao casamento ás cégas, sem saberem, ao certo, o que estão a fazer. Estou firmemente convencida de que, em dez mulheres, nove casam, com este pensamento no cerebro: "Se não me der bem, ha o recurso do divorcio".

Helen já se divorciou uma vez. Agora está casada com Frank Woody e muito feliz. E' ella que fala do divorcio e das mulheres... em Hollywood.

Já não ha esposas; ha mulheres emprestadas!

Ha pouco, uma pequena de Hollywood confiou-me que pensava em divorciar-se do marido, com o qual estava casada havia menos de dois annos. Uma coisa me disse ella que guardei de memoria: "Já **sabia** que isto não podia durar muito!"

Demais, fazia tenções de exigir uma gorda pensão do marido. Perguntei-lhe sobre que fundamento.

— Então? Dei-lhe dois annos da minha vida! Podia ter casado com outro camarada, podre de rico. Podia ter seguido uma carreira qualquer. Meu marido não fará nenhum favor em largar o cobre...

Helen e o actor Warren William

Não me dei ao trabalho de contestal-a, nem quiz perder tempo a fazel-a comprehender que uma mulher que se casa, convencida de que a "coisa não durará muito", não merece nem um vintém de pensão. Da mesma forma, achei que não lhe deveria dizer, francamente, que ella casara só por baixo interesse e não por amor.

Essa esposa, que de esposa só tem o nome, até agora ainda não conseguiu obter o divorcio. Segundo confessou a uma das minhas amigas, não sabe o que allegar, nem que motivos apresentar, para fazer com que o juiz lhe conceda a tal pensão que pretende.

Em toda a parte que estou, nao ouço senão commentarios e discussões sobre a "praga do divorcio". Homens e mulheres, dos mais intelligentes, têm procurado explicar a deploravel situação com mil razões e argumentos, mas nenhum conseguiu ainda na minha opinião acertar com a verdadeira causa do phenomeno. Ninguem censura a mulher pela sua falta de "preparação" matrimonial...

Ha, hoje, muitas esposas que passam o tempo a jogar o "bridge", a frequentar "cocktail parties" e salões de belleza, a passear de

(Termina no fim do numero).

(De Gilberto Souto, representante de CINEARTE em Hollywood)

Futuras "estrellas", trabalhando na Fox: Pat Paterson, ingleza. Drue Leyton, mexicana. No centro, Alice Faye de N. York. Claire Trevor de N. York e Rosemary Ames, de Chicago.

Um mundo de noticias e as horas correm tão depressa que eu mesmo não sei como deixar, aqui, tudo quanto tenho de interessante a contar para os leitores de CINEARTE. A mala do correio está prestes a fechar-se... e temos que deitar mão ao trabalho!

A Primavera está no seu apogeu. Póde-se mesmo dizer que o Verão chegou, pois temos tido dias quentes, tanto ou mais como os de Dezembro, nesse Rio, tão longe, mas que o milagre da Saudade parece collocar, do lado de fóra da minha janella!

Reina alegria na cidade das "estrellas" — mas nem sempre póde haver felicidade no coração dos homens e Hollywood teve o seu dia de tristeza. Os **fans** de todas as partes do mundo souberam já da morte de Karl Dane, aquelle soldado gigante, feio, com uma cara que parecia talhada em madeira bruta — mas que conseguiu dar alegria e fazer rir ás multidões.

Um pouquinho da historia de Karl Dane. Elle fôra descoberto por um **casting-man,** quando era carpinteiro, numa cidadezinha não muito distante de Hollywood. Teve a sua primeira parte e **The Big Parade** o tornou famoso. Depois, a Metro o contractou e o pôz numa serie de comedias longas, em companhia de George K. Arthur... A ultima vez que me lembro tel-o visto na téla, creio, foi em "A dama virtuosa", um Film que narrava a vida da famosa cantora de opera. Elle surgia na galeria, applaudindo!

Ganhou uma fortuna. Um banco em Beverly Hills quebrou e elle perdeu milhares de "dollars". Ficou doente, as contas de medicos e hospital se empilharam e elle não conseguia trabalho. O seu sotaque suéco era fortissimo — ou melhor, elle falava pessimamente o inglez. Ninguem lhe queria dar trabalho. Elle tentou tudo, procurou amigos, mas tambem não queria se sujeitar a fazer simples **extra** — pois se, algum dia, outra **chance** se lhe apresentasse, seria difficil pedir bom ordenado conforme ganhava nos seus tempos de contractado da Metro... Karl Dane chegou a receber mais de mil e quinhentos "dollars" por semana.

De todo esse fausto, ficaram apenas contractos amarellecidos... Livros cheios de publicidade de jornaes americanos e estrangeiros... Nada mais. Fama e successo que se reduziam a folhas de papel!

Depois de haver sido actor, elle voltou a ser operario. Trabalhou como mechanico, voltou a empunhar o serrote e o formão, mas, no seu intimo, esperava que a sorte voltasse a acenar-lhe. Nada disso succedeu. A sua ultima tentativa para ganhar a vida decentemente, foi abrir um kiosque, onde vendia "sandwiches" e "cachorro-quente"! Numa rua escura e estreita de Los Angeles, num bairro pobre! Finalmente, perdeu toda a coragem. O negocio falliu. Antes de haver posto fim á sua existencia, Karl Dane telephonara para um Studio onde tinha esperança de conseguir um papel num Film. Mas, ainda, desta vez, elle não tivera sorte... Voltou ao seu quarto humilde e suicidou-se. Ao lado do seu corpo, estavam contractos, livros de publicidade, recortes de jornaes... farrapos da sua fortuna!

Não tinha parentes e não tinha dinheiro. O seu enterro deveria ser feito ás custas da Municipalidade, se ninguem reclamasse o seu corpo, — iria para a vala commum.

As promessas da Paramount: Grace Bradley, Frances Drake, Ida Lupino. Em pé, Evelyn Venable e Dorothy Dell.

Mas, a Metro Goldwyn-Mayer encarregou-se do seu funeral e outras pessoas tambem procuraram ajudar — na ultima esmola que lhe poderiam ter feito. Carl Brisson, um artista novo da Paramount, que tambem é dinamarquez, mesmo sem conhecer a Karl Dane, promptificou-se a fazer face a despezas de funeral — num gesto lindo de bondade para com o patricio desconhecido. Jean Hersholt tambem se interessou por elle... mas a Metro, o Studio onde Karl tanto dinheiro ganhara, se encarregou de tudo. Assim, Karl teve funeral digno do seu merito e do seu valor. Hoje, repousa no Hollywood Cemetery — ao lado de outras glorias desapparecidas, de outras personalidades que ganharam fama e successo em Hollywood...

Após a sua morte, o Studio da Fox declarava aos jornaes que, num proximo Film, a ser começado muito breve, elles tinham idéa de dar a Karl Dane um papel, que se casava ao seu typo e que, talvez, tivesse sido para elle o despertar de um novo dia. Mas, o Film não seria começado ainda e elles esperavam que os preparativos se completassem para, então, chamar a Karl... Elle, antes de morrer, não sabia que alguem pensara nelle. Talvez que tivesse esperado... Talvez que, agora, estivesse novamente trabalhando... mas o Destino não o quiz!

Karl Dane se foi. Karl Dane não enfrentará mais a camera, que o mostrou aos olhos do mundo como um typo soberbo e como um comediante dos bons...

Karl Dane vivera, apenas uma vez, o seu unico papel dramatico!

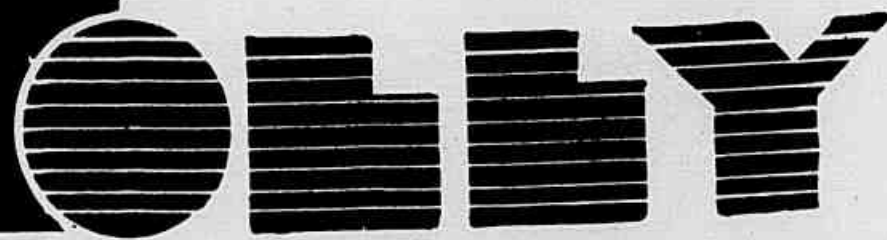
—:—:—:—:—

A **Wampas,** associação de encarregados de publicidade dos Studios, como **os fans** sabem, escolhe todos os annos um numero regular de "estrellinhas", que elles lançam com grande publicidade e que, mais tarde, podem ou não desenvolver-se em grandes "estrellas". Esta praxe vem sendo realizada desde mais de oito ou nove annos. No passado, elles escolhiam de cada Studio uma ou duas garotas e as indicavam para o ambicionado posto de **Wampas Baby Stars...** Este anno, resolveram modificar a maneira de proceder e não escolher nenhuma artista sob contracto. Houve, portanto, por parte dos Studios certo máu humor... Houve trocas de notas pelos jornaes, de modo muito delicado e politico... mas que, lendo-se nas entrelinhas, diziam bem claro que os Sturios não precisavam da **Wampas** e, esta, por sua vez, repetia a mesma coisa.

A Fox Film e a Paramount resolveram então apontar dentro do seu quadro de "estrellinhas" as que mais promettem e por ellas fazer o mais possivel, lançando-as em bons papeis e dando-lhe toda opportunidade que se possam transformar em legitimas glorias. Aqui estão os nomes das que a Fox apontou, dando-lhes a alcunha de **Fox Debutantes:** Pat Patterson, Drue Leyton, Alice Faye, Claire Trevor, Rosemary Ames; e as da Paramount: Grace Bradley, Frances Drake, Ida Lupino, Evelyn Venable e Dorothy Dell...

Ambos os Studios promettem usal-as o mais possivel, fazendo, assim, com que o publico as aprecie devidamente e para cada uma dellas, está reservado um excellente papel em proximos trabalhos. Na minha opinião, as que mais promettem deste grupo são Alice Faye, Claire Trevor e Rosemary Ames, da Fox, e Evelyn Venable, Dorothy Dell e Frances Drake, da Paramount...

—:—:—:—:—

Mas, a **Wampas** lançou as suas protegidas e por ellas está fazendo uma campanha de publicidade notavel, usando de jornaes, festas, theatros e uma propaganda excellente. Desta vez o numero foi augmentado e aqui vou dar os nomes: Jean Carmen, Lucille Lund, Jacqueline Wells, Jean Chatburn, Ann Hovey, Gigi Parrish, Dorothy Drake, Lu Anne Meredith, Helen Cohan, Katherine Williams, Hazel Hayes, Lenore Keefe, Naoma Judge e Judith Arlen. Harold Lloyd, durante a Filmagem de sua ultima comedia, **The Cat's Paw,** as recebeu e offereceu-lhes uma festinha em seu elegante "bangalow", no Studio.

A **Wampas** a seguir apresentou-as num jantar e grande baile, a que compareceram jornalistas e muitas personalidades de renome na colonia do Film. **CINEARTE** recebeu convite e (eu sou um escravo do trabalho...) as apreciou com olho critico! De todas — Jacqueline Wells é um encanto. Verdadeiramente gracio-

sa e . . Jean Carmen? Não posso falar della. . . estava tão linda, tão encantadora. . . que estou ansioso por vel-a em Films e esperar pela opinião de vocês todos tambem!

-:-:-:-:-

Festas e momentos de bem estar infinito para a alma! O espectaculo de Berta Singerman, no Philarmonic Auditorium, revestiu-se de um successo immenso. Eu que a ouvia enthusiasmado, pareciame estar de volta ao Rio e sentado na platéa do Lyrico. . . Berta arrebatou a audiencia e os applausos foram tantos quantos ella estava acostumada a receber dos cariocas, que a amam tanto. Entre as pessoas presentes, notei Dolores del Rio e Cedric Gibbons, seu marido, Conchita Montenegro, Rosita Moreno, sua familia, que me fala da gentileza dos meus patricios, por occasião da visita que fizeram ao Rio. . . Raul Roulien, e alguns executivos do departamento hespanhol da Fox. Talvez que o successo que coroou o recital de Berta — foi a prova final que convenceu a Fox de contractal-a. O publico estava tomado de verdadeiro enthusiasmo. . .

Agora, estamos noutro espectaculo. Trata-se de um Beneficio em favor de uma Clinica mexicana e ao qual varios nomes de valor do Cinema prestaram seu concurso.

Tomaram parte: Dorothy Dell, da Paramount, que cantou um **blue** por ella apresentado no seu ultimo trabalho, **Little Miss Marker.** Vocês vão ficar loucos por Dorothy Dell. Ella é, no meu modo de ver, uma das mais talentosas "estrellas" que a Paramount possue no seu novo contingente de personalidades novas.

Rosita Moreno dansou e distribuiu beijos para o seu publico. Berta Singerman voltou a recitar e num **bis,** incluiu **Canta, Coração,** de Laura Margarida Queiroz. . . Tive lagrimas nos olhos de tanta emoção!

Foram apresentados ao publico, vindo ao palco: Frances Drake e Evelyn Venable, o que deu á Paramount ensejo de pôr as suas "estrellas" em contacto com os hespanhoes e, num gesto de muita amisade e sympathia pelos mexicanos. Dolores del Rio e Constance Bennett tambem foram ao palco e disseram algumas palavras amaveis para a platéa. . .

Não sei quem estava mais perturbadora — se Dolores, na sua belleza exotica e morena ou se Connie, loura, toda de branco, com um capote de arminho, que se casava bem ao seu porte fidalgo!

Gilbert Roland acompanhara Constance á festa, que, naturalmente, a ella compareceu em deferencia aos patricios de Gilbert. Raul Roulien não poderia deixar de apparecer.

Tive, assim, deante dos meus olhos aquelle Roulien, natural, engraçado, elegante e dominador de platéas. O Roulien que vocês todos viram no Rio, que sabia manter as multidões presas aos seus labios, de onde sahiam pilherias e um bom humor espontaneo.

Raul cantou **Orchids in the Moonlight** — que, ao ser annunciado, obrigou a platéa a bater palmas por varios segundos. Era a prova do successo que esse tango e, naturalmente, **Voando para o Rio,** vem obtendo. Depois, Raul canta **Luna** do seu Film em hespanhol, **Não deixes a porta aberta.** Não desejando cantal-o apenas — Raul conseguiu varios pares de garotas e rapazes, distribuidos pelos camarotes e que illustravam a letra da canção, beijando-se. . . Foi um ligeiro acto que agradou immenso.

Raul estava nos seus dias. Estava disposto a trabalhar e fez coisas que sómente elle sabe fazer. . . Não sei se vocês conhecem as suas imitações! Não sei se o viram imitando uma menina que estudou dez annos musica e se prepara, a pedido da mamãe, em casa de familia amiga, a tocar **Sobre as Ondas.** . . E elle imita tambem um pianista russo, um modernista, e declarando: — "Agora imitarei a minha grande amiga Berta Singerman!"

E elle imita a grande Singerman. . . A festa revestiu-se de um brilho intenso, e Raul contribuiu, num gesto amigo e gentil, para que ella fosse um successo completo. Durante as suas imitações — Dolores riase a mais não poder e o applaudia com vivo enthusiasmo, o mesmo fazendo Constance Bennett que se encontrava noutra frisa.

José Mojica tambem toma parte e elle, com sua voz admiravel, canta varias canções dos seus ultimos trabalhos.

WOOD BOULEVARD...

A verdadeira Elissa Landi

(Continuação do numero passado)

Houve barulho e chegou-se até a dizer que a artista se enchera de vento de-

Adolph Zukor com as "novas" da Paramount

pois do successo de "O marido da guerreira", mas, na realidade, o que succedeu é que a actriz, simplesmente, readquiriu a confiança em si propria, ao comprehender que o publico o que queria era vel-a na téla, tal qual ella é, e sem véus mentirosos.

Emquanto assistia á Filmagem do "O marido da guerreira", acompanhei attentamente o gradual despertar da verdadeira personalidade feminina de Elissa. Comprehendi, ao terminar os trabalhos, que qualquer Studio que entendesse agora de intrometter-se na "emancipação" da artista teria que sustentar uma verdadeira batalha.

A luta com a Fox acabou em empate. Não sei que fim levaram a pobre Smith e o seu duque, mas, quando li nos jornaes que o Studio largara Elissa de mão, exultei. Recusar um papel é mau, mas, ás vezes, acceital-o é ainda peor. Para onde irá Elissa agora?

Com este artigo em mente, pedi á artista que viesse a minha casa, merendar commigo, e nadar um pouco na piscina.

Elissa surgiu toda de branco, muito chic. O moreno dourado do rosto, emmoldurado pela magnifica cabelleira côr de bronze, harmonizava lindamente com os olhos, cuja tonalidade entre azul turqueza e jade era um effeito da luz do sol, do luar, ou mesmo das lampadas electricas, mas da do interior da casa.

Quando Elissa se põe a falar a respeito de musica, de livros ou do seu jardim, os olhos são azues. Quando se refere a Films, aos executivos ou agentes de publicidade, tornam-se verdes. Calculo que os olhos de Elissa devem ter tambem os seus dias cinzentos e até já os vi tomarem a côr violeta, numa noite em que a artista conversava com Caroline (a mãe-condessa para os leitores dos artigos da publicidade; Caroline para Elissa e seus

Harold Lloyd com as "Wampas Baby Stars" de 1934

amigos). Vae ser um dia duro para a Technicolor, quando tentarem photographar a côr dos olhos da artista. . .

Elissa gosta do meu pequeno jardim, talvez por ser o della tão grande. Olhou para a piscina, que é um dedal, comparada com outras de Beverly Hills.

— Posso entrar na agua nua? — perguntou.

— Como quizer, — respondi.

A minha piscina é a mais pequena, mas possuo o muro mais alto destas plagas. . .

Nadámos, tomámos banho de sol, exercitámo-nos, fumámos e conversámos a respeito de tudo. menos sobre a "emancipação" de Elissa. Quando chegou a hora da merenda, comprehendi que acabaria por me esquecer do assumpto mais importante. Em meio da salada, entrei em actividade.

— Miss Landi, que pensa dos Films falados?

— Não me dou ao trabalho de pensar nelles, — respondeu a minha amiga, comendo o ultimo rabanete.

Não vale a pena continuar em forma de dialogo; que isto é um artigo e não uma ladainha. Ficámos á sua mesa até á hora do chá.

Aqui vão alguns informes, que podem interessar os "fans" de Elissa Landi e enthusiasmar os que ainda o não são.

Embora seja uma mistura de varias nacionalidades, como o Pacto da Paz e tão "pacifica" como elle, Elissa sente que pertence exclusivamente á America. Mal desembarcou, deu o grito: "E' este o meu paiz!". Nada de Austria, onde nasceu Caroline, nada de Inglaterra, onde Elissa foi creada, nada de Italia, paiz a que pertence o nome da familia. E' na America que a artista se sente em casa.

Não manda para fóra os "dollars" americanos. Comprou uma linda propriedade de sete acres, nas collinas entre as rosas da California, que Elissa adora. A casa della está sempre cheia de flores, todas do seu jardim.

Entrar ali é uma especie de viagem da agencia Cook, de vaso para vaso. E' a propria actriz quem corta as flores e as colloca nos seus logares.

Elissa, sempre que ha occasião, fala a respeito do seu cavallo predilecto, mas não diz palavra sobre os numerosos equinos que possue. Sempre os teve na Europa e não sabe que na America metade da alegria de possuir as coisas consiste em gabal-as a todo o instante aos conhecidos...

Quando Elissa desappareceu da circulação, depois da questão com a Fox, ninguem sabia por onde andava, excepto Caroline, mas esta, na esquecida arte de guardar segredos, podia dar lições até á propria Esphinge.

Elissa aproveitou o ensejo para visitar a America. Só e incognita, percorreu as rudes paizagens de

(Continúa no fim do numero)

ROBERT

QUANDO eu ainda não tinha oito annos, fui pela primeira vez a um theatro. Era o Apollo, que, se não me engano, foi devorado pelo fogo. Por essa época, havia uma sorte de espectaculos, conhecido pelo nome de "Magicas"... E devo confessar, eram a preferencia da minha avózinha. Essas peças, onde havia musica e canções, distinguiam-se exactamente pela habilidade dos scenographos — pois os scenarios se mudavam, com a velocidade de um segundo, transformando o palco em apotheoses, onde havia figurações patrioticos ou, as vezes, segundo o caracter do espectaculo, pura fantasia. Parecia que uma varinha de condão tocava todas as coisas e, num relampago, surgia deante dos olhos maravilhados dos bons espectadores — uma visão dantesca, com diabinhos e chammas de papel fino vermelho, a tremular com o auxilio de ventiladores escondidos dos olhos da platéa — mas que serviam para arrancar da mesma uma estrondosa salva de palmas... Outras vezes, era um quadro da Independencia, com uma das coristas vestida de Brasil — um cavalheiro de suiças, pretendendo ser o Don Pedro I e outras figuras ligadas ao movimento do Ypiranga...

Para os meus olhos de menino — aquillo era mesmo como o nome de taes espectaculos — Magica!

Hoje, crescido — acredito que o meu gosto artistico se revoltaria contra tal sorte de funcção — mas daquelle menino que procurava não cochillar, deante da ameaça de não ser levado na proxima vez... ainda ficou algo em mim!

Parece-me, agora, entrando dentro de um destes Studios de Hollywood, que aquelle espirito das "Magicas" do Passeio Publico e do Rio dos tilburys ainda não desappareceu de sobre a face da terra... Pois, como qualificar essa coisa maravilhosa que é levantar um **set** para um Film? Não deixa de ser magico o modo pelo qual o departamento de montagens muda e transforma, no curto espaço de dias, um pedaço de terreno, que se aperta entre duas montagens velhas e descoloridas de passados Films!

Mezes antes, eu estivera naquelle mesmo logar — o mesmo lago de aguas esverdeadas, com suas arvores e folhagens permanentes. O **set** representava uma doca em Seatle e servia para o Film de Marie e Wallace Beery — **Nascissus**. Ao fundo, casas, lojas commerciaes e a vida activa de um porto... Aquelle mesmo terreno, já servira para um trecho de um rio na selva da Indo-China, com Chinezes e mestiços na lufa-lufa de uma plantação de borracha. Fôra para **Terra de Paixão** (Red Dust), em que Jean Harlow surgia na vida de Gene Raymond e Mary Astor, — e para acabar apaixonando-se por Clark Gable...

E — hoje, ao pisar aquelle **set** que mudança brusca! —Seatle e a Indo-China tinham desapparecido e no logar daquellas cabanas de palha e das lojas, bordejando a doca... casas de madeira, rusticas e apodrecidas pelas chuvas... Nenuphares e algas boiando na corrente... Das velhas arvores pendiam as classicas "barba de velho", tão typicas á paisagem da Louisiana... Tabóas, estendidas entre um lado e outro, serviam de passagem aos habitantes daquelle braço de rio — o **Lazy River**... rio preguiçoso, que é o titulo do novo Film...

Juncos e canas subiam das aguas e davam ás margens barrentas uma vegetação original. Até ás libelulas que brincavam de ramo em ramo não faltavam a esse **set** tão perfeito. Era a magia dos Studios, visivel e palpavel...

Havia lanchas e botes, barcaças pelas aguas do Mississippi ou melhor naquella mesma porção de agua que já tinha sido rio aziatico, um pedaço do Pacifico, que, na verdade, nada posue de calmo e sereno... e que, agora, me dava a visão de um trecho do Mississippi caudaloso, no interior do estado, por entre os classicos **bayous**, onde vive, até hoje, quasi esquecido da civilização, um nucleo de gente, descendentes dos primeiros francezes colonizadores. Este logar da Louisiana, um dos estados americanos mais cheios de lendas, é extremamente curioso e eis o ambiente que a Metro Goldwyn-Mayer escolheu para servir de assumpto a uma nova historia, anteriormente chamada "The Bride of the Bayou" e "In Old Louisiana".

Mas, por que toda esta serie de divagações? Os meus caros leitores hão-de querer que eu chegue á entrevista de Robert Young. Vamos lá.

Eu tinha de collocar as personagens de minha entrevista num local e não poderia deixar de descrevel-o, pois elle influiu no curso da minha palestra com Bob Young.

Este artista da Metro tem innumeros admiradores em todo o Brasil, um circulo bem grande de **fans** e é por causa destes que fui procurar a Bob, como nós o chamamos aqui. Dentre a lista de personalidades que a Metro possue, Robert Young soube destacar-se não só por seu merito verdadeiro como tambem, principalmente, junto aos productores, pela suas qualidades pessoaes. Bob é um rapaz agradavel e, pareceu-me, sincero, em sua conversa. Pelo menos commigo, elle palestrou naturalmente, sem rebuscar phrases ou pretender impressionar-me com attitudes estudadas e theatraes. E, realmente, inutil, por parte de um astro ou "estrella", querer apparentar aos olhos do reporter. Em vez de conquistar-lhes o interesse e a estima, fazem papel ridiculo... A affectação e a pretensão, mesmo num genio, chocam... Naturalidade e franqueza, por exemplo, são duas qualidades que saltam á vista dos que se chegam a Bob e com elle conversam.

Elle fala com calma e tem um sorriso sympathico, desses que fazem amigos, em breve instante. E' alto, bastante mesmo. Forte e mais moço do que parece no Cinema. Tem, apenas vinte e nove annos — mas, na vida real, dá a impressão de que não offerece mais do que vinte e um.

"Neste local, que o nosso Film desvenda, vive uma população que têm costumes e mesmo um dialecto curioso e — em muitos detalhes, pittorescos.

Esta gente descende dos primeiros francezes que vieram para a Louisiana e se misturaram a americanos, conservando, entretanto, muitos dos costumes e o idioma materno. Hoje, não se póde dizer que falam, propriamente, francez — pois a lingua foi tão deturpada e offerece tantas palavras tomadas dos negros escravos que só mesmo elles a entendem. Parece ao mesmo tempo, incrivel que, em nosso paiz, ainda encontramos regiões como esta dos **bayous**, onde predominam superstições, crendices e praticas tolas" diz-me.

Tinhamos acabado de visitar o **set** e como o sol estava quente, Bob levou-me para dentro da barca, indicando-me uma confortavel cadeira de vime. Sentámonos á sombra de um toldo, emquanto pela prôa, estavam deitados chinezes e pseudo tripulantes, á espera de nova ordem do director.

A' minha primeira pergunta, elle responde: "En-

trei para o Cinema, sem ter tentado fazel-o! Estava trabalhando na Pasadena Community Playhouse, quando um agente me veiu ver e insistiu commigo para que o deixasse tentar o Cinema para mim. Eu, confesso, não tinha muita confiança, assim como não era enthusiasta por trabalhar num Studio. Esse agente ordenou-me que fizesse um **test** e o mostrou aos directores da Metro. Semanas depois, estava contractado... sem mesmo ainda acreditar!

Não pretendo fazer fita — acreditava que se conseguisse um contracto, haveria de trabalhar com afinco para merecel-o e, ao mesmo tempo, a idéa de um ordenado certo não me desgostava. Nunca pensei, realmente, em vir a tornar-me um artista de Cinema. Se não me tivessem ido procurar, acho que até hoje ainda estaria no palco."

"E começou com "O Peccado de Madelon Claudet"?, indaguei delle.

"Não. O primeiro Film que fiz, já contractado pela Metro, foi para a Columbia e tive um papel em "Culpa dos Paes", ao lado de Leo Carillo. Acho que foi horrivel! — Depois fui para a Fox e fiz outra parte numa das producções da serie de Charlie Chan. Por isso, fui para Honolulu. Comecei então a gostar mais do Cinema — pois comprehendi que elle offerece outras vantagens que o palco não nos póde dar.

Nunca pensei em ter recebido o meu papel ao lado de Helen Hayes. Com tão pouca pratica de Films e, mesmo sem ter sido um nome de grande reputação no theatro, fiquei aprehensivo quando me indicaram para esse trabalho. Conhecia Helen Hayes do theatro e achava que ella era soberba. Por ahi, bem póde imaginar o meu temor — não me importo de o confessar — de trabalhar ao seu lado. O mesmo succedeu, recentemente, quando fui indicado para um Film de Ann Harding. Helen, porém, foi admiravel e graças a ella, á sua bondade, senti-me desembaraçado para desempenhar a minha parte, que acredito tenha sido causa de que me entregassem, a seguir, papeis mais importantes.

Agora, deixe-me contar-lhe o que aconteceu com Ann Harding. Ella era o meu idolo do theatro. Ann e Leslie Howard são as duas figuras maiores do theatro para mim. Quando soube que deveria apparecer em **Right to Romance** e que Miss Harding havia approvado a minha escolha exultei de alegria. Depois do primeiro instante, fiquei embaraçado... Nem sempre a gente encontra por parte dos astros ou "estrellas" de um Film uma consideração grande ou attenções. Se, nos primeiros dias de trabalho, ha apenas polidez e certa frieza entre aquelles e nós, vae tudo por agua abaixo. E' necessario um espirito de camaradagem, uma ligação de idéas e um carinho entre todos. E, graças a Deus, isto tudo eu encontrei em Ann Harding. Ella é uma grande artista, um nome consagrado pelos maiores criticos de New York, e tratou-me com tanta amabilidade, foi tão gentil e auxiliou-me tanto, em nossas scenas, procurando cooperar commigo, quando isso se fez necessario e dando-me **chances** de viver o meu papel — que senti verdadeira felicidade ter estado em sua pellicula. Por isso, por causa della, acho que dei a esse papel tudo quanto poderia. E elle é um dos meus favoritos." Termina Bob.

"Right to Romance", por um equivoco meu, sahiu publicado nas "Futuras Estréas" como tendo a Robert Montgomery no elenco, quando Bob Young foi quem desempenhou esse papel. Elle, realmente, está esplendido e como ao seu lado, Nils Asther, que tambem trabalha no Film, parece deslocado. A uma pergunta minha, Bob diz-me que "Meu Boi Morreu" foi mais uma farra do que trabalho. Como me diverti com Eddie Cantor! Elle é, ao contrario de muitos outros comicos, impagavel na vida real... **Spitfire** é outro papel que terminei, não faz muito tempo. Não se trata de uma parte grande, mas gostei de trabalhar ao lado de Katherine Hepburn. Ella possue algo de sobrenatural. E' uma artista de genio, de talento immenso. E natural e bondosa em pessoa. Neste Film", conta-me elle "ha uma

YOUNG

scena amorosa entre Miss Hepburn e eu que é uma das mais delicadas e mais bellas que o Cinema já apresentou. (Eu que, agora, ao escrever esta chronica, já vi esse Film, numa **preview**, posso concordar com elle. A este proposito, escrevi na minha secção de "Futuras Estréas"). Não quero assim falar para que pense que procuro elogiar o meu trabalho. Não falo por mim, mas sim pela scena em si. Pela direcção de John Cromwell e pelo desempenho de Katherine Hepburn. Ella é, na minha opinião, a "estrella" de mais talento desta temporada e o seu futuro no Cinema é immenso."

Neste momento, George B. Seitz, o director, chama Bob para um **shot**. Elle me deixa a bordo e se vae juntar ao grupo, onde estão Jean Parker, por elle amada no Film, Maude Eburne, essa caricata excellente, Joe Cawthorn e extras. Havia um murmurio pelo **set**... Prestei attenção e reparei que falam francez. E aquelles "mon cher", "mon vieux", "alors"... vinham de um grupo de garotas francezas, sendo que eram morenas, de cabellos negros e tinham franjinha — tanto ou mais aparadas que as da Beatriz Costa! E notei uma coisa — vocês já repararam como os Films, sempre que mostram francezinhas, estas usam franja bem cortadinha...? Por que? Não o sei — e, além disso, quem faz a pergunta sou eu! — Mas, vejamos quem andava por aquella montagem. Sim, Wallace Beery estava de visita. Elle fala animadamente com uma loura e a abraça com affecto... quem seria? Talvez uma amizade de Films, apenas...

Raymond Hatton tambem ali estava. Elle tem um papel nesse Film da Metro. Olhei para elle, sentado em sua cadeira, silencioso, e para Wallace Beery. Hoje, Raymond anda esquecido dos directores... e Wallace attinge culminancias em sua carreira. No meu ver, Hatton é maior e melhor artista do que elle — mas quem sabe por que Beery está hoje rico e famoso e Raymond permanece fazendo ligeiras partes? Ambos, não ha muito tempo, eram protagonistas de uma serie de comedias para a Paramount. Recordam-se? Hatton, aquelle actor soberbo de tantos e tantos Films. Aquelle caracteristico notavel de obras que ainda são recordadas com emoção pelos seus **fans**... **Vassalagem** não póde ser olvidada por ninguem. Senti não poder correr e apertar-lhe a mão dizer-lhe quantos ainda ahi no Brasil o admiram e lhe querem bem...

Com Loretta Young em "House of Rotschild", da T. Century...

A scena é iniciada por George B. Seitz, — e para meu espanto, o barco em que eu estou começa a mover-se. Corre pelo pontão e segue a sua marcha pelo rio... Fico sem saber o que fazer e deixo-me no mesmo logar. O **shot** deveria ser feito de novo e, assim Bob, do pontão, grita para mim: "Esqueci de dizer-lhe que o barco se ia mover... Não pense que estou tentando dar o fóra em você!"

Nova scena e Bob fica livre, mais uma vez. Elle volta para junto de mim e attende ás minhas perguntas: "Acho que um artista, pelo menos levando em conta o Cinema falado, como elle o é hoje, deve ter um treino do palco. Antigamente, não se fazia necessario saber dizer um dialogo. Hoje, esta novidade do Cinema é parte essencial de um Film. Não quero, porém, affirmar que se faça extremamente imprescindivel a um artista uma temporada theatral. Quando nós viemos do palco, temos que deixar nelle muitos dos seus caracteristicos. No Cinema aprende-se outra technica, mas um treino no palco sempre ajuda. Outra coisa que acho util é ensaiar-se uma scena, com dialogos, em ordem tal qual vae surgir na téla. Sempre os resultados são mais satisfactorios" continua elle.

A esse proposito, alludi ao seu papel em "A Casa dos Rotschild", que elle fez para a 20th Century e onde George Arliss tem o papel principal. E' sabido que George Arliss reune todos os elementos do **cast** e os faz ensaiar sob sua direcção. Perguntei-lhe se havia comparecido a taes ensaios.

"Não. No Cinema não se póde ser livre. O Film já tinha sido iniciado e estava bastante adeantado, quando eu pude mudar-me para aquelle Studio e começar a minha parte. Estivera, até então, preso a Radio-R.K.O., com **Spitfire**. Por isso, perdi essa opportunidade tão grande. Trabalhar com Mr. Arliss é uma **chance** para aprender. Eu faço um official inglez e tenho bonitos uniformes e, mais do que isso, tive o prazer de ter Loretta Young como minha **leading-lady**..."

"Não, não somos parentes, como muita gente pensa", responde-me elle:

"Quer saber o que me aconteceu, logo nos primeiros mezes de minha vida de artista, aqui na Metro? Um dia, eu ia para a casa e esperava, do lado de fóra do Studio por meu carro. Um garoto approxima-se de mim e pede-me pelo autographo. Eu estava de "make-up" e por isso chamei a sua attenção... Mas — quando eu assignei meu nome, elle olha-me e diz: "Oh, eu pensei que você fosse o Mr. Montgomery..." E aqui está a minha primeira aventura com um caçador de autographos... Mas, não desanimei!" diz-me elle em ar de pilheria.

"Sobre este meu Film, posso dizer que é interessante pelo seu ambiente de um colorido e um sabor novo. Não será um grande Film, sei disso, mas tem qualidades para um bom programma. Jean Parker é um encanto!"

Agora elle me fala do seu garoto. O primeiro bébé do seu lar, pois Bob casou-se ha pouco mais de um anno e, hoje, já é um papae orgulhoso. E — mais ainda do que Edward G. Robinson, elle me conta as proezas do garoto, — as sûas primeiras gracinhas... Ah, os papaes são egualzinhos em todas as latitudes do globo!

"Minhas predilecções?" pergunta elle — "Quando não estou trabalhando, gosto de "golf" e de nadar. São os melhores exercicios, principalmente para nós artistas que passamos tantas horas dentro de um palco fechado, sem ter sol e ar bastante."

(Termina no fim do numero).

Robert e Janet Gaynor em "CAROLINA", da Fox.

Clarence Brown, Joan e o celebre aviador francez Michel Detroyat.

de Studio

NUNCA deixo de dar um pulo ao **set** de Clarence Brown, esse grande director da Metro Goldwyn-Mayer, pois sempre é interessante para o leitor saber e acompanhar os passos desse famoso homem do Cinema. Brown, actualmente, está dirigindo o novo Film de Joan Crawford, onde ella apparece com Franchot Tone. Este galã, que, dia a dia, se torna mais popular e querido, não só aqui, como tambem no Brasil — é, segundo as chronicas de Hollywood, todo o interesse da vida privada de Joan e, — logo que o seu divorcio tornar-se final, a levará ao altar.

Bem — mas voltemos ao **set** de Sadie McKee, que é o nome do novo trabalho da estrella de **Amôr de Dansarina.** Clarence depois de muitos mezes de actividade, iniciou o Film, para o qual elle procurou um artista que pudesse cantar e, ao mesmo tempo, representar. Além de Franchot Tone, a historia pede um artista que seja um **crooner.** Para esta parte, Clarence entrevistou centenas de cantores de radio e — nenhum delles preencheu os reguisitos do papel. Todos sabiam muito bem cantar **blues, fox-trots** e **romanzas** — mas isso não era tudo o que Clarence desejava delles. Depois de muito buscar; após gastar milhares de pés de Film, o director encontrou o artista desejado. Gene Raymond fez um **test** e, assim, logo ao voltar de sua viagem de recreio pela Europa, iniciava mais um novo Film.

Palestrei com Clarence Brown naquella tarde. Elle me fala da difficuldade em encontrar o typo perfeito para o caracter da historia e entabolamos uma palestra agradavel, como é sempre a prosa desse director.

Falou-se de Films e o nome de Constance Bennett veiu á baila, a proposito da Metro Filmar, novamente, **The Woman of Affairs,** tirado do livro de Michael Arlen, **The Green Hat** e que o nosso publico já viu com Greta Garbo no papel central e cujo titulo em portuguez foi **Mulher de Brio.**

"Ha certos Films que não deveriam ser feitos novamente. Uma vez notando-se desejo no publico em assistir a mesma historia, deveria haver da parte dos productores a idéa de lançar uma artista desconhecida nesse determinado papel. Os **fans** guardam sempre a lembrança desta ou daquella estrella favorita em determinada parte — dahi sobrevindo, fatalmente, a comparação.

Por exemplo, **A Carne e o Diabo** foi um assumpto que arrebatou o publico. E' facil recordar que as maiores scenas desse Film eram idyllios dialogados entre Garbo e John Gilbert. Lembro-me que o Film, então silencioso, offerecia letreiros em abundancia em certas sequencias. Eis, portanto, um argumento fadado para os talkies, mas, agora pensando em mostrar esse mesmo romance com uma estrella popular — diremos Dietrich ou Ana Sten — typos que se prestariam ao papel, os **fans** immediatamente ligariam o novo trabalho ao Film silencioso e da comparação, mesmo que a actual estrella fosse soberba, extraordinaria, teria de perder. Tal Film, caso venha a ser feito, deve ter uma creatura completamente desconhecida da platéa e desse seu lançamento poderá resultar uma nova estrella. Ella, porém, terá de que ser um typo que absolutamente não lembre nem de longe Garbo..."

E falando de Constance Bennett, elle tem sobre ella uma opinião que não é "mais do que um elogio á sua figurinha interessante de mulher" — **nada mais!** Bem aqui está uma surpreza para vocês, caros leitores — e que, certamente para nós brasileiros um motivo de justo orgulho. Durante a nossa palestra, em dado momento, sem que nenhum de nós dois e mais um amigo que commigo se achava tivesse alludido a assumpto do Brasil — Clarence Brown me pergunta — preparem-se para a novidade!: "Raul Roulien é muito popular na sua terra e na America do Sul? Eu ia responder, quando elle não me dá tempo para tal — e acrescenta:

"Acho que elle é um dos artistas mais naturaes que eu já vi! "O elogio foi, assim, tão á queima roupa, que eu fiquei sem saber o que dizer. Foi tão espontaneo e sincero, tanto mais porque ninguem siquer havia alludido á pessoa de Roulien ou mesmo ao Film, **Voando para o Rio.**

Elle me informa, então: "Ha dias, fui ver essa musical e pude apreciar o trabalho do seu patricio. Nunca o vira em Films, antes. Conheço-o de vista, mas nunca com elle falei. "Realmente, elle mostrou-se de uma na tu ra lida de absoluta, e cantou muito bem".

Eu fiquei alegre ouvindo taes palavras, partidas de Clarence Brown, que ninguem póde negar é uma das personalidades de mais valor em Hollywood e por nada deste mundo teria interesse em elogiar o nosso artista, apenas para me ser agradavel. Brown não é pessoa para essas coisas. Alegrei-me tambem com isso, pois, segundo escrevi, nunca Roulien se mostrou tão natural e sincero num papel como nesse jovem brasileiro que elle viveu em **Voando para o Rio.**

Emquanto seus auxiliares preparavam o novo **shot,** Clarence poude conversar commigo demoradamente. Elle sempre tem sido de grande amabilidade

Mae West no seu novo Film "It Ain't No Sin", para a Paramount. Sim está mais magra

Claudette Colbert como "Cleopatra"

para com este correspondente e damo-nos como bons amigos, desde que com elle falei pela primeira vez.

"Asas da Noite" é toda a sua paixão. Sei que Clarence dedica a este Film um carinho tão grande que tem acompanhado a sua carreira pelo mundo com interesse desusado. Fala-me que uma copia do Film havia sido pedida pelo Departamento de Aviação da França para ser archivado. Essa honra o desvaneceu sobremodo.

O Film, em Paris,

Stvdio

(De Gilberto Souto, representante de CINEARTE em Hollywood)

tem sido elevado ás alturas pela imprensa local e nomes, desses que poucas vezes escrevem sobre Cinema, deixaram-se levar pela belleza do Film e sobre elle escreveram. Uma das penas mais autorizadas da literatura franceza disse: "Parece mentira que uma empresa americana tivesse coragem de realizar um Film afim de glorificar um autor, um povo, um departamento official do estado — como **Night Flight** conseguiu fazel-o e **de que modo!**"

Na minha opinião, **Asas da Noite** é uma das obras mais interessantes e um dos Films mais perfeitos que os talkies já apresentaram. E é Cinema do mais bello! Ha subtilezas e passagens nesse Film que ficarão para sempre inolvidaveis.

Deixo, então, Brown por instantes e sou levado até junto de Franchot Tone. Este estava sentado ao fundo do palco e tinha em seus braços o filhotinho de um Scotty terrier — um cachorrinho de poucas semanas e a miniatura mais interessante que já vi. Cabia dentro de um punho fechado — negro de pello eriçado, olhinhos faiscante... Era de Joan Crawford e ella o destinara a uma de suas amigas — mas, já que elle havia ido, aquelle dia, para o **set**, Tone havia decidido tomar conta delle.

Não sei se vocês, meus amigos, sabem disto. Joan tem verdadeira adoração pelas camelias. E na lapella de Franchot, todos os dias, ha uma flor de brancura immaculada — presente da linda Joan.

Brown tambem ganhara uma naquelle dia. Assim é Joan — exquisita, e cheia de vontades. O seu camarim é portatil e fica a um canto do palco. Tem a forma de um cottage — com janellas, telhado; é uma casa em ponto pequeno. Sua creada tóca, todo o tempo, musicas sentimentaes. Quando o director, grita — "CUT" para a camera e essa ordem significa que o silencio não se faz mais necessario na montagem, logo immediatamente, a victrola de Joan principia a soluçar um **blue**, uma valsa, um minueto — emfim a mais variada successão de musicas e melodias — mas todas dentro do estylo favorito da estrella — sentimentaes, tristes, cheias de paixão...

Assim é Joan Crawford!

Do **set** de Clarence Brown fui para outro palco, onde Stan Laurel e Oliver Hardy faziam uns retakes para uma sequencia de **Hollywood Party**, o Film revista da Metro que está levando já quasi um anno para ser feito. Imaginem que, Oliver é cicerone dentro, creio, um jardim zoologico — e os leões andavam a solta dentro de uma immensa jaula. Disseram-me que Stan e Oliver dão a esse Film-revista muita vida e têm, por signal, um episodio com Lupe Velez que é a coisa mais louca que o Cinema já registrou — imaginem que elles começam a atirar óvos um nos outros e... mas esperam pelo Film que não ha de demorar tanto assim.

Stan, lá estava de cabello arrepiado — como sempre — mas, naquelle dia, mais serio do que nunca. Elle, como já disse, vive a rir. O facto é que andou em difficuldades com a esposa — divorciando-se della — e, dias depois de eu haver estado naquelle **set**, os jornaes publicavam que Laurel havia casado novamente, com uma viuva de Los Angeles. O enlace realizou-se em Agua Caliente, no Mexico — mas em virtude das leis da California o casamento sómente ficará valido depois que um anno inteiro se tenha passado, após o decreto do divorcio... Por isso, deante da lei, Stan é ainda um cavalheiro divorciado e não poderá ser o marido official da viuva, por algum tempo ainda!

E as photos que os jornaes publicaram depois do enlace, mostravam Stan com o sorriso mais feliz deste mundo!

Louise Fazenda passou a fazer parte do elenco da Metro — que para ella tem optimos planos. Em **Wonder Bar,** Film da Warner Bros. Louise tem um papel esplendido. Ella chamou as attenções de todos os que viram o Film e a Metro resolveu dar-lhe um contracto. Interessante — o marido de Louise é Hall Wallis, chefe geral da producção no Studio da Warner Bros, e assim, Miss Fazenda conseguindo tão excellente contracto com a Metro, o fez por seus merecimentos proprios de artista e não — como alguem poderia pensar, caso o Studio do marido lhe tivesse dado um contracto, por protecção.

Nós todos que admiramos Louise Fazenda desde aquelle tempo inesquecivel das comedias que a Paramount distribuia no velho Avenida — quando Eddie Gribbon, Charlie Murray e outros appareciam em historias impagaveis — temos que ficar contentes em saber que Louise ainda continúa a trabalhar e a fazer com que o mundo se esqueça das suas miserias...

A Metro, provavelmente, a apresentará em optimos papeis e talvez ao lado de Polly Moran ou Mae Robson.

Lubitsch já iniciou os ensaios de **A Viuva Alegre** — que Irving Thalberg pretende produzir para a Metro em grande escala com um elenco soberbo. Nos principaes papeis estarão: Chevalier, Jeannette Mac Donald, George Barbier, Una Merkel, Sterling Holoway, por emquanto. O Film se baseia na opereta de Franz Lehar e terá além da musica popular dessa opereta alguns numeros novos. As dansarinas de Albertina Rasch apparecerão em numeros de dansa — num can-can e na celebre valsa.

Tive o prazer de ler o scenario — que foi escripto por Ernst Vadja e outro scenarista — mas que, naturalmente, teve collaboração accentuada do director. O Film será uma das maiores producções do anno e com esse director, um scenario tão perfeito, esse elenco — nada poderá impedir a Metro de conseguir um exito estupendo!

—oOo—

Da Metro sigo para a Paramount, onde grandes Films estão sendo realizados. Mae West, novamente, usando vestidos do tempo das nossas avós — prepara mais um novo trabalho — **It Ain't No Sin** e, onde ella, naturalmente, se verá ás voltas com dezenas de homens e fará das suas, cantando, não resta duvida, canções a seu modo...

John Mas Brown tem um papel de grande destaque, assim como a filha de Cecil B. de Mille — Katherine de Mille apparecerá numa parte de valor.

Katherine é morena. Tem um par de olhos negros e lembra um perfeito e lindo typo latino. Ella já fez dois papeis, estreando em **Viva Villa,** da Metro, onde fez a mulher de Wallace Beery e, a seguir, num caracter em **The Trumpet Blows,** Film de George Raft, onde elle é um toureiro mexicano.

Katherine recusou um papel num Film do seu pae, allegando que só appareceria em um dos seus trabalhos, quando houver attingido, antes, alguma evidencia com seu merito pessoal. Não resta duvida, que estreando sob as ordens do proprio pae, muita gente levaria o seu trabalho na conta de uma ajuda interessada. A verdade é que ella tem, realmente, talento.

Katherine De Mille

Lubitsch, Jeannette Mac Donald e Maurice Chevalier, o trio artistico da nova "Viuva Alegre".

Oliver Hardy, Stan Laurel em "Hollywood Party", da Metro.

Ha o mais absoluto segredo sobre o argumento do Film de Mae West, mas, naturalmente, pelas photos já publicadas e que tambem servem para illustrar estas notas, o leitor poderá imaginar que typo ella offerecerá. A proposito de Mae West — recentemente, fizeram uma enquete entre as creanças das escolas publicas de Los Angeles — o maior numero de votos foi dado a Mickey Mouse e, em segundo logar, Mae West... Não é curioso?

Murder at the Vanities está terminado e prestes a ser exhibido — fazendo-se com esse Film o debute artistico de Carl Brisson, na America.

Esse artista é dinamarquez e já trabalhou em Films inglezes, assim como é apresentado como um dos idolos do theatro europeu — onde cantava em revistas e operetas.

Elle é um typo alto, forte (já foi bouxeur e campeão amador) e possue personalidade. A Paramount deposita nelle e na sua estréa extrema confiança.

Mas — dentre todos os Films, o que, realmente, mais falará de perto á curiosidade dos **fans** é **Cleopatra**, que o grande De Mille está produzindo.

Visitei diversas montagens. Parece incrivel que um Studio possa ligar tamanha importancia á construcção e decoração de um **set** — pequeninos detalhes que a camera mostrará de um lance e — muitas vezes, nem sequer serão apreciados pelas platéas.

(Continúa no fim do numero)

Viram-
n'a
moreninha,
em
«O homem
da floresta?»

VERNA
HILLIE

Rosemary Ames, Gertrude Michael, Genevieve Tobin, Anna Imsenik, Florinne Mc Kinney.

Photos da R. K. O. Radio

DOROTHY LEE

DOROTHY E O SEU MARIDO MARSHALL DUFFIELD...

Eu

(*Especial para* CINEARTE)

SYMPHONIE INACHEVÉE (Leise Flehen meine Lieder), o commentadissimo Film musical da Cine Allianz, será visto no Rio nesta temporada e isto é, sem duvida, uma boa nova. "Symphonia Inacabada" — será este o seu titulo brasileiro — tem alcançado um notavel successo em Berlim, Londres, Roma e outras capitaes europeas. Só em Paris, o Film mantem-se ha 30 semanas no cartaz do Studio L'Etoile. Tudo nos faz crêr estarmos, de facto, deante de uma obra valiosa.

Dirigida por Willi Forst, baseia-se num episodio da vida de Schubert e particularmente sobre a sua "Symphonia Inacabada". Hans Jaray personifica o compositor austriaco. Martha Eggerth empresta a belleza da voz e da figura, a um dos papeis mais importantes. Luise Ulrich e Hans Moser têm os outros.

E' considerado um dos mais harmoniosos Films, onde a poesia e o encanto das imagens casam-se perfeitamente com a deliciosa atmosphera musical formada pelas composições de Schubert.

Pois bem, "Symphonia Inacabada" veiu desencadear na Europa, uma tempestade de Films musicaes. Na Allemanha, por exemplo, vemos em producção: "Paganini" com Ivan Petrovich. Um Film sobre *Beethoven. Mozart, leben, lieden, leiden* da Itala Prod. dirigido por Carmine Gallone. A Tofa-Swenska Film faz em versões allemã, franceza e suéca: "Peer Gynt" o celebre drama de Ibsen com musica de Grieg. A Ufa annuncia a "Princeza das Czardas" de Kalman e "Sonho de Valsa", com a deliciosa musica de Straus. A propria Cine Allianz tem em confecção, em versões franceza e allemã, "La Valse d'adieu", sobre Chopin. Brigitte Helm é a interprete.

Na Inglaterra: *Two Hearts in Waltz Time* da Gaumont-British. Direcção de Carmine Gallone com Carl Brisson no "cast" "Wiennese Waltzes", tambem da G. B. com musica de Johann Strauss. E agora "Blossom Time", da British International, sobre a vida e a musica de Schubert.

Um grande espectaculo musical na proxima temporada 1934-35, será a producção da Hunnia Filmfabrik de Budapest em associação com a City Films de Paris: "Fantaisies Hongroises" — um episodio sobre a vida de Lizt e a sua admiravel musica. O Film focalisará a parte da vida do grande compositor desenrolada em Paris, na primeira metade do seculo passado. Como se sabe, foi ahi que elle encontrou os seus celebres contemporaneos no terreno da arte: Chopin (seu grande amigo) George Sand, Musset, Paganini, Berlioz e aquella que provocou a mudança definitiva no destino do musico hungaro: a condessa d'Agoult.

Hans Jaray e Martha Eggerth em "Symphonia inacabada" da Cine-Allianz.

"Airs Tziganes" (Zigeunerwisen) é outra musical da mesma empresa, com musica de Sarasate e onde figurá a orchestra cigana de Alfred Rode.

O sonho dos amantes da boa musica está se realisando! Os fans-dilettanti" que prestem attenção a estes Films.

— —

Ha quatro annos, depois do seu successo com "Therese Raquin", Jacques Feyder partiu rumo a Hollywood. Exceptuando-se "O Beijo", de Garbo, elle não foi ahi muito feliz... Agora, de volta a França, Feyder apresenta o seu primeiro "talkie" feito em Studios francezes: *Le Grand Jeu*, para a empresa Films de France.

E' uma pellicula que aborda um motivo já muito explorado: a Legião Extrangeira. Mas pelo que toda a critica diz sobre o Film, concluimos que Feyder marcou um novo triumpho com um trabalho realmente notavel.

Não se trata de uma peça famosa, de uma producção de luxo, de uma grande obra litteraria, nem de grandes nomes. Qual pois a causa do seu valor? Sua humanidade. O Film focalisa um pedaço da vida, alegre ou amargo mas humano.

Na verdade, o material é suggestivo e promettedor — lembrando "Marrocos"... Um homem que, arruinado pela mulher que ama, foge para a Africa, entra na Legião, mas não consegue esquecer o amor... Uma mulher do mundo, lamentavel "déchet" social, que lhe põem as cartas sobre a vida, o *grande jogo* — d'ahi o titulo do Film. Uma pobre cançonetista de café-concerto de guarnição, mal vestida, fracassada, miseravel... Ella não possue a belleza nem a voz da antiga amante, mas elle neste rosto vulgar encontra traços que lhe recordam a mulher amada. E o homem a ella se liga pois vê, neste triste phantasma, uma especie de symbolo de seu amor perdido... O amor, o grande motivo de todas as obras, é que maneja estes personagens sobre o fundo impressionante da Legião, o grande vento, o deserto...

Marie Bell, além de uma bonita figura de mulher é uma artista de inegavel talento. Nós que já a vimos em "Uma louca aventura", podemos imaginar como deve ser bello o seu desempenho no duplo papel. Pierre Richard Wilm é o homem. Françoise Rosay já é nossa conhecida. Lembram-se della com Chevalier, em "Café do Felisberto", cantando o "Coucou du printemps?" Françoise, que é a esposa de Feyder, pela primeira vez na sua carreira surge num papel dramatico. Dizem que é brilhante a sua creação. George Pitoeff tem um papel marcante.

Lili Damita e Henry Garat em "Ona a volé un homme" da Fox-Europa.

"Le Grand Jeu" é considerado um dos mais bellos e suggestivos trabalhos da temporada Cinematographica 1933-34. Gostariamos de julgal-o nós mesmos. Mas chegaremos a vêr este Film ou outras modernas producções francezas aqui no Brasil? Isto é: vêr a copia em estado apresentavel e recente, — e não como vimos *A Filha do Regimento, Paris-Mediterraneo* e outros?..

Mary Marquet numa scena de "Sapho".

— —

— A Ufa produz em todas as temporadas um grande espectaculo artistico-scientifico, genero em que é especialista. No anno findo tivemos *I. F. 1 não responde*.

Agora acaba de ser apresentado em Berlim e Paris um novo Film no genero: "L'Or". Realisação de Karl Hartl com collaboração de Serge de Poligny na versão franceza.

O Film focalisa a fabricação do ouro synthetico, desenrolando-se parte em ambientes dos mais exquisitos e impressionantes, como uma usina submarina para a manufactura do ouro. Dizem ser um espectaculo empolgante e não duvidamos disso, pois Karl Hartl foi o director de "I. F. 1 não responde". E ainda mais porque a estrella das duas versões é a estupenda Brigitte Helm.

A grande "vedette" internacional tem em "L'Or" mais uma creação onde sua arte sensivel, seu temperamento vibrante e sua bizarra personalidade, comparecem em traços fortes. Ao seu lado: Pierre Blanchar, Henry Bosc e a encantadora Rosina Derean.

Edwige Feuillère, a linda interprete de "Os Messieurs de la Santé".

— Apesar dos distribuidores francezes considerarem o mercado e a questão dos exhibidores em crise (o Film americano "doublé" foi, não a salvação da lingua mas sim um erro que agora difficulta no mercado, as producções nacionaes. . .) malgrado a propria crise — as estréas nestes dois ultimos mezes em Paris têm sido muitas, formando assim um brilhante "fin de saison" que, absolutamente, não justifica o pessimismo reinante. E' verdade que grande parte destas estréas são Films soffriveis. Mas apesar delles, ainda ha um bom numero de producções consideradas optimas. Não são, contudo, livres de defeitos e isto as mais favoraveis criticas reconhecem. Mas uma grande qualidade elles têm. E' que, sendo caracteristicos representantes dos costumes, do espirito e do "folk-lore" francez, feitos no seu paiz de origem devem apresentar tudo isto com exactidão.

A estréa de "Lac aux dames" era ha muito esperada e o Film compensou a espectativa. Baseiando-se num motivo intensamente poetico, de uma novella de Vicki Baum, é um Film de radiante juventude e grande belleza natural. Desenrola-se o idyllio entre as paysagens deliciosas de um lago no Tyrol austriaco, durante a estação de veraneio.

Simone Simon faz um papel que parece ser o mais curioso do Film: uma creaturinha selvagem, simples, primitiva. Ella deve estar adoravel, pois lembramo-nos bem como surgiu encantadora ao lado de Brigitte Helm em "Estrella de Valencia". Jean Pierre Aumont, uma das explendidas figuras jovens dos Films francezes, é o galã e a formosa Rosine Derean: o romance. Realisação de Marc Allegret, collaboração de Colette nos dialogos, para a Tobis.

Film dos chamados *grande-espectaculo* é *Volga en Flammes!* — producção franco-tcheca da A.

ropa...

B. Film de Praga. E' a historia de uma rebellião russa chefiada por um aventureiro, no tempo dos Czares, lembrando pelo seu entrecho uma novella de Pouchine.

Tourjansky é mestre nestas reconstituições dos exoticos e fascinantes ambientes da Russia imperial de "avant-guerre". Lembram-se de "Volga-Volga", que elle fez silencioso? Palavras de um critico: "Um espectaculo sob todos os aspectos, original, fugindo á banalidade de outros Films e sobretudo muito artistico".

A estrella russa Nathalie Kovanko faz aqui a sua reapparição. O popular Albert Prejean, num papel fóra de seu genero, causou surpresa! Danielle Darrieux e Inkijinoff são os outros.

Os prazeres as alegrias e as maguas do coração parisiense é o que espelha "Jeunesse", producção de Georges Lacombe para os Films Epoc. Apesar de um tanto lento, "Jeunesse" causou surpresa nos meios Cinescos pela sua boa realisação. O Film é uma reconstituição da vida diaria do Paris humilde e modesto, atravez o romance de duas *midinettes* e *dois* typographos. Talvez não consiga no exterior, o enorme successo que tem alcançado na Cidade Luz, porque é uma fiel traducção de todo o espirito da vida popular parisiense. Lisette Lanvin, Paulette Dubost, Jean Servais e Robert Arnoux são os interpretes. Paulette Dubost é um verdadeiro pardal parisiense: viva, sorridente, travessa e acreditamos que esteja perfeita em sua parte.

Regressando á cidade de seus primeiros triumphos, a "glamorous" Lili Damita registra um successo pessoal em "On a volé un homme", producção de Erich Pommer para a Fox Europa. O Film é uma comedia — romantica com um "plot" originalissimo: Lili sequestrando Henry Garat!

Garat é um banqueiro que vae passar o seu "week-end" em Antibes. O homem propõe, a mulher dispõe. . . E' por isto que no *wagon-restaurant*, Monsieur Garat interessando-se pelas bellas mãos de sua visinha de mesa — que esconde o rosto atraz de um isterminavel jornal — procura entabolar conversa. Lili Damita não tem o costume de conversar com extranhos. . . mas por fim attende aos rogos de Henry. Abaixa o jornal, para lhe dizer o que pensa dos banqueiros. . . A conquista feita, d'ahi em deante é facil á bella Lili, o sequestro de Garat na sua "villa" em Antibes, onde o amor vem fazer das suas. . .

Mas ser sequestrado por Lili Damita — eis ahi, positivamente, uma cousa do outro mundo!

A Fox-européa espera reunir estas duas famosas "stars" em outra pellicula. Emquanto isso, parece quasi certo que Henry Garat não mais voltará a Hollywood. Depois de ter apparecido numa peça de Sacha Guitry, o galã de "Adorable" assignou contracto com Les Vedettes Françaises para diversos Films, começando com a operetta "Lune de Miel".

Antes de vir ao Brasil na temporada franceza do anno passado, Germaine Dermoz tomára parte no Film "Le Bal". Voltando de sua *tournée* sul americana, a Dermoz foi convidada para outro Film o qual, estreado agora, firma-a como uma grande tragica da tela. Em "La Porteuse de Pain", Dermoz é uma mulher condemnada á trabalhos forçados, perpetuos, por um crime que não praticou. Vinte annos mais tarde ella evade-se e sob o disfarce de uma entregadora de pão, consegue revelar o culpado. A critica declara que "o Film é a prova de como se pode fazer um melodrama com gosto, talento e emocionar as platéas populares, sem processos mediocres ou exagerados". Ao lado de Dermoz: Mona Goya, Simone Bourdet, Fernandel e outros. Edwige Feuillère, que deixou a Comédie Française pelo Cinema agora retorna ao palco no Variétés. Mas antes ella foi a interprete de "Ces Messieurs de la Santé", Film da Pathé Nathan e outra estréa em Paris. Nesta comedia satyrica, Raimu é um evadido da Santé que usando illegalmente o Codigo legal, torna-se importante. Ajudam-no: a loura Menique Rolland, Ivonne Hébert e Lucien Baroux. Mas apaixona-se por Edwige Fauillère — a encantadora morena que vimos em "Onde está minha mulher?"

"Toboggan", Film sportivo da G. F. F. A., é a historia de um jogador de box decadente que tenta uma *reentrée* mas perde a fortuna e a mulher que ama. Arlette Marchal é ella. Mlle. Marchal era bonita nos tempos de *Madame Sans Gêne* e da Paramount. Mas hoje é simplesmente fascinante. . . George Carpentier faz o campeão. . .

"Pecheur d'Islande". Uma obra de difficil realisação no Cinema falado, este romance de Pierre Loti. Mas Pierre Guerlais, dizem, fez o possivel e seguindo fielmente a historia, apresentou um drama lento, pesado mas emotivo e com bellas scenas marinhas. Ivette Guilbert, Marguerite Weinterberger e Tommy Bourdelle animam os melancholicos personagens bretões da obra de Loti.

Em "La masque qui tombe", versão franceza de uma producção italiana de Mario Bonnard, um drama de espionagem e outras tragedias, destacamos esta extranha creatura, esta artista de attitudes especiaes que é Lucienne Lemarchand. . .

— —

As famosas obras da litteratura têm sido sempre uma fonte geradora de innumeros trabalhos Cinematographicos, principalmente no Cinema francez. Poucas vezes o rodar de um Film despertou tanto interesse nos centros Cinescos, como agora o de "Dama das Camelias". Pudera! Ivonne Printemps e Fresnay personificando Margarida e Duval!. . . "Os Miseraveis" de Hugo, foi apresentado ha pouco. Annunciados temos *Manon Lescaut*, *Tartarin de Tarascon*, *Maitre Bolbec et son mari*, *Koegnismark* e outros. E estreados agora: "Sapho" e "Fedora!" Desde que Jane Hading creou no Gymnase em 1885 a heroina de Daudet — "Sapho" tem tido innumeras interpretes, cada qual dando ao complexo papel um aspecto novo, ora mais espiritual que sensual ou vice-versa. Sarah Bernardt, Rejane, Regina Badet, Cecile Sorel já incarnaram, no palco, toda a vida bohemia. O Cinema já teve tambem as suas "Saphos": Pola Negri, Pauline Frederick, Garbo. . . Agora Leonce Perret apresenta a personagem de Daudet numa nova versão Cinematographica, com os costumes da época e muita fidelidade ao original. Producção da Pathé Nathan.

Mary Marquet, *societaire* da Comédie Française e que já a interpretou no palco é Fanny. Num papel tão cheio de *nuances* como é "Sapho", ella revela-se dizem, promettedora artista de Cinema, embora um tanto indisciplinada. François Rozet faz o apaixonado. Leonce Perret declarou que sentiu-se seduzido pela refilmagem de "Sapho" porque, apesar da viravolta de idéas e costumes destes ultimos annos, o drama de Daudet tem conservado intacto o seu brilho, prestigio e é ainda o mais bello e o mais humano dos romances de amor.

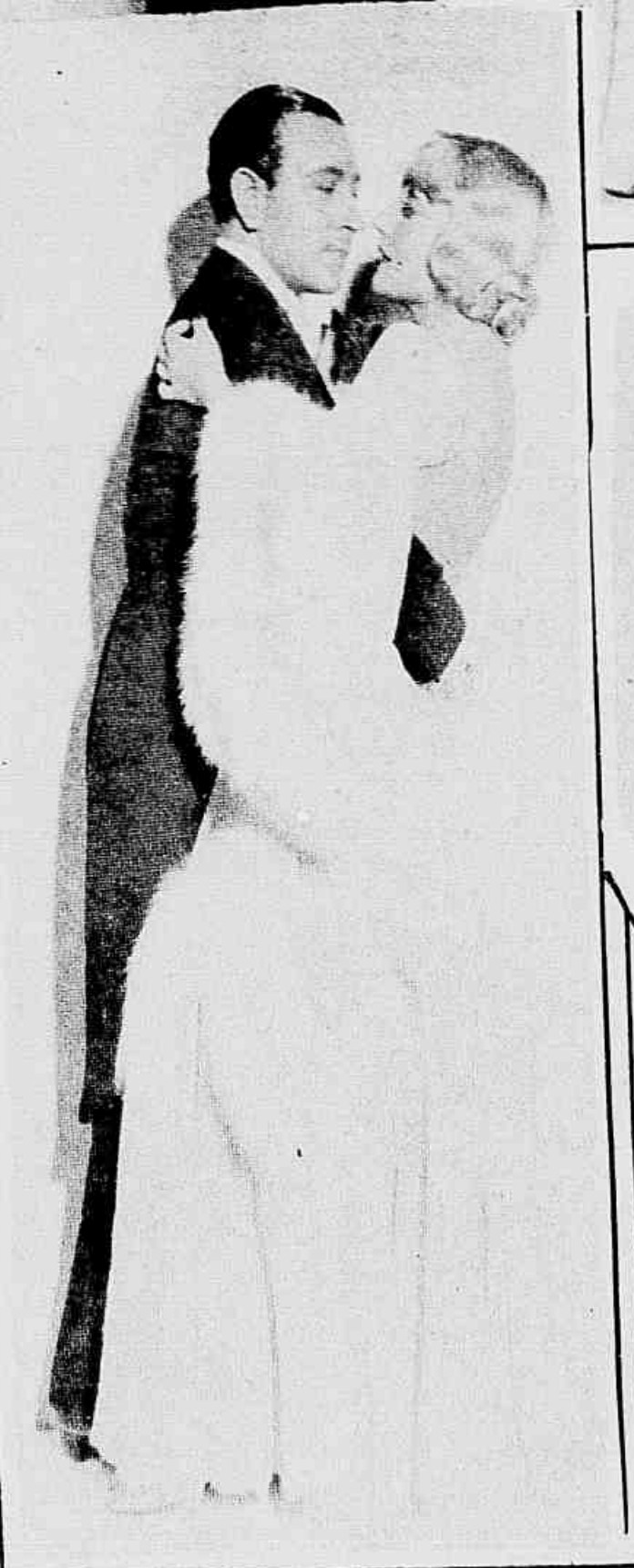
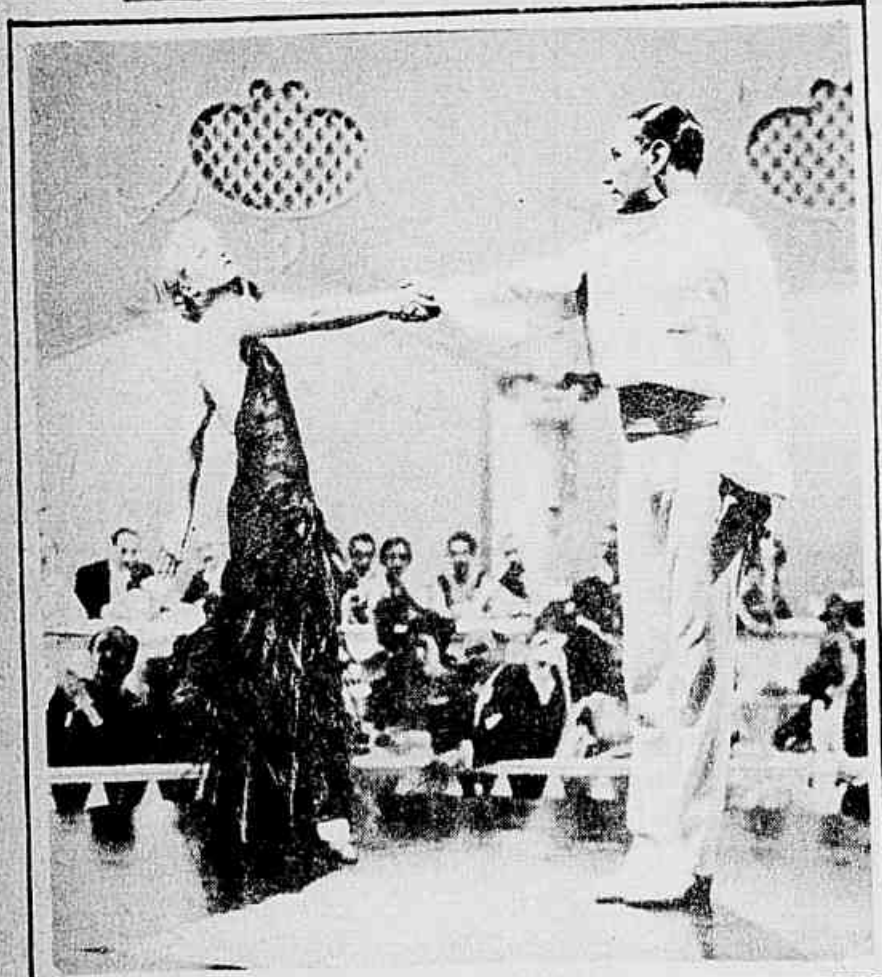
Na verdade, ha um exquisito e immorredouro encanto na historia amarga do amor!

(*Termina no fim do numero*).

Paulette Dubost estrella do Film da Ufa, "Georges et Georgette".

Brigitte Helm e Pierre Blanchar (Viram "Os heroes, sem patria?") numa scena de "L'Or".

Marie Bell e Pierre Richard Wilm as principaes figuras do Film francez "Le Grand Jeu".

ALGUNS PASSOS DO "RAFTERO"...

CAROLE LOMBARD E GEORGE RAFT EM "BOLERO" DA PARAMOUNT

FREDERIC March prefere ser chamado **um bom rapaz** do que **um grande actor.** Elle não usa, comtudo, de falsa modestia. Sabe que tem valor e lutará para o provar.

Ha muita gente que dirá a você, que Frederic March tem affinidade com o seu Marcus Superbus — é temperamental, orgulhoso e altivo. Creio não ser preciso dizer, que estas creaturas são os pseudo-sabichões de Hollywood, aquelles cuja falta de habilidade impede que analysem o que ha sob a superficie.

Em primeiro, consideremos estas accusações sobre o **Dr. Jeckyl** e **Mr. Hyde.** Existem duas especies de temperamentos. Uma é a affectação da mediocridade, numa tentativa vã para parecer um talento. A outra especie é a que possue Frederic March — o honesto orgulho de um artista, pelo seu valor e seu trabalho.

Que Frederic seja presumpçoso, é uma accusação longe da verdade, pois elle proprio diz:

— "Não posso conceber como uma pessôa no seu juizo perfeito torne-se egoista, nesta carreira. Nenhum actor póde descansar sobre os louros adquiridos. Elle só vale conforme o seu ultimo papel e as opportunidades não são assim tão bôas".

Frederic March, comtudo, não é modesto. Reconhece bem as suas capacidades e lutará pelo direito de provar o que vale. A modestia, afinal, é sómente uma forma de deshonestidade para comsigo mesmo.

Mas Frederic é humilde, particularmente na presença de actores mais velhos e experientes. E' uma nobre humildade, nascida da comprehensão de que ainda ha muito para aprender.

O rei dos actores (como elle foi denominado por um esperto agente de publicidade) é um homem cheio de impulsos e caprichos. Não ha quantidade alguma de fortuna e successo que o faça perder a sua alegria de viver.

Elle possue um excepcional senso de humor o qual vem em seu auxilio, promptamente, logo que Fred começa a levar a vida e a si mesmo muito á serio.

Desde que ganhou o premio da Academia pelo seu notavel **Medico e Monstro,** elle tem cultivado e augmentado a sua dignidade e **sophistication.** E tornou-se tambem um pouco esquivo ás entrevistas...

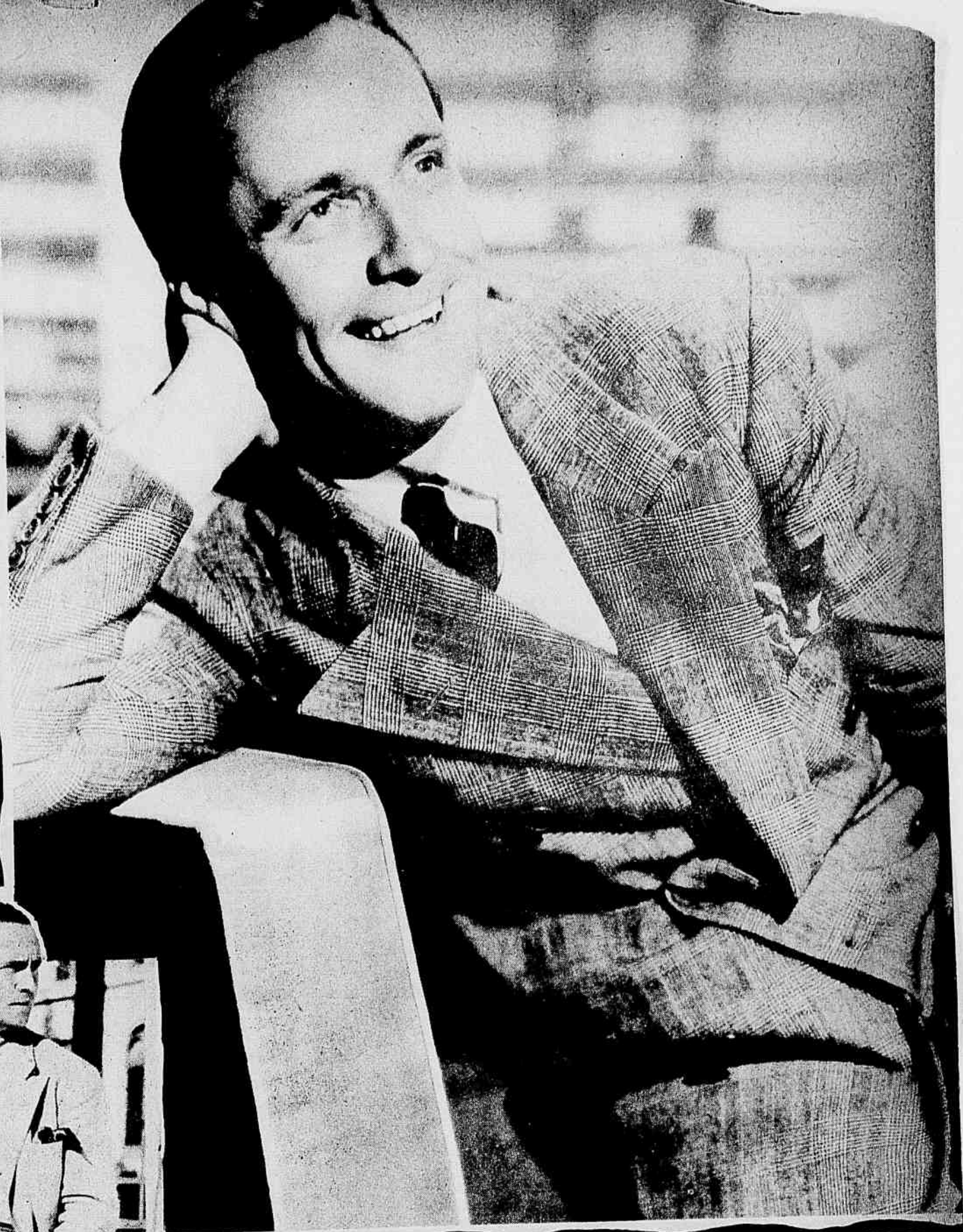
Nasceu em Racine, Wisconsin, e entrou para a Universidade do Estado com a turma de 1920. Foi applicado em **foot-ball,** box e remo. Depois de sua graduação, obteve emprego num banco em New York. Um dia, emquanto trabalhava, foi acomettido de uma crise de appendicite e durante o periodo de convalescença decidiu tornar-se um actor.

Seu primeiro papel importante no palco foi-lhe dado por David Belasco, em **Deburau.** Em 1926, quando veiu ao Elicth's Cardens, em Denver, para trabalhar na temporada de verão, travou conhecimento com a sua **leading-lady** Florence Eldridge e apaixonou-se por ella. Casaram-se, sim...

Em 1928 um contracto theatral trouxe-o para a Broadway, apparecendo na peça **The Royal Family.** E foi tal o seu successo que os productores de Hollywood reclamaram os seus serviços. Fez a versão da peça (não veiu ao Brasil) e outros mediocres Films em New York. Apesar de certos deslises na sua carreira em Hollywood, Frederic tem progredido, rapidamente, e hoje figura entre os 4 ou 5 actores mais importantes do Cinema.

Seu successo póde, em parte, ser attribuido ao cunho de suavidade e accentuação que elle dá a sua arte. E tambem a seu divertido e variado conhecimento da vida.

Elle crê que o amor é o factor mais importante na vida de uma pessôa.

— "Na verdade", diz elle "é quasi indispensavel para o trabalho e a tranquillidade do espirito!"

BOM

Elle acha que uma subtil fusão de **sex** e intelligencia caracterisa a mulher ideal e que a mais nobre qualidade em um homem é a honestidade.

Usa sempre camisas brancas e geralmente de góla aberta. Quando está em New York é infallivel nas exposições de arte e frequentador assiduo de um certo restaurant na Rua 45.

O orgulho do casal March é a filha adoptiva Penny e este orgulho é digno de ser admirado, pois é algo muito natural e edificante. Ellas são um dos casaes do Cinema que nunca sacrificaram as decentes e normaes emoções de sua vida privada, por artificios e espalhafatos.

Frederic é uma das poucas pessôas que sabem relatar uma anecdota e não sómente manter a sua original graça, como tambem lhe adicionar um espirito novo. A maior emoção de sua carreira sentiu-a quando John Barrymore foi áos bastidores, felicital-o pela sua **performance** em **The Royal Family** (uma satyra aos Barrymores e Frederic caricaturava John).

E' membro dos **trezentos de Gedeão,** de Hollywood, e autoridade importante na Academia Cinematographica de Artes e Sciencias.

Quando se aposentar, será para viver numa pittoresca herdade em Connecticut. Seu papel favorito é o de **Paul** em **O Melhor da Vida** e aliás é um papel que tem muito da sua propria personalidade. Assim como o seu **Tom** em **"Socios no amor".**

Seu poema favorito é um da autoria de sua mãe. Uma das suas mais queridas memorias de theatro é Maude Adams em **Peter Pan.** Emil Ludwing, Fred confessa, está além delle.

Já leu a novella **South Wind** (Vento Sul) diversas vezes. Nunca esquece as pessôas que conheceu nos dias passados e segue os seus respectivos progressos pela vida, com um genuino interesse.

Gesticula dramaticamente quando fala. Acha que um artista deveria representar papeis em contraste com as suas legitimas personalidades. Pensa como Shakespeare, que **ha uma força superior que dirige os nossos destinos para um fim determinado.**

(Continúa no fim do num.)

Berta Singerman

(De Gilberto Souto, representante de CINEARTE em Hollywood).

HOLLYWOOD acaba de conquistar para o céu do seu Cinema a mais uma estrella de brilho excepcional. Berta Singerman assignou contracto para fazer Films em hespanhol para a Fox. Quando já estava disposta a partir para o Rio — terra que ella ama tanto; passaportes firmados, passagens compradas, malas feitas e despedidas iniciadas, Berta foi obrigada a permanecer na terra das estrellas.

Essa artista tão grande, adorada e mimada por milhões de **fans,** espalhados pelo mundo inteiro, vae dedicar-se ao Cinema, pelo menos por enquanto. Não abandonará, porém, a sua Arte — o vehiculo maravilhoso de que ella se serve para derramar felicidade e belleza sobre o seu publico.

O Cinema não monopolizará a sua vida — entre cada Film, ella terá um intervallo de quatro mezes, tempo esse que usará para correr as terras que lhe querem bem e que estão sempre promptas a recebel-a com enthusiasmo e verdadeiro delirio.

Encontrei-me com Berta Singerman, pela primeira vez aqui em Los Angeles, poucas semanas depois della haver chegado do Mexico, onde estivera em **tournée** gloriosa. Berta offerecia um chá á imprensa local e aos representantes de revistas e jornaes estrangeiros.

Apezar de tel-a visto tantas vezes — em todas as suas **tournées,** no Lyrico não cabia mais ninguem; — quando o publico, egoista e insaciavel, pedia mais — applaudindo-a, cobrindo-a de successo — nunca tivera a aventura de apertar-lhe as mãos ou de falar-lhe. E — quiz o destino que o nosso encontro se viesse a realizar aqui em Los Angeles!

Havia um mundo de gente, jornalistas e pessoas da alta sociedade de Los Angeles — mas, quando Berta soube que eu era do Rio de Janeiro, deixou a todos e ficou a conversar commigo. Recordando com lagrimas nos olhos o Lyrico desapparecido... Relembrando as nossas bellezas, a bondade, o carinho, o amor immenso que ella sabe os cariocas, principalmente, dedicam a ella.

"Meu Rio..." é como Berta Singerman se refere á nossa capital — e não é por que falava a um carioca. Sempre e sempre Berta Singerman tem palavras de elogio desmedido pelo Brasil — que está dentro do seu coração.

Dias mais tarde, Berta Singerman deu um espectaculo no Philarmonic Auditorium de Los Angeles. Na platéa não se viam, apenas — mexicanos ou hespanhóes. Innumeras familias americanas tinham comparecido, curiosos de conhecer aquella nova forma de Arte que se annunciava. Não entendiam palavra de hespanhol — mas ninguem poderia deixar de sentir qualquer coisa de maravilhoso, de Divino na expressão artistica de Berta Singerman.

Como diz Valle Inclán — "Berta Singerman, tiene la rara masetria que armoniza la vos, el ademán y el gesto, en una sola emoción".

Mesmo os americanos souberam sentir a Arte de Berta e foram prodigos em applausos. Poucas semanas depois de haver chegado a Los Angeles, e Berta Singerman já é uma personalidade da cidade. Levada pelas melhores familias a festas e mimada, querida, senhora...

Não ha quem lhe possa deixar de querer bem. Ha nos seus modos, nos seus gestos, na sua vóz, no seu sorriso qualquer coisa de feiticeiro que seduz, que domina e prende!

E nos seus programmas, Berta Singerman nunca se esquece de incluir um poema de gente nossa. Num festival em beneficio de uma Clinica Mexicana — Berta tomou parte e entre alguns numeros, ella incluiu **Canta Coração,** de Laura Margarida Queiroz, cujo nome foi annunciado pela artista e cuja Arte deu um colorido maravilhoso aos versos lindos de Margarida Queiroz!

Agora estava eu no seu apartamento. Malas por todos os cantos, pacotes e volumes. A verdade das palavras que o sr. Stolek, marido da grande estrella, me dizia: "Vê estas malas? Tudo prompto para seguir. Deveriamos ás cinco horas de hoje, deixar Los Angeles para o Rio de Janeiro. Tudo preparado. Os proprios jornaes do Rio já noticiaram a nossa partida e, á ultima hora, a Fox prende Berta a um contracto. Tivemos que cancellar passagens, perder as visas dos passaportes, desarrumar as malas... e ficar no Cinema!"

Berta Singerman no Cinema! a Fox contractou-a para fazer Films em hespanhol.

Berta demorava-se. Era hospede de honra de um Circulo Poetico e Literario de Los Angeles, mas dentro de pouco deveria voltar e dar-me a entrevista solicitada e que, eu sei, os leitores de CINEARTE desejariam ler.

Chega a estrella. "Como vae?", diz-me ella em brasileiro, bem nosso — bem carioca, até com um sotaque da gente.

"Perdoe-me se o fiz esperar. Desculpe-me..." Imaginem! Vocês se a viram no palco do Lyrico, se sentiram a sua Arte prodigiosa, se beberam suas palavras magicas... poderiam sentir maior prazer do que ouvir de seus labios essas palavras?

Imaginem Berta Singerman pedindo-me desculpas...! Sentamo-nos.

"O meu contracto pede de mim um Film, que será iniciado dentro de um mez, creio eu", diz-me Berta. "Ficarei aqui apenas quatro mezes. Dentro desse tempo, teremos que fazer um Film. Depois farei mais tres Films, mas sempre entre um e outro, terei ferias de quatro mezes, que aproveitarei para viajar e correr cidades, declamando. O Cinema não monopolizará completamente a minha vida artistica. Não posso abandonar o publico que me quer bem.

"Sim, continua ella, sempre pensei em Cinema. Não que isso tivesse sido uma idéa fixa, mas gostaria de tentar o Cinema. Agora não sei se aprovarei. Fiz varios **tests** e os directores da Fox gostaram, tanto assim que me contractaram. Póde ser que eu me saia muito bem, póde ser que não — tudo é muito complexo no Cinema. Procuramos agora uma historia. Eu tenho direito a dar opinião sobre a qualidade de material a ser escolhido. A Fox tem sido gentil para commigo e estou contente com o meu contracto.

Depois de haver terminado o meu primeiro Film, correrei o Brasil, Argentina e provavelmente, Hespanha. Procurarei então historias que sirvam para mim. Quem sabe se não será uma peça brasileira, ou argentina, ou hespanhola? Não se sabe, nem se póde dizer nada ao certo."

"Sim, sempre gostei do Cinema. Assisto muito Films e os meus favoritos são entre os homens Paul Muni e Edward Robinson. Gosto, porém, das estrellas e acho que o Cinema possue maiores artistas mulheres do que homens. Helen Hayes é para mim soberba. Mas — quem mais me impressionou, realmente, foi uma estrella allemã — Elizabeth Bergner, que interpretou **Catharina, a Grande,** Film inglez. Ella possue a voz mais extraordinaria que já ouvi. E' uma artistas notavel, a maior dentre todas.

Dizem que ella é um pouco theatral — mas o que é o Cinema, agora, na sua forma de **talkies** nada mais do que theatro? Não resta duvida que procura aproximar-se da forma silenciosa — mas ainda é mais theatro do que Cinema puro.

Cinema puro não é possivel fazer-se. O publico ainda não está apto a recebel-o. Quando ella me falava de seus artistas favoritos — fez um parenthesis.

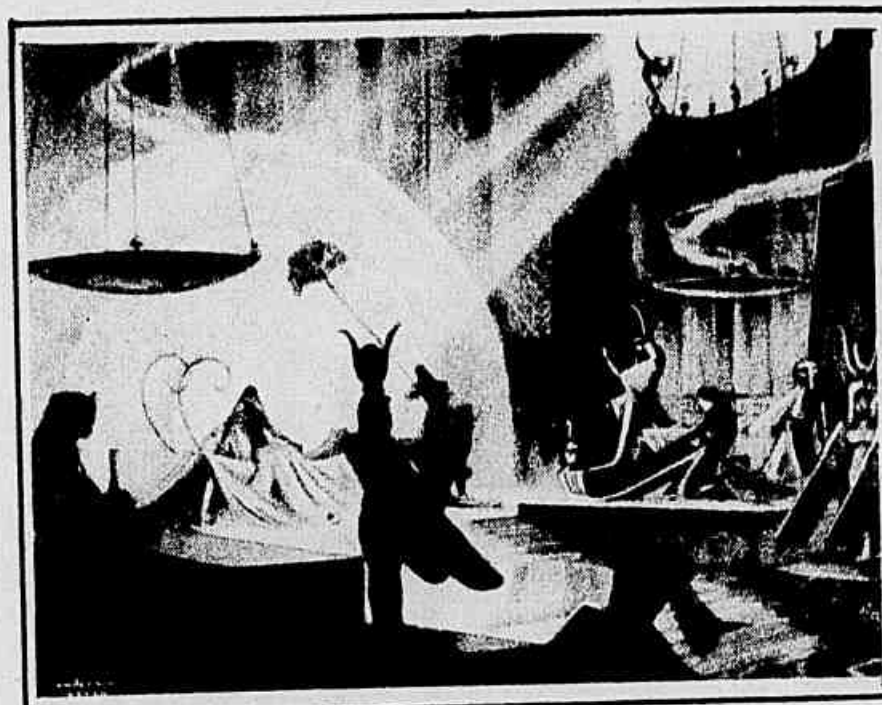
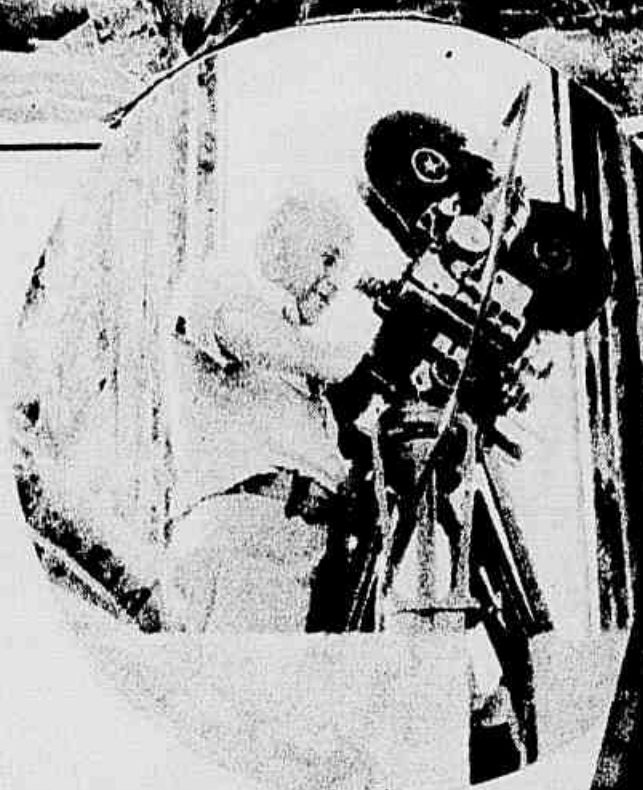
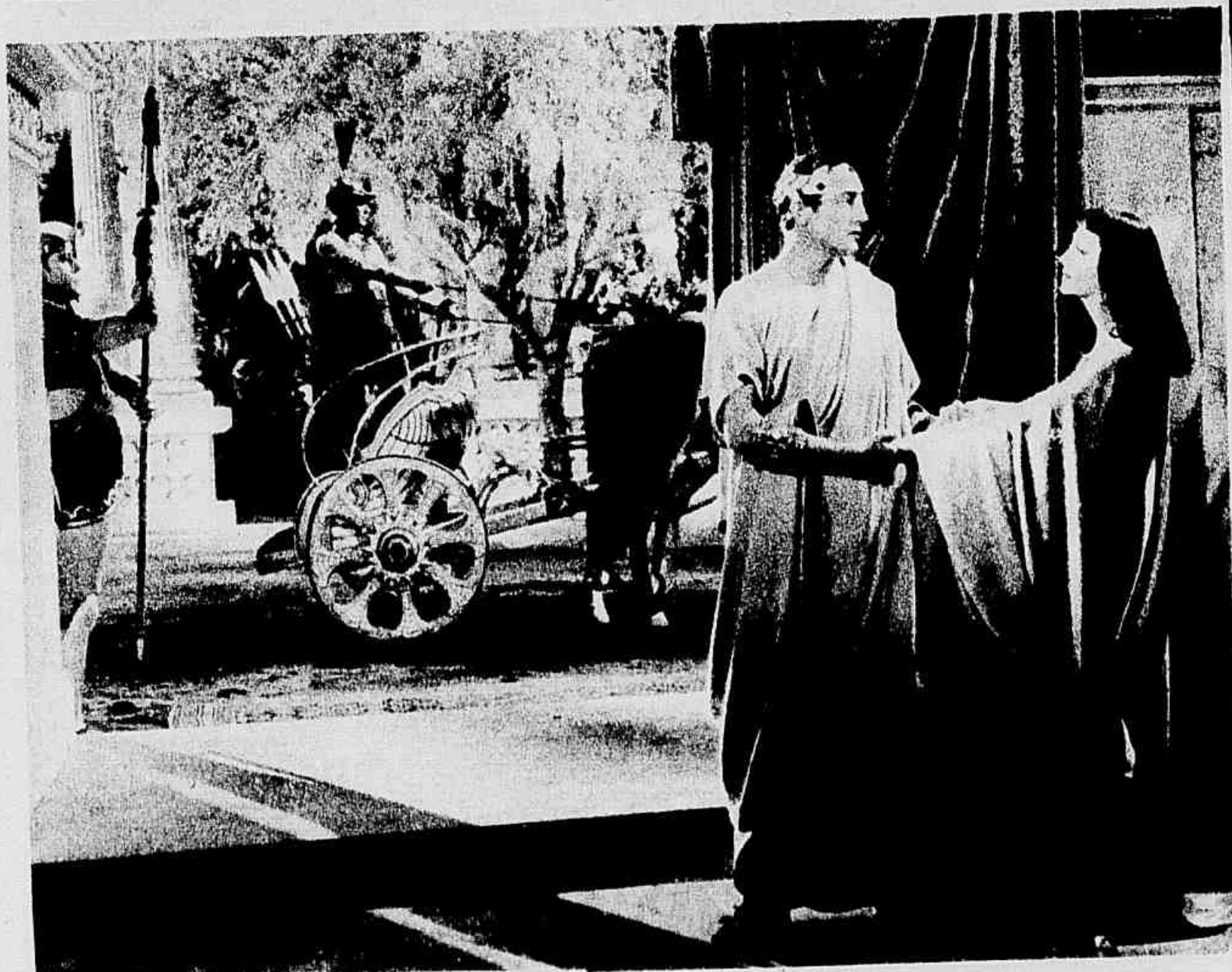
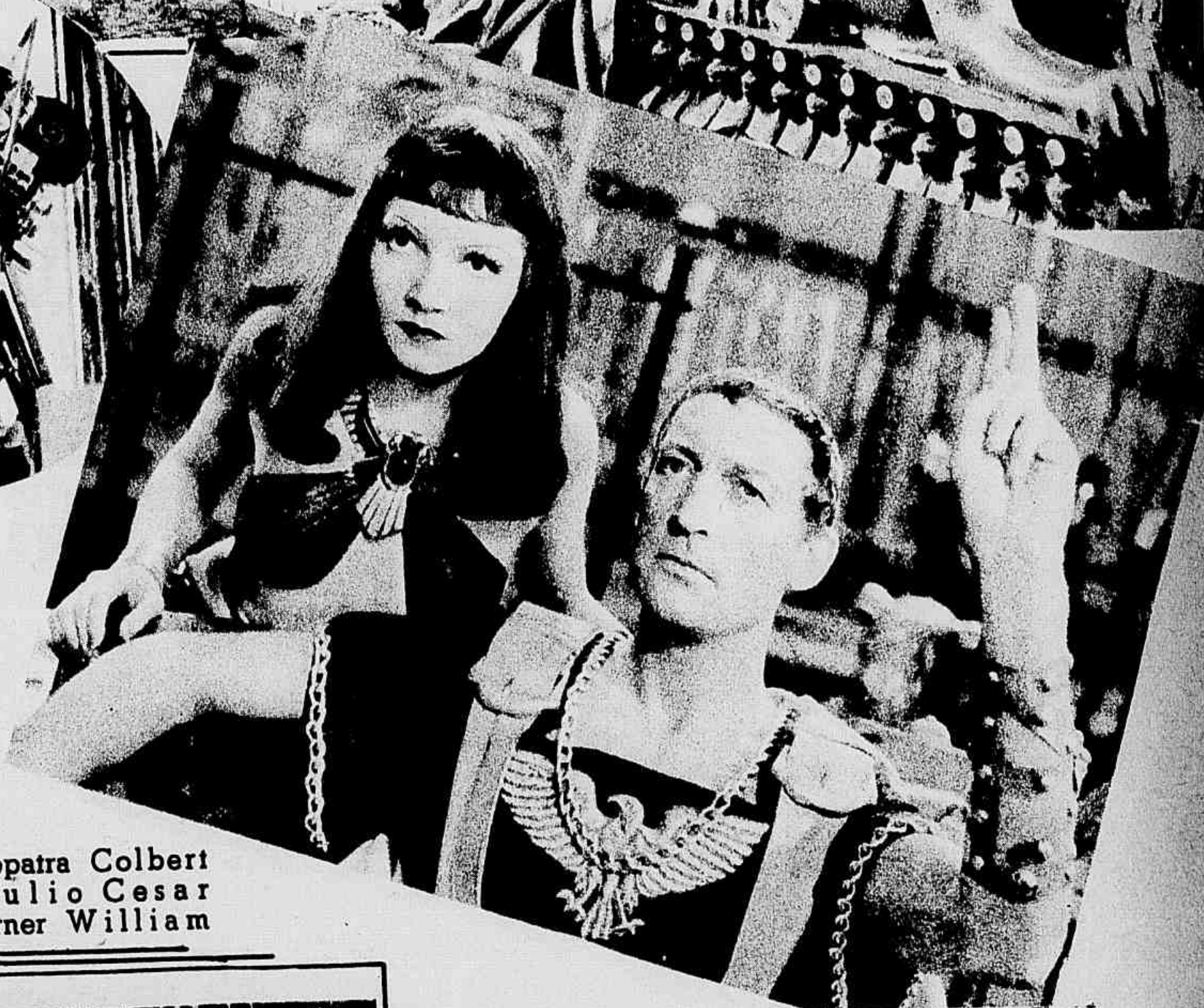
"Chaplin é um caso tão excepcional, tão fóra de uma lista que não quero incluil-o entre outros. **Elle é elle sómente. Não ha nem haverá outro.** Garbo? — mas naturalmente. Gosto della e até é vulgaridade dizer-se que se gosta dessa estrella. Naturalmente que todos gostam."

Acho que Charles Laughton é interessante, mas muito estudado. Elle usa muito o cerebro em suas composições. Seus typos e suas personagens são producto de estudos.

"Sim tenho encontrado com muitos artistas famosos. Não me causaram decepção, pelo contrario tive até uma alegria immensa em conhecer, principalmente, a Ruth Chatterton. Grace Moore deu-me uma festa a que compareceram Chevalier, sempre adoravel, Menjou, que fala um hespanhol delicioso e que é um homem encantador; Kay Francis, elegante e bonita.

(Termina no fim do numero).

Miriam, a filhinha de Berta visita o studio de Hal Roach e é levada por Charley Chase para ver os "Peraltas".

"Cleopatra" de Cecil B. De Mille...

Cleopatra Colbert e Julio Cesar Warner William

Alguns figurinos de Cleopatra...

Trabalhei com Greta Garbo!

VOU pegar num sapato de Greta Garbo e mostrar-lhes o numero que ella calça! Nunca ninguem fez isso! — começa Barbara Barondess.

Melhor ainda! Vou arrancar alguns véus do mysterio que envolve a alma da grande Garbo. Depois de me lerem, passem adeante, sem receio, porque tudo o que lhes vou contar é a pura expressão da verdade. Vi e ouvi.

O meu primeiro contacto com a Garbo não passou duma tentativa frustrada. Se, naquella occasião, houvesse conseguido falar com a grande actriz, é muito provavel que, a estas horas, ainda permanecesse em New York como mulher "reporter", em vez de ser o que os criticos chamam "uma joven actriz de futuro".

Foi em 1931. A Garbo esteve em New York, mas os melhores "reporters" e photographos da cidade, apesar de todos os esforços, não lograram approximar-se della. Treparam nas janellas, puzeram barbas postiças, disfarçaram-se de creados de estucadores, de medidores de gaz. Nada. A Garbo tinha resolvido muito simplesmente não conceder nenhuma entrevista.

Eu fazia parte do batalhão. Ainda me cantam aos ouvidos as palavras do redactor-chefe:

— Se v. me conseguir umas dez palavras da Garbo e uma photographia em que appareça ao lado della, ganha mil "dollars"! Não olhe a despezas!

Não olhei a despezas. Comprei vestidos e installei-me no St. Moritz Hotel, onde a actriz occupava aposentos inaccessiveis. Em tres dias gastei 350 "dollars".

Subornei uma creada e tive occasião de me approximar duas vezes do appartamento da "estrella", mas dahi não passei. Não cheguei a vel-a e ainda soffri o vexame de ser expulsa do pavimento por intrusa. Quando me apresentei deante do redac tor-chefe, com a conta, mas sem noticia e sem photographia, o homemzinho foi ás do cabo.

Succedeu mais ou menos a mesma coisa a conhecido jornalista, que se julgava rei e senhor absoluto da Broadway. Por um lado, teve mais sorte do que eu, porque conseguiu ver a Garbo, ao sahir a actriz do hotel por uma porta secreta da copa, mas nisso se resumiu todo o seu exito. Em vez, porém, de confessar a derrota, como eu, o typo voltou ao jornal e escreveu uma chronica sobre os pés da "Great Lady" do Cinema...

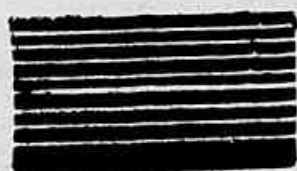
Mas, continuando a minha historia, o meu primeiro amor foi o theatro e cinco annos de palco, incluindo anno e meio no papel de ingenua de "Topaze", não são cinco dias. O meu nome ficou assente nos livros dos homens encarregados de escolher elencos e quando eu julgava que ia ser a primeira mulher chefe dum jornal recebi uma offerta da M. G. M. para trabalhar em "Rasputin e a Imperatriz".

As minhas aventuras em Hollywood davam assumpto para um excellente artigo, mas só quero escrever sobre a Garbo e é a ella que vou voltar.

Viram "Rainha Christina", o primeiro Film da artista, depois do seu regresso da Europa? Na minha opinião, é uma das mais bellas obras que o Cinema tem produzido.

Sinto-me muito honrada em dizer que represento com a Garbo nessa pellicula, fazendo o papel de Elsa, creada dum hotel. A actriz apparece vestida de homem e percorre o paiz incognita, para saber como vae vivendo o povo. Entra num hotel acompanhada doutro homem, mas este é um homem de verdade, é John Gilbert.

Na historia, apaixono-me pela Garbo, suppondo estar em presença dum rapaz, e quando "elle" se deixa cahir numa cadeira, corro a tirar-lhe as botas. Ajoelho-me e a scena é rapidissima, mas tivemos que ensaial-a o dia inteiro. Repetimos a mesma coisa durante horas, pois se ha director exigente que goste de ver as coisas bem feitas esse director é Rouben Mamoulian.

Já trabalhara com nomes celebres do Cinema, menos com a Garbo, e confesso que me sentia presa de grande nervosismo. Tinha ouvido dizer tanta coisa a respeito da artista...

A Garbo, porém, não me olhava com nenhuma arrogancia; puz-me a pensar nos crimes que, noutros tempos, seria capaz de commetter para me ver cinco segundos ao lado della...

E assim quando Bill Daniels, photographo exclusivo da actriz, começou a preparar um novo effeito de luz, levantei a cabeça e disse:

— Que botas difficeis de descalçar, Miss Garbo!

Posso jurar-lhes que senti um frio no coração, que me chamei a mim propria de todos os nomes, por não ter sabido calar a bocca. Quantas historias a esse respeito não se contam! Ouvindo o "palpite", a "estrella", olhos fulgurantes, a expressão terrivel, manda sahir immediatamente do "set" a imprudente actrizinha, gritando que não quer tornar-lhe a ver a carantonha idiota!

Mas não houve nada disso.

A grande Garbo mostrou-se tão humana e affavel commigo como qualquer das extras, que, naquelle momento, se achavam no **lunch room.** Sorriu (que sorriso!) e disse:

— Por que, Barbara? Não é tanto assim...

Estou convencida de que me chamou pelo primeiro nome para me pôr á vontade, ao perceber a estranha perturbação que de mim se apossara.

Tornei a falar:

— Agora reparo, Miss Garbo... A senhora não tem o pé tão grande como o seu publico...

A artista deu uma gargalhada.

— E' verdade!

E, depois, com excellente bom humor:

— Ha tres dias, entrei numa sapataria do Hollywood Boulevard, para comprar calçado. Attendeu-me o proprio gerente. Era sapatos de sport que eu queria? Muito bem! A casa dispunha de magnifico sortimento! O homemzinho mostrou-me logo uns doze pares de differentes feitios, mas eram todos o que se chama verdadeiras "lanchas". Trinta e oito, trinta e nove e até quarenta! Enormes. Experimentei um e o pé ficou a dansar. O gerente olhou para mim, espantado e disse: "Desculpe! Pensei que a senhora fosse Greta Garbo!"

Respondam-me agora: que melhor prova de simplicidade poderia dar a maior figura do Cinema americano, o que é o mesmo que dizer mundial, ao contar esta historia a uma joven e modesta actriz, que começou "hontem"? Que melhor prova de bondade? Tirem as suas conclusões a respeito do verdadeiro feitio de Greta Garbo!

Mas, voltando ao tamanho do pé. Como verão no Film, tive a opportunidade de examinar á vontade o calçado da Garbo. Fiquei sabendo o numero que ella usa: trinta e seis e meio!

Não é evidentemente a medida da Gata Borralheira, mas tambem não chega ás dimensões, que muita gente imagina, com relação ao pé da actriz.

(Termina no fim do numero)

Barbara Barondess, numa scena de "Rainha Christina" com Garbo.

Barbara é nossa conhecida. Lembram-se daquella communista de "Para amar e ser amada"?

Norma Shearer

Assim, todos os vestidos são bonitos...

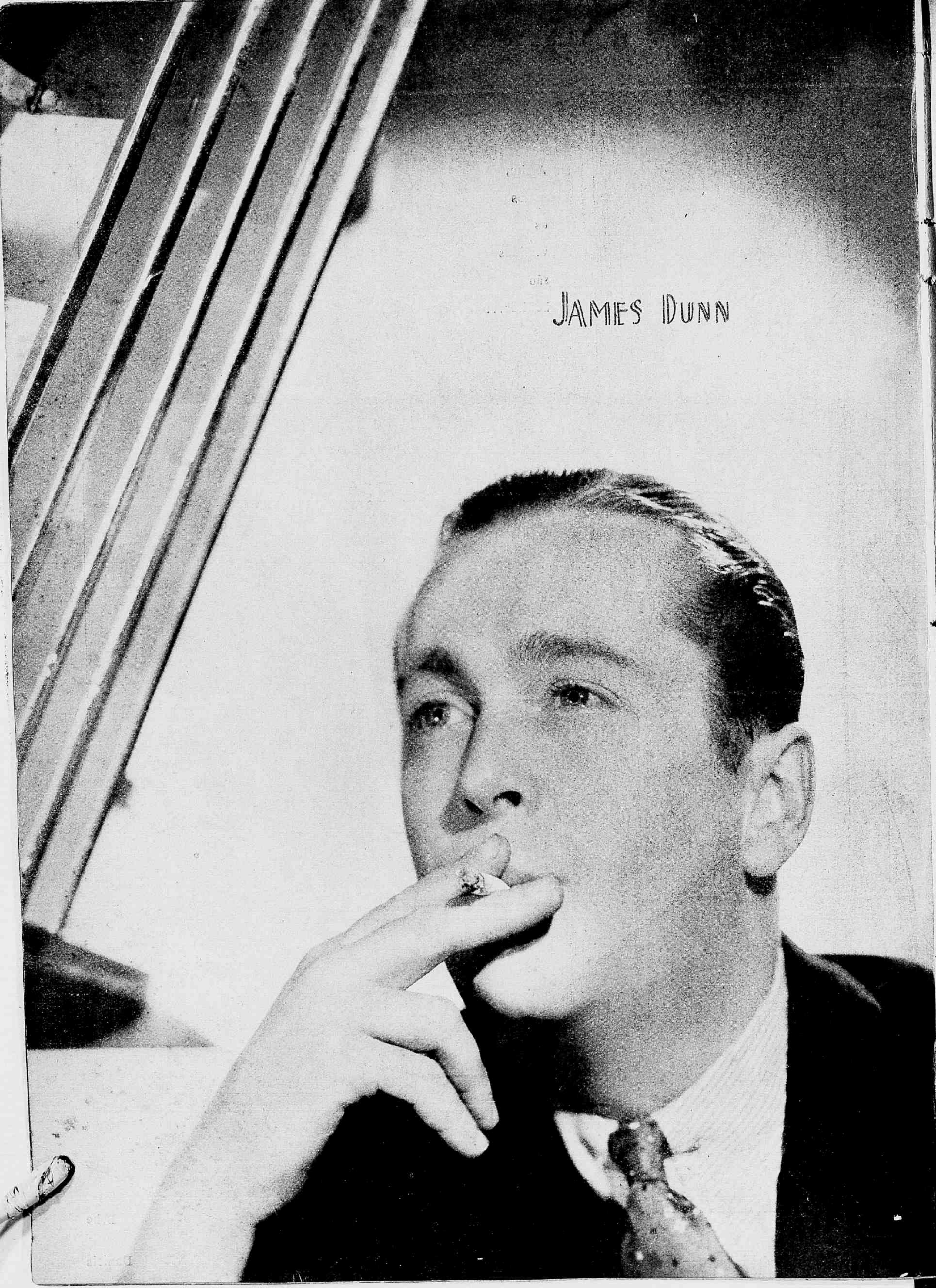
Margaret Sullavan

Sylvia Sidney

Evelyn Venable

Bebe Daniels

JAMES DUNN

O Estranho caso de "Wonder Bar"

NUM sumptuoso "set" monta-se uma scena que deliciou Broadway ha alguns annos atraz. No Studio, ante as cameras, esta scena é reproduzida multiplicando tres vezes o seu original esplendor. Um enorme salão, o centro do qual é uma pista luminosa para dansa, semelhante a um espelho. Rodeiam-na centenas de mesas profusamente illuminadas. Uma magnifica orchestra acompanha Al Jolson, apresentando suas canções em frente á figura maravilhosamente vestida de Dolores Del Rio

Tudo em volta completa a visão de belleza: mulheres lindissimas, mocidade, prazer. Ouve-se o "frou-frou" das sedas, o ruido dos crystaes, os sorrisos... Junto á camera o director Lloyd Bacon está espichado na sua cadeira, o chapéo cahido sobre os olhos. De frente para elle, costas voltadas para o famoso "Wonder bar", que se extende ao longo de toda a parede do "cabaret", sentam-se Ricardo Cortez, Kay Francis e Dick Powell. Juntam-se a elles o sorridente Al Jolson e a fascinante Dolores. Os cinco erguem as taças num caloroso brinde:

— Feliz, felicissimo "set"!

"Clik", faz o operador na camera, apanhando o "shot" e a photographia. Mudança radical. Os artistas sentados no bar mudam por completo as suas respectivas poses... e isto não é tudo. Kay sacode as lindas espaduas, olha desdenhosamente á sua volta e vira-se de costas numa magestosa indifferença. O celebre e dental sorriso de Ricardo Cortez estreita-se numa esguia e glacial linha. O jovial Dick Powell sorri, timidamente, para o director. Emquanto isto, Al Jolson mantem-se no centro do frigido grupo e Dolores afasta-se discretamente em silencio.

Aquelle inevitavel e contagioso espirito de cordialidade que se segue a todas as apanhadas de *shots*, no "set" de qualquer outro Film, está a muitas milhas de distancia do "unit" de "Wonder Bar"...

— "Nada mais do que uma grande e feliz familia" suggere um reporter visitante para Lloyd Bacon.

— "Yeah?" retruca este a "Ja" Victor MacLaglen quasi fazendo debandar o representante da imprensa. "Mas nós vamos fazer "disto" um Film de valor".

E, na verdade, havia mais do que um simples gracejo nas suas palavras: havia uma prophecia. A prova está no grande numero de noites que elle prendeu os artistas no "set" e os resultados finaes do Film, ante o publico e a critica.

Lloyd Bacon é dessa especie de directores que enfrentam todas as difficuldades com a maior calma e indifferença. E' um director que não apanhou um mau "shot", uma scena inutil durante a Filmagem de "Wonder Bar" e apesar da atmosphera existente entre todos os elementos do "unit". As brigas entre Busby Berkeley e elle. As ameaças de Al Jolson em deixar o Film, se não fosse cumprida a sua vontade.

As pragas e o temperamento de Kay Francis, exprimindo tambem um real desprezo, por tudo ao seu redor. O sorriso e os sarcasticos gracejos de Ricardo Cortez sobre todas as scenas. As queixas de Dick Powell atormentando todos os dias os irmãos Warner (que aliás é um só) pedindo, implorando para sahir do elenco...

Mas afinal das contas por que toda esta complicação? E por que as risadas e as palavras de Guy Kibbee, Hugh Herbert, Ruth Donnelly, Kathryn Sergava e outros membros do "cast" tomavam ao ouvido de todos, o som de um "Brrr..."?

Simplesmente porque nenhum componente do "lot" quiz trabalhar no Film e quasi todos no elenco foram ahi collocados presos aos contractos e ás respectivas companhias.

Com excepção de Al Jolson e de Dolores Del Rio, que o "cantor do jazz" escolheu pessoalmente para o papel que tem, todos os outros artistas do Film trabalharam contrariados. A queixa geral: pequenos papeis, alguns mesmo "bits" insignificantes. E tambem o conhecido costume que tem Al Jolson de fazer com que a camera occupe-se só com a sua illustre pessoa...

E' difficil, sem duvida, para um artista de palco que já dirigiu o seu proprio espectaculo com carta branca, ser relegado a um plano inferior num Studio, sem a oportunidade e a facilidade de se apoderar das scenas que quizer, como no palco...

Mas num Film, isto não póde ser... Os outros artistas tambem têm que ganhar algo, algum trabalho relativo aos seus valores, especialmente se elles forem, como são em "Wonder Bar", estrellas e *featured-players*.

Usando as palavras de Guy Kibbee póde-se definir um pouco o estado de espirito do "cast":

— "Não é vantagem usar um uniforme da banda, se outro camarada é quem toca todos os instrumentos"...

Outra causa do resentimento geral: os artistas seleccionados sentem que não têm papeis que façam justiça aos seus respectivos valores pessoaes.

Mas nenhum teve a coragem de se portar como Warren William, que logo ao ter a informação de que estava designado para um dos "bits" do discutido "Wonder Bar", franziu simplesmente a testa e foi passar algumas semanas em New York, numa greve pacifica... Os "executives" collocaram Robert Barrat no seu papel.

Não ha nada que Warren apreciasse mais do que interpretar o marido de Kay Francis num Film — mas não em "Wonder Bar!"

Kay Francis tambem foi avisada de seu "casting" no Film e ao mesmo tempo disseram-lhe que um papel realmente encantador estava sendo escripto para ella e Al Jolson estava disposto a augmental-o o mais possivel, no decorrer da historia.

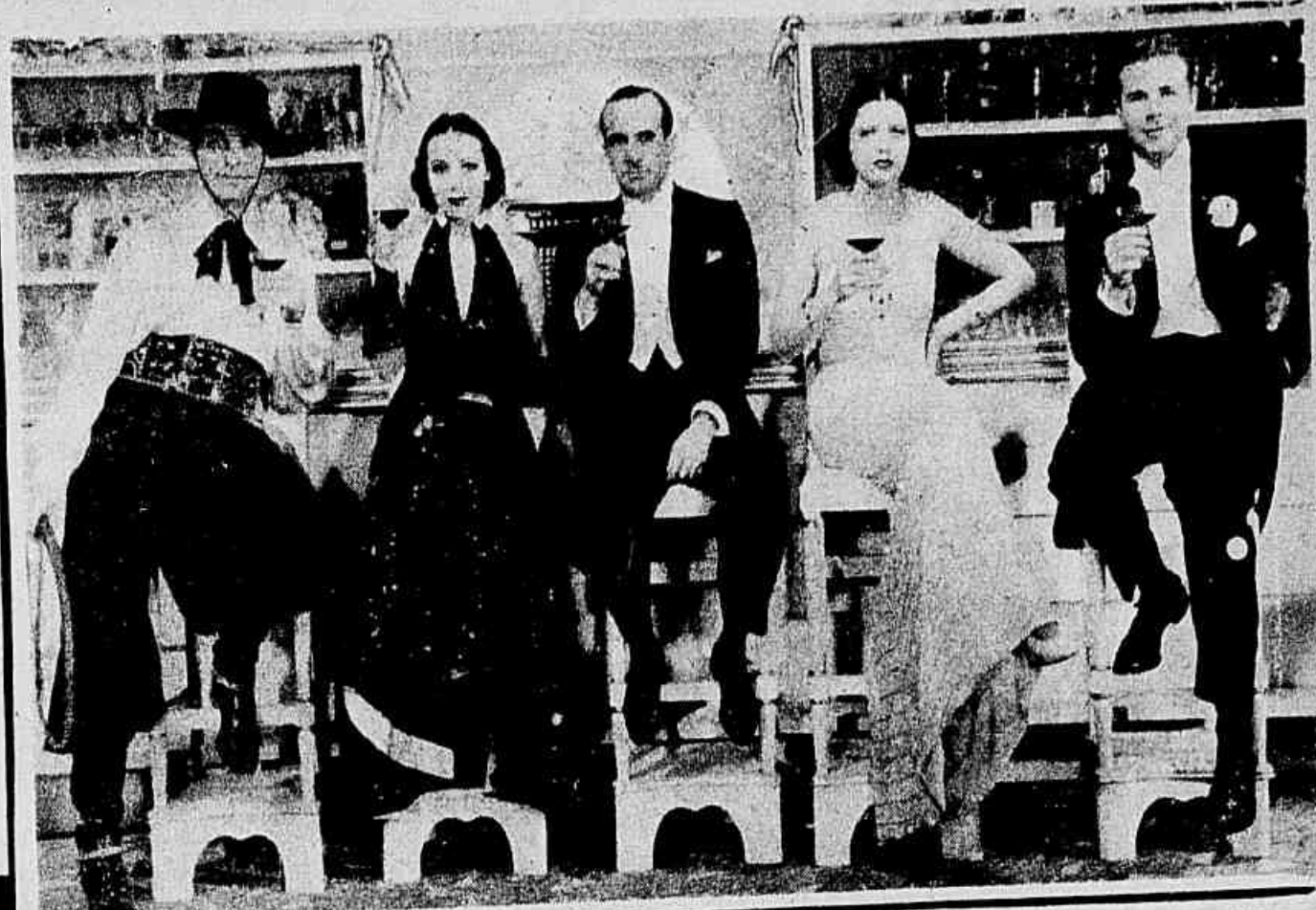
E' preciso avisar: Jolson possue os direitos da peça sobre a qual elle montou uma revista de grande successo em New York e agora a Warner Bros. está Filmando!

— "Não sympathisei nem um pouco com o papel a primeira vez que me foi suggerido "explica Kay. "E depois que me mandaram o scenario, gostei ainda menos. Em primeiro logar não havia no Film, absolutamente, uma parte para mim. Um "bit" foi o que me deram e nada mais... E um "bit" que qualquer uma extra do Studio poderia fazer tão bem quanto eu...

Eu disse-lhes, naturalmente, que não poderia aceital-o. Elles pareceram concordar a principio e Genevève Tobin foi designada para minha parte. Mas eis que termino o meu papel em "Mandalay" e os "executives" voltam a insistir para que eu figurasse em "Wonder Bar". Afinal de contas eu tive de represental-o e o peor é que nem o modificaram como tinham promettido...

Artista algum, gostaria de interpretar um papel insignificante, especialmente se o mesmo não está marcado no scenario e póde ser contado inteiramente fóra, sem prejudicar o Film... E assim é o meu papel!

Mas não é sómente por ter um papel pequeno que eu me queixo. Se "Wonder Bar" fosse feito com um "all-star-cast" deste Ctudio, eu não objectaria, absolutamente, em fazer este ou aquelle "bit". O caso seria differente, eu sentiria que era uma questão de dar e tomar entre "players" do mesmo Studio, para beneficio da casa.

Se me tivessem pedido para fazer um pequeno papel ao lado de Cagney, William, Robinson ou figurar num elenco onde a estrella fosse Stanwyck, a Blondell ou outra qualquer artista do mesmo Studio — eu acharia graça e acceitaria contente.

Ricardo Cortez, Dolores, Al. Jolson, Kay e Dick Powell numa scena de Wonder Bar, da Warner.

Mas "Wonder Bar" é differente. Não sómente fui eu collocada em um Film em que não queria apparecer, como tambem fui collocada num Film cuja principal figura masculina não é reconhecida como artista Cinematographico e a pequena com o unico papel feminino que póde ser chamado papel, é emprestada por um Studio rival. Nesta minha queixa nada ha de pessoal, absolutamente. Dolores Del Rio é uma boa amiga minha e estou contente por vel-a obter um bom papel. Mas o que não me dexa contente é que ella não está sob contracto com a Warner e eu não me vejo na obrigação de ajudar o Film figurando num fraquissimo "bit". (Ora essa, Dona "bowa" Kay, com ciumes? E o que dirá agora que a esplendida Dolores ficou com o seu papel em "Madame Dubarry?...)

— "Maus papeis continúa Kay" ferem um artista mais do que o publico póde imaginar. As platéas não analysam o papel que as estrellas representam. Ellas levam em conta sómente a sua "performance" neste ou naquelle Film. Nenhuma estrella de Cinema, seja ella quem fôr, póde ter quatro maus papeis successivamente, sem encontrar caminho aberto para o fracasso. E, pessoalmente, creio que já tenho a minha porção delles...

Eu comprehenderia muito bem a minha collocação no Film, se o Studio não fizesse caso dos meus serviços e não tivesse renovado a minha opção. Mas tal não se dá e nestas circumstancia tudo me parece inexplicavel.

Entretanto não é tão inexplicavel assim, como diz Kay Francis. O Studio quiz simplesmente reunir um forte elenco de artistas seus, em volta de Al. Jolson e Del Rio.

Mas considerando tudo em geral não se póde accusar Miss Francis (é Miss, sim, pois divorciou-se ha pouco...) de falta de senso e má collega. E' tudo uma questão, como diremos, profissional.

"Eu não me importo com o que represento" — explica Kay "seja uma vulgar creatura de "caberet" ou a Rainha da Inglaterra. Mas o que quero é que seja um papel, que tenha significado artistico, que seja parte integrante da historia e que eu possa lhe dar vida".

— "*Oh boy!* exclama o franco Dick Powell" Eu julgava que desta vez me fossem dar uma boa opportunidade, pois nada mais tenho feito desde "Cavadoras de Ouro".

Você sabe, eu preciso, realmente, de uma bôa "chance" para provar que posso fazer algo de aproveitavel. Preciso fazer um conceito a meu favor como artista, emquanto os musicaes estão em voga. Perder tempo significa um suicidio para mim e minha carreira.

Quando me falaram sobre "Wonder Bar" eu lhes disse logo que não queria entrar no espectaculo. Então eu não conheço a tactica dos cantores? Eu bem sei que Al Jolson nunca deixaria outro cantor fazer algo em proveito proprio num espectaculo que lhe pertence. Mas o que não sabia era o quanto elle iria se defender... até a occasião em que tomou as boas canções destinadas a mim e deu-me em troca aquellas que não lhe agradavam. Ahi eu vi claramente que "Wonder Bar" só serviria para "eu ir para o céo montado num burro..." (E' a canção que Dick canta no Film).

(*Termina no proximo numero*)

— Durante a Filmagem: Al. Jolson, Dolores, Dick Powell, e o director — Lloyd Bacon. —

"A humanidade marcha"

ROMANCE ANTIGO (Berkeley Square) — Fox — Producção de 1933 — Pathé-Palacio.

Como assumpto é o Film mais interessante desses ultimos tempos.

E' uma applicação da theoria da relatividade, de que até hoje parece nenhum director se aproveitara ainda. O Film é baseado numa peça como quasi todos os de ultimamente. Mas o assumpto foi tratado Cinematographicamente.

Leslie Howard recebe como herança uma antiga vivenda de seus avoengos. Encontra lá magnifico retrato de um seu antepassado pintado por Reynolds. A semelhança entre os seus traços e os do ancestral é flagrante. Além disso encontra o diario do fallecido conde.

Esses dois factos agem poderosamente sobre a mentalidade do rapaz, cujo temperamento é profundamente susceptivel. Romantico, sentimental, elle sente uma attracção irresistivel por esse passado em que elle se veria perfeitamente á vontade, cuja atmosphera é a sua.

E' um "déraciné" do tempo, um exilado numa epoca cujo rythmo exterior não é parallelo ao seu rythmo interior.

Lendo cuidadosamente, lentamente, apaixonadamente, as folhas do velho diario, elle se vê transportado em espirito para o Berkeley Square daquelle tempo encantador. Todos o julgam um louco. Elle explica facilmente como faz suas frequentes incursões ao seculo XVIII. Mostra como um observador collocado numa estrada, a pé, vê separadamente aspectos da mesma e não póde ver, ao mesmo tempo, acontecimentos que se passam no mesmo instante, porém em pontos diversos da via. Si o observador occupar um ponto no espaço, fóra e acima da estrada, elle verá simultaneamente os acontecimentos que se realizarem em todos os pontos visiveis tambem simultaneamente.

Essa concepção é que lhe permitte viver (mentalmente) nos seculos XVIII e XX ao mesmo tempo e ver simultaneamente todos os acontecimentos occorridos entre aquellas duas epocas.

Imaginem como pareceria estranha uma creatura dessas evoluindo entre a sociedade ingleza do seculo XVIII, contemporanea das guerras da independencia.

Com que surpresa ouviriam palavras que não existiam, porque não existiam os objectos ainda!

Imaginem a surpresa do pintor quando encontra um homem que lhe diz o nome que dará ao quadro que ainda vae pintar!

Realizem esse homem encontrando uma creaturinha angelica, delicadissima, como só se encontravam naquelles tempos e amando-a loucamente, mas sabendo que é inevitavel que elle se case com outra!

A direcção do Film é muito boa. Logo no inicio Frank Lloyd dá uma visão admi... de Berkeley Square do seculo X... A realidade material é de uma verosimilhança admiravel. Mas o que é mais admiravel é o rythmo, lento, largo, adagio dos homens do tempo.

O que é admiravel é essa maneira feliz de recrear uma epoca de um ponto de vista interior, em funcção das creaturas, não das coisas, tendo o homem como o eterno centro de interesse...

Graça, ironia, ás vezes uma pontinha de sarcasmo alliados a uma delicadeza sentimental inegualavel, fazem de "Romance Antigo" um exquisito deleite para o coração e para a intelligencia.

Leslie Howard e Heather Angel têm ahi o ponto climatico de sua carreira.

Não façam comparações com "Voltando ao passado" de Lee Tracy.

Cotação: — MUITO BOM.

EU SOU SUZANNE (I am Suzanne) — Fox — Producção de 1934 — (Alhambra).

E' o melhor trabalho de Lilian Harvey que sahiu de Hollywood. A historia é superior. Está contada com delicadeza e, não obstante os longos dialogos, com senso Cinematographico. O seu romance é lindo, tem o lyrismo dos romances de Henry King.

Em poucas palavras resume-se o assumpto — uma bailarina famosa sequestrada pelo empresario explorador e amada por um marionnettista soffre um accidente, é abandonada pelo empresario e só encontra refugio entre os marionnettistas, ao lado do seu namorado, cujo maior desejo — fazer uma marionnette de sua figura — é realizado.

Gene Raymond e Lilian vivem o romance, sob a direcção efficiente de Rowland V. Lee — que tambem é o autor da historia — com toda a graça e a delicadeza de esplendidos materiaes Cinematographicos que são.

A direcção é excellente e o Film está photographado com muita belleza. Não tem uma scena desinteressante, não tem um trecho dissonante.

E o mais interessante é que a resistencia ao romance de Lilian e Gene é dada pela paixão que este alimenta pelas suas marionnettes. Lilian tem ciumes das marionnettes.

As marionnettes são as famosas marionnettes de Podreca. Quasi roubam o Film. Rowland V. Lee conseguiu o milagre de tomar photogenico um espectaculo de marionnettes...

O sonho de Lilian, com o tribunal de bonecas é formidavel, é uma obra-prima de fantasia. As scenas da enfermidade de Lilian são delicadissimas. E o bom humor resalta em todas as sequencias.

Lilian Harvey é talvez a unica "estrella" da téla que póde representar, dansar e cantar com a mesma efficiencia. As suas dansas acrobaticas são esplendidas.

Gene Raymond é uma authentica figura de namorado de romance. Leslie Banks é o empresario explorador, que elle vive com cynismo revoltante.

E' um Film de valor. Assumpto creado especialmente para o Cinema. Rowland Lee merece parabens. Fez um trabalho fino, agradavel, de grande subtileza.

Não percam.

Cotação: — MUITO BOM.

MODAS DE 1934 (Fashions of 1934) — First National — Producção de 1934 — (Odeon).

As revistas da téla são mais interessantes do que as do palco. Sob todos os aspectos. Entretanto, as suas historias, ultimamente, vinham batendo nas mesmas teclas, reeptindo-se de maneira ennervante. Traziam no bojo na grande maioria das vezes o caso de uma candidata a "estrella" ambiciosa que se apaixonava quasi sempre ou pelo director ou pelo galã e no final salvava o espectaculo de fracasso certo por ter de córto papel da "estrella" geniosa. Quando não eram assim pouco differiam. E no mais, ensaios, brigas e intrigas de bastidores e a azafama das vesperas do espectaculo.

"Modas de 1934" é differente. E' uma combinação intelligente de **gangsters** e revista. William Powell não podia ser nem director theatral nem galã-cantor...

E' um regalo para os olhos da gente. E' uma verdadeira extravagancia de modas e dansas. E' um espectaculo que agradará igualmente aos homens e ás mulheres. Até aqui só os homens se interessavam pelas revistas da téla — as **girls** eram o attractivo principal. Neste Film, não. As mulheres tambem têm motivos de sobra para o admirarem — uma parada de modas como nunca espectaculo algum mostrou.

A sua acção é rapida. Interessa sempre. E' um espectaculo de belleza e malicia. Os numeros de revista são de uma belleza sem par. A musica enleva. As **girls** mais lindas. E os bailados deliciosos.

As **toilettes** em exhibição farão muitos maridos soffrer de dôr de cabeça... São do mais fino gosto e inspiradas em roupas do passado. O bailado de pennas de avestruz é uma glorificação do avestruz.

Tem comedia. E da melhor qualidade. Dessa parte se encarregam os inimitaveis Franck Mc Hugh e Hugh Herbert.

William Powell faz um espertalhão de idéas mirabolantes. Mas todos gostam delle. As suas idéas é que fazem o Film: a parada de modas, o espectaculo de revista. Muita observação verdadeira tambem.

Bette Davis quasi não interfere na acção. Mas é uma figura que a gente grava sem querer. Dorothy Burgess faz mais uma aventureira de sua especialidade. E a linda Verree Teasdale dá seducção com "S" maiusculo ás scenas em que entra.

Um magnifico espectaculo

Cotação: — MUITO BOM.

SANTA NÃO SOU (I'M No Angel) — Paramount — Producção de 1933 — (Odeon).

E' o segundo Film de "estrella" de Mae West. Assumpto velho. Aliás, da autoria da "estrella".

Mae West, entretanto, não precisa de grandes assumptos para os seus Films. Bastam-lhes as opportunidades de dizer coisas maliciosas e dar respostas fulminantes. Mae é a revolucionaria do **vampirismo**. Ella fez resurgir o prestigio das curvas durante muitos annos despresadas pelo typo "fausse maigre".

Para dizer que Mae é passadista, quarentona e sem seducção é preciso ter prevenção contra o Cinema. Os seus Films têm feito enlouquecer as platéas do mundo inteiro. Mae West é hoje um idolo universal. Impoz a moda das curvas. Acabou com os typinhos franzinos.

"Santa Não Sou" é um Film agradavel. Tem muito dialogo theatral. Mas tem um pouco de Cinema tambem. Mae enche-lhe todas as sequencias com os seus encantos irresistiveis.

Ella é domadora de leões e de homens. Dansa e a sua dansa perturba os sentidos. E' uma mulher sem educação, escolada e immoral. Mas quando encontra o seu verdadeiro amor sabe amar de facto.

A situação della com Cary Grant — amigo do homem que ella explora e que a vae procurar para dissuadil-a de continuar — é velha. Mas Mae sabe dar novo encanto. A sequencia do camarim é estupenda.

O jury, no final, é inesquecivel. E a visita do juiz após o julgamento simplesmente formidavel.

Pena é que Wesley Ruggles não tenha corrigido o ar de capadocio, o andar de cafageste da encantadora Mae West. Ella ginga o corpo com exaggero. Mas tudo passa. A gente sente ansias de ver Mae West quando ella não está em scena. Ella toma conta do Film e da platéa.

Cary Grant é o seu namorado, com a elegancia e a finura que todos os **fans** conhecem. Edward Barton faz o director do circo. Gertrude Mickael e Dorothy Peterson tomam parte.

E' um Film que os **fans** não podem perder. Não levem as creanças — podem fazer perguntas...

Cotação: — MUITO BOM.

HEROES SEM PATRIA (Au Bout du Monde) — Ufa — Producção de 1933 — (Alhambra).

Narrativa dramatica da fuga de um grupo de refugiados francezes da região conflagrada da Mandchuria. O seu desenvolvimento tem logar em menos de vinte e quatro horas. Mas nesse espaço de tempo o scenario de Gerhard Menzel apresenta episodios cada qual mais dramatico, admiravelmente contados pelo director Gustav Ucicky.

O grupo que absorve a acção é numeroso. Fogem da Russia. São perseguidos por todos. Os compatriotas não lhes dão importancia. Atravessam zonas infestadas de perigos, varridas pela metralha. Até que encontram um meio de fuga — um trem abandonado mas cuja linha foi obstruida pela explosão de uma granada. E' preciso concertal-a. E' uma noite terrivel de trabalho forçado, em que a sêde, o cansaço e o medo da morte por vezes se apoderam do fugitivo deixando-o alquebrado, desanimado.

Ucicky dirigiu essas scenas com grande habilidade. Não esquece nada. Apresenta detalhes apreciaveis. Reflectem energia, vigor. O dialogo tambem emociona.

A TELA EM

Quanta coisa se passa durante a noite de preparativos para a fuga! O grupo de refugiados é grande. A sua luta pela vida é intensa. Ha mortes. Assassinios, mortes em combate e mortes provocadas pelo instincto de conservação. Ha o nascimento de uma creança, collocado exactamente em contraposição a uma sequencia de morte. O romance de amor de Kae Von Nagy e Pierre Blanchar. E no fim a recompensa de tantos esforços — a alegria louca da fuga bem succedida.

Pierre Blanchar é um typo varonil, que a gente acceita perfeitamente como chefe natural do grupo de refugiados. E' energico, agil, resoluto. As suas ordens são ditas em poucas e rapidas palavras. Seus actos são uteis. Sua interpretação é de valor. E não cahe nem nas scenas amorosas e sentimentaes.

Kate Von Nagy, a linda "estrella" allemã, está encantadora no seu par de calças. O resto do elenco é numero e entre estes inclue Charles Vanel, Line Noro, Raymond Aimos, Pierre Pierade, Vera Baranowskaja e René Bergeron.

A atmosphera conflagrada da Mandchuria é excellente. Sente-se a Mandchuria real. A presença das influencias estrangeiras. As incursões que as guarnições das concessões fazem pelas ruas. As perseguições. O fogo cerrado da metralhadora...

Uma boa producção allemã. Versão franceza.

Cotação: — BOM.

DAMA POR UM DIA (Lady for a day) — Columbia — Producção de 1933 — (Imperio).

May Robson é uma miseravel vendedora de maçãs. Mas para Jean Parker, sua filha, que estuda e namora no Velho Mundo, manda dizer que é riquissima fi-

gura da alta sociedade e na sua correspondencia só faz uso do papel do hotel mais luxuoso de New York.

Um dia Jean Parker arranja um noivo e scisma de vir com elle, em visita á sua mãe. Como vae ser?

Isso de May querer **bancar** o que não é, nada tem de mal. Na vida casos como o seu repetem-se aos milhares e para fins menos nobres. Até ahi o Film não se afasta da realidade. Entretanto, a solução que o autor encontrou para a situação embaraçosa de May não prima pela realidade. Imaginem vocês que elle vae buscar todos os **gangsters** da cidade para soccorrel-a! Entram em scena Warren William, Guy Kibbee, Ned Sparks, Nat Pendleton, Glenda Farrell e muitos outros. E não contente com tanto consegue o milagre de interessar as autoridades policiaes e o proprio governo do Estado pela sorte da vendedora de maçãs.

O assumpto, como se vê, não só não é grande coisa, como, tambem, nada tem de verosimil, no final. Mas em Cinema o director é que vale. O assumpto tem valor muito relativo. E como Frank Capra entende alguma coisa de imagens limpou o scenario de alguma theatralidade e compoz um Film agradavel, cheio de sentimento e alegria.

Algumas sequencias, são mesmo gosadissimas, principalmente a do treino social dos **gangsters**. O final que é a parte do Film mais inverosimil é justamente a que mais agrada. A entrada do governador, do prefeito, do chefe de policia e demais autoridades, assim como da fina flor da sociedade novayorkina nos salões de May emociona e encanta.

Barry Norton e Jean Parker ensaiam um pequeno romance, que só serve para realçar mais o trabalho de May Robson. Esta é uma artista de valor. E' verdade que precisa de mais um pouco de controle, do contrario acabará como Mary Carr e outras.

Warren Williams é um **gangster** que só tem rival no elegante William Powell. Glenda Farrell, Hobart Bosworth e Walter Connolly tomam parte.

Pode ser visto.

Cotação: — BOM.

REVISTA

TREINANDO HOMENS (Aggie Appleby, maker of men) — R.K.O.-Radio — Producção de 1933 — (Broadway).

Esplendida comedia. Para fazer uma mulher independente da classe inferior da sociedade, mulher livre, amante de desordeiros e malandros, Wynne Gibson é simplesmente insuperavel. E' claro que o ambiente proprio para mostrar uma heroina dessas na téla é um ambiente mais Cinematographico do que real, cheio de illusões, adoravel, tal qual nós, os **fans**, comprehendemos. Quando o Cinema quer mostrar a face real desse lado da vida vae buscar Von Stroheim, que distribue logo convites a Zasu Pitts, Gibson Gowland, etc.

"Treinando homens" é um Film para divertir, para agradar a qualquer **fan**. E' uma comedia excellente. William Gargar é o malandro. Wynne Gibson é a mulher livre. E Charles Farrell provoca o conflicto amoroso.

Wynne está simplesmente adoravel. Qualquer rapaz retrogrado e timido se transformaria nas suas mãos...

A's vezes parece que o Film vae imitar "Socios no Amor". Mas felizmente a duvida logo se desvanece. Talvez vocês não gostem do final. Mas assim é mais real. Vocês vão dar boas risadas.

Cotação: — BOM.

O DIABO A QUATRO (Duck Soup) — Paramount — Producção de 1934 — (Imperio).

Uma esplendida comedia dos quatro irmãos Marx, com toda a comicidade originalissima que os caracteriza. Zeppo, Groucho, Chico e Harpo exercem suas actividades num reino imaginario, sacudido por revoluções e intrigas de espionagem.

Absurdos sobre absurdos. Mas os quatro irmãos conseguem o fim almejado — fazer rir, de facto, qualquer **fan**.

E' um Film feito com luxo, com recursos. E além disso a formosa Raquel Torres está presente nas suas sequencias, com todo o seu encanto e toda a sua seducção. Não percam.

Cotação: — BOM.

O IMPERADOR JONES (The Emperor Jones) — United Artists — Producção de 1933 — (Gloria).

Como vimos assignalando ha muito tempo o Cinema não cessa de receber inspiração do theatro. "Emperor Jones" é baseado na peça do grande escriptor dramatico americano Eugene O'Neil. Alguns criticos já fizeram sentir que o Film trahe a peça em numerosas passagens. Convem estabelecer o que se deve entender por traição.

Criticos ha que, esquecidos de que o Cinema tem suas leis proprias, é um meio de expressão independente, acham que o Cineasta, que o director que não faz da "motion picture" uma simples paráphrase da obra literaria ou outra qualquer que lhe haja fornecido a materia, trahe, desnatura a obra inspiradora. O ponto de vista me parece falso. Uma obra esculptural, um quadro, um romance, podem desencadear o fluxo creador, pódem servir de méro excitante á creação Cinegraphica. O director terá ampla liberdade de tratar o assumpto segundo sua fantasia, respeitadas as leis do seu meio de expressão.

A traição para nós estaria precisamente em copiar servilmente, em procurar fazer romance com imagens, em procurar confundir, numa simbiose monstruosa, teratologica, duas artes completamente diversas.

"O Imperador Jones", não é um Film extraordinario. E' um bom Film. Obra bem composta, dirigida com intelligencia e com habilidade. Seria difficil a qualquer director, que não fosse o proprio King Vidor, tratar o assumpto sem soffrer a influencia de uma creação genial como "Alleluia". A scena da despedida e a sequencia final, principalmente, lembram de bem perto passagens analogas daquella obra mestra.

A raça negra offerece tanto ao artista quanto ao sociologo uma fonte inexgottavel de interesse, uma messe inextinguivel de ensinamentos. Nos Estados Unidos é que a questão apresenta o seu maximo de riqueza e de complexidade. Trata-se de duas raças rivaes, irreconciliaveis, pelo menos dentro das normas da civilização actual, uma das quaes "trying for its life". O que torna pungente, doloroso esse embate é o esforço feito pela raça mais fraca para persistir, para conservar o seu logar debaixo do sol, embora sob o peso esmagador, impiedoso do super-civilizado homem branco.

Em toda a parte do globo em que vive a raça negra nota-se sempre aquella exuberancia de gestos, de paixões, de movimento, de vida agitada, de terror diante das forças extranhas do cosmos, ainda temidas como seres malfazejos, que trazem o homem em constante inquietude.

O protestantismo cinzento da civilização "yankee" é uma casquinha muito fragil, extremamente friavel, que estala frequentemente sob o impulso vulcanico do lyrismo profundo da alma negra. Teve razão o escriptor que disse que nos Estados Unidos parece que só os negros têm alma.

A personalidade soberba de Paul Robson absorve todo o interesse do Film. Os demais seres são comparsas secundarios que giram em torno do astro central, formando systema.

Aliás, os negros, os judeus, os ciganos, essas gentes de traços seguros, interessam mais quando se manifestam collectivamente.

Os angulos da scena do jogo de dados e da despedida de Jones junto á locomotiva são fortemente expressivos. As dansas são cheias de vida e de movimento. Dudley Murphy é um director capaz e produziu em "Emperor Jones" uma obra recommendavel sob numerosos aspectos.

Cotação: — BOM.

SOB FALSAS BANDEIRAS — (Madame Spy) — Universal — Producção de 1934 — (Rex).

Os espiões estão novamente comnosco. Em plena guerra européa. Fay Wray com um lindo penteado á Greta Garbo é a espiã mais bonita do mundo. Casa-se, para melhor exercer a sua actividade, com um official austriaco, Nils Asther, possuidor de todos os segredos do Estado Maior. Como sempre em casos identicos a boa espiã acaba apaixonando-se pelo bom marido. O mais interessante é que Nils, depois, vae espionar o reducto do inimigo e lá é salvo por Fay. E tudo acaba bem no final. Varsovia é tomada pelos austriacos e Fay encontra a felicidade, longe das espionagens.

Convencional. Mas muito bem dirigido por Karl Freund. As sequencias das investigações para a descoberta da trama dos espiões são optimas. Assim como a do palacio governamental de Varsovia, com Noah Beery transformado em general russo. A fuga de Nils é emocionante. Fay Wray está linda como nunca. Nils Asther elegantissimo. Tomam parte Edward Arnold, John Miljan, Noah Beery, Mabel Marden, Robert Ellis e outros.

Cotação: — BOM.

EU E A IMPERATRIZ (Moi et l'empératrice) — Ufa — Producção de 1933 — (Rex).

Versão franceza de mais uma producção da Ufa.

E' um bom espectaculo. Feito da maneira caracteristicamente germanica de fazer opereta Cinematographica. O seu fundo historico — a sua acção tem logar no romantico periodo das crinolinas, no segundo Imperio — serve de pretexto para **sets** luxuosos e gigantescos e detalhes curiosos de costume. Quanto aos personagens os **fans** já sabem que são reaes até onde o permitte o genero — opereta Cinematographica.

Agrada. Ha romance nas suas scenas. A côrte da imperatriz Maria Eugenia é retratada com grande riqueza de detalhes. Os bailados são admiraveis e as canções lindas. Os ambientes têm aquelle sopro de verdade dos Films de costume de origem allemã. Lilian Harvey encanta e seduz. O seu romance com Charles Boyer é daquelles que agradam em cheio.

O Film é delicioso e espectacular. Para apreciál-o é preciso que o **fan** considere que se trata de uma opereta Cinematographica, que é um espectaculo de Cinema tanto quanto uma revista Cinematographica de Hollywood. E' preciso admittir o genero. Principalmente quando se trata de uma producção bem cuidada como esta!

Cotação: — BOM.

Scena de "Santa eu não sou", Já se sabe que Mae West não é o Santa...

OLA', NELLIE! (Hi, Nellie!) — Warners — Producção de 1934 — (Pathé-Palacio).

Os Films sobre a vida de imprensa agradam sempre, mesmo quando feitos sob o typo **standard**. Mervyn Le Roy não tratou este pelo padrão dos Films de linha, embora não tenha feito trabalho de grande merito. Mas em todo caso realizou obra apreciavel no seu conjuncto.

Para principiar não tem romance. A amisade de Paul Muni e Glenda Farrell não passa de amisade propria de collegas, de companheiros do mesmo officio.

E' um drama que se desenrola na vida de um grande jornal, na sua redacção, com as irradiações das reportagens. E no fim de contas a reportagem que lhe serve de base transforma-se em authentica investigação policial, com **gangsters** em scena e uma sequencia passada num cemiterio, á noite, que emociona de facto.

A sua acção é rapida, tem **suspense** e está pontilhada de humorismo.

Paul Muni prova que póde fazer heróes com mocidade. Glenda Farrell está no seu elemento. Ninguem melhor que ella para uma reportagem...

Entretanto, o enigmatico Ned Sparks quasi rouba todas as honras do Film.

Cotação: — BOM.

THESOURO DO MAR (Below the Sea) — Columbia — Producção de 1933 — (Gloria).

O Film começa com um tremendo combate entre um submarino allemão e um navio mercante inglez, armado com canhões. Vem o naufragio do submarino e com elle vae para o fundo do oceano uma fortuna em barras de ouro. Os sobreviventes, o seu commandante e um marinheiro mal escapam do mar pensam na maneira de ir buscar o ouro.

Tempestades. Crimes. Traições. Violencias incriveis. Uma excursão scientifica que serve de pretexto para os interessados tentarem mais uma vez roubar ao mar o seu thesouro. Ralph Bellamy fazendo de marujo arisco e rude. Fay Wray a querer conquistal-o, apesar de todas as suas grosserias. Lindas vistas coloridas da vida submarina. Aspectos interessantes do fundo do mar tirados de um engenhoso tambor de aço e vidro. E a luta climatica de um polvo gigastesco com Ralph Bellamy em torno do referido tambor, que tem no bojo Fay Wray.

Final: o villão é castigado cruelmente — vae fazer companhia ás barras de ouro, lá no fundo do mar; e Ralph renuncia a tudo pelo amor de Fay Wray.

Diverte. Bom passatempo.

Cotação: — BOM.

Kay

OS jornaes deram uma noticia interessante, a respeito de Films: "Kay Francis vae fazer, em "Mandalay", vae passar sob o titulo de "Capricho Branco" o papel que Ruth Chatterton recusou. Ruth parece que está cansada de interpretar "bad girls".

A noticia accrescentava que o marido de Ruth (ex-marido, aliás) George Brent contrascenaria com Kay.

Não será, porém, de admirar, quando os "fans" lerem este artigo, que "Mandalay" já tenha mudado o titulo para "Labrador", que Janet Gaynor haja sido escolhida para fazer a heroina e o bebé Le Roy seja o galã! Em Hollywood, as coisas mudam duma hora para a outra.

Só faço votos para que o papel, haja o que houver, dê margem a Kay de brilhar como ella merece. Tenho a impressão de que, a não ser em "A unica solução", todos os papeis interpretados pela artista foram primeiro recusados por outras.

A Kay Francis que a Warner Brothers achou com bastantes "qualidades de estrella", para a tirar, ha dois ou tres annos, da Paramount, devia figurar hoje entre os nomes de proa do Cinema, mas isso jámais será possivel, emquanto a collocarem como "leading lady" dum homem cujas sobrancelhas chegam quasi á ponta do nariz, mesmo que esse homem seja um grande actor como o é Edward G. Robinson.

Conheci Kay Francis, quando ella vegetava, em 1929, no Studio da Paramount. Digo "vegetava" porque, naquella época, querendo os homens do Cinema transformal-a em "mulher vampiro", obrigavam-na a vestir umas escassas farpelas pretas e mysteriosas, inteiramente esquecidos do facto de que as "destruidoras de lares" são geralmente mocinhas de olhos ingenuos, que usam roupinhas de organdy.

A minha impressão foi a seguinte:

— Esta pequena não parece actriz e muito menos uma "mulher vampiro". Dá mais idéa duma amadora que se tenha tornado profissional, antes do tempo.

Penguntei a varias pessoas quem ella era e donde viera. Ninguem sabia ao certo. Ninguem parecia importar-se muito com Kay. Travei relações com a artista, gostei daquella voz baixa e um pouco aspera, e, pelo modo de falar, fiquei convencida de que devia haver uma familia a lamentar que Kay tivesse "abandonado tudo" para se tornar atriz, e, o que é peor, actriz de Cinema!

Será, realmente, isso? Não sei, porque, até hoje, nunca perguntei nada a Kay que se relacionasse com o seu passado. Basta-me o facto de ser minha amiga.

A Paramount andava muito preoccupada com a tarefa de contentar Ruth Chatterton, Clara Bow, Jeanette MacDonald, Chevalier, George Bancroft e outros. Não podia dispensar grande attenção á noviça, e, assim, Kay continuou a passear pelos Films, arvorada em "ameaça" de Studio. Os homens admittiam que a artista era uma "esperança", mas atarefados com os "nomes feitos", não lhes sobrava tempo para tratarem da elegante e chic Kay Francis.

Um dia, sentada num escriptorio, ouvi uma conversa entre a Paramount e a Warner Brothers. A Warner queria a actriz "emprestada" para uma pellicula. Vi os "donos" da Kay assumirem uns ares importantes e discutirem o assumpto a fundo. Antes de mais nada, faziam questão de saber que papel se pretendia dar á artista.

— Precisamos ler o argumento! exigiu a Paramount. Não podemos admittir que a Francis não receba um papel verdadeiramente digno dos seus dotes!

Taes palavras, na bocca daquella gente, deixaram-me estupefacta. A Paramount, que nunca ligara importancia a Kay! Era de estarrecer.

Lido e examinado o argumento, ficou finalmente resolvido que a Warner daria á estrella nascente tudo o que a Paramount não lhe dera. Kay figurou de novo como "ameaça" num elenco da Warner, mas a tendencia para ter cuidado com uma coisa emprestada é muito natural, e, portanto, não só lhe deram attenção á personalidade, como ainda lhe fizeram um inventario das possibilidades.

Kay retornou á Paramount.

Na época actual, existe uma especie de pacto, divertidamente chamado "trato cavalheiresco", que prohibe cobrar a quem pede emprestado mais do que uma certa quantia sobre o salario do artista solicitado. Nos velhos tempos, tudo o que o Studio podia pedir por um artista era lucro, de modo que os actores e actrizes acabavam por não saber ao certo, quem verdadeiramente lhes pagava os serviços... Ouviam dizer que os salarios lhes tinham subido de maneira assombrosa, mas continuavam a receber a mesma coisa, quando a recebiam... O pacto veiu para acabar com os abusos.

Desta vez, a tinta das assignaturas dos "cavalheiros", que assignaram o trato ainda não estava bem secca, quando a Warner fez o seu famoso "raid" aos dominios da Paramount.

Ruth Chatterton, William Powell, e Kay Francis, arrumaram a trouxa e passaram-se com armas e bagagens para a Warner.

Francamente, esperava grandes coisas, sabendo que a Paramount não aproveitava convenientemente as suas "estrellas" e que a Warner necessitava realmente de nomes e de personalidades. Fiquei desapontada.

Porque não se reunem os mandões da Warner para combinarem um plano de acção, que faça melhorar um pouco a situação actual? Os homens, que têm a seu credito a producção de "Rua

42", "Cavadoras de ouro" e "Tootlight Parade" deviam pensar um pouco no que digo.

Ruth Chatterton, por exemplo, interpretou uma vez magnificamente o papel de "Madame X". Foi uma das suas melhores creações.

Nunca mais lhe deram senão papeis desse genero! E' fatal! Ruth faz sempre a mesma mulherzinha, já um tanto madura que peccou na juventude e que passa uma porção de actos a soffrer, por causa de alguem, as tristes consequencias da sua leviandade. No final da tragedia, Ruth, a mais deliciosa das comediantes, vê-se sempre a braços com um filho já crescido...

William Powell, como alcançou successo num detective ultra-elegante, nunca mais fez outra coisa na vida senão resolver mysterios tenebrosos. Ha, porém, um mysterio, que Bill não é capaz de resolver. Porque cargas dagua não lhe dão papeis em que possa verdadeiramente mostrar o que vale e Films, cuja acção se construa sob argumentos bons?

Kay Francis, expressão quasi perfeita da verdadeira mulher americana, faz tudo no Cinema, menos o typo que mais convém á sua personalidade!

O termo "educada" não se póde applicar indifferentemente a qualquer mulher, com velleidades mundanas, mas eu, que conheço mundo e que já convivi com as damas mais cultas e refinadas, sinto-me perfeitamente autorizada a dizer que a palavra se ajusta a Kay Francis com a mesma perfeição com que lhe vão ao corpo aquelles magnificos e chics vestidos que usa.

Nunca surprehendi a Kay nenhum gesto de meu gosto. Certamente, não sou espiã. Não espreito pelos buracos das fechaduras, mas conheço os modos e attitudes de Kay, em diversos meios.

No "court" de tennis, por exemplo, Kay joga esplendidamente, mas não apparece com esses trajes tão em voga entre as actrizes e que fazem lembrar tudo, menos o tennis. O seu "bridge" é excellente. Emquanto joga, usa uns oculos de aros de osso, que lhe dão ao rosto uma expressão de "não me pergunte porque!", muito do desagrado das jogadoras mediocres como eu.

Kay dansa por prazer e não para exercitar as pernas. Bebe lentamente, saboreando a bebida, em vez de embebedar-se por aposta, como faz a maioria. Fuma mas sem nervosismo; a sua alvissima dentadura desmente tudo o que têm dito até esta data os inimigos da nicotina

Kay sabe falar e sabe ouvir. Nunca ouvi ninguem dizer mal della, embora não seja tambem costume meu escutar ás portas...

Kay veiu merendar commigo num desses dias de calor, cuja existencia nenhum californiano admitte, pela presumpção de que o clima da sua terra é o melhor do mundo. E' facillimo entabolar conversa com a artista. Kay fala de tudo, desde a N. R. A., até ao jade esmeralda, mas eu sentia tão grande mal-estar e tal calor, que escolhi o assumpto que faz esfriar todas as mulheres: o casamento.

Kay já foi casada tres vezes.

Da primeira, diz ella que era muito joven. Casou, pela terceira vez, ha dois ou tres annos, com Kenneth Mackenna, mas já correu noticias de divorcio.

A' salada, sahimos do mar encapelado do matrimonio, para entrar na terra da indecisão: a Cinelandia. Discutimos os ultimos Films della. Kay não se sente satisfeita, mas não range os dentes de raiva, nem fala nos papeis que dejaria fazer e que foram entregues a outras.

— Que papel gostaria de representar, se lhe dessem a escolher? perguntei, á espera de revelações.

Kay pensou um instante, sacudindo cinzas imaginarias do cigarro.

— Não sei. O que quero é trabalhar e progredir. Faço tenções de juntar dinheiro, de modo que quando me derem o pontapé...

Com Ricardo Cortez em "Mandalay".

Como não sou bem educada, interrompi:

— O logar onde lhe derem o ponta-pé já estará bem acolchoado...

— Isso mesmo! riu-se Kay.

E, depois, séria.

— A vida de Cinema é bem curta!

No theatro, póde-se representar, com papeira e pés de gallinha a vida inteira... Mas diante da objectiva... Não é preciso dizer mais nada! Olhei para ella e vi-lhe o rosto bello e joven, sem uma unica ruga.

— Mas v. está bem livre de se preoccupar com isso, Kay!

— Por ora, talvez...

Kay pensa no futuro, porque não é dessas que se illudem com falsos brilhos. A acção do tempo é implacavel e as que sabem ver não precisam aproximar-se muito para lerem o proprio epitaphio gravado nas columnas da gloria Cinematographica.

O' Kay!

Ao sahir, a artista recommendou-me um livro.

— V. deve ler "All men are enemies". E' um livro que tem idéas admiraveis. Vou-lhe mandar um exemplar.

Estou ainda á espera duma porção de livros que me prometteram, quando eu era creança, mas Kay, provavelmente, foi directa á livraria. O livro chegou dali a pouco. Li-o duma assentada e encontrei o typo que Kay devia representar no Cinema. Tem o nome de Kathy.

Talvez a propria artista seja da mesma opinião, talvez deseje ardentemente interpretar Kathy e a sua educação não lhe permitta fazer insinuações a esse respeito. Não sei, mas uma coisa lhes posso affirmar, com segurança: se estou enganada na impressão, que tenho de Kay, se não é realmente o que parece e a gente, que a conhece bem, se ri da minha opinião a respeito della, então não ha como negar que a artista é actualmente a maior actriz do Cinema. Basta, nesse caso, que cessem de consideral-a apenas como uma mulher que veste bem, para que ella se torne immediatamente uma das maiores figuras da téla!

Morreu Lew Cody. CINEARTE falará da sua carreira e dos seus Films, num dos proximos numeros. Com a sua morte, desapparece uma figura antiga que ainda trabalhava muito.

—::—

Reabriu, completamente reformado, o "Paris", da empresa Vital R. de Castro.

—::—

A empresa Marc Ferrez, estabeleceu o sympathico preço de 2$200, nos balcões do Pathé-Palacio.

—::—

A United-Artists inaugurou a sua cabine de projecção particular **"O buraco do Camondongo Mickey"...**, exhibindo para a imprensa "Catharina, a grande".

—::—

Tambem o "Imperio", da companhia Brasileira de Cinemas baixou o preço dos balcões para 3$300.

—::—

Pat Paterson e Charles Boyer, que recentemente casaram-se trabalharão juntos em "By Royal Command", da Fox.

—::—

"Don Cossak" vae ser um novo Film de Don José Mojica, para a Fox.

—::—

Dorothy Burgers foi contractada para "Friends of Mr. Sweeney", da Warner-First National.

TRABALHEI COM GRETA GARBO

(F I M)

Está em perfeita proporção com a altura della.

Geralmente, ha a mania de se fazer crer que todas as grandes personalidades do Cinema são creaturas vulgares, sem nada que as distinga do commum da massa... Caraminholas. A Garbo é a Garbo, Fulano é Fulano, Cicrana é Cicrana e assim por deante.

Não é isso que quero dizer, mas quem pretender representar a Garbo como uma mulher de temperamento frio e apathico, engana-se tanto como quem entender de affirmar, por exemplo, que Abrahão Lincoln e Jorge III tinham o mesmo feitio e caracter.

Ella é, pelo contrario, uma creatura de sentimentos generosos e coração vibrante. Ninguem deixará de concordar commigo, ouvindo o que vou contar.

Durante a Filmagem dos "close-ups" da actriz e de Gilbert para "Rainha Christina", não se necessitava dos meus serviços, mas esqueceram-se de me mandar para casa. Adormeci, sentada numa cadeira, fóra do alcance da objectiva, e, ás cinco horas, ao passar a Garbo por mim, a caminho do seu camarim, despertei, assustada.

— Desculpe, disse a artista. Dormir é tão agradavel... Não comprehendo por que razão a deixaram ficar ahi, não tendo nada que fazer! Que tolice! Oito horas no "set" deixam uma actriz derreada, sem animo para coisa alguma, quanto mais para representar!

Por pouco a artista não foi protestar junto ao director pela sua "crueldade" para commigo. Isso é ser fria e indifferente?

Doutra occasião, um ajudante baixote empurrava um apparelho de som para o "set". Essas peças repousam sobre carrinhos de rodas de borracha, e apezar do seu peso, são muito faceis de transportar dum lado para o outro.

A Garbo olhou e a face sombreou-se-lhe, deante do contraste entre a estatura do homem e o tamanho do apparelho.

— Por que não mandaram um homem mais forte mudar essa machina? — exclamou para os que estavam no "set".

O ajudante de "som", homem rude e nada maricas, corou até á raiz dos cabellos.

Como já disse acima, a Garbo abandona o "set" ás cinco horas. Productores, artistas, homens do som e o resto do pessoal do Studio, todos se admiram de saber a estrella calcular tão bem o tempo. A's cinco horas em ponto, é fatal. A actriz sorri e lança a sua celebre phrase:

— Acho que vou para casa...

Até parece que adivinha as horas e, no emtanto, o mysterio, como se vae ver, é facilimo de desvendar.

Na verdade, estando-se a representar uma scena e tendo-se deixado o relogio pulseira no camarim, não se póde saber ao certo que horas são; o pessoal do Studio ficou quasi convencido de que Garbo possuia dons divinatorios com respeito ao tempo. Um psychologo chegou a publicar num jornal que as actrizes, como os corredores de velocidade e os machinistas de estrada de ferro, têm faculdades extraordinarias para calcular mathematicamente o tempo que passa. Isso é verdade, mas, neste caso, a explicação é outra, e muito mais simples. Descobri o segredo.

Tudo se resume no seguinte, a actriz vae para o Studio acompanhada da sua criada de quarto e, quando já falta pouco para as cinco, a serviçal faz signal á patroa, abrindo os cinco dedos da mão. Ora ahi está! Uma coisa em que nunca ninguem reparou!

A artista faz questão de terminar sempre o trabalho ás cinco horas.

— Em todas as profissões só se trabalha durante um certo numero de horas. Por que abrir excepção para as actrizes? Trabalho muito durante o dia e, de noite, preciso descansar. E' por isso que, nos contractos, faço sempre questão da hora de sahida...

Os directores podem puxar pelos cabellos. A Garbo, nesse ponto, é inflexivel. No trabalho, porém, trabalha de verdade. Como vulgarmente se costuma dizer, "dá tudo".

E ahi têm vocês Greta Garbo tal qual a vi: desaffectada, natural, sincera. Espero que ella me perdôe por esta especie de entrevista, uma vez que é sua norma invariavel não as conceder, seja a quem fôr. Isto, porém, não é publicidade, nem eu escrevo aqui como jornalista. Escrevo simplesmente como actriz e como "fan" da propria Garbo. Não pude resistir á tentação de dizer ao mundo o quanto a admiro como artista e como mulher.

A verdadeira Elissa Landi

(F I M)

de Iowa, Colorado. Ohio e outros Estados cujos nomes a atrahiram. De aeroplano, ou automovel alugado, foi pulando de Estado em Estado, como pulava a sua Antiope em "O marido da guerreira". Em seis semanas, viajando sempre incognita, só uma vez foi reconhecida.

Numa coisa podem acreditar os "fans", quando lerem qualquer topico a esse respeito: Elissa Landi é romancista. Tem já quatro livros publicados. Escreveu o primeiro ainda muito joven e que lhe exigiu consideravel esforço. O segundo, continúa a actriz, era um pouco amalucado. O terceiro fez successo e o quarto é considerado por ella a sua melhor obra.

A artista escreve canções e sabe cantal-as, mas não se dedica a isso. Lê a sina na palma da mão por troça, mas o seu prazer maior é quando começa a descobrir verdades das quaes desejamos guardar segredo.

Elissa Landi casou ha varios annos com um joven inglez muito sympathico. Elle já veiu visital-a, mas, até agora, a artista não lhe retribuiu a visita. Diz ella que o marido é um encanto e eu acredito, mas não sou capaz de me habituar á idéa de que actriz seja casada. Não a considero ainda amarrada a coisa alguma...

Assim, porém, que começo a dar opiniões sobre a vida amorosa das minhas amigas, ha logo qualquer reviravolta que me obriga immediatamente a engulir as proprias palavras. Isso faz mal á disgestão e não favorece em nada a disposição geral. Seguirei o conselho de Eilssa. O melhor modo de conservar seguro o nó matrimonial é não falar muito a esse respeito.

Fui jantar com Caroline, Elissa e mais um grupo de pessoas amigas. Não conhecia quasi nenhum dos convidados, porque, em sua maioria, não pertenciam á profissão, mas vi, pela primeira vez, uma amizade entre mãe e filha, que me fez lembrar coisas do meu passado. Pensei em minha mãe. Assim o disse a Elissa.

— V. não me poderia fazer maior elogio! exclamou a actriz.

— Isto não é elogio, repliquei. E' a verdade. Faça o mesmo commigo.

Os olhos de Elissa Antiope piscaram.

— Tem installação de filtros na sua piscina? Estou tratando disso, mas não sei, no fim de contas, se...

— Boa noite, filha da Esphinge, interrompi, rindo. Ha muitos caracoes no seu jardim?

Tentar prender Elissa a um assumpto é o mesmo que tentar impedir Lindbergh de voar. E' preciso realizar primeiro um plano de cem annos.!

DE STUDIO EM STUDIO

(Continuação)

As altissimas columnas offereciam um acabamento todo especial, nos seus enfeites, esculpidos na madeira. Mesas, cadeiras, leitos — adornados de metaes, tomando fórmas de animaes symbolicos, tudo finamente lavrado, minuciosamente perfeito e num bom gosto admiravel.

Taças, garrafas da vinho, instrumentos, pentes e alfinetes, espelhos, vidros de perfume — tudo mandado fazer, especialmente, para o film e obedecendo fielmente ao espirito da época.

Roupas, ambientes, armas, capacetes, chicotes, argolas e joias — anneis e braceletes — um mundo de coisas minusculas, delicadas, que os varios departamentos do studio desenharam, trabalharam e ordenaram...

Cecil De Mille, observado por mim, tem verdadeira paixão por tudo isso e, parece-me a mim, que elle escolhe de preferencia esses assumptos da antiguidade pagã, mais por um gosto proprio do que, realmente, com o intuito de dar aos "fans" espectaculos.

Hontem o vi demoradamente no set. Elle mostrava-me um chicote de couro e a argola que o prendia ao pulso do soldado, indicado a fazer justiça sobre os escravos... Elle tinha em suas mãos, aquelle chicote e o mostrava com orgulho, com um prazer de conhecedor — de um verdadeiro deus, saboreando o seu poder de trazer para os olhos da gente de hoje coisas de épocas remotas e esquecidas...

E elle me aponta todos os objectos que enchiam o set como o faria um guia de um museu de Roma ou da Pompeia resurgida da lava do vulcão!

Na scena estavam Claudette Colbert e Henry Wilcoxon — um artista inglez que foi trazido de Londres para o papel de Marco Antonio. Um typo admiravel de homem. Com quasi um metro e noventa de altura — forte, de porte athletico, figura verdadeiramente varonil. Uma expressão dura em seu rosto de homem bonito; uma voz que écoava pela montagem como o ribombo de um trovão — era bem o typo do romano conquistador, autoritario, orgulhoso e dominador, ebrio de gloria e de triumphos...

(Continua na pag. 45)

O DIVORCIO E AS MULHERES

(FIM)

de automovel pelas estradas do paiz e a fazer outras coisas que mostram bem a sua falta de interesse pela vida do lar.

Não sou puritana, nem entendo que se deva prohibir isso as mulheres. Só aconselharia uma certa moderação nos divertimentos. Penso que uma esposa, acima de tudo, deve ser uma esposa!

Uma verdadeira esposa terá tempo de sobra para brincar e fazer-se bonita, "depois" de cumprir com as suas obrigações em casa. Infelizmente, porém, a maioria entende que o prazer está acima do dever!

Não faz muito tempo, tomei parte num "brigde" em Hollywood. Ás cinco horas, tendo já acabado o jogo, annunciei á dona da casa que me ia retirar.

— Ainda é cedo, Helen, protestou ella.

— Não, retruquei. Tenho que ir para casa ajudar a fazer o jantar...

Foi uma gargalhada geral. Uma actriz de Cinema a falar em fazer o jantar! Só por brincadeira!

Mas não era. Sempre que não estou occupada no Studio, vou para casa todas as tardes, providenciar sobre o jantar para mim e meu marido. Ás vezes, sou eu propria a cozinheira.

" A mulher que mais se riu naquelle "bridge party", semanas depois, pedia o divorcio!"

Sube mais tarde que fôra o proprio marido quem a forçara a isso.

Aquella mulher, que achara tão comico o meu interesse pelo lar, desde que se casara, havia já alguns annos, nunca mais entrara numa cazinha! Jamais se preoccupara em saber se as camisas do marido andavam bem lavadas ou se a roupa era collocada no guarda-casacas ao gosto delle. Quanto á comida, a criada que comprasse o que entendesse...

Para complicar ainda mais as coisas, o pobre homem contou a meu marido que, durante a semana, se fartava de jantar sózinho, feito hospede. Dumas vezes, a mulher vinha tarde dalguma festa, doutras, não estava na cidade.

Nessas condições, que lhe adeantava ser casado? Que especie de companheira era a sua que nunca estava a seu lado? Melhor seria ter ficado solteiro, pois sendo um marido com a verdadeira noção dos seus deveres, não o captivava a idéa de procurar consolo na companhia de outras mulheres.

Por desgraça, no fim de tudo, a tal mulher commetteu o maior erro da sua vida: começou a deixar-se namorar por um conquistador muito conhecido. Foi a ultima hacha na fogueira. O marido, porém, teve ainda o cavalheirismo de a deixar pedir o divorcio, não se importando em servir de alvo ás murmurações do mundo. Outro casamento que naufragou por falta de preparo da esposa para a vida conjugal.

Apontar, entretanto, a causa e não indicar o remedio, não seria logico da minha parte.

O remedio que offereço não póde ser outro senão a "instrucção da noiva". Todas as mulheres que se dispõem a contrair matrimonio, primeiro deviam "estudar" a materia. Ficariam, por exemplo, sabendo, que é tão importante ser pontual com o marido como com o patrão. Aprenderiam que é preciso tolerar as pequenas irritações do esposo com a mesma calma com que se aturam as impertinencias do patrão.

Comprehenderiam mais, que uma mulher em casa desempenha o mesmo papel relevante que desempenharia, accupando, num escriptorio, um logar de responsabilidade. Della depende muita coisa. Uma esposa deve procurar merecer a confiança do marido, como a empregada a do patrão.

Em summa, as noivas deveriam preparar-se para o casamento, como quem se prepara para desempenhar bem um emprego.

Pela parte que me toca, faço todo o possivel, na vida matrimonial, por viver de completo accordo com as minhas theorias. Sou uma esposa feliz. Não posso garantir que assim me conserve para sempre, porque a ninguem é dado adivinhar o futuro. Acredito no divorcio, quando a felicidade se torna impossivel. Mas, não pouparei esforços, para evitar sempre a necessidade duma separação.

Não hesitaria um instante em afastar-se dum marido cruel ou desprezivel, mas coro de vergonha ao pensar que existem mulheres como essas duas que citei ha pouco. Tenho que curvar humildemente a cabeça. Duas representantes do meu sexo tão egoistas, tão interesseiras!

Ao mesmo tempo, porém, analysando bem os dois casos, temos que ser um pouco tolerantes. Quantas mulheres não haverá assim? Quantos milhões! Tudo esposas inexperientes, sem aptidões para a vida do lar. As diversões não lhes dão tempo para terem filhos e, em vez de cozinharem alimentos, cozinham prazeres.

As mulheres sem instrucção matrinial não podem ser boas esposas pela simples razão de que não o sabem ser!

ROBERT YOUNG...

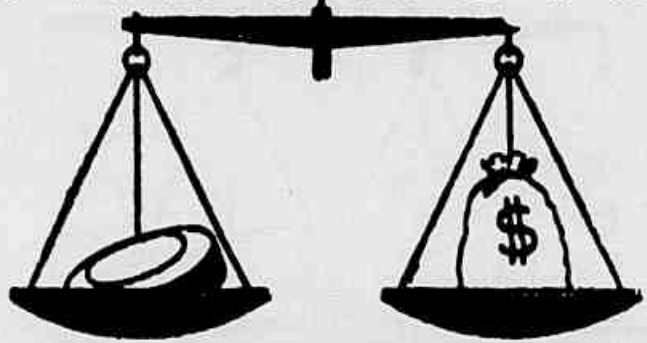
(F I M)

"Esqueci-me de dizer — gostei de um Film que fiz, não ha muito, para a Fox, ao lado de Janet Gaynor. *Carolina*, acho, vae agradar aos brasiros, pois bem sei como Janet é popular em sua terra".

De seu trabalho, elle não me falou, mas lembrando o meu encontro com Henrieta Crossman, que vocês viram e apreciaram em *Peregrinação*, recordo que esta me falou com enthusiasmo a respeito de Bob Young. "Elle é um esplendido artista!" disse-me ella, quando conversamos em seu camarim, no Studio da Fox.

E não pensem que Bob foi sempre um actor. Não, antes de entrar para o theatro, logo que terminou seus estudos num collegio de Los Angeles, esteve empregado em um banco e até numa pharmacia... Sabiam disso?

A proposito de uma noticia que circulou aqui de que elle ia deixar a Metro, perguntei-lhe o que havia a esse respeito.

"Nada de verdade. Estou com a Metro, que acaba de levantar outra opção do meu contracto. Ficarei com elles até que me mandem embora,

então, nesse caso, serei *free-lancer*. Acho que um artista, quando está ainda começando como eu, deve pertencer a um Studio, pois este garante a sua popularidade, com propaganda e tem sempre á mão papeis. Caso o artista possua mesmo qualidades, o Studio será o primeiro a procurar tirar delle o maior partido. Neste negocio de Cinema, não ha possibilidades de perder tempo. Tudo quanto póde render e interessar o publico é esmiuçado completamente..."

Por ahi, os leitores verão que Bob Young tem tambem um pouquinho de espirito commercial que, alliado ao seu talento de artista, forma uma combinação cujos resultados só podem ser bons — principalmente para elle. Talvez seja por isso que elle tenha progredido tanto e seu successo hoje, é realmente grande.

Bob Young agradou-me immenso. Pela sua naturalidade e sua franqueza, e pelos seus modos amaveis. Elle é um excellente rapaz e merece o interesse verdadeiro de seus fans.

E voltei para casa, deixando aquelle pedaço da Louisiana, com seus *bayous* povoados de cabanas miseraveis, com suas arvores e a barba de velho, suas camas e juncos... o *Lazy River* lá ficara com sua população pittoresca e seus costumes curiosos... E que serão aquelle mesmo pedaço de terreno e aquelle lago — na proxima vez que voltar ao Studio da Metro Goldwyn-Mayer?

Ninguem o sabe... mas bem póde ser Napoles ou Shanghai... talvez mesmo um trecho do Rio... ou uma praia de Ceará... pois os tempos das *Magicas* ainda não passaram de todo...

De Studio em Studio

(F I M)

De Mille está enthusiasmado com elle — e como Claudette, ao lado de Wilcoxon parece pequenina, fragil — uma linda porcelana...

Não sei se ella é o typo de Cleopatra — mas a famosa rainha do Nilo não poderia deixar de ser menos formosa e menos fascinante do que Claudette... e olhando-a, a gente comprehende porque Marco Antonio se esqueceu de suas legiões, dos campos de batalha, de pelejas e do sangue que a guerra de conquistas causára... para gozar um pouco de amôr nos braços da sereia egypcia!

E, depois de ver Claudette no seu traje de Cleopatra — achei que o meu dia de **trabalho** estava completo!

Cinearte

Propriedade da S. A. O MALHO

FUNDADOR:
Dr. Mario Behring

DIRECTOR:
Adhemar Gonzaga

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. — (Registradas) 1 anno 60$000, 6 mezes 30$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á S. A. O MALHO, Trav. Ouvidor, 34 — Telephones: Gerencia 3-4422 — Redacção: 2-8073 — Rio de Janeiro. Representante em Hollywood. GILBERTO SOUTO.

BOM RAPAZ

(FIM)

E isto justifica a sua jovial recusa em lamentar o passado ou preoccupar-se com o futuro.

Sua artista favorita é Katharine Hephurn e admira o trabalho de James Cagney e o dos Barrlmores. Nunca usa roupas escandalosas e vem para o trabalho no Studio, todas as manhãs, num automovel impossivel de descrever...

Foi John Cromwell, o director, quem suggeriu-lhe a mudança do seu nome de familia Bickel, para o de March.

Fredric confraternisa pouco com os seus companheiros de trabalho. Mantem uma "aloof" dignidade, salvo quando dá uma grande festa. Ahi é um camaradão.

Tem o habito de esfregar o dedo index debaixo do nariz, um habito que o denuncia como um alumno da escola de representação de Henry Irving. Costuma falar no vernaculo do dia. E' solicito para com as pessoas idosas. E já presidiu mais concursos de bellezas do que qualquer outro artista...

Acima de tudo, elle é um dos poucos actores em que não confundem finura e subtileza com erotismo.

Do Trapezio ao Cinema

(F I M)

no qual fará um valentão. Já está cansado de apparecer em "gentlemen". Quer papeis que tenham colorido e pittoresco. "Seres humanos", como diz elle.

Compartilha dum modesto bungalow com o seu camarada Randolph Scott e o seu unico luxo é um bello automovel.

— Sou o sujeito mais socegado de Hollywood, exclama. Não sei como appareço tanto em jornaes...

A sua visita á Inglaterra serviu como merecido descanso, depois de fazer quatorze Films, nos dois ultimos annos. Espera agora trabalhar menos, mas melhor.

Quando vê que o publico o reconhece na rua, fica contentissimo, e os amigos delle desconfiam, não sem razão, que Cary ainda tem muito do jovem que caminhava em andas, a cabeça nas nuvens e vendo o mundo cá em baixo a seus pés. E' bello ser jovem, conhecer o exito e amar alguem. Feliz Cary Grant!

BERTA SINGERMAN NO CINEMA

(FIM)

Mas Ruth Chatterton impressionou-me. Intelligente e admiravel. Se eu gostava della no Cinema, em pessia, ella agrada ainda muitissimo mais. Jeanette MacDonald é de uma sympathia e uma amabilidade que ninguem a ellas pode resistir.

"A historia do meu Film será, provavelmente, um mixto de comedia e drama. Não acho que os dramas absolutos agradem. Eu sinto que me adapto ao Cinema — pois a minha arte no palco é sempre variavel. Nos meus porgrammas tenho sempre a mais variada modalidade de numeros. Alegres, sentimentaes, tragicos, d r amaticos, heroicos, maliciosos, brejeiros, portanto todas as formas de sentimentos e emoções.

O Cinema é uma maneira rapida de trabalhar. O director pede-nos que nos mostremos alegres, felizes — ou tristes com lagrimas nos olhos e o artista tem que fazel-o. Ora, no palco eu passo de um instante a outro, corro todas as gammas do coração e da alma — dahi, sinto que poderei, pelo menos, responder aos pedidos ou ás ordens do director.

Depois, estou disposta a trabalhar arduamente, procurar fazer o melhor possivel, ser sincera para commigo mesma.

E Berta Singerman me pede que eu escreva o quanto ella sentiu não ter podido seguir para o Rio e trabalhar para o nosso publico. "Todas as vezes que chego ao Rio, parece-me a mim que volto á minha casa. São tantos os amigos, são tantas as pessoas que me querem bem e de quem tanto gosto. Faz tanto tempo desde que lá estive pela ultima vez. Dois annos, percorremos o mundo... ou pelo menos quasi todo elle.

Do Rio fomos a Lisboa, Porto, Coimbra; Hespanha, dahi ao Marrocos Hespanhol e a seguir ás Ilhas Baleares. Dali para a Venezuela, America Central, Porto Rico, Santo Domingo, Cuba, Mexico. Percorri o Mexico, de cidade em cidade e — finalmente — Los Angeles".

Era a primeira vez que ella vinha aos Estados Unidos. Gosta de Hollywood — ou melhor da California. O clima, a vida tão simples, tão bôa... e Berta me diz: "Que desillusão — ou melhor como o resto do mundo está enganado com Hollywood! Julgam ser uma cidade de orgia... e nada mais é do que uma aldeia — feita para o trabalho e para o descanço do espirito ao mesmo tempo.

No dia seguinte — Berta Singerman mudar-se-ia com seu marido e a sua encantadora filhinha — Mirian, — para uma luxuosa casa junto ao Sunset Boulevard e onde elles encontrariam uma piscina.

Berta adora nadar. "De todos os sports, o unico que me agrada realmente e eu só faço as coisas de que gosto de verdade — é a natação. Aqui vou descançar emquanto não iniciar o meu Film. Vou nadar, parar um pouco... A minha vida durante annos a fio nada mais tem sido do que uma série de viagens, trens, navios, machinaria de theatro... Os nervos acabam acostumando-se é verdade... mas um descanço, uma piscina, este sol bonito da California... só uma coisa falta, um pouco do céo azul do Rio de Janeiro!"

E — deixei-a. Aqui está nesta ligeira chronica, feita a pressa afim de não perder a proxima mala de correio, as primeiras impressões minhas sobre Berta Singerman — hoje, estrella da Fox.

EUROPA

(Continuação)

de Fanny Legrand pelo jovem estudante provinciano. Ainda mais encantada pela musica de Reynald Hahn, como nesta versão. Precisamos ver é se a Direcção a transportou com toda sua belleza e espirito, para a téla. Os chronistas parisienses elogiaram muito, dizendo que é uma realização Cinematographica apreciavel. Mas Leonces Perret... Temos um certo receio... Não, não cremos que consiga superar aquella bellissima "Sapho" que Greta Garbo nos deu em "Inspiração..."

"Fedora", o drama de vingança de Sardou, com atmosphera russa, já tem tido tambem diversas versões no Cinema. Lembramo-nos de uma com Lee Parry, e outra com Pola Negri, feita em Hollywood. Esta aqui é apresentada pela Paramount franceza.

Um papel já glorificado pela Bernhardt é uma difficil creação para outra artista. Mas Marie Bell teve valor e affirmam que ella sabe-se brilhantemente e dá toda sau alma á "Fedora". Os outros são Henhy Bosc e Edith Mera (sim, esta que tentou suicidar-se). Louis Gasnier dirige e por isto temos as nossas duvidas se o Film será superior á esplendida versão silenciosa com Negri.

Apesar de Herr Goebbels não estar contente com a producção destes ultimos mezes, segundo declarou nos jornaes, eis varias estréas de successo em Berlim:

Jan Kiepura e Nartha Eggerth, artistas e vozes notaveis, alcançaram um exito em "Mein Herz ruft nach dir" (Meu coração te chama) da Cine Allianz, dirigido por Carmine Gallone. A "première" foi particularmente brilhante e teve a presença de Hitler e outras personalidades i m p o r tantes. Kiepura e Martha Eggerth foram chamados ao palco 15 vezes, sob grandes applausos.

Elles a m a r a m - s e no Film... e casaram-se na vida real!

"Der Verlorene Sohn" é um Film da Universal allemã dirigido, escripto e interpretado pelo "Rebelde": Louis Trenker. Aquella adoravel lourinha de "Svengali", Marian Marsh, que ha pouco fez um Film em Londres, é a "partenaire" do actor-alpinista. Deve ser um Film de montanha, na certa...

"Die Freudin eines Prossen mannes" (A amiga de um grande homem) da Ufa, marca a estréa de Paul Wagner no megaphone. Kathe Von Nagy, a fascinante moreninha, e Carl Ludwig Diehl são os protagonistas.

Em "Es tut sich was um Mitternacht", producção da T. K. Film apresentada pela Fox allemã, surge interessantissima comediante Dolly Haas, com Albert Lieven. Outros Films: "Annette im Paradies" (Aafa) com Ursula Grabley, Ida Wust e Hans Sonhker. "Zigeunerblut" (A. B. C. Film) comedia com Grit Hai, Eric Ode, Adele Sandrok e Georg Alexander. "Eine nacht in Venedig" é uma producção hungara da Hunnia-Film, com bôa musica e as vozes de Tino Pattiera, Tina e Lissi Von Bal.

(Continúa no proximo numero)

Palavras de Rex Ingram sobre Ramon:

— Quando elle se apresentou, trazia uma carta do meu amigo Ferdinand Pinney Earle. E Ramon provou as suas habilidades como dansarino numa pantomima representada no Hollywood Community. Mas tinha pouca experiencia de Cinema.

Notei que era um typo sympathico, com muito "senso" photogenico, mas as suas qualidades que mais me impressionaram foram a sua sinceridade e juvenil enthusiasmo. Tirei um "test" e afinal elle trabalhou em "O prisioneiro do Castello de Zenda".

E Ramon fará successo, assegurou Ingram, será um grande actor. Antes de ser um typo que será o idolo, das mulheres, elle é actor, tem habilidade, tem valor.

* * *

"Sevilha dos meus amores" teve tres versões: A versão ingleza, "Call of the Flesh", dirigida por Charles Brabin, foi a que vimos no Brasil e nella figuravam ainda Dorothy Jordan e Renée Adorée. A versão hespanhola, "Sevilla de mis amores", foi dirigida pelo proprio Ramon e a "Lading-lady" foi Conchita Montenegro. Ramon tambem foi o director da versão franceza, "Chanteur de Seville", com Susy Vernon. Falou-se tambem numa versão italiana mas não chegou a ser realizada.

* * *

O proximo Film de Ramon, logo que chegar a Hollywood, será "Kim" historia de Rudyard Kipling.

* * *

Ramon conta que uma vez, Natacha Rambowa, para fazer figa a Valentino, quiz tiral-o da Metro Goldwyn para uma companhia independente que com elle faria um grande Film... Mas Ramon não foi na onda e não quiz fazer outro desastre como "Cobra"...

* * *

Ramon costuma mudar, uma porção de vezes, o numero de seu telephone...

* * *

De uma jornalista americana: Não é facil conhecer Ramon. Solitario por instincto, elle lembra as palavras de Miguel Angelo: Não tenho amigos de nenhuma especie e não pretendo tel-os.

* * *

Quando vae no omnibus para uma locação, Ramon não fala. Concentra-se e estuda o seu papel.

* * *

Seu pae é dentista e queria que Ramon tambem o fosse...

Mas Dona Leonor é pianista e foi quem mais o enthusiasmou a seguir outra profissão...

* * *

A pantomima "Spanish Fandango" na qual figurava Ramon ao lado de Margaret Leomis, estreou no "Hollywood Community".

Ramon nasceu em 6 de Fevereiro de 1899, se bem que alguns publicistas da Metro Goldwyn tivessem depois apparecido com a data de 20 de Setembro de 1901...

Ramon tem, portanto, 35 annos.

* * *

Em Nova York, Marion Morgan não pagava a Ramon, pois na sua troupe elle era aprendiz de dansarino...

Por isso, elle passava o resto do tempo trabalhando num "restaurante", conseguindo enviar dinheiro para casa e para a passagem de volta para Los Angeles, com a troupe. Depois de "Apserá" volveu a Nova York em ferias e todos os jornalistas lhe perguntavam que tal achava a cidade.

— Esta foi, na verdade, a minha primeira visita a Nova York! — diz Ramon.

Entre poucos amigos de Ramon, contam-se Ronald Colman e Herbert Howe. Murnau tambem era um dos seus amigos.

(Do desenhista allemão Ali Hubert)

* * *

Ha tempos se dizia que Ramon estava cançado e antes do publico cançar-se dele.

Elle tem razão para estar cançado, diz uma revista americana, pois já era um actor veterano aos 30 annos. Ha quasi vinte annos deixou o Mexico e não tem parado de trabalhar. Fez duas viagens exhaustivas a Europa e a Africa para as Filmagens de "Ben Hur" e "Arabe Airstocrata".

* * *

Ramon começou no Cinema com toda a impressão do fracasso. Foi dado até como rival de Valentino. Mas tinha confiança propria...

* * *

Ramon acha que nada tem feito de notavel e que ainda não teve opportunidade de mostrar o que póde fazer.

Elle destaca apenas, alguns trechos de "Ben-Hur" e um pouco de dramaticidade em "Sevilha dos meus amores", que foi cantada...

* * *

Nice e Biarritz são as cidades europeas que mais lhe agradaram.

* * *

Ramon affirma que esta leve viagem a America do Sul representa as suas primeiras ferias verdadeiras.

* * *

Assim foi a carta que Ferdinand Pinney Earle escreveu a Rex Ingram, apresentando Ramon Novarro:

"Meu caro Rex.

Colombo fez uma grande descoberta nesta data. Acredito em que você tambem o fará!

Elle é um artista!"

Ramon guarda até hoje esta carta.

Rex Ingram, a principio, achou-o moço para o papel de Rupert Héntzau, conforme relatamos em outra pagina, mas depois dirigiu-se para o departamento de elencos e perguntou indignado:

— Por que vocês não me disseram que havia este rapaz Samaniego?

* * *

Palavras de Rex Ingram sobre a sua descoberta : "Samaniego é um actor nato, ainda inexperiente mas apto para tudo o que se lhe exigir no "set". Elle expressa, com o rosto, sentimentos e paixões que assombrariam o mais perfeito veterano. Preciso delle nos meus Films. Lembra-me immenso "Hamlet" e apesar de o ter feito um villão em "castello", espero ainda fazer "Hamlet" com sua figura. Samaniego será um dos nossos maiores artistas".

Esta prophecia de Ingram foi feita em 1922...

* * *

Eis aqui uma phrase de Marion Morgan sôbre o seu protegido, e que deixava-o furioso! "Ramon é como um papa-nickeis. E' só collocar uma moeda e qualquer personagem virá á superficie, ao seu rosto..."

* * *

Ramon Novarro canta todos os Domingos no côro da igreja em Los Angeles, e isto ha uns 11 annos. Entretanto durante 6 annos elle cantou anonymo.

* * *

Um critico de Los Angeles ao analysar o Film então estreado: "Scaramouche", declarou que Ramon Novarro era o Barrymore da tela.

Dizem que o "real" John não gostou muito da comparação, pois nesta época lutava no Studio da Warner Bros, afim de estabelecer-se com um artista de Cinema. Mas a surpresa de Ramon foi enorme, pois estava numa loja no Hollywood Boulevard e eis que entra o "realperfil". Ambos nunca tinham sido apresentados mas John Barrymore dirigiu-se a Novarro e apertou-lhe a mão:

— Assim, o Barrymore da tela fica conhecendo o Novarro do palco — declarou elle com malicia!

Ramon Novarro fala sobre o Natal.

— "Nunca tive uma arvore de Natal ou ouvi falar em Santa Clauss, até vir para os Estados Unidos.

A celebração do Natal no Mexico é differente. E' bella, original e inesquecivel! Os festejos começam com os *posados*, o que quer dizer: nove dias antes da commemoração principal, começa a jornada de S. José e Virgem Maria para Bethlen.

Em cada *posado*, uma familia de Durango, minha cidade natal, offerece a sua casa para os festejos da noite. Nossa casa era, usualmente, escolhida para o ultimo *posado* a vespera do Natal. Havia grandes preparativos para isso e quando os membros de 9 familias mexicanas reunem-se numa casa é quasi uma multidão. Só a nossa familia compunha-se de 14 pessoas, nesta época.

No primeiro dia dos *posados*, são escolhidas algumas creanças para representar S. José e a Virgem Maria. Representar estes papeis é uma grande honra só concedida áquelles que tiveram bom comportamento. Sim, representei algumas vezes o papel de S. José, mas não creio que tenha sido bem comportado!...

As outras creanças e as pessoas adultas formam a procissão. Cada pessoa carrega uma pequena vela e dirige-se para a casa designada para os festejos, cantando uma litania.

As creanças representando as figuras sagradas, batem á porta pedindo pousada para Nossa Senhora. Em principio recusam-na mas depois de alguns cantos, são todos recebidos.

Segue-se ahi a oração deante do presepe. O resto da noite resume-se em festejos e dansas.

Cada noite esta cerimonia é repetida em differentes casas. Toda a jornada de S. José e a Virgem Maria, com o nascimento do Sagrado Infante. Até os pastores da Biblia são reconstituidos. E tudo isto é feito com canções bellissimas.

No ultimo *posado* o Menino Jesus é adormecido com *El Rorro*. E' a unica canção de berço mexicana. Minha primeira recordação da infancia é minha mãe cantando-a para mim.

Na ceia do Natal a imagem do Menino Jesus é impressa nos pães, que são escondidos no pateo. Aquelles que os acham, ganham premios. Ahi chega a grande alegria da noite. Em vez de arvore de Natal, os mexicanos têm a *pinata*: é um póte de barro cheio de doces, balas e confeitos, que todos têm de procurar no pateo, com os olhos vendados. Quebrar a *pinata* traz má sorte..

Agora aqui em Los Angeles, minha familia e eu, celebramos o Natal de maneira differente. Depois da Missa do Gallo, voltamos para casa e ceiamos. O dia seguinte é todo dedicado a festejos, os quaes são, em geral, no meu theatro intimo. No ultimo Natal por exemplo tivemos um prestidigitador mexicano que divertiu-nos immenso com as suas magicas ajudado por Gloria Swanson, Ruth Chatterton e Marie Dressler.

Organizei umas *pinatas* para meus convidados e para uma amiga minha fiz-lhe uma surpresa: offertei-a com as castanholas que usei em *Sevilha dos meus amores*.

Joan e Ramon em "Procellas do Coração".

Ella pedia-me, insistentemente, este presente. E junto colloquei um cartão contendo uma pequena lenda de minha terra sobre as castanholas. E' que as castanholas são marido e mulher. A que fica na mão direita é a esposa, fazendo muito mais barulho, tagarelando. Emquanto a que fica na mão esquerda é o marido — faz pouco barulho, isto é, responde á mulher com respostas rapidas e concisas".

❖ ❖ ❖

Ramon, quando chegou a Los Angeles, foi tambem "usher" (indicador de logares) do theatro Majestic.

❖ ❖ ❖

Nos seus primeiros dias de angustia em Los Angeles, Ramon intitulou-se professor de musica. E chegou a ter muitos alumnos.

❖ ❖ ❖

Em Los Angeles, a rua Veintidos, 2265, está a casa que Ramon fez presente a sua mãe, com o primeiro dinheiro ganho no Cinema. Ramon tambem morava nessa casa, onde está o seu "theatro intimo". Agora estão apenas os seus paes e alguns irmãos.

Aos domingos, depois da missa todos e reunem e são sempre quinze ou dezeseis pessoas, pois Ramon comparece sempre com alguns amigos, além dum tio ou primo que sempre apparece. A Sra. Leonor Samaniego costuma a marcar a roupa dos seus filhos seguindo a ordem dos seus nascimentos e assim Ramon até hoje é o R 3...

❖ ❖ ❖

CINEARTE ainda publicará uma entrevista especial com Ramon Novarro, em que elle relata factos inéditos da sua vida.

❖ ❖ ❖

Palavras de Ramon:

— Depois de 10 annos nos films, os 10 melhores annos da minha mocidade, verifico que de um homem outrora com muita ambição, reduziram a um simples papel de artista de Cinema...

❖ ❖ ❖

Uma das maiores emoções da vida de Ramon Novarro é o seu encontro com George Walsh. Ramon tinha sido chamado á Roma afim de substituir Walsh em "Ben Hur". Foi um encontro profundamente tocante: o veterano já vencido e o novato que preparava-se para a gloria! Walsh, comprehendendo sua grande derrota artistica abraçou chorando a Ramon, o novo Ben Hur, o novo "star" em ascensão.

❖ ❖ ❖

Ao estrearem o primeiro Film de Ramon Samaniego o departamento de publicidade da Metro reclamou que o nome do artista era de difficil pronuncia.

— Ora, vocês não sabiam pronunciar "Apocalypse" e no entanto o Film foi um grande successo, e ganharam milhões com elle — contestou Rex Ingram.

Mas continuaram a insistir numa troca. Ramon tomando de um mappa da Hespanha escolheu o nome de uma provincia: Navarra.

— E' muito feminino — disse alguem. Deve ser Navarro.

— "Navarro é muito vulgar — respondeu Ramon — Quero crear meu nome e se algum dia valer algo que seja eu o seu creador". E escolheu Novarro. Como é entendido em onomatologia. Ramon achou tambem que este nome trazia vibrações eguaes ao seu nome original.

Para "Cinearte" y sus lectores - Un afectuoso saludo de Ramón Novarro.

Ramon e seus paes na primeira de "Sevilha dos meus amores" em Los Angeles

Ramon aos 2 annos

Em baixo: Ramon quando estava dirigindo a versão hespanhola de "Sevilha dos meus amores" com Rosita Ballesteros e Conchita Montenegro. Ao centro: a Senhora Samaniego que muito ajudou seu filho nos detalhes de Sevilha.

Ramon com 6 mezes de edade, com suas irmãs Rosa e Guadalupe. Ambas são freiras hoje.

Em baixo: Ramon e sua irmã Leonor.

Ramon na sua primeira apresentação no palco. O vendedor de passaros numa pantomima

Com esta edição, "Cinearte" reinicia um programma antigo: Numeros especiaes aos grandes e mais populares artistas do Cinema, á feição do que fôra feito com Valentino, por occasião da sua morte, aliás o maior successo do jornalismo cinematographico no Brasil e que firmou a acceitação de "Cinearte", logo nos seus primeiros dias de vida... Escolhemos Ramon devido á opportunidade de sua visita. Difficil, naturalmente, encerrar em poucas paginas todos os angulos da personalidade de Ramon Novarro. Apenas um numero especial dedicado aos "fans" do artista de Cinema, que ha mais de dez annos tem-se mantido no apogeu, figurando, ininterruptamente, em papeis de grande destaque nos films

NUMERO ESPECIAL
SOBRE
RAMON NOVARRO

Edição da S. A. "O Malho"

A VIDA DE RAMON

(CONTADA POR UM JORNALISTA AMERICANO)

UMA biographia só deve ser começada depois que a tinta do certificado de obito seccar. Mas não é este o caso de Ramon Novarro. Seu amigo e conselheiro, convivi com Ramon durante cerca de quatro annos e ainda o admiro. Presto-lhe aqui um tributo de sympathia e admiração insopitaveis.

Aliás, não se trata de uma biographia mas, antes, de uma serie de memorias de viagem. Por isso em logar de começar "No anno de 1899 . . . " vou dizer as cousas noutro tom, mais interessante e attrahente.

"Todos a bordo!" Os signaes de partida se multiplicam. O navio movimenta-se. Estamos a caminho das noites orientaes: Tunis e o mystico sopro de Allah.

Majestosamente, no rythmo do seu nome, o transatlantico corta os mares. Recolho-me ao camarote ainda com a visão da estatua da Liberdade.

———x———

Foi sómente na vespera de desembarcarmos em Cherbourg que conheci Ramon, a caminho da Africa onde iria juntar-se a Rex Ingram para a Filmagem de **O Arabe Aristocrata.** Já o havia entrevistado em New York, na estréa de "Apsará". Minha unica impressão, então, fôra esta — juventude.

O brilho singular dos seus olhos deixava ver um optimismo sem par. Percebia-se que elle tinha muita confiança em si proprio e que pouca coisa conhecia do mundo que o cercava.

Escrevi delle então: "Só o tempo com as suas experiencias poderá moldar o seu verdadeiro caracter — dois annos de trabalho provocarão uma grande mudança em Novarro."

Dois annos mais tarde o mesmo propheta escrevia: "De todas as jovens celebridades da téla, Ramon Novarro é a menos conhecida e a mais digna de se conhecer."

———x———

Foi Adela Roger St. Johns que o qualificou de perfeito trovador. "Encanto lyrico, encanto poetico, mais a belleza de um deus grego. Pensa-se nelle quando se lê Keats, Byron, "Romeo e Julieta."

Eu tenho-o sempre presente quando leio Shelley. "Sua expressão moral não é menos bella que a intellectual. Ha tanta gentileza, tanta subtileza nelle que toma o ar de veneração profundamente religiosa dos santos dos grandes mestres de "Florença".

Nos seus olhos brilham tambem a animação, o fogo e a vivacidade de uma intelligencia fóra do commum.

Jantamos juntos na vespera do desembarque e bebemos uma Pommery **sêca,** como gostam os francezes. Decidimos esperar a Europa nem que fosse pela madrugada alta.

Devo ter tocado nas cordas sensiveis do seu coração — aquella noite foi de encantadoras revelações atravez das quaes eu vi de perto a substancia do seu caracter.

As palavras que elle pronunciou, com accentuado sotaque hespanhol, os **ü** agudissimos, os **ec** avelludados eram meros tributarios das luzes que seus olhos irradiavam.

Com grande destaque de preto sobre branco os seus olhos, illuminando um rosto pallido mas são, provocavam curiosas transformações: ora grandes e vivos, ora apertados e pensativos. Tudo isso, e mais os traços de Azteca no seu sangue hespanhol, me fez acreditar em que realmente existem olhos mongolicos por traz do véu dos mysterios dos Maya.

———x———

— Nasci no Jardim do Eden, respondeu Ramon, com repentino bom humor.

— Então foi você que comeu a maçã e nos fez soffrer tanto.

Disse isso certo de que elle não seria capaz de fazel-o. Elle ainda vive no jardim tão puro como no dia da creação. Não, Ramon nem siquer conhece de vista da arvore do bem e do mal.

O Jardim do Eden onde elle nasceu formava o coração de sua ancestral residencia em Durango, Mexico. Seu tio assim o chrismou por estar certo de que Adão e Eva invejariam a familia que lá vivia. Elle referia-se á enorme variedade de frutas e flores e não ao tamanho da familia, embora Adão e Eva tambem fossem capazes de invejal-o: lá viviam quatorze creanças.

Para conhecer Ramon é preciso entrar nessa casa: construcção typicamente medieval, sem fortificações, mas provida de formidaveis portas e janellas de ferro, protectores do seu caracter interior.

Constituida de salas amplas, compridos corredores, cheios de arcos, tres palcos internos cada um com a sua **pileta,** de onde sahe uma arvore a mansão da familia de Ramon fica no centro de um jardim maravilhoso em que abundam flores e frutas de todas as qualidades.

Nesse scenario, ao crepusculo, Ramon vê sua mãe passeando, com o rosario na mão e a mantilha de dama hespanhola na cabeça.

Ramon mostrou-me esse jardim com ar de veneração.

———x———

Foi aqui que Ramon aos seis annos fez a sua estréa no drama: numa festa commemorativa do anniversario de sua avó.

Em companhia de sua mana Guadalupe, actualmente freira, Ramon recitou um poema de Campoamor, em que o seu vestuario era de padre e o de Guadalupe de cigana.

Todos os amigos e parentes applaudiram enthusiasticamente.

Nascera um artista no Jardim do Eden.

Poucos mezes depois, morta sua avó, Ramon sentiu sua primeira magua. As lagrimas encheram-lhe os olhos: elle correu para o espelho.

———x———

Quando completou oito annos sua mãe lhe fez presente de um theatro de marionnettes — presente do Menino Jesus.

Dahi por diante passou a gastar tudo quanto lhe davam com as marionnettes. Elle e Guadalupe cuidavam de tudo — arranjaram mobilia, tapetes e cortinados para enfeitar o ambiente das bonecas.

"A Viuva Alegre" foi a peça de maior successo dessa temporada. Foi a da estréa.

Suas irmãs Luz e Leonor gastaram quatro semanas treinando as bonecas e o dialogo.

Tão cedo arranjou permissão da Senhora Samaniego para usar a sua sala iniciou uma verdadeira campanha de publicidade.

O successo fôra formidavel. Durango tinha o seu Belasco. Dahi então até a idade de quatorze annos Ramon foi um activo productor theatral, adaptando historias e peças, mormente as satiricas e estudando os dialogos das marionnettes em oito ou nove vozes differentes. Revistas americanas e parisienses forneciam as idéas para as montagens e os effeitos de luz.

Artisticamente Durango tem grande valor. Cidade de cultura européa, Durango com os seus cincoenta mil habitantes sustentava um theatro municipal. Mimi Aguglia representou nelle em italiano um mez inteiro e Tetrazzini foi tão bem recebida que varios annos mais tarde quando lhe perguntaram sobre o logar do mundo em que fôra mais bem recebida, respondeu promptamente: "Um cantinho do

mundo, no Mexico, chamado Durango."

O mesmo com Ramon.

——x——

Quando a revolução mexicana de 1913 atirou por terra com o

NOVARRO

governo de Huerta e imprevistamente provocou o fechamento da escola "Nossa Senhora de Guadalupe", de Durango, o Dr. Samaniego carregou com a familia para Mexico City.

Foi a primeira tragedia na vida de Ramon.

Elle estava amando. A separação parecia-lhe uma desgraça a que não sobreviveria.

O seu namoro progredira tanto que elle já apertava as mãos de sua namorada. Isto significa um notavel triumpho no Mexico, onde as pequenas ainda são zelosamente guardadas por velhas ranzinzas.

A maior parte do namoro de Ramon consistia em passear para um lado e para outro, á luz da lua, nas proximidades da casa de Maria com um ramalhete na mão e no coração a doce esperança de avistal-a atravez das grades de ferro de uma janella.

A's vezes cansado de esperal-a elle subia ao telhado de uma casa de dois andares, do outro lado da sua, só para vel-a brincar no pateo com as irmãs.

——x——

Pouco antes de deixar Durango elle passou na loja de um photographo e viu um retrato de Maria com duas irmãs. Entrou com um pretexto qualquer e bateu a photographia. A' noite cortou della as duas irmãs de Maria deixando-a brilhar sózinha e para guardal-a num logar seguro e adequado metteu-a entre as folhas de "A Imitação de Christo".

Desse modo na Communhão Sagrada, aberto o livro e concentrada a sua alma na imagem de Maria elle dentro em breve adquiriu a reputação de joven devoto.

——x——

Na cidade do Mexico, Ramon iniciou seu treinamento militar no Collegio Mascarones, dirigido por Jesuitas, e continuou seus estudos de musica, francez e inglez. Nessa occasião dedicou-se tambem aos sports.

Persistindo o estado de revolução no paiz, toda a familia resolveu voltar para Durango e os confortos do lar. Foi então que tres irmãs de Ramon decidiram ser freiras. Guadalupe, a menina espirituosa e intelligente que representára com elle o seu primeiro acto dramatico, Rosa e Leonor, que o ajudavam no theatro de "marionettes" – todas tres desappareceram para sempre da sua vida.

E dois annos depois Guadalupe entrava para a Casa da Cruz, em Durango, ao passo que Leonor e Rosa iam para as ilhas Canarias, servir nos hospitaes de S. Lazaro e S. Martinho, exercer a mais nobre e corajosa das missões – tratar de leprosos.

A partida de suas irmãs fez Ramon voltar-se para a igreja. A sua natureza mystica, habituada com a severa educação religiosa de Durango, onde os milagres catholicos eram diarios, deixou-se impressionar de tal maneira que decidiu ser padre.

E durante varios mezes viveu uma vida de penitente. Dormia no chão e sem cobertas. Levantava-se ás cinco horas da manhã. Fazia serviços proprios dos criados. Jejuava. Orava muito. E acabou o namoro.

E' elle proprio quem diz:

– Quando os meus amigos me avistavam na rua, principiavam a cantar a Ave Maria. Mas eu não ligava. Fôra raptado e conduzido ao céo...

——x——

Mas, uma paixão maior ainda que a religiosa, arrancou-o da igreja – a sua paixão pela musica, despertada pela simples leitura de um programma da Opera Metropolitana, annunciando Caruso e Geraldine Farrar em "Manon".

Aos seis annos de idade elle começou a estudar musica. Aos sete, sob a orientação de sua mãe, passou a amal-a. No Collegio Mascarones cantava na capella e provocava o elogio dos Jesuitas e em Durango cantava na Cathedral.

O programma da Opera Metropolitana despertou-o de seus sonhos religiosos e fel-o mergulhar num outro mais profundo.

– Com certeza foi o demonio que me tentou. Ainda não estou seguro disto.

Correu para o seu confessor e consultou-o sobre a parabola dos tres filhos – o que desperdiçára o talento, o segundo que o sepultára e o terceiro que voltára com elle multiplicado. O padre sorriu e disse áquella mocidade afflicta que só o Divino Destino poderia resolver.

E o Destino decretou...

——x——

A aventura lhe estava predestinada. Os antepassados de seu pae sahiram da Hespanha com Cortez e a familia de sua mãe, os Gavilans, de sangue hespanhol misturado com Azteca, tinha orgulho de descender directamente de um principe da linhagem de Montezuma, a quem os hespanhoes chamavam de Guerrero pela sua extraordinaria bravura na guerra.

Aos dezete annos, Ramon em companhia de seu irmão Mariano, partiu para os Estados Unidos para iniciar a sua carreira musical. Levava apenas cem dollares.

O paiz ardia em revoluções nessa época. Em Escalon, povoado entre Durango e a fronteira, disseram-lhe que os revolucionarios haviam tocado fogo nas pontes. O chefe do trem já tinha ordem para voltar quando chegaram telegrammas annunciando que as pontes em que já haviam passado tambem estavam em chammas.

Durante dois dias os irmãos permaneceram no povoado.

– Eu não tinha appetite. Ouviamos dizer que Villa estava perto cortando as orelhas de todo mundo. Tremia pelas minhas. Imaginem um musicista sem orelhas!

Para o fim da semana chegou uma locomotiva de Torreon que reparou as pontes como foi possivel. Como meio de escapar da aborrecida escala e evitar a perda das orelhas, Ramon propoz-se para acompanhar a mais formosa das passageiras no seu regresso.

Convencendo o maquinista, elle conseguiu alojar-se com a sua dama na propria locomotiva. Começou a fuga através do territorio dos bandidos. Foi um horror, um inferno. As pontes queimavam rapidamente. Era o trem passar por ellas as chammas irrompiam.

Em Durango, sua mãe horrorizada, viu a vontade de Deus em opposição á ventura do filho

— Você não deve teimar, repetia ella dia após dia.

Foi preciso mais de uma semana de eloquencia para persuadil-a de que tudo não passara, na realidade, de uma prova de fogo, tal qual os velhos deuses Aztecas impunham para temperar a coragem dos seus homens.

— No dia de render graças a Deus chegámos a Los Angeles. Nem os peregrinos ajoelhados diante do Santo Sepulchro seriam mais ardentes nas suas preces do que eu.

Dinheiro – eu só tinha 10 dollares; meu irmão nenhum.

——x——

Ramon não me contou todas essas coisas na vespera do "Leviathan" atracar. Ahi estão tambem algumas notas colhidas por mim nos ultimos tres annos. Juntas ellas formam o "background" necessario para conhecer Ramon Novarro, cujo caracter confunde-se nas sombras de um longo passado, onde o mysticismo hespanhol soffreu a influencia dos Aztecas. Elle deixou o Jardim do Eden pelo brilho de Hollywood. Marion Morgan foi a primeira pessôa que o viu de perto e por elle se interessou. Elle trabalhava como "extra". Marion convidou-o para tomar parte nos seus bailados.

– Mas eu nunca dansei...

– Não faz mal. Você tem o physico.

A companhia partiu para New York e Ramon trabalhou varias semanas em ensaios sem receber um tostão. Com a sua familia empobrecida pelas revoluções e seu pae doente, o seu unico consolo era o seu incomparavel optimismo.

Durante o dia elle ensaiava e á noite trabalhava num restaurante automatico, onde grande parte do seu dever consistia em ir buscar massas para pasteis em logares distantes. Dez centimos em cada viagem. Dez centimos crescem de valor quando a gente tem as melhores roupas no prégo e o estomago transformado em relogio. Ramon carregava tudo nos hombros. Trabalhava a noite toda, até romper a madrugada.

Nas suas viagens elle passava sempre por uma igreja. Na volta sentava-se nos degraus dessa igreja e punha-se a contemplar as estrellas.

— Quando eu me sentava lá e me deixava ficar contemplando as luzes do céo appareciam-me sempre, bem nitidas as letras todas do meu nome.

Elle olhava-me derramando nos meus olhos as luzes da sua visão.

Nada mais dissemos naquella noite depois que Ramon me descreveu essa scena de sua historia.

Ramon durante a Filmagem de "Procellas do coração"

Quando atravessámos de automovel os Campos Elyseos, Paris banhava-se no tom sanguineo do crepusculo. No Hotel Chambord, onde chegámos, esperava-nos Alice Terry. Assim que nos viu, vindos de Tunis, cheios de pó e saudade, estendeu-nos os braços e, na sua vivacidade exquisita, havia qualquer cousa de uma Madona de Rubens depois de sorver um **cocktail**...

Fiquei admirando Alice e vendo a festa que ella fazia a Ramon, conhecido seu de tanto tempo, amigo inseparavel de dias idos e, principalmente, figura mais querida della e Rex Ingram, seu marido. Ramon, saltando do carro, atirou-se ao abraço immenso que esperava para devoral-o e ambos beijaram-se como irmãos que ha muito tempo não se encontram e, um dia, trazido elle por um automovel e esperando ella, do topo de uma sacada. E immediatamente puzeram-se a conversar sobre cousas do passado, cousas do presente e, afinal, indagações garrulas sobre o futuro delle, feitas com exposição quasi que constante de uma serie de dentes maravilhosos... Edith Allen, minha conhecida, dissera-me que gostaria de Alice. Boa propheta...

* *
*

Paris... Ah, Paris... O que mais dizer senão supirar e invocar reticencias e mais reticencias?... No Casino, com "Senhoras" francezas despidas, no palco e cavalheiras americanas, mais ou menos do mesmo jeito, apenas mais do que cobertas de joias, pelos camarotes desses mesmos theatros; no Folies Bergeres, onde cavalheiras ainda mais despidas do que as acima citadas mostram que o calor lá é perenne, ainda que caia neve, lá fóra... no Montmartre, que o americano mantém com a sua curiosidade pelo vicio... dos outros; pelos "cabarets" russos, cheios de exotismo e exquisitices; pelos recantos mais infestados de "gigolôs" do mundo todo; pelos **boulevards,** por tudo que constitue essa cobiça internacional de prazer e volupia; tudo isso percorremos sob o terror de tambem cahirmos no adagio frequente dos francezes avisados que assim se vingam da argucia americana que mostra o ridiculo francez pelos Films e que é o seguinte: — **vous, les américains. vous êtes tres riches... vous êtes tres fous!...**

* *
*

No quarto dia, disse a Ramon, depois dessa nossa peregrinação.

— Já vimos a America, Ramon. Vamos agora ver Paris?...

Elle gosou a piruada e juntou-se a mim na travessia do Sena, rumo ao restaurante Foyot. Entre elle, o ruido estonteante de Montmartre, a pornographia de Montmartre e a exposição de nus do Folies, ha, felizmente para nós, de permeio um rio e... um seculo, quasi. Foyot é logar para conversar e digerir...

* *
*

Defronte a nós, duas francezinhas — cousa engraçada!... — falavam francez. Engraçada, digo, porque as francezinhas dos Films geralmente são americanas do Texas ou do Kentucky e, assim, uma francezinha que não fale em **slang** americano, para nós é novidade... Ramon observou-as longamente e depois disse-me:

— Uma francezinha authentica falando francez de verdade... Que cousa adoravel!...

Ramon, Alice Terry, Rex Ingram, Loew da M. G. M., e outros visitantes quando se Filmava "O arabe aristocrata" em Tunis.

Affirmei-lhe, sem intenções patrioticas, que as americanas são mais bonitas. Elle confirmou o que eu disse e, recordando, já esquecido das francezinhas, continuou:

— Tinha quatorze annos... Apaixonei-me doidamente por uma americana bonita como você disse que em geral ellas são. Era esposa do consul americano em Durango, onde nasci. Seus cabellos não eram loiros, não. Tinham a côr dos raios da lua e emmolduravam olhos mais azues do que uma manhã de primavera. Que deliciosa creatura! Quando o marido morreu, acompanhei sua tristeza de longe. A primeira vez que a vi no cemiterio, ao lado do tumulo do finado, trazia sobre o corpo, collante, um vestido mais vermelho do que sangue... Se você apenas soubesse a impressão que me causou aquelle vestido rubro ao lado do negro nocturno daquelle ambiente...

Logo vi que Ramon divagava...

* *
*

O **garçon** poz um **poulet-Foyot** deante das narinas quasi esfaimadas de Ramon. Seu romantismo embotou... Sahiu elle do cemiterio mexicano e esqueceu a viuva vermelha. Disse, já com o pensamento longe:

— Você já desmaiou, por acaso, ao cheiro de comida?

Fiquei olhando para elle como aquelle sujeito que espera a solução da anecdota sem a poder adivinhar.

— Pois quando cheguei a Los Angeles, pela primeira vez, passava uma fome regular de alguns dias. Suggeri ao gerente de um restaurante a conveniencia de tomar elle os serviços de um cantor qualquer para divertir a clientela. Quando elle me perguntou onde estava o cantor, acho que não é necessario dizer que apontei-me e lhe disse que era eu em pessoa... Nesse tempo Caruso ainda existia e eu confesso que me apiedava delle como quem se apieda de um pobre infeliz. Era eu cantar e jamais elle teria audacia de figurar em publico... Fui contractado e, em seguida, pediu-me elle que cantasse qualquer cousa popular... Subi ao tablado. Tomei attitude e comecei a cantar o motivo popular **Poor Butterfly.** Um **garçon,** passando pela porta da cozinha, deixou-a excessivamente aberta, creio, porque o cheiro que veiu foi tão forte que eu... desafinei valentemente. Approximou-se o **garçon** e, já perto de mim, justamente quando eu me apromptava para recuperar os sentidos e não desafinar mais e poz-me debaixo dos olhos um frango assado... exactamente como este que aqui está. Desmaiei... **Poor Butterfly...** Quanta verdade nesse titulo... Foi a "canção do desmaio"...

* *
*

Curado dos effeitos de sua estréa vocal, Ramon resolveu tentar outra especie de arte.

— Aconselharam-me o Cinema. Eu sabia o pae que tinha e como eram meus parentes. Obedecia-os, afinal de contas e, para melhor argumentar, enviei a papae uma carta dizendo-lhe que travára conhecimento com Carlito — o que era mentira — e que o achára um individuo de moral honestissima. Mary Pickford era uma artista honesta e decente e fiz elogios identicos a varias outras pessoas das quaes no momento me lembrei. Meu pae, Dr. Samaniegos, individuo austéro por principio e convicção, respondeu-me que era possivel ser-se honesto até na profissão de artista de Cinema. A permissão era por demais laconica, mas era permissão, afinal de contas. Ainda assim consultei um tio. Mais laconico elle foi. Perguntei-lhe em que companhia aconselhava-me a entrar e elle me respondeu que entrasse para aquella que me parecesse melhor... Pensei em ser cantor de revista ou opereta. Mas acabei inclinando-me decididamente pelo Cinema.

* *
*

Depois contou elle sua primeira aventura de Cinema.

— Foi Lasky que me facultou essa aventura. Deu-me um pequeno papel. No dia em que me encontrei com elle, vestia eu uma roupa de meu primo, uma roupa pela qual elle pagára tres "dollars" e pouco. Era uma creação vinda da capital mexicana e positivamente exotica, naquella cidade... Meu primo, além disso, era muito menos gordo do que eu e era com extraordinaria difficuldade que eu conseguia abotoar o **paletot.** Quando o director de elencos contractou meus serviços, não pude deixar de pensar commigo mesmo: — "foi a roupa...". E acho que foi, mesmo...

* *
*

A primeira attenção que elle chamou, em Hollywood, foi a de Cecil B. De Mille. Tinha elle que fazer um soldado allemão em A INTREPIDA AMERICANA.

— Os allemães atacavam violentamente um castello. Uma manhã, quando De Mille chegou ao **set,** perguntou logo: — "O que é que você está fazendo?". Dei dois passos á frente e, ainda falando com o sotaque mexi-

cano que ainda não tinha perdido e hoje felizmente para mim não tenho mais, exclamei, convicto: — "Sou um soldado allemão, senhor director!". Elle não poude deixar de rir e eu fiquei louco de alegria com essa tacita approvação do director que até hoje é dos mais formidaveis. Eu tinha lido os livros americanos sobre a "Arte de se Conduzir Bem". Sabia, portanto, o "melhor systema de agradar sempre ao patrão"...

* *
*

— Eu me apresentei assim a Griffith. Tomava elle o automovel depois da **premiere** de LYRIO PARTIDO, em Los Angeles e eu me dirigi directamente a elle. "Mr. Griffith. Queria ter uma opportunidade num Film seu." Elle me respondeu que fosse ao Studio na proxima semana. Alvitrei ir no dia immediato. Griffith sorriu e acceitou a hypothese que formulei de ir no dia seguinte. Mas lá estive no dia seguinte e ainda por cinco outras semanas, todos os dias, ficando á espera cinco ou seis ou mais horas e mais expectante do que o cãozinho da marca registrada Victor... Ao fim de quinze dias, no emtanto, appareceu o homem. Quando abriu-se a porta do seu escriptorio, atirei-me por ella a dentro, assim que fui chamado, sofrego, quasi desesperado e levei commigo um manuscripto que tinha feito especialmente para ler a elle, roupa, etc., pois, pouco mais do que creança, naquelle tempo, pensei que aquillo tudo fosse acceitavel... Cheguei. Atirei a capa hespanhola que trazia sobre os hombros para traz, em forma dramatica, tirei o "drama" da valise e puz-me a ler para Griffith ouvir: — "Um homem caminha para sua cella. Será executado na manhã seguinte. E diante do povo! Nada poderá livral-o do supplicio. (Griffith mexeu-se quando eu disse isso...) O homem está muito agitado. O espectro da victima surge diante de seus olhos. Atormenta-o! Elle se torna, com isso, ainda mais agitado...". E fiz a descripção integral do typo, com luxo de detalhes e um exaggero que eu hoje imagino qual não fosse... Afinal, já impaciente, perguntou Griffith, quasi explodindo: — "Mas quem é a victima, afinal?". Respondi que isso ficaria por conta da imaginação de cada um e pareceu-me que Griffith não era dos de melhor imaginação... Griffith, quando eu ia continuar, pediu que eu não continuasse. Elogiou tremendamente tudo aquillo que eu lera, disse que era a cousa mais formidavel que lhe apparecia aquella semana pela sala a dentro, ironia que eu não comprehendi, naquelle tempo, porque eu estava cégo pela minha cretinice de moço arrebatado. Deu-me elle muita promessa e prometteu, mesmo, o quanto pudesse ajudar-me e dar-me um **test**. Quando cheguei ao meu hotel, naquelle dia, pensei que aquillo fosse troça delle, apenas. Não achava possivel que o homem realmente se interessasse por mim, se bem que visse o interesse com que elle acompanhou minha gesticulação, mais a gesticulação do que aquillo que eu contava, mesmo. Quando voltei ao Studio, soube que elle residia no Hotel Alexandria e para lá fui. Tendo apontamento marcado com elle no Studio e tendo sido esse apontamento destruido por elle mesmo, que não comparecera, resolvi procural-o no Hotel. Tinha resolvido, por mim mesmo, apoquental-o tanto que elle logo concordasse em me dar qualquer papel, comtanto que se livrasse de mim. Foi o que elle realmente fez... A fórma, no emtanto, é que tem surpresas. No Hotel, perguntei pelo quarto delle. Subi. Bati á porta, depois de ter ouvido uma negativa pelo telephone, lá em baixo... Custaram a abrir. Afinal, appareceu um homem em pyjama. Passei-lhe um bilhete que trazia escripto á mão, ás pressas e pedi que entregasse a Griffith. Elle disse que sim, mas quando ia retirar-se, reconheci nelle o proprio Griffith... Faleilhe, ardorosamente. Elle me garantiu que depois de cinco dias enviaria uma resposta pelo seu secretario. Cinco dias depois, chegou realmente a resposta: — era uma offerta para que eu fosse "astro" de futuros Films seus. Infelizmente não podia mais acceitar. Na vespera estava compromettido com Rex Ingram.

* *
*

— Você, Ramon, jámais sentiu-se nervoso ou timido ao abordar alguma personalidade importante?

Perguntei-lhe. Elle riu e respondeu, convicto do que dizia:

— Nunca! Desde que cheguei aos Estados Unidos, saiba disto, entreguei-me logo ao genero aqui tão apreciado de literatura que ensina a gente a vencer. Esses livros ensinam, entre outras cousas, que na maioria dos casos, quando se está falando com uma personalidade importante, a gente talvez seja bem mais importante do que essa mesma personalidade e, assim, para que a timidez?...

— Mas quando algum desses deixou de lhe dar attenção, você não se acabrunhou?

— Eu? Qual! Tinha pena, sim, mas... delle! Você me conhece hoje, muito mais ajuizado, assentado, certo do que faço. Garantolhe que teria sido uma cousa bem interessante você me ter conhecido naquelle tempo, ousado e maluco como eu era, ainda sem senso algum de responsabilidade. Eu sentia, póde crer, que um raio qualquer de luz divina estava sempre sobre mim jorrando a sua claridade. Essa convicção intima irreductivel é que me tornava sempre superior quando tratava com alguem, mesmo alguem bastante superior a mim. Pouco influia o tratamento que me dispensassem. Eu, de qualquer fórma, fosse como fosse, mantinha-me calmo e atacava sempre com fleugma e segurança.

Era a transformação, essa, do mexicano do "Jardim do Paraiso", num americano, puro "yankee", mesmo, cheio de expedientes e maneiras modernas... Puro ardor Douglas Fairbanks! Hoje, Ramon pouco mudou, apesar delle pensar que mudou muito. Continua o mesmo. A sua mudança tem sido para melhor, é logico, porque a edade sempre traz a experiencia e esta é uma das cousas mais sublimes para reformar um caracter bom, fazendo-o optimo.

* *
*

Passando fome e frio, em New York, o capote em férias numa casa de penhor, resolveu um dia Ramon, não sem certa reluctancia, fazer uma hypotheca de sua voz á Edison Phonograph Company. Foi, assim que resolveu, ao escriptorio da empresa, sem perder mais um só minuto e pediu que o recebesse o gerente geral da "coisa".

— Tem entrevista marcada?

Perguntaram-lhe.

— Quer saber do que mais? Póde dizer ao homem, lá dentro, que eu acceito perfeitamente um emprestimo de dez mil "dollars" em troca de uma opção sobre minha voz, entendeu?

Foi o que lhe respondeu Ramon, cynicamente. Os empregados assustaram-se e alguns empallideceram, mesmo. Ou era Caruso, em pessoa, disfarçado de moço ou... Emfim, marcaram-lhe um encontro para o dia seguinte. Ramon, ahi, continua pessoalmente o, relato do "feito"...

— Pensei bem essa noite toda, e, afinal, cheguei á conclusão de que não devia positivamente comparecer ao encontro. Eu sabia, perfeitamente bem, que, por melhor que cantasse eu jamais conseguiria dar a impressão necessaria para convencer áquelles rapazes do escriptorio de que eu tinha a razão quando falára daquella maneira. E não fui...

Ha tempos, estando em New York em companhia de Ramon, deu elle uma resposta a um enviado de uma casa phonographica que caracterisa bem a sua modificação. Sumiu, realmente, seu espirito infantil daquelles tempos quasi ingenuos. Elle respondeu, depois de ouvir o pedido e a proposta:

— Sinto, meu amigo, mas ainda não me sinto em condições de cantar alguns discos como os quero, um dia, quando me tiver aperfeiçoado bem.

Symbolisa-se com esta resposta o Ramon sensato de hoje.

* *
*

Emquanto Jacques nos servia um **Chartreuse-verte,** trinta annos de prisão numa adega, propoz-me Ramon terminarmos aquella noite na Opera. Acceitei. A Opera de Paris, outróra theatro onde se exhibiam, pavoneantes, as ancas bem formadas das senhoras e os calções pregueados a capricho dos senhores, dava, hoje, a impressão exacta de uma aristocrata decadente... Seus espelhos perderam o brilho. Embaciaram-se. Tudo parece estar pedindo reconstrucção, novidade, modernismo! Sente-se a supplica aos berros, por todos os cantos e é só olhar para sentir esta verdade.

Infelizmente encontramos em scena ROMEU E JULIETTA. Não ouvi a representação. Vi, apenas... Ramon, nesse caso de musica mais auditivo do que visualista, não se incommodava muito com a Julietta de cem kilos, desfazendo gordurosamente pelo palco todo e nem com o Romeu barrigudo e absolutamente lustroso. As vozes eram innegavelmente perfeitas e, assim, pouco se lhe dava a representação, porque elle chegava a fechar os olhos e ouvir, apenas. A creatura, lá em baixo, banhada por um luar artificial, gemia uma cousa romantica qualquer. A mim, sinceramente, dava-me a impressão de estar indignada com o espartilho e afflicta com as amarras... Era uma Julietta assim. O Romeu, então, quando se approximava della parecia ter no nariz alguma cousa pouco cheirosa, porque sua cara era positivamente enjoada. Estaria Julietta

Quando Ramon visitou o Studio de Charles Albin em New York, ainda não conhecia Lillian Gish e já tinha uma grande admiração pela heroina de "Lyrio partido". Cantou uma melodia para o busto da grande artista de Griffith, em sua homenagem

Ramon e um desenho que lhe enviou a sua admiradora Gladys Chilcott de Nova Zelandia. Representa o popular galã em "Scaramouche"

propondo-lhe, em francez, tomar uma colher de oleo de ricino?...

Na tarde seguinte, Ramon e eu, a bordo do "Général Grévy", seguiamos para Tunis. Quando comecei a enjoar, não consegui esquecer a figura do Romeu da vespera, lembrando-me sempre do seu oleo de ricino...

* *
*

Ao alvorecer chegámos a Tunis. Rex Ingram, logo que o navio atracou, esteve a bordo saudando-nos... á moda arabe. Isto é: — apertou nossas mãos e beijou... a propria. Os arabes, apesar de muita cousa que dizem delles, sabem lá o que fazem e o que pensam em materia de hygiene...

Rex tinha, em torno de si, reunido um elenco perfeitamente typico. Havia um corcunda que conhecia Paris e que lá estivera ganhando a vida entre senhoras da alta sociedade, dando sorte... Sim. O homemzinho punha-se pelo café a dentro e, conhecido, era muito requestado. Approximava-se, a senhora esfregava a mão avelludada no seu calombo das costas e dava-lhe dez francos. E, assim, fazia uma féria. Havia um anão que fôra o bôbo da côrte do rei de Tunis, ou antes, do sultão. Um artista hungaro que, segundo elle proprio affirmava, não tinha folga com as mulheres, pela sua sina, todos que delle se apaixonavam, queriam sempre ser suas escravas ou queriam escravisal-o. De qualquer fórma não o deixavam em paz. Uma rumaica com meias luas avioletadas sob os olhos, docemente morenos, labios rasgados cheios de "rouge"... natural. Rosto mais branco do que marmore puro, aspecto geral entontecedor. Collares, brincos gigantescos, quasi um dragãozinho chinez como mascotte. Uma dansarina arabe cujo nome era curioso: — Rheba. Vivia, ella, fascinada por si mesma. Sempre subia escadas de tres em tres degraus, mais agil do que uma cabritinha e enlouquecia de prazer quando encontrava um espelho deante do qual dansar, para si mesma, narcisista impenitente, a dansa do ventre, lá tão popular, uma "girl" americana em viagem de instrucção a colher dados e notas. Ella se sentava todas as tardes no "hall", um copo com cerveja numa das mãos e ouvia seus discos predilectos, anecdotas americanas. para não se esquecer, dizia elle... E um artista inglez, typo do "peroba", maniaco com a sua profissão e que levantava-se á noite e não deixava ninguem mais dormir com o seu insupportavel Shakespeare, gritando, em berros: — "Não durma mais! Macbeth assassinou o somno!". Um dia eu bati na parede do quarto e lhe pedi, polidamente, que fosse para o inferno, elle e o amigo Macbeth, comtanto que me deixasse dormir...

Quando é a companhia que paga, meu costume é tomar o melhor quarto do hotel, sempre. Foi o que fiz... Reuniam-se, em torno de mim, Rex, Alice e Ramon. Novamente os tres companheiros de tantos gloriosos Films do passado mais bonito do Cinema. E elles tinham certamente muito a conversar.

* *
*

Tunis, excepto nos quarteirões commerciaes denominados "souks", dá a perfeita impressão de cidade franceza. O "souk" é uma especie de kiosque onde o arabe negocia, todas as mercadorias de tal fórma misturadas

Ramon, Lewis Stone e Rex Ingram num intervallo da Filmagem de "Scaramouche"

que parecem-se muito com jogo de paciencia... Aquellas casas estrelaçadas, numa tremenda barafunda, parecem ter sido imaginadas por algum bóde embriagado cabriolando por todos os cantos, irrequieto... Por ali, como por uma passadeira já negra de fumo, escôa a multidão que passa: — negros, arabes, gregos e judeus. Ha cegos em profusão, pedindo dadivas e arrastando suas desgraças pela ponta do bastão que vê por elles. As mulheres passam, mysteriosas, rostos occultos. A cousa tal como a vimos em Films e tal como a lemos em innumeras paginas de literatura. Mas tanta roupa trazem ellas ás costas que, sinceramente, deram-me a impressão de estarem, pelas ruas, a arejar as roupas de cama de toda familia...

* *
*

Nos "souks", Ramon e eu encontrámos uma dessas raras creaturas de alma grande, o joven arabe El Beji, dirigente de uma casa de negocios com tapetes, "foutahs", bordados antigos e outras cousas semelhantes.

Muitas tardes passámos ali, pernas cruzadas, sorvendo o gostoso café arabe em taças exquisitas emquanto El Beji vendia seus tapetes ou nos mostrava bordados surprehendentes cujos segredos certamente ficaram sepultados em mysteriosos harens...

Uma tarde demorámos mais a visita e ficamos conversando, ali, com El Beji, até que se fechassem os outros "souks", com ruidos grandes de portas batendo. Uma "derkouba", num café distante, soluçava suas maguas de rythmo irritante. Falámos, Ramon, El Beji e eu, de Deus e de Allah. Empenharam-se, Ramon e elle, em demonstrar, um após o outro, a semelhança perfeita que existe entre ambos e quando El Beji nos disse que Allah reconhecia Christo como um propheta que só tinha superior em Mahomet sahimos e fomos á mesquita mais pro ima onde um grande aviso em sete linguas prevenia que aos cães christãos era prohibida terminantemente ali a entrada: — DÉFENDUE! WERBOTEN! FORBIDDEN! PROHIBIDO!!!

Ainda hoje eu sinto recordações esplendidas dessas noites em Tunis, tão cheias de um perfume exquisito de ambar e tão cheio de novidades romanticas que eu ainda jamais tinha cogitado que existissem. Ramon, de rosario na mão e El Beji usando contas de ambar, queriam convencer, um ao outro, qual a religião perfeita, se a do christão ou a do mahometano...

* *
*

Já tinham dado a Ramon muitos qualificativos, inclusive o de dissimulado. Tambem chamavam-no de enigmatico ou distrahido. Todas essas definições, no emtanto, absolutamente falsas. Elle é absolutamente differente disso tudo. O Ramon que a gente conhece, não é absolutamente o verdadeiro Ramon. Este, nunca ninguem conhecerá, porque elle guarda essa faceta de si mesmo muito em segredo e apenas para si proprio. E faz bem de ser assim avarento.

Ramon, no sentido em que possa ser utilisada esta palavra, é um mystico. Elle vê tudo pouco nitidamente e sempre através os vapores magicos da sua imaginação sadia e romantica. Elle vive mais no mundo do seu espirito do que no mundo real que habitamos, esta é a verdade. Tudo quanto elle vê ou ouve, não recebe como ouve ou vê. Primeiro, peneira aquillo pela sua imaginação e em tudo descobre symbolos. Cousas novas. Ramon faz o mundo ser como elle pensa que deve ser e não como é e quando tem desillusões, soffre menos, porque sua philosophia é um filtro que dilue tudo e torna as cousas mais brandas e suaves.

O mystico é geralmente supersticioso. Ramon, apesar de catholico contra os conselhos da Igreja, ainda que depois muito se penitenciasse disso, procurou chiromantes e videntes e quiz saber do seu futuro. Era a superstição do mystico sendo ainda superior á religião.

Certa vez elle viu um Film no qual havia um detalhe da palma da mão de John Barrymore. Correu á cabine do operador e com meio "dollar", justamente o que seria seu jantar daquelle dia e o almoço do dia seguinte, comprou apenas um quadrinho daquelle detalhe. Depois, conferindo com uma lente que arranjou emprestada uma serie de linhas de sua mão e da delle, o artista que então tanto admirava, verificou que eram parecidas. Procurou uma chiromante e perguntou sobre a parecença. A feiticeira olhou-o, apanhou o dinheiro da consulta, guardou-o e disse, depois: — "Não, não são parecidas em nada...".

Ramon desilludiu-se. Num segundo, no emtanto, seu bom humor voltou e seu espirito bom de mystico que pouco liga á vida dominou, de novo. Voltou-se elle para a chiromante e, sorrindo, disse, sem que ella comprehendesse...

— Bem... Se é assim, nada mais me resta sinão lastimar o pobre... John Barrymore!...

* *
*

Quando chegou a um certo periodo de sua vida, Ramon dedicou-se á sciencia dos numeros. Para entregar-se aos poderes occultos era preciso accrescentar um "s" ao seu nome de familia; incontinenti elle o fez. Wallace Reid, no emtanto, foi dos primeiros a notar que esse "s" em nada auxiliava a pronuncia

Ramon tinha um papel de simples "extra" em A MULHER QUE DEUS ESQUECEU; um dia, quando estavam em certo descanso de Filmagem, Ramon pediu a Wallace que posasse para uma photographia de Kodak que elle queria tirar como recordação. Wally, amavel e camaradissimo como sempre o foi, disse-lhe logo que sim e poz-se em pose de ser "instantaneado". Ramon, photographo amador, acabando de utilisar a primeira "camera" que comprava em sua vida, utilisava Wally para seu primeiro modelo... O caso foi como o de todos os amadores nessa mesma circumstancia: — esqueceu-se de pôr o Film na machina... Tirada a pose, Wally "dispersou". Ramon, no emtanto, assediou-o para que tirasse nova pose e Wally, ainda mais camarada do que nunca, accedeu. Na hora de tirar, no emtanto, Wally vingou-se: — fez-lhe uma careta e não quiz mais tirar pose alguma. Ramon acabou achando que seria, emfim, uma "careta" agradavel, sendo de Wallace Reid, o então Ramon Novarro daquelles dias...

Terminada a caceteação das photographias, Ramon ia sahindo, depois de agradecer, quando Wally fel-o deter-se e lhe perguntou:

— Como é seu nome?

— Ramon Samaniegos!

Respondeu pressuroso Ramon, acrescentando logo, para estrear, o cabalistico "s", pois Samaniego é que elle era. Wally emendou, fazendo careta.

— Ramon Saman... O que?...

— Samaniegos!

— Mas que nome complicado! Mas não faz, a gente corrige a cousa, sabe? Daqui para deante eu só lhe chamo Ramon e tudo fica arranjado, não é?

E realmente, dahi para diante Ramon jamais deixou de ser attentido por Wallace Reid onde quer que fosse e onde quer que se achasse. Wally sempre passava ao lado delle, punha dois dedos no **bonnet** preferido e exclamava, sempre com aquelle sorriso jovial:

— Hello, Ramon! Como vão as cousas?

E essa phrase ficou sendo sua exclamação predilecta.

Annos mais tarde, quando Rex Ingram apresentou a sua "descoberta", que não era outro sinão o nosso muito conhecido e amigo Ramon, feito o "test" é o mesmo em seguida approvado com louvor e distincção, repetiu o chefe de producção a mesma exclamação de Wallace Reid diante da enunciação do nome de Ramon.

— Saman... o que?... Não. O nome é muito complicado!

Consta que um companheiro que estava ao lado delle, ouvindo isso, pilheriou:

— Sim, complicado, não ha duvida. Mas lembre-se de Apocalypse! Era difficil, tambem, mas o dinheiro que nos deu!

Já que Ramon absolutamente não se oppunha, resolveram realmente substituir o tal Samaniegos que por nada deste mundo lhes entrava. Havia um mappa de nomes hespanhoes e, entre elles, um, de uma cidade de Hespanha, que ficou decidido e escolhido como sendo seu futuro sobrenome: — Navarro. Ramon num segundo já estudava novamente a numerologia do nome e vendo que Navarro não servia, trocou apenas uma letra e ficou servindo: — seria Novarro. Vibração prophetica e sympathica só lhe poderia ser accessivel havendo essa troca do "a" pelo "o". Ramon faz questão é de pronunciar correctamente o sobrenome. Quanto ao nome, pouco se lhe dá. Eu, no emtanto, se tivesse um sobrenome bonito e romantico como o seu e um nome não menos romantico e não menos bonito, assassinaria, garanto, o primeiro que me chamasse de Raymon, como lhe chamam muitos americanos, logo arrasando a verdadeira pronuncia do seu nome, como se se tratasse méramente de um Raymond com o "d" escamoteado... Se os deuses não ligam importancia, iria Ramon ligar, elle, que apenas se interessa pelas impressões e opiniões dos seus vizinhos e collegas do Olympo?...

* *
*

Ramon, quando fomos para Tunis, levou comsigo, dos pequenos livros de capa azul de Haldeman Julius, apenas dois. Conservo-os sempre a meu lado, na minha mesinha de cabeceira. "Meditações de Marco Aurelio" e "Imitação de Christo". Quando contemplei esses livros pela primeira vez, disse-lhe:

— Temos amigos communs, Ramon.

Quando voltámos, em New York, um dia, presenteou-me Ramon com uma rarissima edição de "Marco Aurelio Antonino". Na dedicatoria, poz:

— Este é o livro que escrevi numa das minhas passadas incarnações. Desafio-o a provar que minto...

Ramon, com seu physico sportivo, afinal de contas, e seu aspecto de moço quasi ingenuo, crê, piamente, que esteja animado do mesmo espirito que sempre encorajou o Imperador Antonino...

* *
*

Após uma diligente quasi "canôa", os nossos amigos mahometanos appareceram-me, na vespera de Natal, com um pinheiro pequenino que nós enfeitámos e illuminámos para homenagear a nossa padroeira Alice. Serviu-se a ceia no meu quarto e fizemos, então, a troca tradicional de presentes. Ramon antecipadamente pediu que fosse seu nome riscado da lista dos presentes. A principio eu achei aquillo extranho. Lá no Mexico, onde elle nasceu, sua gente costuma até festejar o Natal com o ritual bellissimo das "posadas". A "posada" começa as novenas, dias correspondentes de orações a precederem o dia de Natal. Convidam-se amigos e parentes. Depois de breve oração, na capella ou mesmo no oratorio, forma-se procissão e ao canto de ladainhas desfila o prestito mui lentamente pelos corredores em torno do pateo. Duas creanças carregam, á frente, um pequeno andor. Sobre o mesmo, as imagens de Maria e José a caminho da peregrinação a Jerusalém. Depois creanças, duas a duas, velas accesas na mão e muitas flores, tambem. Fechando a procissão, finalmente, os velhos, os adultos e os visitantes, em summa. Todos com tochas nas mãos e entoando a ladainha.

Em cada uma das portas do corredor, uma parada e, então, canta-se a supplica: — "pousada por uma noite para José e a Virgem Maria?". Outras vozes, em côro, respondem sempre que não, negando a pousada. Com os semblantes até apparentemente exhaustos, mesmo, caminham José e Maria, carregados pelos fieis, por todos os porticos do pateo e, em todos elles, a mesma cerimonia da pergunta e da resposta negativa. Até chegarem, afinal, á capella. Lá dentro, canticos vibrantes e quentes, saudando os peregrinos exhaustos. Portas escancaradas para traz, procissão entrando pela nave a dentro cheia de devoção e mesmo commoção, depondo os santos no altar resplendente e entoando, a seguir, enthusiasticos hymnos e orações. Finalmente, já terminadas as preces, surgiam os creados com cestas cheias de presentes e todos passam então para o pateo, onde, ajoelhados e de braços estendidos, esperam pelos presentes que lhes são atirados entre gritos de alegria e puro contentamento.

A esse mesmo pateo, na madrugada de 6 de Janeiro, chegam, com o mesmo cerimonial, os Reis Magos. As creanças collocavam pratos com iguarias finas entre as flores afim de que os Patriarchas se pudessem reconfortar emquanto faziam a espera e em seguida a adoração a Jesus. Em troca, em forma de fructos e doces, os Reis Magos deixavam seus presentes. A's vezes, por distracção, um prato era encontrado sem tocar e a creança que o levára, desolada, punha-se a chorar affirmando que o Rei não quizera tocar no seu prato... E a Mãezinha, indulgente como todas as mães, respondia, amorosa, que fôra penitencia e que os Reis, em homenagem ao menino Jesus não tinham tocado naquelle prato, exactamente porque era o mais saboroso...

E encontraram Ramon a cantar com a voz abafada por um lenço...

Admirei-me, bem por isso, com o facto de Ramon insistir para que não lhe dessem nenhum presente. Disse que aquillo se déra com elle, quando depois o interroguei, porque sentia-se sempre vexado e mesmo acanhado com manifestações pessoaes. As "posadas" eram bem diversas, porque eram impessoaes, antes de mais nada. Em sua casa as demonstrações sempre tinham sido escassas. Nunca um elogio era feito sem um motivo muito ponderavel a justifical-o. Tudo, como viesse, os seus consideravam dadiva de Deus e recebiam-no com agradecimentos só a Elle ou soffrimentos só para Elle. Em familia de quatorze pessoas, Ramon vivia perfeitamente isolado. Ainda hoje, quando nelle penso, ouço a voz ciciante daquelle sacerdote de Buddha, dizendo:

— Eu sou o templo da montanha... sou o pinheiro solitario...

Deante da sua vida no lar paterno, tenho a idéa de que se trata de uma ascendencia spartana combinada com estoicismo aztéca. Ambiente mais do que propicio, portanto, para qualquer pessoa crear o espirito tão admiravel de confiança em si mesmo. O lar americano é muito mellifluo. Por isso é que muitos de sentimento e emoções celticos, essa maneira de se crear um individuo como uma arvore solitaria que tenha todas as apparencias de egoismo.

Ramon nunca foi egoista, no emtanto; mas sempre foi individualista. Sua alma, creio, formou-se á custa do coração. Como homem, antes e como artista, depois, sentiu elle, sempre, a necessidade imperiosa, urgente, insopitavel de expansão.

* *
*

Furtando-se a participar do numero "distribuição de presentes", Ramon alegrou a ceia de todas as maneiras imaginaveis e possiveis. Alice cantou acompanhada pelo seu "ukele-

le". Ramon imitou todos os artistas que lhe pedimos que imitasse. A suarenta Patricola; o elegante John Barrymore; Ed. Wynn; Will Rogers; Fannie Brice... Tivemos a companhia de toda Broadway, naquella agradabilissima noite.

Esqueci-me bruscamente de que em sua casa não se faziam elogios e lhe disse, enthusiasmado com um dos numeros que achei simplesmente perfeito:

— Você, Ramon, ainda é melhor do que os originaes. . .

Ramon é, felizmente para elle, um liberto das lisonjas, as quaes não lhe dão a menor émoção e nem lhe fazem a menor especie. Eu acho, pelo tempo que convivi com elle, sinceramente, que Ramon Novarro é o menos pretencioso de todos os mortaes.

Realmente bonito, no sentido em que as mulheres acham um homem um typo de belleza, Ramon jámais se preoccupou, mas jámais se preoccupou, mesmo, com esse detalhe. Em Tunis elle andava com um capote e uns sapatos enormes que eram a cousa mais digna de riso e dignos de museu que já conheci... O capotão elle ainda o tem, mas os sapatos eu um dia não resisti e mandei-os pela janella fóra para algum... museu.

Ingram não raras vezes exasperou-se com a negligencia de Ramon. Quando Ramon preparava seus "alibis" para se defender das accusações justas de Ingram, Alice e eu cantarolavamos, baixinho, sempre que nos era possivel, uma canção muito em voga então e que se chamava "Alibi Baby". . .

*
* *

A indifferença de Ramon pelos detalhes, Rex qualificava de falta de interesse. Um dia, numa das explosões do seu genio irlandez, prohibiu elle a Ramon, terminantemente, que tocassé piano ou cantasse uma só nota que fosse. Na tarde seguinte, quando chegou a sua hora de estudo, fiquei á espera para ouvir a nota subir do quarto de Ramon, que ficava em baixo. Nem um som! Rex tambem tinha ficado á escuta e satisfez-se plenamente com o silencio. Conhecendo, como sempre, sua vontade ferrea e seu gosto apaixonado por musica, não me deixei convencer de que elle houvesse ficado quieto com a determinação de Rex. Sem bater á porta, depois de descer as escadas de mansinho, entrei. Ramon estava sentado ao piano, tocando pianissimo e tinha um lenço na bocca. Estudava canto em . . . silencio!

Comprehendi mais pelo instincto do que pelos olhos aquella scena ridicula e commovente, a um tempo. A devoção e respeito de Ramon por Rex Ingram, a quem elle sabe e sente que tudo deve, na sua carreira de Cinema. A sua luta tremenda contra sua paixão maluca pela musica, sua propria vida, póde se affirmar. Não sei o que lhe disse. Sei apenas que o libertei do lenço. Alice desceu com seu "ukelele" e Ingram adheriu, sorridente já e elle mesmo pedindo a Ramon que cantasse. E ali fez-se mais ruido, aquella noite, do que num Metropolitano de New York. A's vezes Rex reclamava. Mas quasi sempre sua voz era abafada pelos berreiros dos demais, eu inclusive...

*
* *

Nós, que convivemos sempre com Ramon Novarro, sempre fomos, caso engraçado, real e profundamente seus maiores admiradores. Ramon, aliás, pelas suas qualidades de coração e caracter, sempre foi um rapaz digno da maior admiração. Pela intelligencia e pelo amor aos

BEIJANDO RENÉE ADORÉE, BARBARA LA MARR E MADGE EVANS

estudos, então, um real prodigio de dedicação, esforço e compenetração de deveres, aparte suas qualidades artisticas preciosas.

Certa vez, quando os horizontes entre elle e Rex Ingram de novo se toldaram e estava prestes a estourar nova discussão, pois ambos sempre discutiam, principalmente Rex com Ramon, porque este nunca teve a coragem de provocar discussão com Rex, principalmente por respeital-o e muito pela admiração que lhe tem, Alice e eu ficámos á espera da solução daquillo com interesse e já antegosando o resultado final que por força seria engraçadissimo, mais uma vez. . .

Ramon retirou-se para seu quarto e Rex, tempos depois, ainda fervendo de indignação, porque elle não queria determinadas cousas de Ramon e este as fazia porque sabia que estavam direitas, resolveu ir ao quarto do mexicano genial para lhe "dar mais uma lição de mestre". Virou-se para nós e nos convidou a assistil-a.

— Venham ver como é que se ensina aquelle garoto!

Recusámos.

— Rex, acho melhor você deixar-se dessa tolice — aconselhou Alice.

— Você sabe que acaba se arrependendo. . .

Rex mais exasperado ainda ficou e mais propicio para o proseguimento da lição lá dentro do proprio quarto delle... Franziu a testa o mais que poude, principalmente por estar realmente zangado e penetrou o quarto de Ramon.

Alice entrou rapidamente para seu quarto e atravessando o de Rex, que fica ligado ao de Ramon, foi, sem receio algum, encostar o ouvido á porta para de lá ouvir commodamente a "lição". . .

Cinco minutos depois, rindo e philosophica, afinal, disse, como quem nada mais fez do que descortinar uma verdade muito conhecida:

— Eu sabia! Rex iniciou a conversa como um leão. Vociferou, disse o que quiz. Depois da primeira phrase de Ramon elle... bem, elle lá está contando Films a Ramon e dizendo-lhe que apenas será um grande artista, como merece ser, quando se dedicar realmente ao trabalho!. . . Que tal?. . .

Rimo-nos. . .

No Oasis de Gabes, palmeiras gigantescas abanando as nuvens do céo embaladas por leve brisa, exactamente como faziam nos tempos de Plinio, que as contou, juntámo-nos a uma caravana acabada de sahir do Sahara e vinda para representar no Film de Rex: — cinco tribus beduinas chefiadas por um caid, dois kalifas e cinco cheiks.

Enfileirados ao longo do riacho, pareciam um enxame de abelhas. Mulheres bronzeadas, tatuadas com pequenos signaes azués, acocoravam-se em torno de um circulo ali formado. Ao lado dellas, pallidas, menores curiosas. Cabras, jumentos, gallinhas, davam movimento á paizagem. Aqui e ali, amontoando-se, camelos bufando alto e soprando pelas narinas tumefactas bolhas que formavam balões.

Quando ali foi percebido nosso automovel, tivemos, para assistir gratuitamente, um lindo espectaculo. Movimentaram-se cerca de quinhentos cavalleiros arabes, adextradissimos, que, com seus albornozes voando ao sopro da brisa, puzeram-se a galope e, atirando as carabinas aos ares, apanhavam-nas novamente, sempre galopando e, depois, saltando e tornando a montar os animaes, faziam, dessa fórma, a saudação festiva e nobre dos arabes. Depois cercaram o automovel e, galopando em circulo, fizeram a "fantasia" que lá symbolisa a boa vinda que se deseja a alguem que estimam.

Depois de trocarem amaveis cumprimentos dos quaes foi interprete um arabe que falava francez, deram a Ramon um lindo cavallo arabe como presente, ao qual elle promptamente deu o nome de "Mehtub", o que significa "O Desejado". Os beduinos ficaram muito satisfeitos com o nome e com a idéa de Ramon e saudaram-no novamente.

Ao ver Ramon representar uma scena, o caid disse, certa vez:

— Este rapaz é um authentico arabe!

Rex, orgulhoso de si mesmo, porque elogiar Ramon é elogiar a elle, perguntou, sorrindo satisfeito:

— Acha que a caracterisação delle está bôa ?

— Não é tanto a caracterização, senhor. E' a alma delle! Como o arabe elle sente e como arabe elle comprehende cousas que só nós comprehendemos e que são secretas.

Lembrei-me, ouvindo isso, não sei porque, daquella conversa de Ramon e El Beji por causa de Deus e de Allah. . .

*
* *

Rex, uma noite, sentou-se a meu lado no "bar". Disse-me, á queima roupa, sem que nada lhe perguntasse:

— Ramon é o maior artista que uma objectiva já focalizou!

Depois, suspirando forte e lembrando-se do que tanto o contrariava em Ramon.

— Se elle apenas chegasse a avaliar o seu valor... O que temo, no emtanto, é não saber qual a attitude delle se conseguisse discernir perfeitamente seus meritos. O conhecimento não anniquilaria o genio? O que Ramon não tem, positivamente, é consciencia de si proprio. A's vezes eu o chamo, peço attenção e começo a descrever a scena que vamos Filmar. Quasi sempre elle se levanta bem antes de eu terminar a explicação, perfeito, executa o que eu imaginei ainda muito melhor do que eu pensei, confesso. Elle é um grande artista!

Quando partiamos para a locação, Ramon quasi sempre ia ao lado do "chauffeur. e Rex, Alice e eu iamos atraz. Alice quasi sempre me

(Continúa na pagina 37)

Os seus primeiros trabalhos no Cinema.

No film "Escandalos parisienses" com George Fisher e Marie Prevost.

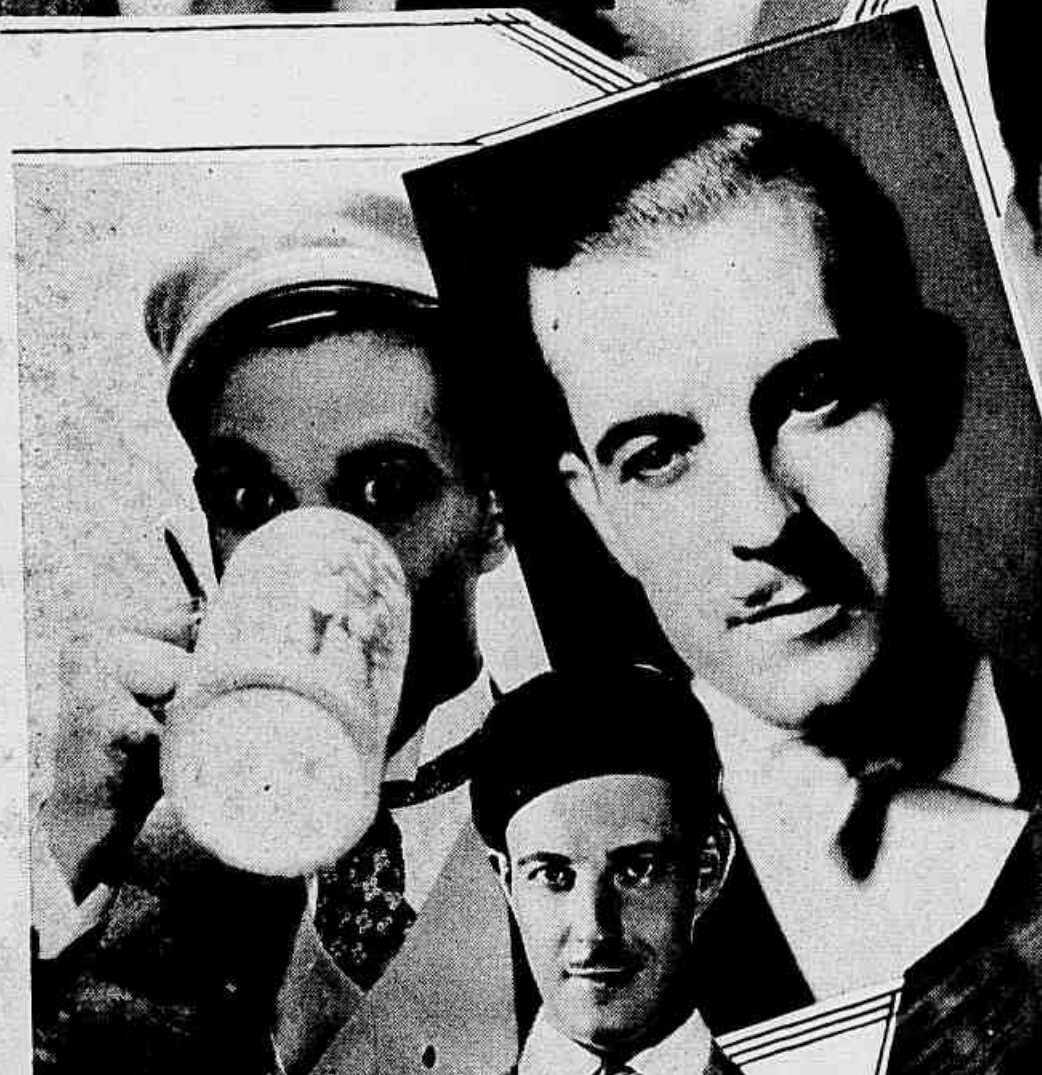
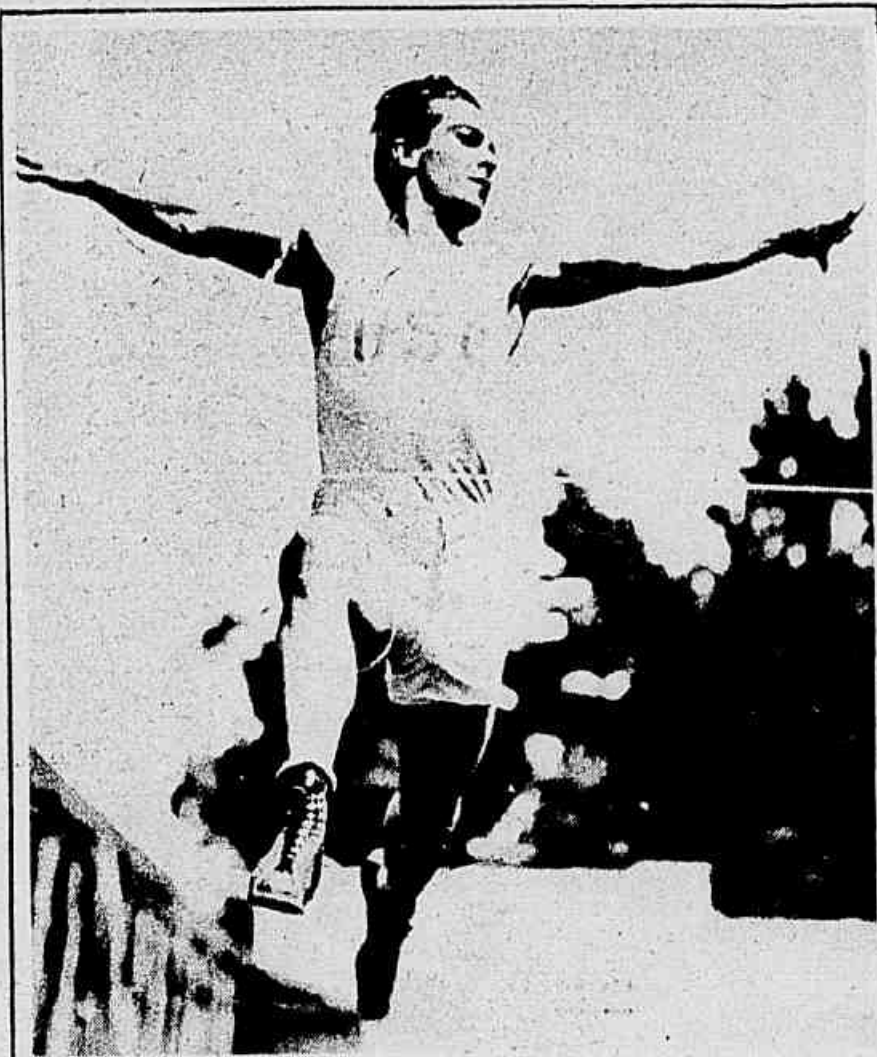
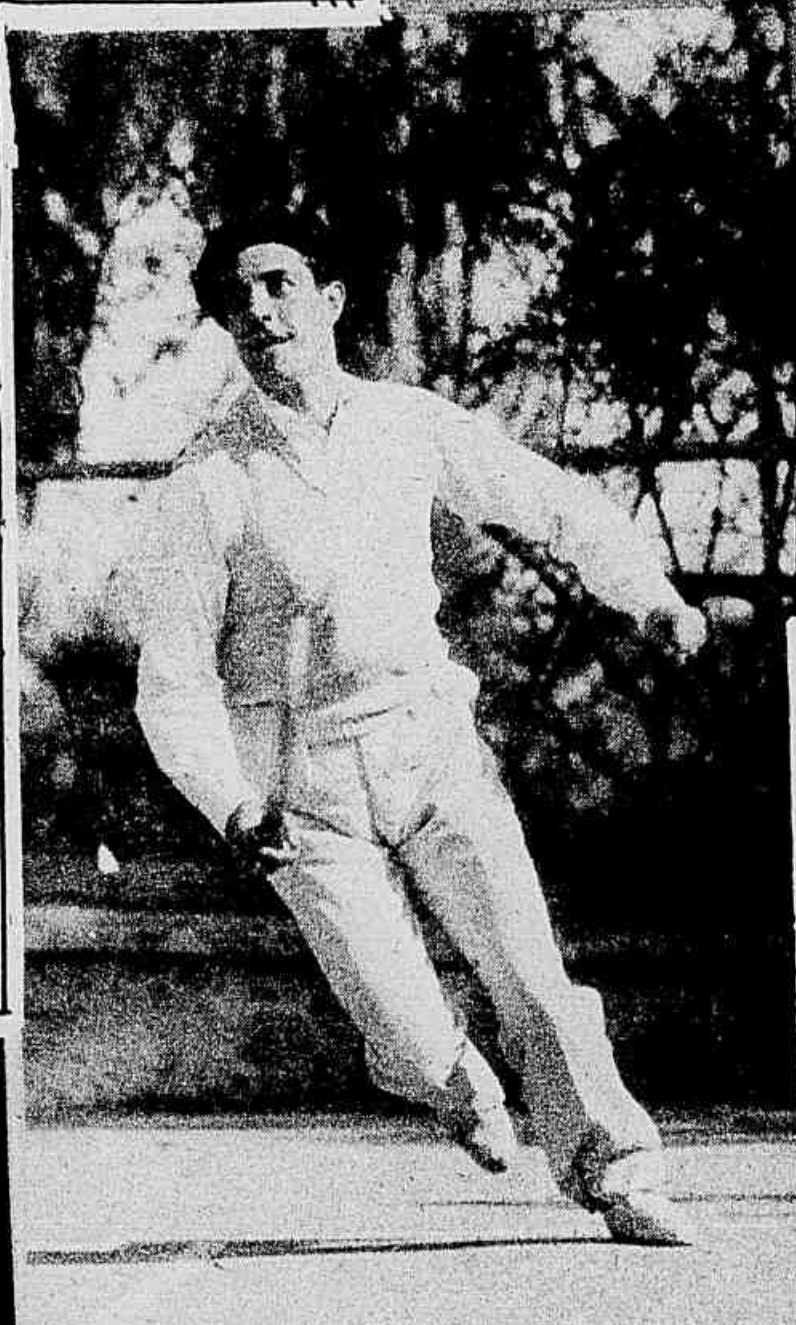
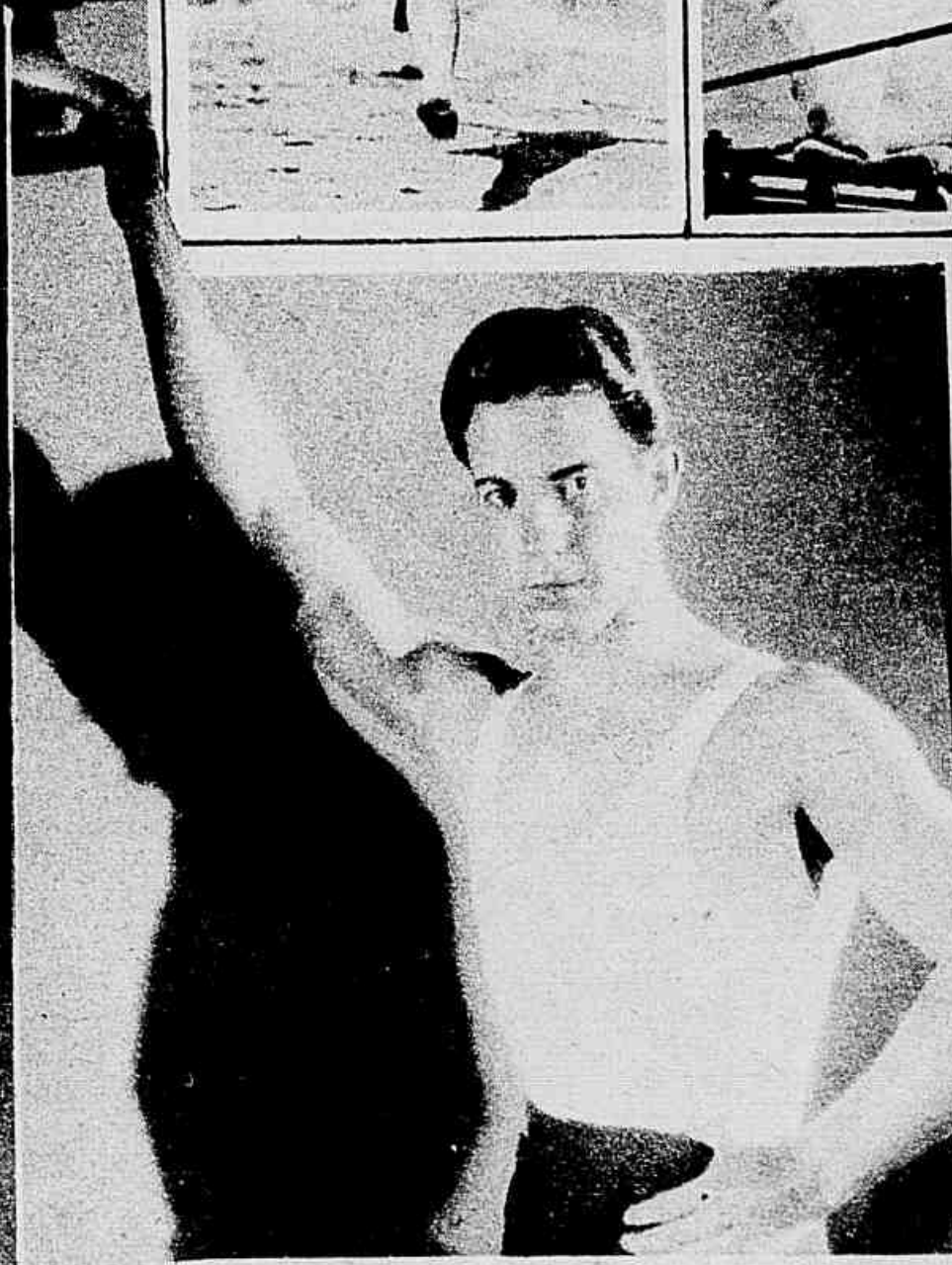
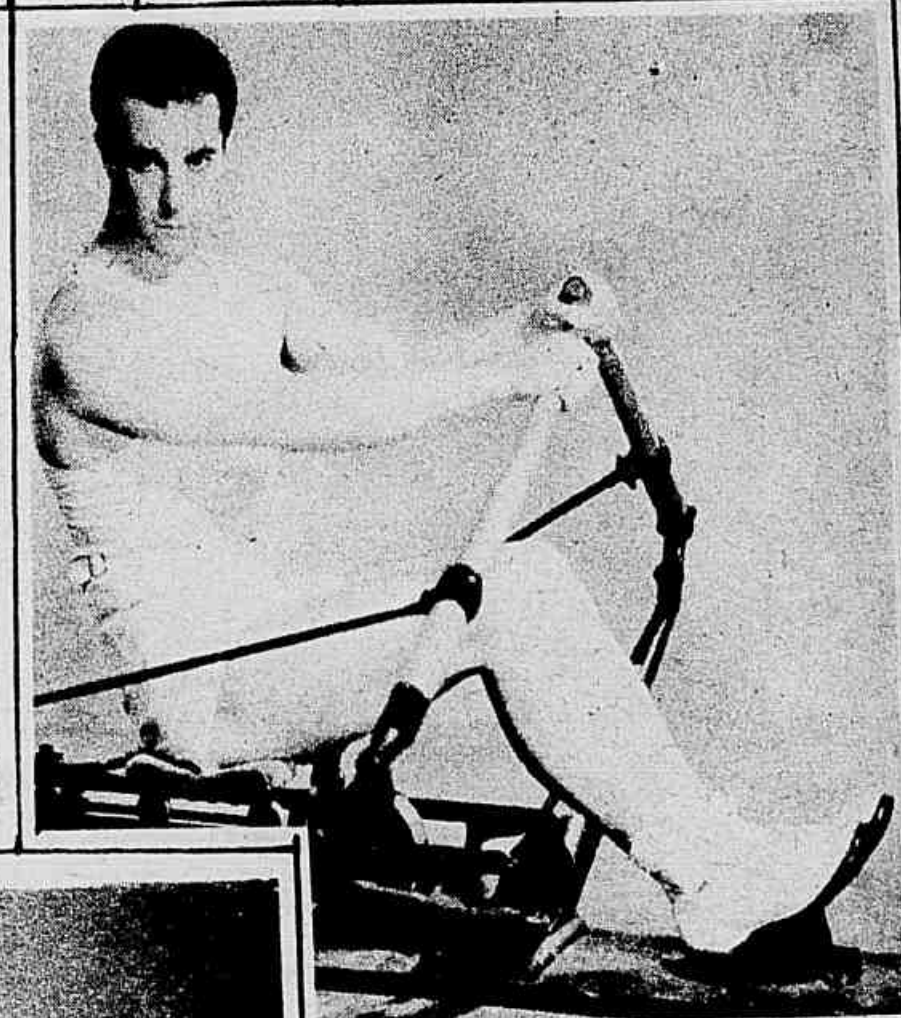
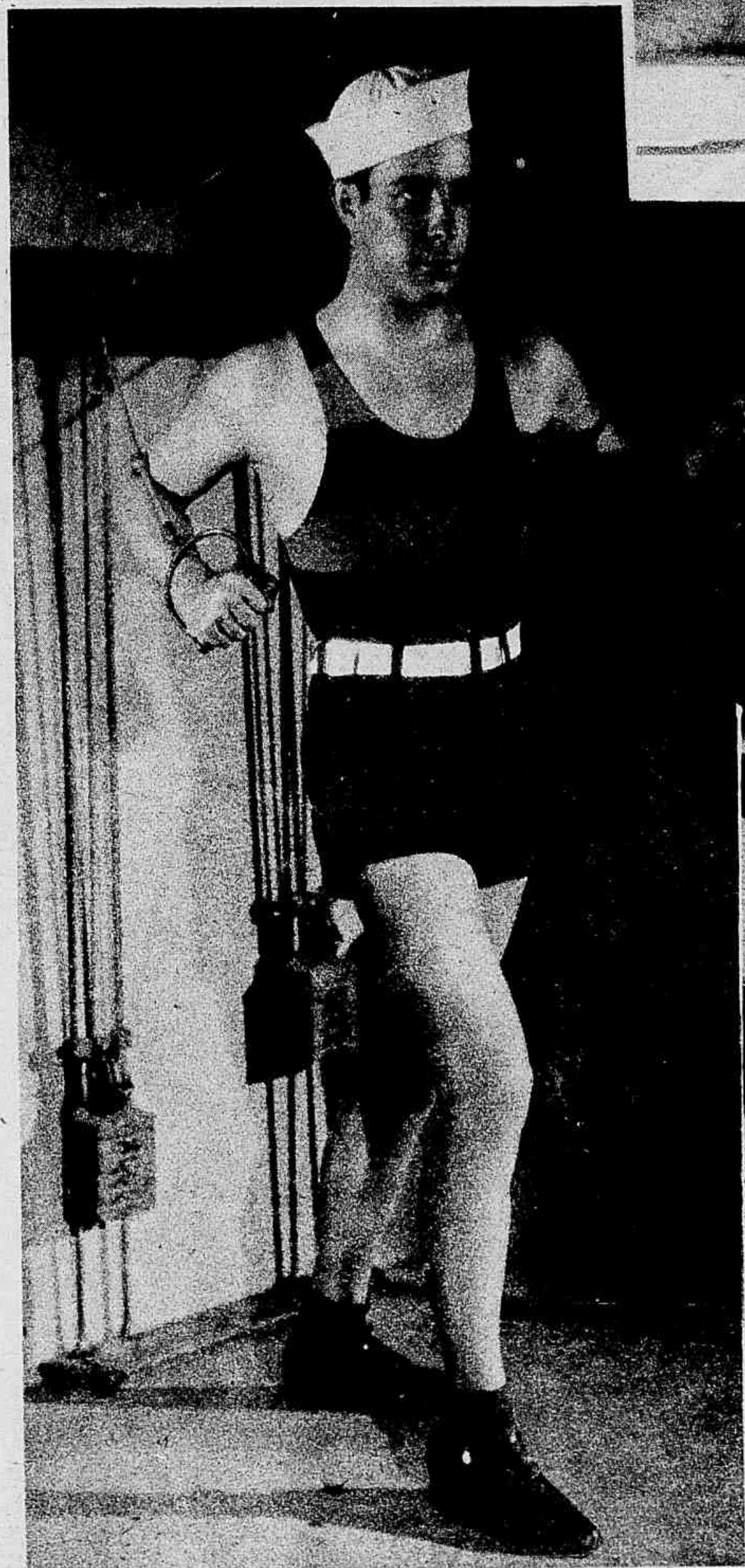
Em "Os 4 Cavalleiros do Apocalypse".

Como dansarino de Marion Morgan em "Homem, Mulher e Casamento".

Como soldado em "Frivolo Amor". Photo num dia de visita de Von Stroheim a Rex Ingram.

Com Barbara La Marr em "O Prisioneiro do Castello de Zenda".

O seu primeiro trabalho como extra foi em "Nas garras do jaguar", Film de Hayakawa. Ramon é o terceiro da direita para a esquerda.

Em "Juramento de um amante", seu primeiro trabalho de destaque.

Algumas das suas poses mais conhecidas...

Por publicidade ou não, RAMON é um sportman...
RAMON e os sports.....

O QUE RAMON CANTOU NOS FILMS

Ramon Novarro é um nome no Cinema americano, mas o seu tempo não é dedicado sómente á camera. Elle é um grande admirador da musica e um estudante de canto muito, antes de entrar para a tela. E' sob o titulo de cantor que elle vem agora ao Brasil, embora trazendo o prestigio do Cinema como **back-ground** para sua figura e como cartão de visita.

Cantor de voz educada, procurando sempre aperfeiçoal-a, Novarro não tem, porém, nada de extraordinario nos seus dotes vocaes.

E' um tenor de voz não muito volumosa mas com bastante malleabilidade, estudo e alguma tendencia para o lyrico. Falta-lhe a perfeição, principalmente no ponto de vista technico, mas é harmoniosa e ainda mais agradavel se torna, com o estylo proprio que a personalidade do astro mexicano imprime á interpretação das canções. Qualquer pessoa póde ver isso nos seus Films.

Ramon Novarro tem ainda a ajudal-o como um bom cantor, o facto de possuir um verdadeiro espirito de artista, um grande amor pela musica e gosto pelo estudo da mesma.

Nos seus Films elle tem apresentado, dentro do seu genero de expressão, boas creações. Novarro é um cantor apreciavel. Nada de extraordinario, mas um artista.

Elle tem tido, no Cinema, desempenhos que são pedaços da vida, creações de intelligente acabamento artistisco. Mas outras, fracas...

Não vamos, porém, falar sobre o Ramon-artista e sim das canções por elle interpretadas nos Films. Em geral Novarro tem se especialisado em musicas ligeiras, composições leves. Mas cantando-as, elle conseguiu que as mesmas ficassem no ouvido do seu publico. Quantos Films-operetas passaram, assim como as suas melodias lançadas por outros cantores? **O Pagão**, entretanto, até hoje perdura.

Este Film, quasi silencioso, deixou-nos pouca impressão sobre a sua vóz. O que já não acontece com **O Bem Amado**. Novarro na pelle de Armand Treville, um ousado revolucionario, cantou algumas musicas agradabilissimas como **Pompadour** e **Bonjour, Louis!** caracterisando o odio dos bonapartistas pelos adeptos dos Bourbons. **A Marcha da Velha Guarda** foi uma composição de Stothart, como as outras do Film, que Ramon apresentou com brilho invulgar.

A Serenata do Pastor (Sheplede's Serenade) que Novarro cantava para Dorothy Jordan num passeio pelos bosques, ainda não foi esquecida: **Do you hear me calling you... Ooooo... Oóóóo.**

Assim como **Charming**, outra cançoneta que elle interpretava ao limpar os sapatos da orgulhosa realista...

Mas cremos que Novarro foi ainda mais feliz com aquellas melodias hespanholadas, composições de Ahlert-Cugat-Stothart, em **Céo de Amores**. Ramon, como um estudante madrileno apaixonado pela provinciana Dorothy Jordan, teve boas opportunidades cantando a marcha **Santiago**, a linda **Dark Night** e **In to my Heart** — uma das mais bonitas melodias dos seus Films, onde elle traduziu com sua vóz, todo o intenso romance da melodia engastado á belleza da situação...

In to my heart querida...
You came unknowing...

Em **Sevilha dos meus amores**, como o jovial Juan de Dios, Ramon teve optimo material musical de Stothart: **To Day** e **Lonely**. Esta uma deliciosa composição em parceria com o proprio Novarro e cantada numa scena de bellissima expressão.

Este Film nos deu a surpresa de ouvil-o em diversos trechos de opera: **Questa or Quela**, do **Rigóletto**. **A Cavatina**, do **Elisir de amore**. E ó **Vesti Giuba**, de **Pagliacio**, que Ramon cantou com impeto e admiravel expressão.

Filho do Oriente apresentou-nos como indiano e cantando sómente uma musica: **One Seet Song**. Em **Juventude Triumphante**, Film banalissimo, elle conseguiu um bom momento na canção napolitana de Tosti: **A Vuchella**. Em **Amor de Mandarim** como um chinez, Novarro teve uma nova composição de Stothart: **Not Till the Sun Is Low...**

Uma Noite no Cairo, com a musica de Freed-Brown **Love Songs on the Nice**, elle repetiu o exito popular de **O pagão**. E o melhor do Film foi, mesmo,

(Termina no fim do numero)

Ramon cantando nos Films...

Ramon e Marceline Day em "Romance"

Ramon e Enid Bennett em "Fogo, Cinzas, Nada"...

Ramon e Myrna em "Uma noite no Cairo".

Com Jeanette em "O gato e o violino".

Ramon e Suzy Vernon em "Le chanteur de Seville", versão franceza de "Sevilha dos meus amores".

Ramon e Conchita Montenegro em "Sevilla de mis amores", versão hespanhola de "Sevilha dos meus amores", dirigido por Novarro.

Ramon e Madge Evans em "Juventude Triumphante", que teve duas versões de foot-ball...

Ramon e Barbara La Mar em "Frivolo Amor"

Onde o piano é toda a orchestra...

O "Theatro-Intimo" de Ramon Novarro...

Ramon, Carmencita, Jean Sablon e André Renaurd que tomaram parte num dos ultimos espectaculos do "Theatro Intimo".

O pequeno theatro de Ramon, construido na sua casa antiga, possúe uma lotação para 65 pessoas, mas tem todos os requisitos de um mderno theatro, inclusive effeitos de luz. Os espectaculos que Ramon ahi offerece aos seus aimgos são famosos em Hollywood...

Ao lado, na platéa, reconhecerão muitas celebridades da téla.

HA personalidades que se traduzem á nossa impressão pela côr e outras pela força. Ramon Novarro, porém, é uma expressão de luz. Os seus olhos de tal modo traduzem o que lhe vae na alma que nos esquecemos de ouvir o que os seus labios dizem.

A sua personalidade emerge das sombras de um ambiente de velho mysticismo hespanhol misturado á palheta das superstições, tintas do intenso romantismo latino.

"O perfeito trovador, a graça lyrica, graça poetica e mais a belleza de um joven helleno. Pensa-se nelle quando se lê Keats, Byron e "Romeu e Julieta", declara Adela Rogers St. John".

"Mas eu pensei mais em Novarro lendo Ariel e a vida de Shelley — Shelley com o seu ardente espirito de exaltação. Nos olhos de Novarro ha, egualmente, o enthusiasmo, a chamma ardente, a intelligencia vivissima. Atrás de sua figura hellenica scintilla um espirito satyrico". Assim se expressa Herb How.

Indiscutivelmente, Ramon Novarro é uma das maiores figuras e personalidades do Cinema. "Principe do romance" é um "slogan" que elle ha 10 annos traz, sempre fazendo jús ao mesmo. E 10 annos no Cinema: eis ahi um notavel "record"!

Ja ficam longe os dias de gloriosa e zombeteira mocidade de "Apsará" e "O Arabe". Mas Ramon Novarro não muda. E ha 10 annos é um astro que quebra lendas e tradições, aquellas que dizem: ninguem consegue ser astro em Hollywood por mais de cinco annos.

Ramon Novarro nasceu num desses centenarios solares mexicanos em Durango. Chamava-se elle o "Jardim do Eden". Um tio de Novarro déra ao solar este nome, porque — dizia elle — Adão e Eva teriam invejado a familia que habitava tal sitio.

Separado do mundo por enormes muralhas cobertas de vinha trepadeira, a vivenda era um legitimo encanto de mysterio e romance. Ali, na edade de seis annos, Ramon fez a sua estréa dramatica numa festa em honra do anniversario de sua avó. Com sua irmã Guadalupe (hoje freira) elle representou um poemeto de Campoamor: "Si eu soubesse escrever..." a scena foi muito applaudida porque os assistentes não tinham outro remedio — declara Ramon, sorrindo.

No seu oitavo natal, sua mãe deu-lhe um theatrinho de marionnettes o que deixou Ramon louco de alegria. Desde então dedicou-lhe todo o seu tempo, afim de preparar a estréa do theatrinho. Elle e a irmã trabalharam a valer e a estréa do mesmo foi um grande successo, o que encorajou Novarro a tornar-se uma especie de productor "intimo", até aos 14 annos.

Com a revolução de 1913, a familia transportou-se para a cidade do Mexico, onde Rmon continuou a sua educação e suas duas irmãs entraram para um convento. Seus estudos de musica datam dos 6 annos de edade, mas foi um simples programma de Opera, que lhe apontou a vocação artistica. Era um programma annunciando Geraldine Farrar e Caruso em "Manon" e desde então Ramon só teve um sonho: a carreira artistica.

Partiu para os Estados Unidos afim de seguir sua carreira musical, cheio de idealismo, força de vontade, algumas centenas de dollars e um irmão mais moço. Mas chegaram a Los Angeles só com 10 dollars!

Hoje elle tem uma posição invejavel e um valor artistico indiscutivel.

A sua subida para a gloria não foi, como muitos imaginam, repentina. Elle teve, de inicio, uma luta de 5 annos para conseguir papeis de extra nos studios. Cinco annos durou a sua aprendizagem, 5 annos de rodar pelos studios, em trabalhos como extra, anonymo no meio da turba sem uma opportunidade para revelar as suas aptidões.

E durante estes 5 annos de espera em que a deusa fortuna manteve-se indifferente, um grande ideal, uma enorme força de vontade inspiravam a Ramon a coragem para proseguir. Elle dava aulas de musica e canto, trabalhava como extra e como amador theatral.

:: :: ::

Foi sempre um mysterio para os "fans" de Cinema e motivo de curiosidade para muitos, a vida calma e honesta de Novarro no meio dos barulhentos escandalos de Hollywood. Mas este mysterio pode ser esclarecido, conhecendo-se a familia do actor. E' uma familia de costumes domesticos, cultuando as tradições, a religião, a moral familiar, a honestidade e a arte. E, emergindo do seio desta atmosphera de profunda religiosidade, deste ambiente familiar tão unido, tão sério, tão conservador, Ramon Novarro tem, até hoje, feito jús a ella.

RAMON NO "RIDE PAGLIACIO" DE "SEVILHA DOS MEUS AMORES"

Algumas opiniões de Ramon e pequenos episodios de sua carreira

Na vida de quasi todas as grandes personalidades ha sempre um ser mysterioso e occulto que determina o rumo dos seus destinos. Em Novarro, esta influencia todo poderosa vem de sua mãe. Apesar do artista ter levantado uma forte barreira entre o seu lar e o seu mundo Cinematographico, não se pode deixar de prestar homenagem a esta dama que tão bem tem sabido modelar o caracter do actor. Della, Ramon herda o seu grande talento musical, sua bella voz de tenor e suas faculdades artisticas. Diz Novarro:

— "Minha mãe ajudou-me immenso na versão hespanhola de "Sevilha de meus amores". Ella interpretou o papel da madre superiora e fel-o tão bem bem que, confesso, ousaria elogial-a se não fosse ella minha propria mãe. Representou por si só e com uma grande naturalidade e belleza de expressões".

A devoção de Novarro pela sua familia sempre foi sincera e leal. Mas isto não quer dizer que elle tenha sacrificado a sua vida escravisando-se á familia. Elle é muito bom filho mas tem a sua vida propria.

— "Tenho 11 pessoas para manter, 11 pessoas que dependem de mim, exclusivamente. Pae, mãe, cinco irmãos e quatro irmãs. E' por isto que, financeiramente, o casamento seria impossivel para mim. Meus dois irmãos mais jovens estão completando a sua educação. Para mim, representam meus filhos e eu orgulho-me delles. O mais joven quer ser architecto e por que não satisfazel-o? Tenho confiança nelle e em suas habilidades. Tenciono leval-o á Europa, o que lhe será de grande proveito. E quando voltar, espero montar um escriptorio afim de inicial-o na vida que deseja".

— "Minha familia foi sempre composta de membros extremamente reservados. Amamo-nos uns aos outros com todo o carinho. Entretanto nossos affectos não se mostram, nem se externam. Nós não temos este geito de agradar e acariciar que é commum em muitas outras familias. Mamãe sempre me dizia: "não me ame com beijos e abraços, meu filho. Ame-me com intelligencia e grande sinceridade". Se alguem da minha familia aprecia um dos meus Films, diz-me isto com delicadeza e elegante sobriedade. Houve uma occasião em que pensei que os ia derrotar a todos. Foi quando estreou "Ben Hur". Comprei cadeiras para que todos fossem. Eu não queria ir e não fui. Fiquei em casa, mais ou menos nervoso, lendo e relendo cousas do meu passado e esperando os acontecimentos. Naturalmente, pensava eu, chegariam e me tomariam nos braços, todos, felicitando-me! Esperei num excitamento incrivel. Depois ouvi que alguem entrava. Eram passos na escada e senti um estranho temor, intimamente. Accenderam-se as luzes, depois apagaram-se todas — elles tinham-se deitado.

E eu, ali fiquei sem parabens, sem applausos, sem nada! Tambem fechei a luz e deitei-me. Na manhã seguinte, porém, na hora do café todos me disseram, um a um, que o Film tinha sido esplendido e o meu papel muito bom. E foi ahi que comprehendi a sinceridade deste applauso, tão differente daquelles espalhafatosos com os quaes tantos me saúdam, sempre...

Era um applauso, este de minha familia com o qual eu poderia sempre contar. Uma opinião simples, unanime, mas honesta e sincera. E que mais poderia eu desejar do que isto?"

:: :: ::

"Ben Hur" foi um dos seus poucos papeis pelo qual Ramon batalhou. Eis o que elle conta:

— Ninguem a não ser Rex Ingram, me achava com cara para Ben Hur. Mas nunca, por um só instante eu senti a duvida ou a apprehensão de perder tal papel. Eu sabia, que teria de viver tal parte. Mesmo quando o "unit" partiu para a Europa, sem mim, para iniciar a producção e mesmo quando os jornaes declararam George Walsh o escolhido, para o papel do principe judaico, eu não senti o desanimo".

E afinal elle tinha razão pois que depois de tantas viravoltas na filmagem, brigas etc. elle, Ramon, veiu a interpretar o papel central tão ambicionado. Por Ben Hur, Ramon poz em jogo a sua carreira, então tão promissora. Por dois annos elle trabalhou no Film, não temendo que a sua ausencia do publico por tanto tempo o prejudicasse. E afinal quando o Film foi estreado, Novarro teve a sua recompensa! O que elle fizera por "Ben Hur", "Ben Hur" agora fazia por Novarro. Elevou-o a admiraveis alturas no Cinema.

:: :: ::

Sobre Ramon Novarro têm-se escripto todas as sortes de historias. A sua vida, relatada dezenas de

No seu theatro, Ramon offerece aos amigos, uma serie de espectaculos e, com trajes caracteristicos, canta as grandes operas. Aqui estão algumas das suas interpretações: "Le Jongleur de Notre Dame". O heróe em "Orpheu e Eurydice". O palhaço em "Ridi Pagliaccio". "Il Pescatore", o seu papel favorito e cantando a "Ave Maria", a primeira musica que cantou nos seus espectaculos intimos.

vezes pelas revistas especialisadas no genero, o dão como um hermitão, um mystico. Tudo porque elle é catholico praticante, indo á sua missa dominical ou cantando no côro da igreja de Santo Estevão em Los Angeles.

Em geral o que se tem escripto sobre elle, neste assumpto, não tem o cunho da verdade e nada mais é do que arroubos de literaturas, ou então picuinhas de inimigos. Ora, ha tanta inveja neste mundo... Vejamos por exemplo estas linhas:

"Contemplando-se aquella cabeça morena tem-se a sensação de estar vendo o capuz de um frade a envolvel-a e sua figura suggere o odôr do incenso, vozes de orgão, uma cruz. E' muito provavel que o mystico Novarro se recolha a um convento. As profundas solicitações de sua alma são pela meditação, pelo claustro e não pelos prazeres mundanos".

Isto, francamente, é até motivo de riso para o proprio Ramon!!! Elle é, pessoalmente, uma creatura de intimo alegre e mundano.

Tem sido muito espalhada pelo mundo a noticia de que elle deixará o Cinema por um convento. Isto é para rir! Só porque o artista é catholico e um tanto inimigo dos escandalos?... Ramon sempre negou.

— "Isso não quer dizer que eu tenha perdido a minha religião. Estou certo de que precisamos de Deus no mundo, mais do que nunca. Mas quanto a entrar para um convento, é pura publicidade".

A verdade sobre este caso do convento é a seguinte. Certa vez, quando um seu irmão estava gravemente enfermo, elle fez a promessa de se recolher a um convento se o irmão sarasse. Mas tal não se deu e com a morte do mesmo, naturalmente, Novarro ficou um tanto triste e procurou fugir ás reuniões.

Unindo isto só, seu temperamento religioso de latino, a publicidade explorou largamente o caso e em qualquer outro momento da vida de Novarro surgia o convento. Até hoje, tal methodo ainda persiste. No entanto, Neil Hamilton, Richard Arlen, Richard Dix, Edmund Lowe e muitos que sentiram a vocação religiosa, são catholicos praticantes e no entanto ninguem faz disso um bicho de sete-cabeças!

— —

A publicidade continúa a fazer de Ramon Novarro, um retrato como era elle ha 10 annos atraz. Ora, com o tempo, o artista forçosamente mudou muito, embora não physicamente. O Ramon espalhado pelo mundo é um mystico, incomprehendido, um idealista macerado, etc. No entanto, nada mais falso!

Pessoalmente elle enche de surpresas a quem o não conhece. Affavel, simples, cheio de modestia, perfeitamente camarada para os que o rodeiam. E este Ramon só é conhecido por um grupo reduzido de amigos que elle recebe em sua casa, pessoas em quem elle confia cegamente, e que tambem o comprehendem. E' um dos cavalheiros mais educados em Hollywood. Um verdadeiro "gentleman".

Um outro typo de seu "Theatro Intimo" e que elle sonha apresentar ao publico.

O seu sorriso é um pouco triste, a sua maneira de conversar é viva; elle discute as cousas francamente e vae directamente ao X da questão. Mas no fundo é uma natureza alegre, fina, dona de um senso de humor delicioso. Novarro foi sempre uma creatura divertidissima e explendido humorista. Elle, como latino, gosta de tudo quanto é espirittuoso e pregas peças engraçadissimas aos seus companheiros de Filmagem.

Sua existencia em Hollywood tem sido considerada a de um recluso. Mas não é. Elle despreza as "premières", as festas futeis, pelos concertos, as operas, os livros e a musica.

No mundo de Hollywood, Ramon vive como uma creatura do outro mundo, porque leva uma vida propria. Sucede o seguinte: Ramon é muito escrupuloso na selecção de suas amisades. Procura amigos no seu mesmo nivel artistico ou de sua educação. Todos aquelles que conhecem Novarro de perto, sabem o quanto elle differe das chronicas de publicidade. Mas differe, para melhor.

Sua vida é honesta, retirada. Elle sabe se manter digno, distincto como poucos no Cinema e por isto, muito natural, tem um grande numero de inimigos. A inveja sempre foi, é e será a causa de muita cousa no mundo...

Na sua vivenda em Beverly Hills e no seu famosissimo treatro intimo, elle recebe uma fina assistencia: os Thalbergs (Norma Shearer) os Mayers, Dolores Del Rio e seu marido Cedric Gibbons, Elsie Janis, Kathlen Key, Rex Ingram e Alice Terry quando em Hollywood, Herb Howe, José Mojica, Myrna Loy, os Grieve (Jetta Goudal) Jeannette Mac Donald e Bob Ritchie, etc. E' a camada selecta de Hollywood que se reune no seu theatro intimo, nas suas celebres audições.

Distincto, culto e educação superior. Não frequenta a qualquer festa, é logico. Mas nas reuniões notaveis, elle está, sempre.

Por diversas vezes tem sido annunciado que Ramon Novarro deixará o Cinema. Falso. E' sómente o seu amor ás viagens e suas "tournées" de canto, que o afastam temporariamente dos Films.

Elle adora as viagens.

— "Não ha nada como as viagens para descansar o espirito. O Cinema cansa, fatiga terrivelmente, não só ao corpo quanto ao espirito.

Necessito de vez em quando viajar, para distracção e descanso".

Certas complicações durante a Filmagem de "Alvorada", causaram insistentes boatos. Os Films de Novarro são até hoje bilheteria certa nos maiores mercados mundiaes. Elle é um notavel "big-shoot" com os seus Films.

Houve um tempo em que se enthusiasmou pela direcção. Mas não durou muito. Voltou logo depois ao seu logar de artista. A direcção era um ideal que elle tinha ha muito sonhado e com sua força de vontade, realisou-o. Dirigir é uma das mais adoraveis aventuras que o Cinema póde proporcionar a alguem e Ramon quiz experimentar. Aliás, elle tem muita capacidade para isso. Elle é um dos poucos artistas dentro de um Studio que tem autoridade para suggerir uma scena ao director. Além de optimo artista, Novarro tem uma queda admiravel para dirigir e até Clarence Brown discute as scenas com elle, aceitando as suas suggestões.

Ramon dirigiu a versão hespanhola de "Sevilha dos meus amores" em 21 dias e a franceza em 16! — E sem o menor barulho no "set" (salvo por parte da irrequieta Conchita Montenegro!) Elle é queridissimo no Studio e os seus companheiros de trabalho: operador, electricistas, director, escriptoras todos se batem por elle.

Novarro chama ao seu "set": "a minha familia". No fim das Filmagens em que elle foi director, todo o "unit" se reuniu e presenteou-o com uma estatueta que elle até hoje guarda com orgulho.

— "A profissão do artista deveria ser a cousa mais digna do mundo, diz Novarro. Mas as vezes num Film o papel por mais bem interpretado que seja póde ser conduzido pelo director para onde elle queira e quando não todo arruinado pelo editor. O Film mal dirigido e mal cortado vae para o publico. O que acontece? Alguns criticos comprehenderão que foi erro da direcção. A maioria entretanto, dirá que o artista falhou e que o artista não vale nada, nem siquer sabe maquilar-se, que está decadente, etc. Assim é que são, na maioria, os casos de fracassos de artistas.

Ser artista da tela é dar todo o animo, todo o estimulo a outros, que o devem explorar para bem do Film. O director entretanto póde ter imaginação propria, póde realisar.

Quero progredir, ir sempre além do que sou: trabalhar sempre e produzir para a arte que amo. Quero crear no Cinema cousas simples que sejam mais para o lado do coração e da intelligencia do que o lado physico da vida.

Espectaculos aborrecem-me. Aprecio seres humanos. Observo-os sempre com immenso carinho e procuro plasmal-os no celluloide com toda a verdade".

De mez em mez, de anno em anno surgem nas revistas Cinematographicas artigos deste genero: "Ramon e as mulheres", "Ramon quer casar", "O homem que nunca amou"... "O que elle pensa do casamento", etc. etc...

A verdade é que, embora as considerações dos taes artigos adejem todas sobre um mesmo ponto, não deixam de interessar pois tratam de um astro que ha 12 annos está no cartaz da fama e do successo e durante todo este tempo, sem um só caso ou escandalo amoroso, para a delicia dos bisbilhoteiros da vida alheia...

Constance Bennett é feita para o amor. Gloria Swanson nasceu para o divorcio. E John Gilbert para os casamentos varios. Mas que Ramon Novarro não foi feito para o casamento, o divorcio e os escandalos — isto é mais do que certo.

Já lhe atribuiram diversos romances mas os mesmos paes dos boatos, foram os primeiros a confessar os seus enganos e os seus erros no assumpto... As heroinas dos Films de Ramon são, em geral, as dadas como os seus "romances". Mas isto só é motivo para hilariedade de Ramon e das artistas no "set", até que o autor da tal noticia reconhece que está cahindo no ridiculo.

De todos os "affairs" atribuidos á Ramon, o que mais intrigou a Hollywood foram os de Garbo e Myrna Loy. Caso Garbo: todos esperavam que a reunião de dois astros como elles, num mesmo Film, resultasse numa explosão ou cousa semelhante. Mas não resultou. Os dois artistas portaram-se tão admiravelmente bem que o director foi ao se-

timo céo durante a Filmagem. Garbo e Novarro sympathisaram-se immensamente e tornaram-se bons amigos. E os linguarudos de Hollywood (lá tambem existem...) entraram em acção: só póde ser amor!... Assim o "co-starred" do moreno mexicano com a fria suéca deu em mais um commentadissimo romance para no final ficar provado que o que houve entre elles fôra sómente amisade, pura, purissima amisade.

Ao começar a Filmagem, Novarro (astro cinco annos mais que Garbo) mostrou-se timido, nervoso deante da estrella — a grande Garbo! Ella, a inatingivel, encantou-se com a timidez, a cultura, a esplendida educação delle. Assim formou-se a amisade.

"Espero que o mundo se emocione tanto com Mata-Hari, quanto eu me sinto neste momento antes de trabalhar ao seu lado" foi o bilhete que Ramon enviou para Garbo, com um apanhado de rosas. Ah! este bilhete! Elle deixou Hollywood falando por semanas e semanas...

Mas terminado o Film, a amisade esfriou e embora Ramon ainda considere Garbo uma das maiores estrellas do Cinema, eis ahi outro romance desmentido.

O falado romance com Myrna Loy foi outra mina de inexgotaveis commentarios. Chegaram a dal-os como casados secretamente!... Mas a verdade é que Myrna e Ramon são almas identicas. São duas creaturas de vida calma, vida propria, um pouco bohemios, e muito amantes da musica. Trabalharm juntos em "Uma noite no Cairo" e formou-se entre ambos uma grenda amisade que permanece até hoje.

Os reporters deram em cima, mas Ramon jamáis gostou de falar sobre a sua vida intima e Myrna é muito brincalhona e subtil para que consigam della uma confissão. Miss Loy respondia a tudo com gracejos e sorrindo, mysteriosamente...

Ha 11 annos residindo em Hollywood, Myrna rarissimas vezes viu o seu nome envolvido em algum escandalo ou ligando ao de outro homem. Idem para Ramon. O encontro destas duas "raridades" produziu sensação. Acharam que as scenas de amor no Film eram muito... reaes...

Talvez tudo fosse publicidade, mas talvez tudo fosse... verdade! Pensaram os caçadores de escandalo. Mas Ramon negou sempre e até agora, de passagem pelo Rio, negou que estivesse apaixonado por Miss Loy. Declarou que é uma distincta amiga e nada mais.

As conversas de ambos no "set" seguiram-se os *lunchs* no Studio, no Brown Derby, e compareceram juntos á opera etc.

Myrna passou a frequentar sua casa — cousa rarissima, pois só os grandes amigos de Ramon conseguem isto.

Quando elle partiu para sua triumphal "tournée" de canto pela Europa, Myrna alugou a nova casa de Ramon no alto de uma colina e lá ficou. Para matar as saudades do mexicano, disseram ás más linguas...

— —

— "Não posso me casar" é o que diz Ramon. São muitas as razões".

E atravez diversas entrevistas publicadas, com o "Pagão", colhêmos estas explicações dadas por elle e que provam não ser ogerisa ás mulheres o que o tem afastado do altar.

— "Ainda não amei. Sei que tem havido muitos commentarios a esse respeito. Parece curioso para a maioria das pessoas que um homem collocado com tantas vantagens entre as mulheres, tenha resistido todo esse tempo sem sentir inclinação por nenhuma dellas. A verdade é que o amor requer disposição, mas tambem concentração e tempo. Tenho a certeza disto.

Tenho conhecido varias pequenas encantadoras que poderiam despertar o sentimento do amor, mas antes que eu tenha tempo de me dedicar a isto, algo sucede de extraordinario, de forma que tenho de esquecel-as completamente.

A necessidade de ganhar dinheiro vem em primeiro logar. Ha annos que sou absorvido pelo meu trabalho. O Cinema occupo todo o meu tempo. Depois vêm o meu theatro, o canto, minha familia, meus livros e em minha vida como vê, não ha logar para o romance...

Eu, realmente, nunca pensei em casar-me. Pelo menos essa é a minha creança. Se Deus quizesse que eu me casasse, não me teria dado esses filhos já crescidos que são os meus irmãos. Eu não estaria nesta posição de tamanha responsabilidade moral e emotiva de tantas vidas a dependerem de mim.

Um individuo possue em si uma parcella que elle póde dispor para offerecer aos outros. Eu já dei tudo o que tinha, á minha familia. Não vejo, absolutamente, sacrificio algum nisso. Pelo contrario, sinto-me muito satisfeito pelo que tenho feito. Mas afinal, nada mais tenho que offerecer a outros.

E' muitissimo melhor pois que eu viva sózinho tendo a minha familia como sendo meus filhos e a musica como sendo minha esposa..."

Eis como Ramon explica a razão do seu longo celibato. E que sereia, por mais seductora que fosse, poderia ella esperar ser uma rival de Aida, Tosca, Carmen ou Thais, no coração de Novarro?

Outra cousa oppõe-se ao casamento de Ramon. Elle está convicto de que jamais encontrará a mulher dos seus sonhos. Como portanto casar?

"Se eu me casasse alguma vez, haveria de ser para sempre. E desejo que a minha esposa se contente em ser minha mulher e nada mais.

Talvez esteja pedindo demasiado mas é assim que a idealiso. Maridos e mulheres nascem, não se fazem. Ser um bom esposo ou uma perfeita esposa é como ser um bom medico, um bom artista. Devem tentar o casamento, aquelles que têm um verdadeiro talento para a vida do lar. Os outros... devem evital-o firmemente.

Se uma mulher fôr, instinctivamente, domestica, se nasceu para mãe e esposa, poderá fazer uma carreira dessa sua especialidade. Mas se não quizer entregar o coração e a alma com fé e coragem ao lar — que nunca se case! Porque será uma grave falta, todo o acto que commetter dentro dos limites sagrados do casamento.

Para minha esposa eu desejo uma mulher que me ame doida, cegamente. Que não deixe um só segundo de me querer profundamente bem. Porque, neste particular eu sou differente. O publico, devido os meus Films, imagina que eu seja gentil, futil, delicado e facil de ser governado. Mas a verdade é bem outra. Eu sou ciumento e terrivelmente apaixonado pelo que me pertence. Tenho uma grande força de vontade e não quero que ninguem a domine. Muito menos uma mulher...

Antes de mais nada, exijo que ella tenha absoluta confiança em mim. Ella deve crêr em mim e confiar inteiramente em minha fidelidade. Confiança cega, perfeita, é a base de um casamento completo. E' o essencial.

A mulher que idealiso para esposa, deve abandonar a sua propria individualidade. E não permitiria, é logico, que seguisse qualquer carreira que fosse. Para ella só uma carreira é admissivel: a carreira do lar.

Se tiver fortuna deve abandonal-a antes de se casar commigo. Deve ser pobre, inteiramente pobre. Não permittiria entre nós outro interesse que não fosse o nosso amor. O "teu e o "meu" é algo que transforma o lar numa delegacia. Tudo deve ser simplesmente, "nosso".

A familia deve ter apenas um chefe, por isto eu decidirei sobre tudo. Naturalmente sempre a consultarei e pedirei a sua opinião, especialmente se tratam de assumptos do nosso mutuo interesse. Mas a decisão final deve caber a mim.

Não exijo que ella seja uma belleza rara. Mas gostaria que fosse bonita... Se a amar, é logico que para mim será a creatura mais linda do mundo. A belleza, porém, é um caso de pouca importancia. O essencial é que seja uma mulher intelligente. Mas verdadeiramente intelligente.

Não a quero muito moça. Jamais me casaria com uma mulher de menos de 30 annos. A experiencia é que faz amadurecer a mulher e não é madura que a fruta mais vale?

Ella deve ser reservada e não muito amante da vida externa. Ella deve ser tão amiga, tão amorosa, que supporte a minha companhia, apenas.

Deve ser tolerante e cordata. Eu lhe confiarei todos os meus aborrecimentos e difficuldades. Isto poderá não agradal-a, sem duvida. Mas ella deve supportar, por amor a mim. Quero uma esposa para me confortar e consolar e não uma estatua fria e indifferente.

Quero-a ainda sempre alegre e sorridente. Mas não quero uma mulher tagarela. Frivola e exaggerada.

Quero-a calma, digna, reservada. E muito culta. Deve amar a musica, mas amar profundamente. Caso contrario... nunca nos entenderiamos.

Deve ser muito religiosa e boa dona de casa. Não quero dizer que ella tenha de fazer os serviços domesticos com as proprias mãos. Mas deve saber como manejar um lar. E não é só isso — deve manejal-o com perfeição e absoluta elegancia. Deve ser uma artista do lar!

Desejo que ella tenha um profundo e exquisito gosto por modas. E que vista-se sempre com muito gosto e arte. Desejo-a possuidora de um profundo gosto para tudo quanto seja bello.

Admitto sem duvida, que a mulher que eu idealiso para esposa seja um ente excepcional. Não que o que desejo seja demasiado. Mas onde posso encontrar uma creatura que reuna tantas qualidades assim?"

E' o que as leitoras tambem perguntarão, assombradas: — "Mas tal perfeição existe?"...

Aqui, algumas palavras de Ramon numa entrevista antes da sua viagem á Europa, referindo-se ás luctas que os aspirantes ao Cinema enfrentam.

— "Atraz de toda a fama ha sempre a historia de uma grande lucta. Nada se consegue na vida sem o esforço necessario para o alcançar. No Cinema, então, isto é certo. Antes de mais nada, não existe caminho traçado para o successo nos Films. Mesmo nos casos mais felizes de acensão á primeira categoria, ha sempre um quê de infelicidade, pobreza e angustia atraz de si. São tantos os exemplos!

E' por isso que acho que os aspirantes ao successo no Cinema, têm antes de tudo uma cousa á conseguir: é ter a certeza intima de que o successo não virá do dia para a noite. Que ha uma grande lucta a vencer.

O artista que começa com papeis tem de ir crescendo, crescendo até que o publico por elle se interesse e consiga assim melhores "chances". Digam o que disserem, apenas o publico é capaz de elevar um artista. Só o publico póde julgal-o e leval-o ao triumpho. Nada mais.

Ha ainda uma grande parcella de competição. O aspirante a um logar de destaque no Cinema deve lembrar-se que compete, neste torneio nem sempre alegre, com milhares de outros que tambem têm o mesmo sonho. Não ha mesmo, diga-se, trabalho que chegue para um quinto de extras dos extras que querem figurar nos Films. Ninguem deve pensar em tentar Hollywood se não possue meios para ahi se manter pelo espaço de dois ou tres annos.

Não ha melhor meio de se começar do que como extra, fazendo o devido "training" para as principaes posições mais tarde. Fazer tudo quanto lhe pede o director assistente (sim, meus caros, pois o director raramente fala com os extras...) e assim será notado e procurado para outras opportunidades.

Manejar extras é um arduo trabalho e aquelle que seja obediente, docil, rapido e intelligente — em resumo, facil de comprehender e dirigir — será distinguido dos demais. Isto é muito mais importante e formal do que protecção e "pistolões". Um director dá pouquissima attenção a um recommendado. Os pequenos "bits" são sempre os primeiros e solidos degraus que um artista póde ter para a escada do successo.

Mas afaste-se das chamadas "escolas de Cinema". São, em regra geral, ratoeiras, legitimos papa-nickeis. Os Studios têm departamentos de *maquillage*, etc., que gratuitamente ensaiam os extras.

Se já foi artista de palco, ainda que um modesto artista, terá 40 por cento a seu favor. E os artistas de palco tambem se formam assim, nos bastidores: avançam lentamente desde os menores "bits" até os grandes planos no cartaz da fama". Ramon "dixit".

— Quando se analysa um grande artista da tela, ou melhor, quando se analysa um actor detalhadamente, encontram-se tres qualidades:

Imaginação, intelligencia, e sympathia.

Se, além disso, o artista tem alguma belleza physica, tem-se então um bom material.

Este rapaz mexicano tem tudo isto e ainda temperamento, sentimento, "fine pliant", espirito, elegancia natural e uma brilhante imaginação.

(Palavras de Rex Ingram, quando descobriu Ramon Novarro).

— —

Ramon implica com pequenas que dirigem automoveis.

— —

Entre as musicas carnavalescas brasileiras que Ramon ouviu a bordo do *Northern Prince*, "Ride Palhaço" de Lamartine Babo foi a que mais lhe agradou.

— —

Qual o melhor actor na opinião de Ramon?

— Nenhum — diz elle.

E entre as artistas?

— Depende da modalidade do papel...

— —

Ramon, como se sabe, é um apaixonado pela musica. Conta uma jornalista americana que uma vez o viu no Studio, a annunciar a toda gente:

— "Scaramouche" vae ter uma partitura especial!

Diz a jornalista que elle parecia um menino a contar o consentimento de seus paes para usar calças compridas...

— —

Uma noite, na cidade de Mexico, Ramon foi ao Cinema.

— "Era um Film de series com Pearl White — elle disse. Vi que eu poderia fazer tudo o que os artistas fizeram. Foi assim que eu pensei, pela primeira vez em trabalhar em Cinema e tratei de seguir para Los Angeles.

— —

Ramon leu "Jennifer Lern" de Elinor Wylie e achou que daria um lindo Film. O seu papel seria o daquelle principe que tinha sido cosinheiro de pasteis e sonhou com Lillian Gish para o papel de "Jennifer".

Ramon é apaixonado pelas viagens. Aqui o vemos a bordo do "Northern Prince" a caminho do Rio.

"SCARAMOUCHE" COM ALICE TERRY

RAMON NOVARRO e uma scena de cada um dos seus FILMS...

"O FILHO DO ORIENTE", com Madge Evans

"HORAS PROHIBIDAS"

"ALVORADA", com Helen Chandler

"O PRINCIPE ESTUDANTE", com Norma Shearer

Com Dorothy Jordan em "SEVILHA DE MEUS AMORES", e "CÉO DE AMORES"...

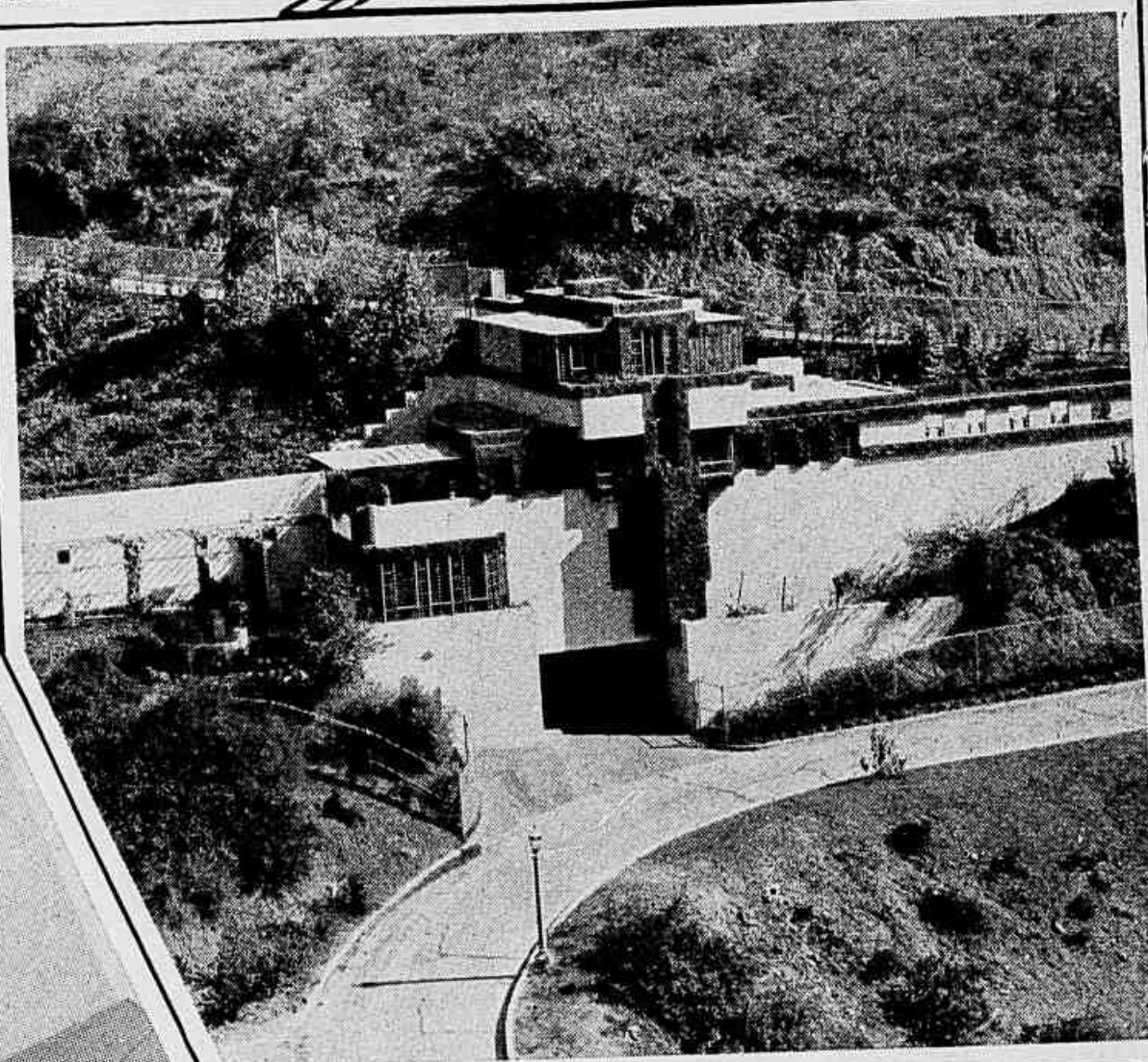
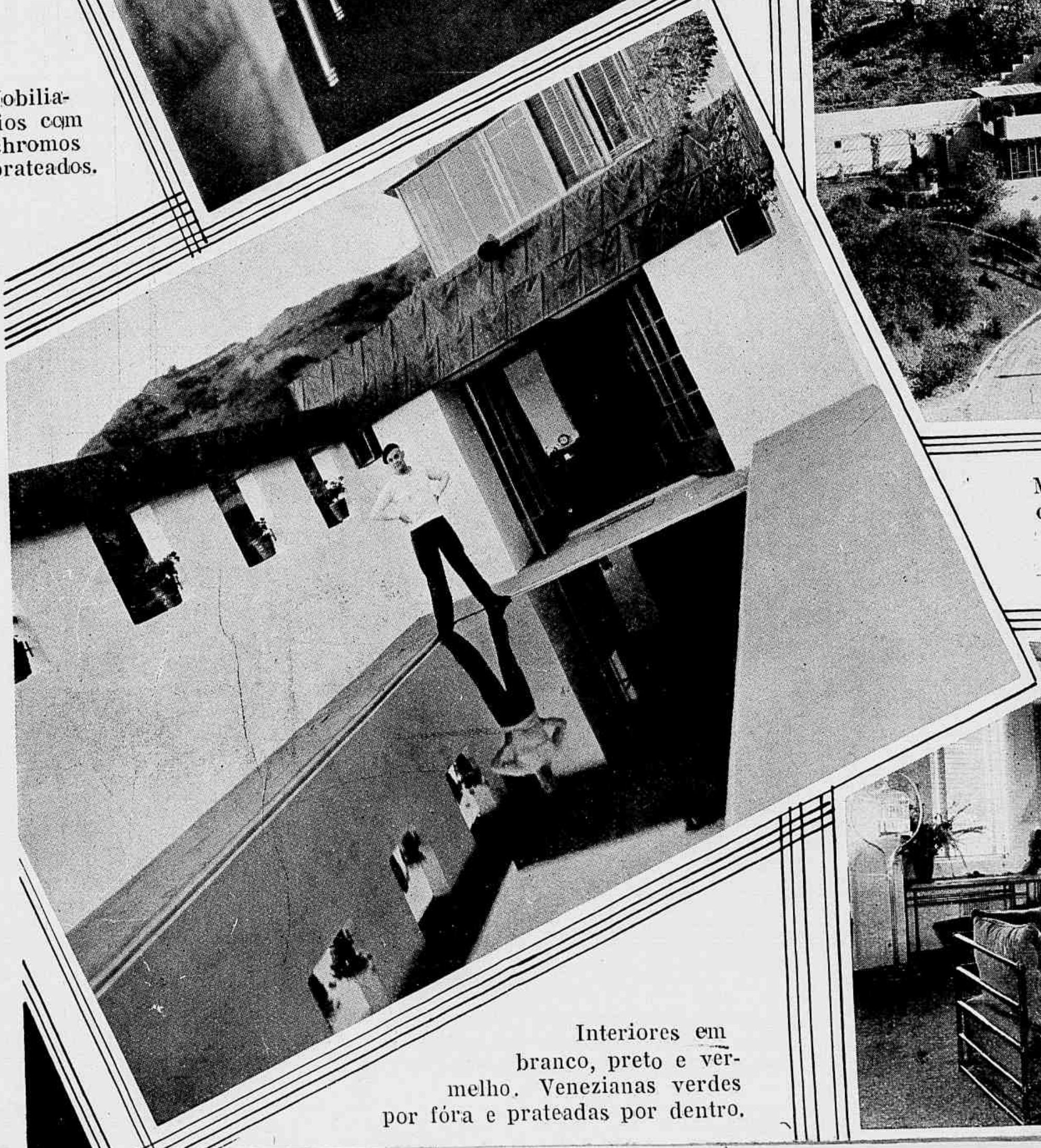
"O GUARDA-MARINHA"

"TEU NOME E' MULHER", com Barbara La Marr

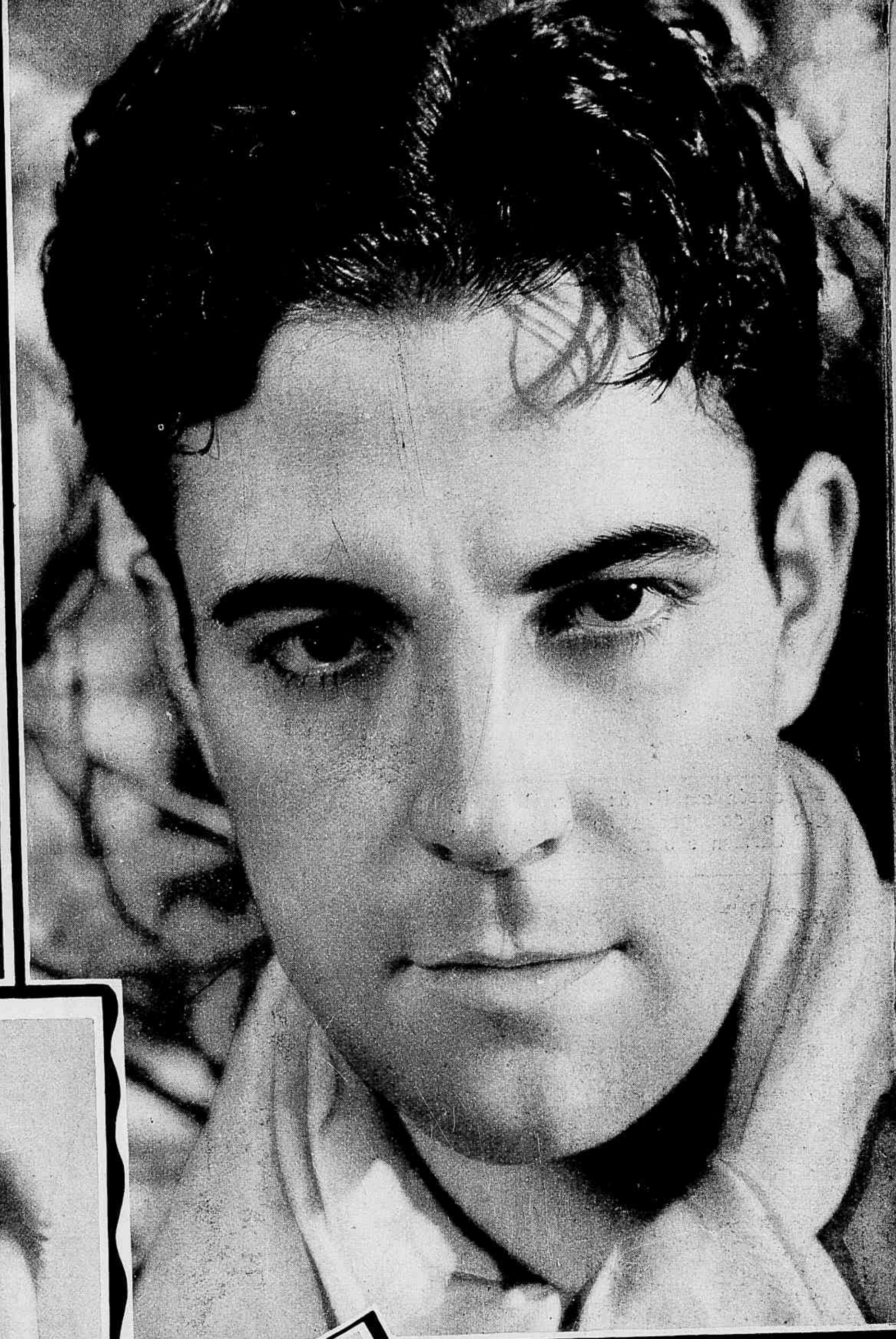
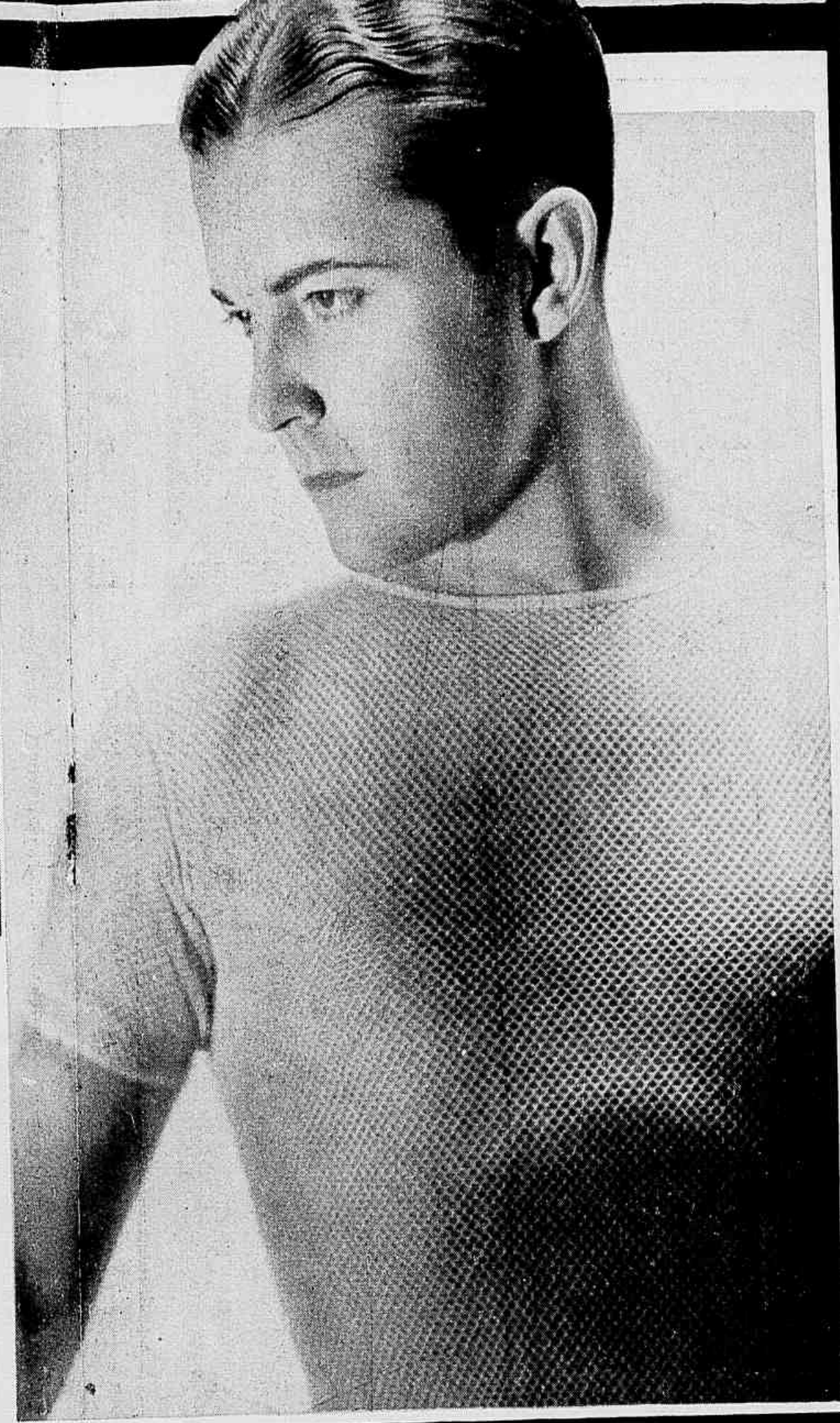
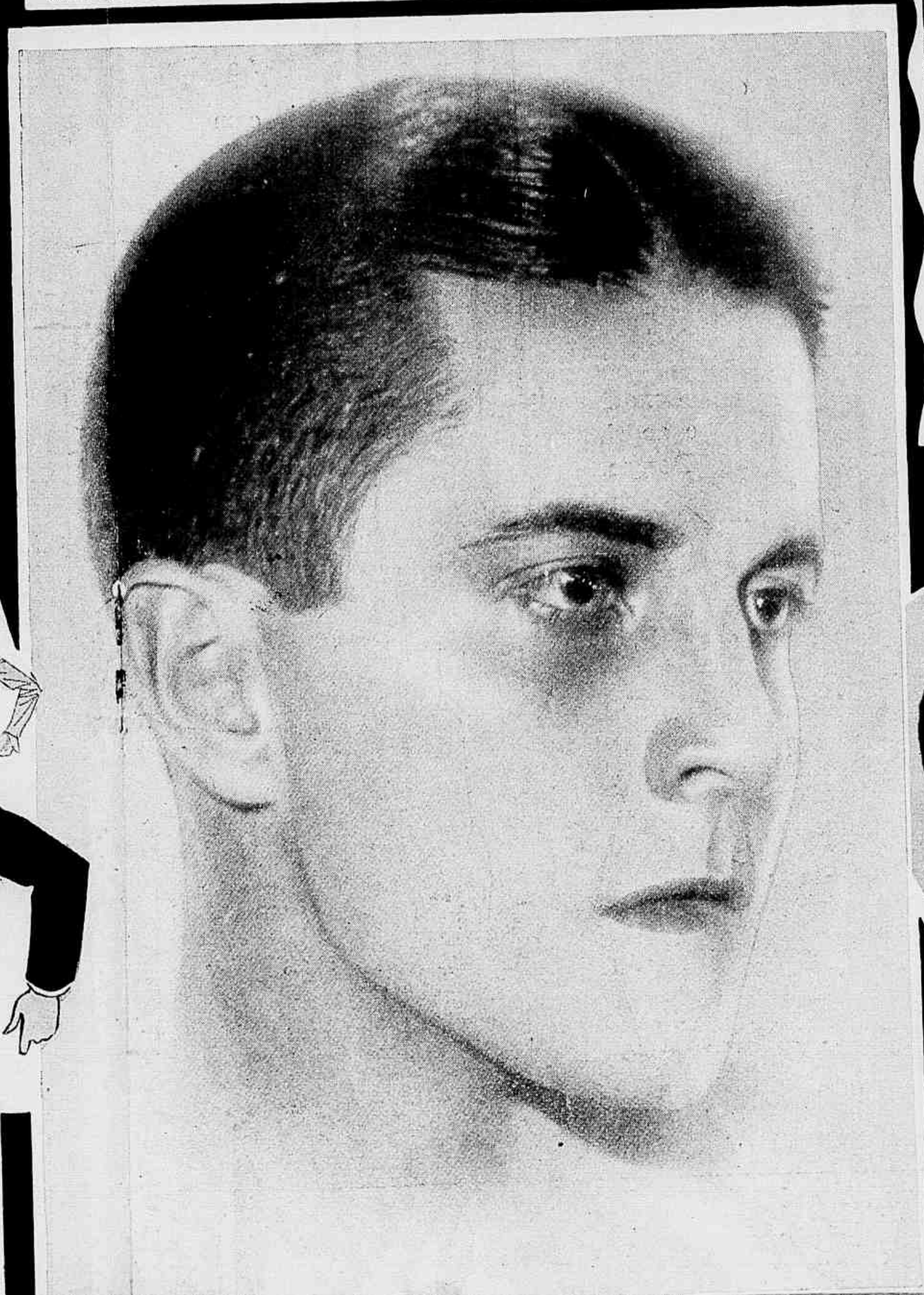
"AZAS GLORIOSAS"

Desenhada pelo proprio R... Branca e verde e 4 andares na frente e um nos fundos.

Nova casa em Beverly Hills.

Mobiliarios com chromos prateados.

Myrna Loy morou aqui quando Ramon estava na Europa. Agora alugada a Douglas Montgomery.

Interiores em branco, preto e vermelho. Venezianas verdes por fóra e prateadas por dentro.

Romeu de celluloide. Principe pobre. Devorador de estrellas. Fome de impossivel. Noivo que as mamães approvam. Heróe de scena final. Trovador medieval errante.

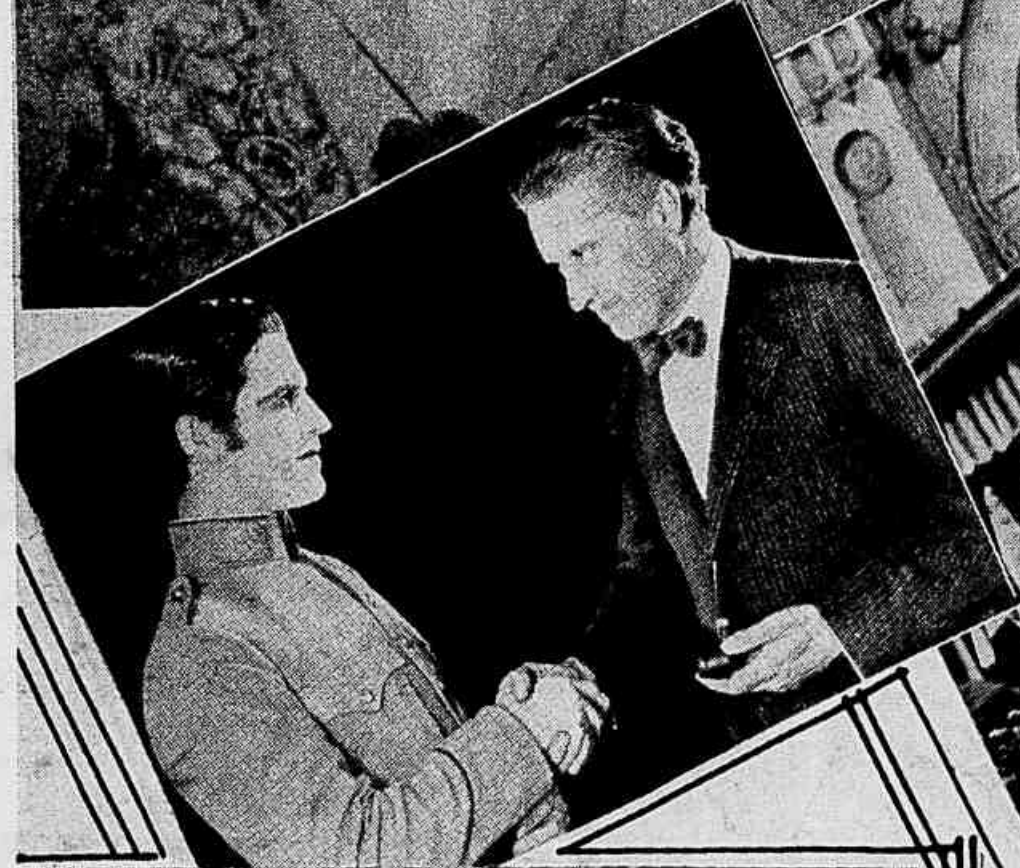
O pagem do castello medieval. Trovador que ama a princeza loura. Lendas e baladas. Aladim.

pobre.
de impos-
pprovam.
medieval

Romeu sem Julieta. O "Pequeno Lord Fauntleroy" cantando "O Sole Mio".

No Vaticano, quando recebeu a benção do Papa.

Chegando a B. A. e parecendo Clark Cable Em baixo, numa festa em casa de M. Davies.

Na estréa em B. A: Mrs. Robinson que o acompanha ao piano, Elle, Carmen e o maestro Fisher.

Ao alto com Eduardo seu irmão.

Com Pola Negri e ao alto com Douglas.

Em Monte Carlo

Chegando a Montevidéo. Ao alto, com Fred Niblo.

"BEN HUR"

MAIS ALGUNS DOS SEUS FILMS E AS SUAS HEROINAS

"O ARABE ARISTOCRATA" COM ALICE TERRY

"MATA HARI", COM GARBO

"APSARA", COM ALICE TERRY

"O PAGÃO", COM DOROTHY JANIS

"GALANTE CONQUISTA-DOR", COM CARMEL MYERS

"O BEM AMADO", COM DOROTHY JORDAN

"ROMANCE", COM MARCELINE DAY

"PROCELLAS DO CORAÇÃO", COM JOAN CRAWFORD

"AMANTES", COM ALICE TERRY

"AMOR DE MANDARIM", COM HELEN HAYES

A IRMÃ de RAMON

A GENTE vive a falar e a escrever por annos e annos sobre Hollywood e, entretanto, numa rapida palestra consegue-se ver a cidade do Cinema sob um aspecto novo: atravez a lente de uma visão feminina. Uma admiradora do Cinema, uma simples "fan", falou alguns momentos e em sua palestra quanta cousa inedita revelou ella sobre a Hollywood encantada e os seus habitantes!

Carmencita Samaniegos, a encantadora irmã de Ramon Novarro que o acompanha nesta "tournée" sul-americana, é quem fala.

A bella mexicanita só sabe estar seria por alguns minutos. Sua alegria interior é tão ruidosa, tão communicativa que se contagia a todos aquelles que tiveram a felicidade de conviver com ella durante a viagem.

Nos raros momentos em que está seria, um leve sorriso se insinua no seu rosto. A triumphante juventude de Carmencita tem o seu precioso indice nesse luminoso sorriso, que não abandona as suas feições de *madona* andaluza.

— Pois sabe por que? — diz ella a uma observação neste sentido. — Sinto o bailado comico na alma... Não preciso imaginar quaes as figuras que devo crear, nem estudar a posição das mãos ou a quantidade dos passos. Sinto tão intimamente o comico, o humoristico que tudo me parece sahir espontaneo do coração... E o que é melhor, goso e divirto-me terrivelmente com estas dansas! E' como se eu tivesse assistido a um bom Film comico.

— Dansa outro genero Carmencita?

— E' logico. Tenho um grande repertorio. Tão grande quanto o medo que se tem ao estrear... Actuar em festivaes de caridade e no theatrinho que meu irmão Ramon tem installado em sua casa de Beverly Hills, é uma cousa. Outra, muito differente, é submetter-me ao juizo de um publico tão culto como o das capitaes sul-americanas... Tenho confiado muito, a este respeito, na bondade dos jornalistas a quem tenho procurado dar a conhecer minha verdadeira personalidade artistica: sou uma amadora! E, como já foi publicado, minhas representações na America do Sul serão ao mesmo tempo estréa e despedida. Caso-me ao regressar da "tournée" e trocarei o palco pela paz do lar...

— Quem é a victima, Carmencita?

— O afortunado e não victima, creatura má — responde a linda mexicana com vivacidade — E' Carlos Navarro, um joven compatriota productor de peliculas a quem conheço ha seis annos. O compromisso só foi feito no Natal passado.

— E por que tanta demora?

— Já lhes digo. Sentia uma verdadeira loucura pela dansa. Estava no meu sangue. Mas minha familia, que é muito religiosa, não me permittiria seguir a carreira em caracter de profissional. Assim, pela primeira vez em minha vida, enganei a mamãe. Disse-lhe que ia a um curso aprender francez, quando na realidade frequentava uma escola de bailados, que tambem frequentava Rosita Moreno e Luana Alcaniz.

Depois de um anno deste estudo "em contrabando", celebrou-se em casa uma festinha memorando o anniversario de mamãe. Só Ramon sabia da verdade e sempre estimulara minha vocação. Assim annunciou a todos os convidados um numero surpresa.

Carmencita, seu noivo Carlos Navarro e Ramon.

A tal surpresa era eu, que pela primeira vez enfrentaria uma platéa consciente. Platéa amiga, mas emfim: uma platéa!

No meio do assombro geral, surgi no palco do theatrinho de Ramon, que, diga-se de passagem, tem as installações mais perfeitas do mundo e no qual podem-se obter os effeitos de luz e as combinações scenicas que se quer.

Fica-me mal dizer... mas agradei! Confessei á mamãe a burla e devido á boa intenção que animou o fingimento, fui perdoada immediatamente. Carlos, quero dzer meu noivo, aborreceu-se muito com o caso mas acabou por se conformar. E, mezes depois, foi o mais enthusiasmado.

"Não queria te ver transformada em bailarina profissional, disse-me elle, mas dansas tão bem que não vejo mal nos teus estudos. O saber não occupa logar...

Isso me fez olhal-o com mais sympathia e depois...

— Enamorou-se?

— Sim! Mas, como já disse, só ha poucos mezes fizemos o compromisso formal. E ahi estou eu em imminente ameaça de... casar-me!... Eis tudo.

— Muito bem, Carmencita. Agora fale um pouco sobre Hollywood.

— Com muito gosto! De que ou de quem querem que eu fale? Hollywood é por demais complexo para que me atreva a descrevel-o assim, em traços geraes...

— Vamos então por partes. Em primeiro logar: esqueça-se que é irmã de Novarro e diga-nos qual o actor que mais sympathia lhe inspira?

— Ronald Colman... E' um homem encantador e isso devido ao seu caracter. Por momentos ri e brinca como uma creança para logo depois se tornar serio e grave, como se o assaltassem recordações dolorosas. Mas em todos os instantes é agradavel e sympathisissimo.

Se já estive enamorada delle? Não o diga: Mas quando era menina confesso que Colman era o meu sonho dourado. Mas não fale nisso — insiste Carmencita — pois que se o meu noivo soubesse, custar-me-ia um bom aborrecimento...

— Não tenha cuidado. Palavra de jornalista como me calarei... E o que acha de Ramon?

— Prefiro-o fóra da tela do que nos Films. Esquecendo o parentesco, acho-o um grande artista, um artista que ainda não deu tudo o que possue á sua arte. Ha certos Films seus que me agradam muito, mas outros... Parecem-me tão artificiaes... O unico Film que revelou bem o talento de Ramon foi "Ben Hur".

Se Deus lhe der vida, você vae ver que cousas admiraveis Ramon ainda fará. E sobretudo — continuou Carmencita com a voz embargada pela emoção — Ramon tem sido para nós, a sua familia, uma dadiva do céo. Elle tem trabalhado não para elle, mas sim para a sua familia. Fóra do lar é um grande astro mas na intimidade é um filho obediente e um irmão amantissimo.

Mesmo nas épocas de maior trabalho, elle sempre acha tempo para vir nos dar um beijo ou uma palavra affectuosa. Muitas vezes ficou sem almoçar para vir em casa ver a familia... Ha poucas creaturas assim generosas e boas como Ramon. Como sua irmã, não me fica bem dizer isto. Mas é a pura verdade!

— Não ha mal algum em reconhecer o merito, Carmencita. Diga-nos agora, qual artista considera a mais elegante de Hollywood?

— Oh! Indiscutivelmente, Carole Lombard! Tenho-a visto diversas vezes, quer em festas ou funcções publicas e em todas as vezes suas "toilettes" têm sido deslumbantes! Não é o que se possa chamar uma belleza perfeita mas sua elegancia natural é tão grande que qualquer trapo que ponha sobre o corpo tem o brilho esplendido de um modelo inedito. Recordo-me uma vez na praia "chic" de Malibú, quando todos os banhistas e passeantes interromperam em muda admiração o banho e os exercicios para contemplar a passagem de Carole.

Kay Francis? Aprecio-a como artista e mesmo pessoalmente. Mas noto nella algo de pouco feminino que não me agrada. Veste-se muito bem mas na minha opinião, Carole Lombard supera-a em elegancia.

(Termina no fim do numero)

Numa festa mexicana de Los Angeles, Ramon e George Cryer, prefeito da cidade.

Ramon e Dorothy Janis em Hawai onde se Filmou "O Pagão".

Filmando uma scena do "O Bem Amado", um dos mais conhecidos Films de Ramon.

Ainda durante a Filmagem do "O Bem Amado". Uma limpeza nos sapatos de Ramon...

Ramon e Rex Ingram.

A Sra. Baker de Oak Park, Illinois, E. U. depois de uma troca de correspondencia durante annos com Ramon, visita-o no Studio e adopta-o como neto...

Ramon e Sidney Franklyn estudando detalhes para a Filmagem do "O Bem Amado"

Em baixo Ramon, J. Gilbert e Roy Darcy nos tempos dos bigodinhos...

Robert Leonard na direcção de "Céo de Amores" com Ramon e Dorothy Janis. A direita, Carlos Barcasque.

Ramon e Harry Beaumont quando se Filmava "Horas Prohibidas".

Ramon Novarro, nos tempos da Filmagem de "Horas Prohibidas", cantava com o acompanhamento de Katherine Lewis e Caroline Herman, a orchestra que auxiliava a emoção nos tempos dos Films silenciosos.

Ramon recebe em Los Angeles o embaixador Chileno, Carlos Davila.

Ramon e Clifford Brookes, velho actor de theatro.

Ao lado direito, Ramon, Jean e N. Carroll num Studio de Radio na noite de uma irradiação especial para B. Aires.

A PEÇA DE RAMON E O QUE DIZ KATHLEEN KEY DO SEU COMPANHEIRO DE BEN HUR:

No Capitolio Theatro de New York, Ramon attrahiu milhares de pessoas apparecendo com o seu Film **O Gato e o violino** e cantando em pessoa as melodias typicas de seu repertorio, com aquella bella voz de tenor que sem a ajuda do microphone é volumosa e optima. Novarro, muito antes do successo nos Films, estudou musica e canto a fundo. Os Films falados foram uma opportunidade para elle revelar sua vóz.

Depois de uma triumphante **tournée** pela Europa, e dos seus successos nos novos Films **Gato e o violino** e **Laughing boy**, elle prepara-se para uma nova **tournée** de canto, desta vez pela America do Sul.

Um jornalista new-yorkino foi ouvir o **matinée-idol**, dias antes da partida:

"Novarro quando fala não é sómente com as palavras. Anda pelo camarim, gesticula para illustrar melhor o que diz. Elle começa a falar-nos sobre a sua peça **It's Another History**, que vae escrevendo pela viagem e espera estrear em Londres, com seu nome na direcção e no elenco.

(Abordo de "Northern Prince", Ramon aproveitava todos os momentos para continuar e escrever a peça). Perguntamos-lhes se era um thema sobre a felicidade.

— "Oh não. Não ha realmente a completa felicidade. Isto seria cruel. O completo e a perfeição são, raramente, synonimos. Você lembra-se d'aquelle esculptor... como é mesmo o seu nome?...

Elle levanta-se, anda para lá e para cá no camarim.

— "Eu devia saber o nome... eu sei... elle é tão famoso. E' francez... ah! Rodin! Pois bem, Rodin deixava os seus modelos tomarem uma pose natural, a pose que insensivelmente os seus corpos tomaravam. Elle nunca os forçou a poses especiaes, stereotypadas. Assim, por exemplo.

E Ramon illustra sua palestra reproduzindo um grande numero de poses immortalisadas pelo famoso esculptor.

— "E assim é com a vida", continua elle. "Todas as cousas têm o seu valor emquanto são livres, naturaes, faceis, e não convencionadas. Liberdade para mim é a unica cousa na vida, digna de lucta. E' algo concreto. A felicidade é ephemera, não póde durar. Quanto a liberdade, ella tambem nos illude ás vezes pois todos nós temos alguem ou alguma cousa que se aferra a nós, que prende os nossos movimentos.

Mas em minha peça, a heroina — que é uma estrella de Cinema — deve ser livre. E assim, o homem que ella ama (é um astro de Cinema) não tem o poder para ajudal-a. Porque elle já alcançou o seu completo successo. Ella tem ainda que conquistar o seu. Mas elle tem o poder bastante para fazel-a subir por si mesma, sem nada mais do que um pequeno empurrão de sua parte. Para que o seu successo seja feito afim de mais tarde feril-a de uma maneira intangivel, talvez. E que no fim, ella não possa dizer: "o que eu sou é minha propria creação e não de outro".

Emquanto Ramon Novarro fala, pensamos que o thema de sua peça se assemelha tanto a um certo remoto romantico caso de sua propria vida... Mas preferimos nada dizer.

— Você comprehende o que quero dizer? gesticula Ramon descriptivamente.

Naturalmente que comprehendemos. E comprehendemos tambem que emquanto fala, elle está retirando os ultimos traços de **Make-up** do seu rosto. Sempre falando (como são versateis estes latinos!) elle enfia-se no sobretudo, põe o chapéo e despedindo-se, acompanha-nos até a porta da rua. No meio da escada Ramon pára, attonito. Elle avistou a rua praticamente inundada de **fans** e admiradoras. Sua irmã e seu manager esperam-no em baixo. E lá se vae elle, lutando por um caminho n'aquelle mar de admiração e applausos!

* * *

Aqui, vamos ver Ramon Novarro atravez a observação de uma collega de trabalho, uma sua amiga ha 12 annos. E isto deve, sem duvida, interessar aos innumeros **fans** do interprete de **O Gato e o Violino**.

Kathleen Key, que foi sua companheira em **O juramento de um amante, Guarda Marinha** e **Ben Hur**, é quem fala sobre Novarro. Ouçamol-a:

"Todos os amigos de Ramon Novarro alegram-se, sinceramente, pois que afinal elle está realisando um grande e querido sonho. Terminou um compromisso Cinematographico e depois de concertos em New York e Washington, cantará no Mexico, na America do Sul e na Europa, numa **tournée** que durará mais ou menos um anno.

Este seu temporario adeus ao Cinema faz-me recordar a sua companhia durante diversas Filmagens. Desde que trabalhamos em nosso primeiro Film, **O juramento de um amante**, ha uns 12 annos atraz, elle tem sido um verdadeiro amigo e sem comparação alguma o mais despretencioso, agradavel e divertido dos companheiros.

12 annos é um longo perido para se conhecer uma celebridade e não colher desapontamentos. Mas em todo este tempo Ramon nunca mudou. Apesar de nossas vidas correrem separadas, quando nos encontramos em Paris, Berlin ou Hollywood é como se nos tivessemos separado dias antes. Ramon é sempre alegre, solicito, prompto para falar sobre os velhos tempos e dar noticias dos nossos mutuos amigos.

Elle tem uma disposição de espirito admiravel. Nunca se aborrece, nunca profere ou pratica uma deselegancia. E' a creatura mais paciente que já vi. Elle atrahe, naturalmente, um grande numero de pessoas que querem estar ao seu lado por ser elle uma ce le bri da de. Mas Ramon é dotado de uma segunda visão ou algo deste genero (chamem-lhe **intuição latina** se quizerem) e elle percebe logo, num relampago, o menor sub ter fu gi o; sente instantaneamente a falta de sinceridade em qualquer amisade falsa. Elle detesta **snobs** e fingidos enthusiasmos. Possue um genio especial para encarar as amisades e não põe obstaculo algum á ellas. Elle não se importa quem sejam os seus amigos, de onde vêm, para onde vão ou o que têm elles a offerecer. Ramon só exige uma cousa: que a pessôa seja interessante, seja sincera, seja uma personalidade. Nunca o vi cultivando amisades que só lhe servissem para ajudal-o em sua carreira. Sendo extremamente sensivel, elle comprehende immediatamente as pessoas e adapta-se com rapidez a qualquer grupo ou individuo. Já o vi numa profunda discussão sobre um Film seu, centro de um grupo de **executives** e directores. Poucas horas depois encontro-o numa elegante **cocktail party**, divertindo-se alegremente em familia. Horas mais tarde comparece a um concerto com um grupo de amigos: musicos notaveis.

Chegando a Hollywood, de volta da ultima viagem a Europa

Durante a filmagem de "Ben Hur", Kathleen e Ramon.

Ramon em Paris, sahindo do Alhambra, onde se apresentou no palco.

Apesar de toda a grande amabilidade de Ramon, eu lembro-me de uma triste occasião em que, mutuamente, nos aborrecemos a valer. Elle raramente esbraveja ou discute, mas neste dia quasi perdeu a calma e por minha culpa.

Deu-se o "triste" caso em Roma, quando ahi Filmavamos **Ben Hur** e o scenario foi o salão do hotel, numa noite em que todos nós do **unit** esperavamos que algo acontecesse emquanto descansavamos da Filmagem.

Nesta epoca eu era crente que tocava passavelmente piano e sentei-me a batucar o **Dear Old Pal of Mine**. Ramon não sabia que eu só tocava de ouvido e reconhecendo a musica, aproximou-se do piano: — "E' uma das minhas melodias preferidas. Deixe-me cantal-a".

Eu não tive a coragem de dizer que não era capaz de um bom acompanhamento, com medo de perder o prazer de ouvir a sua canção e então decidi-me a tocar o melhor possivel. Vocês sabem como Ramon encara seriamente o seu canto. Quando elle canta, todos ouvem. Assim o **unit** poz-se a ouvir. Eu toquei mais ou menos o preludio, mas, ao entrar no outro trecho, comecei miseravelmente a desafinar. Repentinamente Ramon pára e grita com a voz mudada:

— "Você está caçoando de mim! Não continuarei mais".

Ninguem ficou mais surpresa do que eu ao vel-o assim exasperado, quando estava pondo toda minha alma ao piano! Então foi a minha vez de ficar furiosa e gritei:

— Você é incapaz de cantar, isto é que é!"

E corri para o meu quarto. (Hoje eu sei que além de má pianista, o piano me trahiu: estava desafinado!...)

Todos no **unit** ficaram immensamente aborrecidos. Ninguem ainda tinha visto Ramon n'aquelle estado, durante toda a accidentada lição de **Ben Hur** e muitos julgaram que eu o irritara propositalmente. Os apaziguadores pediram que eu me desculpasse com elle, mas tão convencida estava eu que tocava razoavelmente e tinha tocado bem que para mim, Ramon era o culpado. Elle não me soubera acompanhar com o seu canto.

Atirei-me na cama com a cabelleira em pé, o rosto cheio de **cold-ceram**, meu corpo encerrado numa horrivel camisa de dormir de flanela, que eu comprara porque o hotel não tinha estufas. Só um pensamento me atormentava: que jamais haveria de tornar a falar com Ramon.

Nesse momento o scenarista Bess Meredith entrou no quarto. Ella sabia que eu não passava de uma amadora no piano e tinha explicado isso a Novarro. Elle estava alli, na porta do meu quarto, disposto a ajustar as cousas e tudo esquecer. (Sempre o mesmo Ramon. Sempre prompto para conciliar do que para semear inimizades).

Deixei-o entrar, disposta a ser desculpada, numa **pose** de martyr offendida. Mas logo que Ramon me viu, estourou numa gargalhada e disse: "Vamos embalsamal-a e envial-a para casa de Madáme Tussaud"!

Eu me esquecera de minha exotica apparencia (horrivel **toilette** de dormir e tudo o mais) até que Bess reflectiu a minha grotesca imagem no espelho. Ahi rimo-nos todos e as desculpas surgiram de ambos os lados. Quasi iniciamos uma nova briga, cada qual querendo assumir a culpa do incidente.

Esta foi a primeira e ultima vez que vi Ramon perder sua gentileza e sua calma. Quantas vezes posso eu dizer isto de outros artistas?...

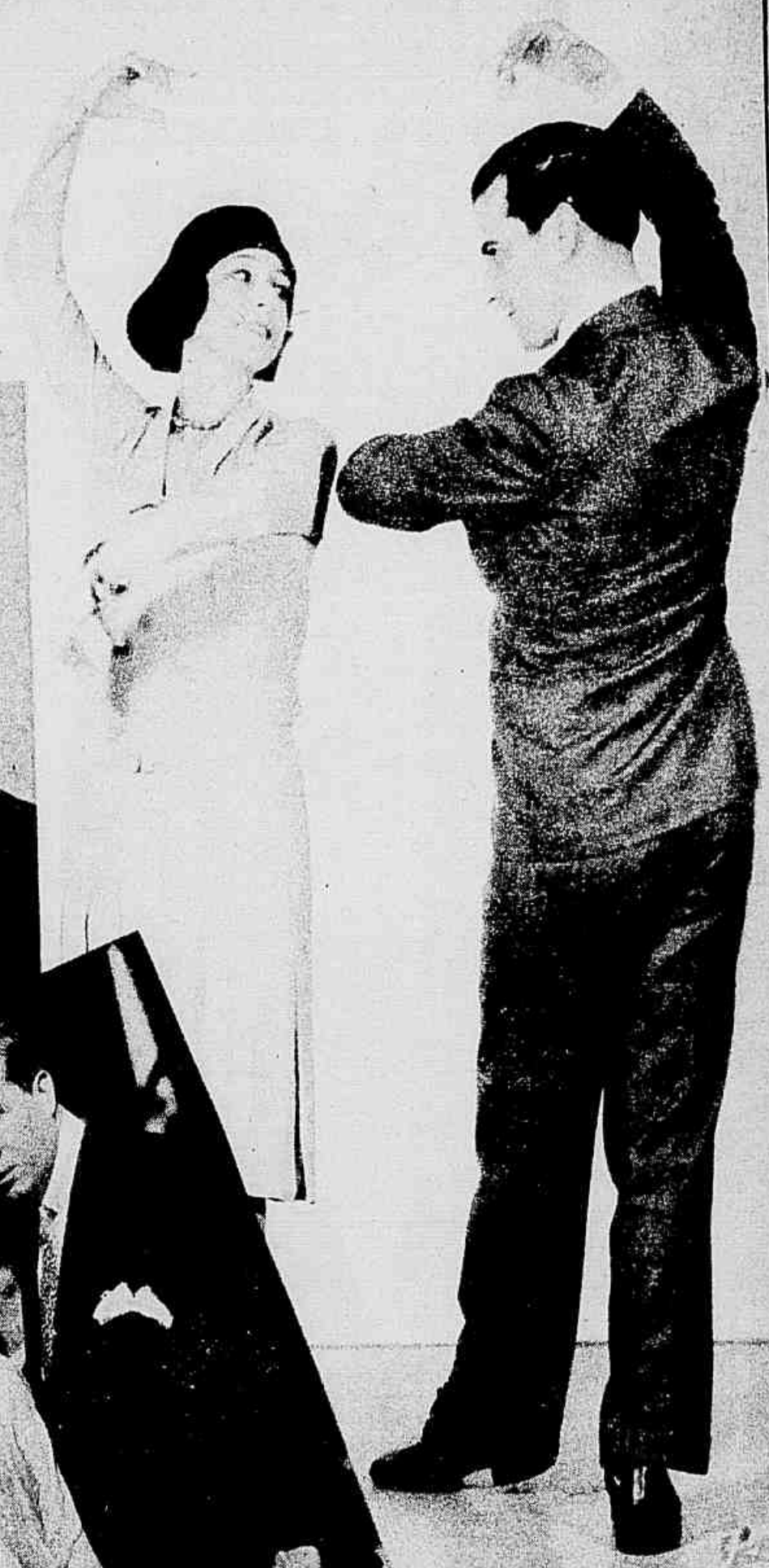
Ramon e Kathleen numa scena de "Ben Hur".

Todos conhecem o extraordinario successo alcançado por Ramon em Paris, mas eu que estive presente a todas as suas apparições no Alhambra sou um dos seus poucos amigos que podem provar como foi estupenda a maneira com que o recebeu o publico parisiense — este publico tão critico e exigente em materia de arte. A platéa quasi enloquecia applaudindo e gritando **Bravo, Vive Novarro!** Elle conseguiu uma das maiores manifestações que já se viu Paris dar ás celebridades que o visitam.

O senso de humor de Ramon é outra qualidade de sua personalidade que poucos conhecem. Suas imitações de outros artistas é algo para se morrer de rir. Sempre lamentei que Novarro nunca tivesse feito uma verdadeira comedia na téla. Elle tem talento para isso e encantaria o publico.

(Termina no fim do numero)

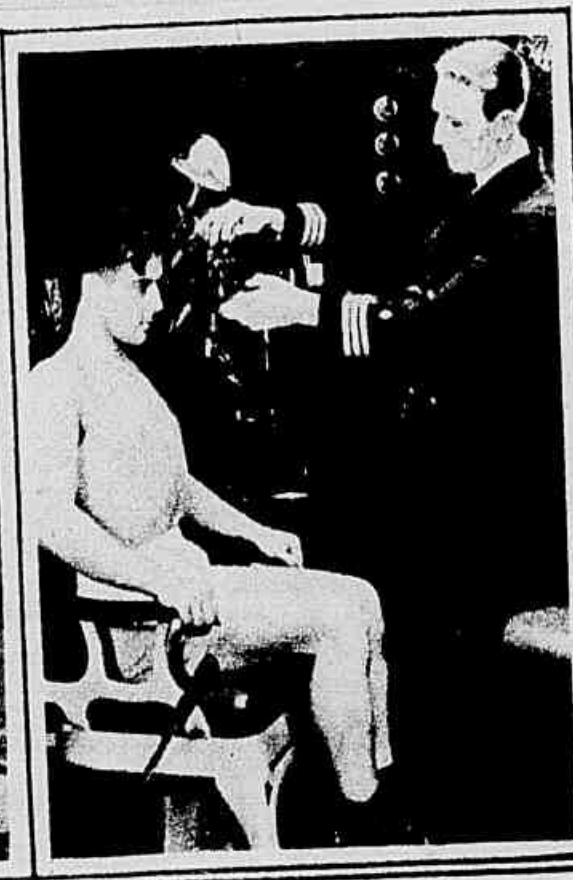
Ramon e Carmel Myers, no Studio da Anes em Roma, com Jsa Kramer, famosa soprano

Maurice Dekobra, Jacques Feyder, Ramon e André Luguest.

Ramon e Antonia Mercê, a celebre Argentina.

Durante a Filmagem de "Ben Hur", Ramon, Lina Cavallieri, K. Key e Lucien Muratori, marido da celebre artista dos cartões postaes.

Lily Pons na casa de Ramon

Ramon recebe a visita de Maria Tubau, famosa actriz e cantora hespanhola. Aqui vemos George Hil, director Maria Tubau, Ramon e Senhora S. Bermundez.

DURANTE A FILMAGEM DE "AZAS GLORIOSAS"

Ramon e Ralph Graves

Ramon na Marinha...

Em baixo, uma scena de "O Guarda-Marinha", o seu primeiro film como "STAR" da M. G. M.

Ramon e Anita Page em "Azas Gloriosas"

RAMON

ACTUALIDADES...

A chegada de Alice Terry a Los Angeles.

Antes, Ramon tambem ja foi uma vez á estação para receber Alice que vinha da Europa.

Ramon, Alice Terry e Rex Ingram quando se filmava "O Arabe Aristocrata"

Ramon foi receber Alice Terry quando esta chegou ha pouco em Hollywood onde pretende voltar ao cinema tendo feito um "test" na Warner.

Ao alto quando Rex Ingram estava dirigindo "AS 3 PAIXÕES" em Nice. Ramon foi visital-o eaqui o vemos com o Director, Alice e Ivan Petrovitch que eram os principaes. Em baixo, Ramon e Alice em "APSARÁ"

RAMON NUM RELAMPAGO

Elle nunca amou. . . e declara que a pequena com quem se casar deve ter vocação para uma dona de casa. . . ter mais ou menos os seus trinta annos de idade completos. . . e deve dar o fóra em toda ou qualquer fortuna. . . se a tiver. . .

Greta Garbo é a sua mulher ideal. E por algum tempo Hollywood chegou a acreditar que elle fosse o successor de John Gilbert. . . no coração da dama **Eu acho que vou para casa**. . . Mas a mutua e falada attracção, agora é. . . sorvete. . .

Elle e um irmão chegaram em Los Angeles com 10 "dollars", entre ambos. . . Trabalhou como caixeiro de emporio por quatro "dollars" semanaes. E mais tarde, emquanto ensaiando para um corpo de bailados em New York. . . era empregado de um restaurant automatico. . .

Mas hoje elle póde, calmamente, ter quatro pianos em seu lar (e os tem. . .) e quatro automoveis. Não guia, porém, nenhum delles...

Tem uma voz com qualidades para o lyrico. E sua ambição é ser um grande cantor. Assim seu contracto no Cinema estipula para trabalho, sómente seis mezes do anno. . . O resto do tempo é destinado á sua musica adorada.

Vae ao barbeiro para tratar das unhas e cortar o cabello. Mas não gasta nickel com a barba. . . Adora um velho **robe de chambre** comprado na Europa, quando ahi esteve fazendo **Ben Hur**. Está cahindo aos pedaços mas elle não usa outro. . . porque acredita que este lhe traz sorte. . .

E' um catholico devoto e praticante. Accende sempre uma vela para o seu santo, quando termina um Film. . . e ajoelha-se e reza pela felicidade de sua mãe, todas as noites.

E' dado a rompantes e enthusiasmos. . . e tem manias, attitudes contradictorias, tal qual uma pequena apaixonada. . . Diz que não tem superstições mas usa um certo anel de **sheik...** Comparece ás festas em trajes simples e sandalias. . . Mas nunca vae a **premiere** ou restaurants de luxo. . .

Tem um **fraco** por sandwiches. Faz regularmente diéta a caldo de laranja, para manter em bom estado o organismo. Não é muito dado, porém, aos exercicios.

Um livro sobre metaphysica attrahe o seu interesse. . . mas uma novella romantica é uma boa **xaropada** para elle. . . Gosta de dizer o futuro e a sorte alheia com as cartas. . . Monta peças no seu theatro em miniatura. E escreve sonetos de amor em cinco linguas. . . inclusive em allemão. . .

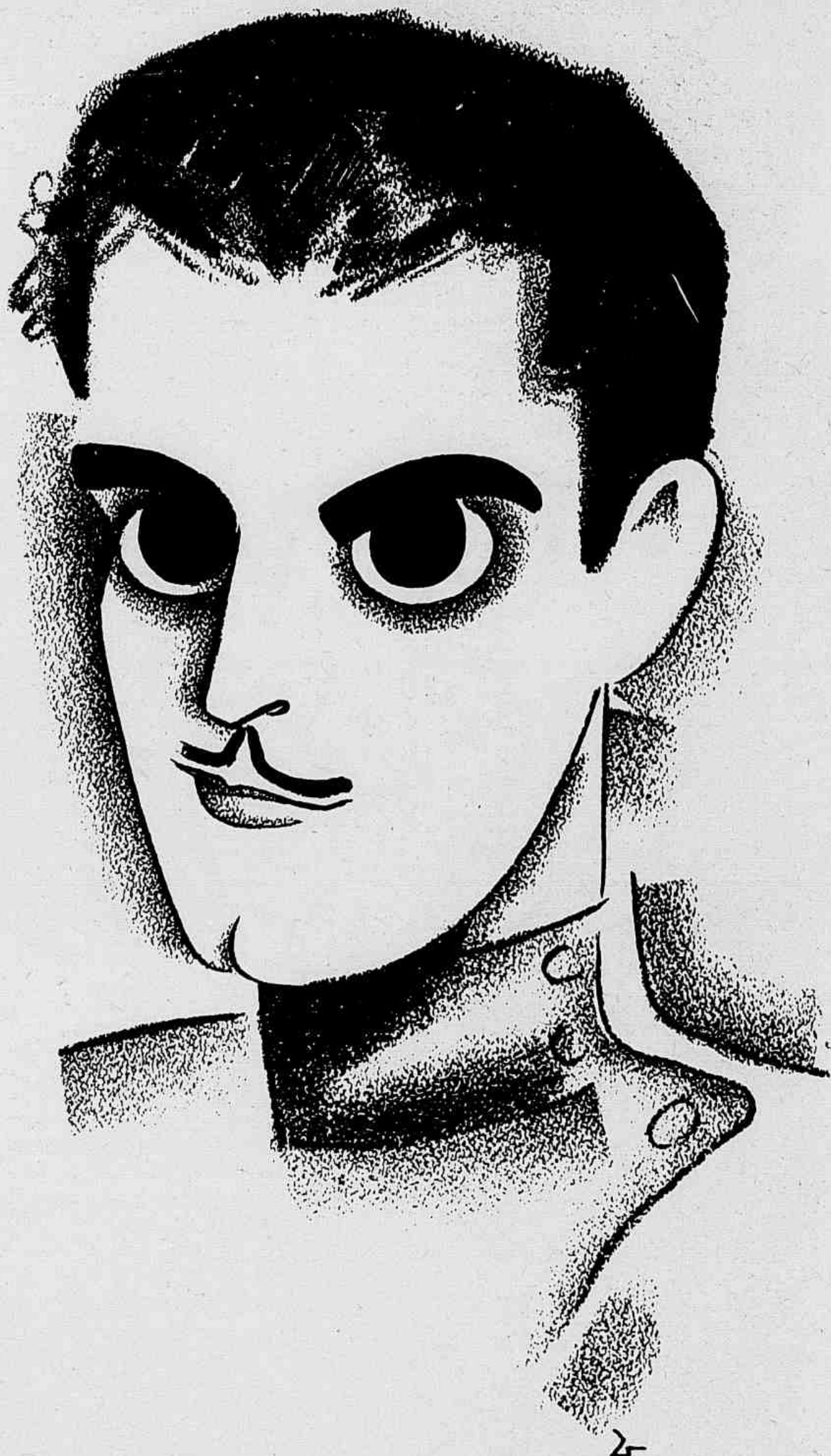
Compra sempre chapéus menores do que a sua cabeça. Não envia postaes. Quasi foi general mexicano... se tivesse continuado na carreira militar. . . Seu verdadeiro nome é Samaniegos, mas Rex Ingram trocou-o para Navarro e depois Novarro por causa da pronuncia. . .

Não sabe o numero do proprio telephone. Manda mudal-o semanalmente para evitar aborrecimentos. Nunca pensou em ser frade. Gesticula quando fala. Não anda com dinheiro e nem com cheques. Quando se mette a cosinhar, por diversão, faz um **chili** notavel. Tem apagadores de incendio em casa. Dorme numa cama antiga e gosta de dormir com os pés no logar da cabeça. . .

Gosta de passeios á Europa e adora Paris. Volta cheio de presentes para os amigos. Não gosta de automoveis, nem de aeroplanos e detesta a mechanica. Tem 14 irmãos e irmãs. Tem uma bellissima piscina em sua nova casa, onde póde-se pular de qualquer janella da mesma. Gosta de nadar e nos trajes em que lhe der na veneta. . .

Detesta cafés, principalmente porque costumava cantar nelles. . . Tem um physico robusto e athletico. Gosta de tennis. Só assistiu a um jogo de "rugby" e achou-o superior a uma tourada. . . Não supporta a sua apparição em Films de **foot-ball** como **Juventude Triumphante**. . .

Admira muito Alice Terry e Rex Ingram, dois de seus melhores amigos. Queria ter um Studio em Nice e lá fazer Films em todas as linguas. Gosta de dirigir e já o fez a si proprio em duas versões estrangeiras.

Jamais esteve noivo. Costuma usar oculos pretos para despistar os **fans**, quando anda pela rua. Gosta de tirar photographias. Sempre se esquece das luvas que traz comsigo. Costuma comer **lunch** no banheiro. Toma, ás vezes, **cocktail** de caldo de tomate. Gosta de cantar em duetto, melodias de salão. Aprecia artistas lyricos.

Na estréa de **Scaramouche** em New York, sentou-se num camarote reservado ao lado de duas celebridades cinescas. . . e desde esse dia jurou nunca mais apparecer em **premieres**. . . E' um dos artistas mais trabalhadores de Hollywood. Não falta a uma missa no domingo e canta no côro da igreja. Não gosta de dentista. Nem de sapatos novos que gemem. . . Sente-se contrafeito quando sabe que o estão olhando. Estes habitos têm-lhe valido uma porção de criticas, mas elle não se importa e nada lhe muda o genio. . .

Não sabe dar laços em gravata. Gosta de chá preto. Tem todos os discos de Caruso na sua collecção. Colleciona tambem musicas regionaes espanholas. Veste-se em geral de preto. A familia para elle é sagrada. **Honrar pae e mãe** é o lemma por que se guia. Não ha filho que se dedique mais aos paes, não ha irmão mais extremado do que elle. As suas esmolas são conhecidas na colonia Cinematographica. Proteje muitas familias necessitadas. Mas não gosta que se fale sobre isto. . .

Tem duas irmãs que são freiras, mas nenhuma no Brasil. Passa a maior parte do seu tempo vago, no piano compondo musicas ou cantando as suas toadas favoritas. Louis Graveure, barytono, é o seu professor de canto. Elle traz a musica no seu espirito e um grande sonho no coração: cantar, cantar sempre.

(Termina no fim do numero).

Ramon, pelo photographo de Culver City...

Ao centro, Ramon como appareceria em "The Gay Caballero", um Film que não chegou a ser feito...

Em "Scaramouche", ninguem falava inglez. Ao lado está Ramon com Bridgetta Clark que ensinava o francez...

Ramon e Garbo Gravando a voz... Em "Procellas do coração".

A vida romantica de Ramon

(Continuação da pag. 12)

chamava a attenção para Ramon, dizendo, depois de contemplal-o:

— Já partiu elle novamente para as regiões do além... para o silencio!....

Sempre ria. Um dia, no emtanto, fiquei imaginando o que iria elle ali pensando, tão quieto. Uma vez perguntei-lhe e elle, rindo respondeu:

— Não estou pensando em nada, creia.

Outra vez, vendo-o tambem assim, insisti e elle me disse, afinal:

— O que procuro, sempre, é varrer de meu espirito qualquer preoccupação. Quando vou indo para a locação, deixo que me penetre a alma, completamente, a imagem da personagem que estou vivendo. Para que ella se aposse toda de mim, é preciso que eu mesmo me afaste e, assim, é por isso que tombo em silencio. Era o Ramon mexicano que calava para que entrasse o Ramon arabe...

* * *

Tempos depois, em Roma, quando vi Ramon iniciar seu trabalho em "Ben Hur" comprehendi ainda melhor seus silencios. Não eram preces, e, sim, invocações.

— Elle era "Ben Hur". Descia do passado e, no Film, era o proprio "Ben Hur" que todos sonhámos. Em torno delle a gente sentia que eram artistas representando e não incarnações como a delle.

Disse um determinado critico. Alice disse-me algo sobre a sua primeira apparição no Studio de Ingram. Vinha para pedir o papel de Rupert de Hentzau, em "O Prisioneiro do Castello de Zenda".

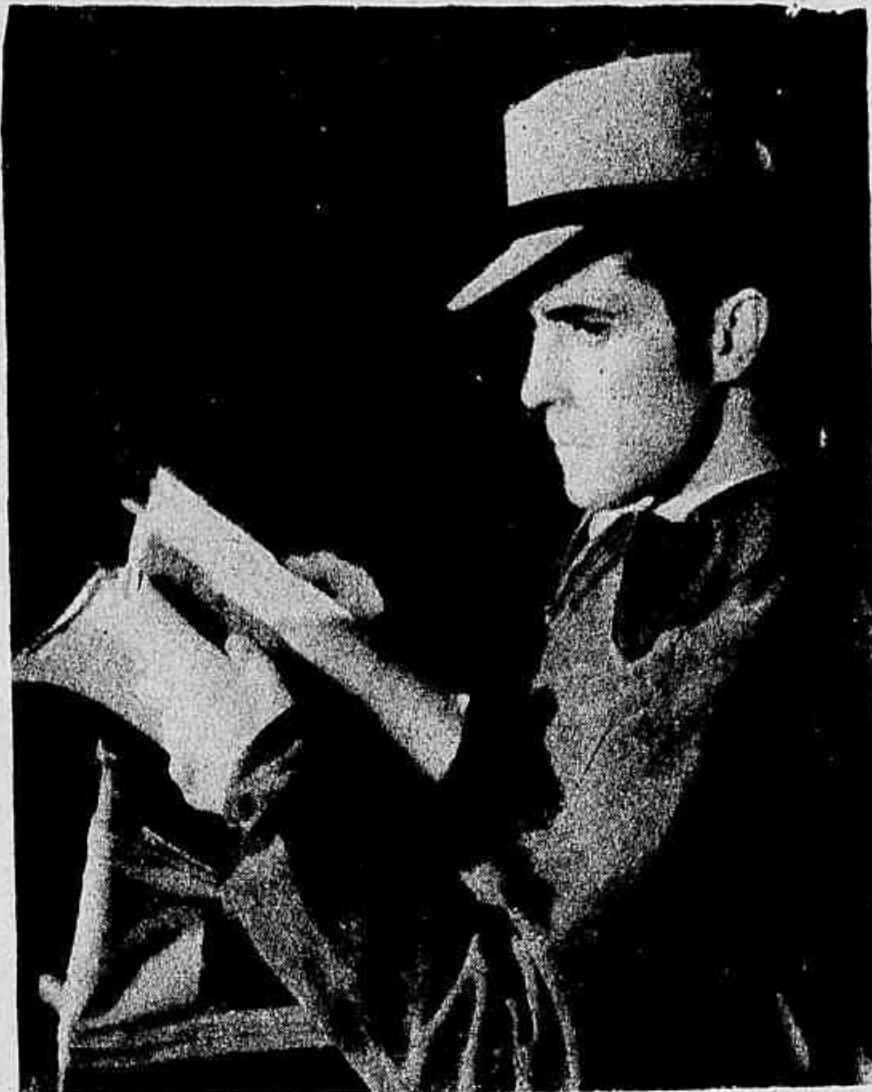
— God!... — exclamou Rex, rindo quasi e ao mesmo tempo desolado. — Rupert é um allemão. Cabeça loira. Dois metros de altura, no minimo...

Ao contrario do que pensava Rex, nada disso desanimou Ramon, que lhe disse apenas:

— Diga-me mais alguma cousa a respeito de Rupert, por favor.

No dia seguinte, já Rex nem mais pensando nelle, voltou ao Studio. Insistiu para que Rex o visse representar um pouco do papel de Rupert, ao menos. Alice aqui é quem conta:

— Elle usava um chapéo e umas roupas mexicanas engraçadissimas! A impressão que eu tinha do contentamento e da juventude delle era a mesma que eu teria de um collegial. Depois, quando Rex mandou, poz-se a representar. Embora todos nós estivessemos ali sentados, aconteceu positivamente qualquer cousa a todos nós, sinceramente, porque o mexicano como que por encanto e todos nós nem mais nos lembrámos das terriveis roupas que elle usava então. Deante de nossos olhos o collegial transformou-se num segundo em Rupert Von Hentzau... Cynico, perverso, ordinario, malicioso... "My God"! — exclamou Rex na sua exclamação preferida. "Vamos assignar já esse contracto"! E foi o que fizeram...

No momento em que toda Hollywood estaria tomando "cock-tail", um dia, abriu-se a porta de meu quarto e entrou Ramon. Disse-me, sem outra exclamação ou palavra, abruptamente:

Ramon, quando director das versões estrangeiras de "Sevilha dos meus Amores".

— Herb, que tal se fossemos amanhã pela manhã para a Italia?

— Perfeitamente!... — respondi.

— Mas então você me acompanha já até ao pico do Himalaya, porque quero exercitar-me... Não é troça, Herb. Vou representar "Ben Hur".

— Bravos!

Não consegui deixar de exclamar, dando-lhe o grande abraço.

— Então descobriram, afinal, que você é realmente o unico que póde ganhar aquella corrida de bigas para elles, não é?

E sem responder mais nada passei a mão no telephone e pedi ligação para Harry Carr. Pedi-lhe que viesse ajudar-me a arrumar as malas.

Perguntou-me se estava maluco. Respondi que não sabia, que fosse perguntar a "Ben Hur". Ouvi um baque... Possivelmente desmaiára...

* * *

Chegámos a bordo do "Leviathan" completamente desconhecidos. Ninguem soube quem eramos. Quando chegou um telegramma de Irving Thalberg para Ramon, no emtanto, senti que tudo ia por agua abaixo... E foi.

Um grande consolo esperava-nos, no emtanto. A bordo tambem estava o General Pershing. E elle certamente era mais celebre do que nós. Era a nossa salvação.

Meu ultimo encontro com o general, fôra em 1918, quando juntos iamos para a França e... não a passeio! A sua presença, aliás, tinha sido extremamente embaraçosa para mim, porque elle tivera exigencias ás quaes eu tive que me curvar para não ser considerado um insubordinado... Mas... felizmente não me reconheceu ou não me quiz reconhecer. Se o fizesse, certamente que eu lhe teria então dito uma porção de verdades que já tinha encommendadas pelos gorgomilhos fóra... Não o quero accusar de orgulhoso, no emtanto, por não me ter reconhecido logo no primeiro encontro. Havia, ainda, uma grande differença entre nós: — eu não me podia considerar seu camarada de mocidade, certamente...

Com Ramon, no emtanto, as cousas não foram semelhantes. Elle immediatamente o reconheceu e logo poz-se a lhe dizer do quanto o admirava pelos seus Films, muito sensibilisando a Ramon que, como já disse, é contrario a elogios e nunca os esperou de figura tão importante assim. E, além disso, Pershing auxiliou-o, porque no concerto de bordo, quando Ramon tocou e cantou cousas mexicanas, o general promptificou-se a fazer um discurso, o que realmente fez. A renda do espectaculo que Ramon organizára e para o qual não podia jámais ter pensado incluir o General Pershing, foi muito grande e, toda ella, reverteu para os homens do mar e para os artistas pobres. O general, pilheriando, dissera que aquillo era paradoxo, porque nunca ouvira falar em artista pobre, no sentido financeiro, ao menos, porque — disse num trocadilho — pobres de espirito já tinha encontrado muitos... (E livrou-se certamente de alguma tijolada!) O que elle deu, disse que queria que fosse para os marujos. E foi feita a sua vontade, assim no mar como no exercito!...

Quando voltámos da Italia, Ramon foi por unanimidade de votos escolhido pelos officiaes da escola naval de Annapolis para ser o protagonista do Film "O Guarda-Marinha" que seria logo produzido e, consta, o Governo, ao patrocinar este trabalho, recebeu, pelo Ramon um voto ponderavel do General Pershing. Pershing, segundo consta, declarára:

— Sei que elle é bom marinheiro. Isso sei! Não faltou a uma só refeição de bordo, durante toda a travessia...

* * *

Todos os dias, quando ainda estavamos a bordo, era um diluvio de cartas que chegavam a Ramon, escorregando por debaixo da porta, em todas as côres, com todos os perfumes imaginaveis, contendo toda a especie crivel de declarações de amor, de sympathia, de paixão, etc.

Eram cartas de senhoras já mães cheias de filhos, que pediam a Ramon apenas a "chance" de, ao lado delle, recitarem um soneto; convites para almoçar, cear, tomar "Champagne", chá, nadar na piscina, etc. Uma dellas, dizia isto: — "Eu sou aquella que lhe sorriu no passadiço esta manhã. Procure-me! — A.". Outra, mais mysteriosa, ainda, dizia, fleugmaticamente: — "A's dez da noite, no bote do convez... Espero-te, querido!"

Ha, para certos Films, o papel de "double". Isto é: — aquelle que auxilia o artista nos momentos difficeis... E como era impossivel a Ramon satisfazer a todos os pedidos, eu... fui "double" durante a travessia. Hoje eu posso perfeitamente ser "double". Não ignoro um só detalhe do officio... Especialidade: — "close ups" com fóco certo a curta distancia...

* * *

Ramon e eu, se bem que elle muito admire e estime seus "fans", faziamos commentarios ironicos e divertidos em torno de sua correspondencia, sempre que nos era possivel. As cartas eram realmente, algumas dellas, tão engraçadas, que não podiamos deixar de assim agir... Mas o facto é que o sol artificial de Hollywood tambem tem seu altar e que, deante delle, innumeros são os devotos que se ajoelham, contritos, certos de que aquillo é uma obrigação santa... E tanto ha velhos como moços e creanças. A época já não é mais de culto e nem de crença. Mas persiste, no espirito, o desejo de idolatrar, adorar... A poesia existe. O romance, não morreu; está apenas ligeiramente ausente...E que força é capaz de conter um romance que explode? Nós precisamos, deante dos olhos, sentir a presença de symbolos e imagens para a nossa adoração. Principes, prelados, artistas de Cinema... O artista de Cinema, hoje, será exaggero se dissermos que elle

Ramon e Hedda Hopper, numa scena de "Uma noite no Cairo".

é o que tem maioria de admiradores? O poder de sua influencia cresce, dia a dia. Apenas a morte é que prova isso. Lembram-se de Valentino, por exemplo?

* *

Ramon, que sempre foi absolutamente despido de qualquer sentimento de vaidade, accedeu a todos os convites possiveis, mais por gentileza e cortezia, do que por outra cousa qualquer. Posou, sem cansar, para todas as "poses" de kodaks imaginaveis e continuas; um dia, no emtanto, deixou de fazel-o: — foi quando o advogado da companhia, que nos acompanhava, preveniu-o contra possiveis chantagistas. De creaturas adiposas e maternaes, Ramon recebia indirectas que respondia sempre com sua gentileza e seu immenso coração. E, diz elle, nem em pequenas modernas encontrou a "coquetterie" dessas adiposas cavalheiras...

"Ben Hur", para elle, foi sublime beneficio: porque conseguiu estar só, quieto, onde se concentrou á vontade para representar com a alma, o que fez e o que lhe grangeou a absoluta fama que lhe deu esse portentoso Film.

Goethe affirmou, um dia, que não seria Goethe se não visitasse a Italia ao menos uma vez. Ramon foi Ramon e um Ramon ainda mais perfeito do que nunca e exactamente porque elle visitou tambem a Italia.

* *

Quando chegámos á Italia, encontrámol-a devorada por uma tremenda onda de calor. A companhia, então, sentia ainda mais esses effeitos e parecia até desanimada. Veneza fazia acenos de longe, e eu resolvi partir para as aguas do Lido.

Quando regressei, encontrei Ramon em exercicios e ensaios. Levantava-se ás seis da manhã e depois de trinta minutos de rigorosa gymnastica, punha-se a correr pelas estradas acompanhado pelo seu "traineur". Quando queria variar, punha-se a nadar e remar no Tibre.

Ramon é positivamente um athleta, embora não dê disso muita apparencia. Mas elle o é. Dá a impressão, a quem o vê de parte, de ser um Hercules joven com rosto de Apollo. Harry Carr, um dia, definindo-o, escreveu que elle é "o David de Michelangelo com o rosto de um fidalgo de El Greco". E Rex Ingram collabora nesta ultima versão.

Ramon, na sua infancia, praticou um pouco de touradas, jogou algum "foot-ball", e, ainda, o "sport" mexicano "la bandera". Seus exercicios physicos, no emtanto, sempre foram rudimentares e nunca completos. Elle é, no emtanto, apesar dessa pouca "chance" da sua infancia e primeira mocidade, eximio esgrimista, o que já mostrou e provou num Film e, como todo hespanhol, ou antes, de sangue hespanhol, é espadachim de primeira. Rapido e flexivel como uma lamina de Toledo, em summa. Nas suas mãos, quando a tanto se dispõe, a espada torna-se uma cousa viva e perde a frieza o seu aço. E elle, lutando, tem perfeita e nitida aquella aggressividade e aquella graça selvagem de todo hespanhol ou de hespanhol descendente.

* *

O credo de Ramon resume-se num extase pagão. Sua figura dá a impressão exacta de um joven pastor que apascenta seus rebanhos nos montes da Thracia; um lyrico de eras que já se foram, separado do mundo e do tempo.

No seu livro ALMA DE HESPANHA, Havelock Ellis define-o perfeitamente bem. No melhor sentido da palavra, o hespanhol sempre foi e, apesar de tudo, nunca deixou de ser um barbeiro. Simplicidade infantil, intensidade de sentimento, caracter rigido e austero, a um tempo, tudo combinado com seu desdem pelo inutil, seu amor á ociosidade emquanto retempera-se para a violencia, quando necessaria... Indifferença por cousas e pessoas fóra de sua propria vida. Tudo isto dá, ao hespanhol de todos os tempos, esse cunho de barbaro, de primitivo. Palavra a palavra, definindo assim uma raça, marcam os traços mais fortes da personalidade de Ramon.

* *

Falando do espirito romantico do hespanhol, Havelock Ellis assim define o mesmo quanto a seu romantismo. E esse romantismo, sem favor algum, Ramon exemplifica.

— Quando Loyola, um cavalleiro de uma nova cavallaria, nas suas longas vigilias de Montserrat, contemplava as armas de sua cota de armas espirituaes, elle não imitava artificialmente os representantes da antiga cavallaria mas na verdade satisfazia as ansias de espiritualismo de um legitimo hespanhol.

Loyola, como Francisco de Assis, era tanto soldado quanto Santo. Um idealista pratico e uma figura romanesca resplendente.

* *

Jamais me recordo de ter visto Ramon perder a calma. Em Ramon, o dominio que elle tem sobre si mesmo, é mais um traço de espirito do que uma virtude adquirida. Um dia, lembro-me bem disso, vi-o applicar tremenda surra num sujeito e, no emtanto, surrando, cousa engraçada, com uma graça apologetica, positivamente; uma graça que tinha qualquer cousa de cortez, mesmo... Elle não se mostrava zangado e, sim, penalisado. Terminou elle erguendo o tal sujeito pelas pernas e enfiando-o num cocho onde lhe molhou toda a cabeça. Esse homem tinha dito cousas irreverentes de uma senhora da estima de Ramon e elle resolvera reagir quando viu que o homem não se retractava. "Elle estava embriagado ou quasi e eu não devia aggredil-o! Envergonho-me do que fiz, palavra!". Foi o quanto elle disse, quando terminou a surra, como a se desculpar pelo que fizera.

* *

Eu vi o "barbaro" quando elle foi ouvir a Missa de Requiem, de Verdi. Chegámos tarde, por culpa delle e, lá, informaram-nos que tinhamos que esperar a segunda parte para podermos entrar. Em dado momento, no emtanto, vi que elle se mexia e mal tive tempo para o acompanhar, pois elle investiu e, rapido, poz de lado o guarda e entrou. Quando deram acordo de si mesmos, estava elle calmamente refestelado numas poltronas admiraveis que, pensei, deviam ser reservadas no minimo á familia real... Mas quando o "barbaro" ouviu as notas da missa de Verdi, não mais se conteve e tornou-se "barbaro", mesmo... Nem mesmo o proprio Mussolini havia de impedil-o no seu impulso.

* *

— O estoicismo que em toda parte é a philosophia instructiva dos barbaros, é a philosophia fundamental e quasi religião, na Hespanha... Marco Aurelo traz impressa em seu espirito a marca do seu paiz.

Sómente um verdadeiro estoico, uma verdadeira reincarnação do antigo Imperador, mesmo, poderia ter representado ali, em plena Roma, sem manifestações, o papel de BEN HUR. Havia, entre todos que trabalhavam no Film, tyrannia, ás vezes, e cahos, em outras. Só em repetições de scenas enormes, integralmente feitas de novo, e, note-se repetidas vinte ou trinta vezes, havia sufficiente ou mais do que sufficiente motivo para que qualquer christão esquecesse totalmente seu crédo e seu Deus...

O dia de Ramon tinha inicio ás seis da manhã e terminava quando Deus e o director quizessem... A's vezes, noite mais do que alta.

Para a sequencia da galera, seu corpo todo foi bronzeado e, para a do deserto, deixou-se cobrir todo de collodium que se crystallisava e se rachava todo, dando, mesmo, á sua pelle, a apparencia de velho pergaminho engelhado. Para se caracterizar, para esses momentos, Ramon gastava cerca de uma hora ou mais, mesmo e, á noite, quando o trabalho terminava, outra para tirar aquillo tudo, com kerozene, sabão e agua. No verão essa pintura derretia e, nos dias frios, gelava!...

* *

— Como é que você não se gryppa andando dessa maneira, quasi nu, faça qual tempo faça?...

Perguntámos-lhe, um dia, vendo que elle acabava é ficando doente, mesmo.

— Assim!

Respondeu Ramon e tirou a roupa toda, para se preparar para a proxima sequencia que ia ser Filmada. Era com banhos de sol, acostumando-se ao sol, tostando-se com o sol. Aliás este habito elle sempre teve e o sol, diz elle, sempre foi seu maior amigo. Em sua residencia em Los Angeles, por exemplo, anda elle nu, a manhã toda, aproveitando o maravilhoso sol que lá é natural. Quem tiver aeroplanos ou binoculos fica avisado, porque, assim, não olham para lá.

* *

Em Roma, durante os intervallos de Filmagem, Ramon costumava sempre ir aos theatros e ás operas. Elle queria idéas novas em musica e em arte theatral. Eu sei que elle gastou, só durante essa estadia, alguns milhares de "dollars" em musicas de operas, arias, romanzas, canções, etc. E todas essas musicas, hoje, constituem parte da sua bibliotheca musical de Los Angeles.

Nosso jantar era habitualmente no Castello dei Cesari, por causa da vista que dali se atira sobre Roma. O carro em que andavamos, quasi de preferencia, era tirado por um cavallo de nome "General Diaz". Um dia, descobrimos que elle costumava sempre cobrar alguma cousa a mais do que marcava o taxi. Quiz reclamar, mas Ramon emendou, fazendo-me rir:

— Mas que diabo, não achas que é razoavel pagar um pouco mais por um carro puxado por um general?...

Uma tarde, no emtanto, o animal soffreu uma quéda e fomos nós que tivemos de empurrar o carro um grande pedaço... Qual! A recordação é uma cousa que sempre traz cousas até inverosimeis ao nosso cerebro.

* *

A estrada que conduzia ao Castello ladeava as ruinas do Forum romano, sobre as

quaes, invariavelmente, sempre rutilava uma estrella. Varias vezes ficámos, Ramon e eu, contemplando mudamente aquella estrella esplendida fielmente brilhando sobre aquellas ruinas outróra tão celebres. A impressão que eu tinha é que fosse um grande olho de um general ou mesmo de algum Cesar gigantesco, recebendo apenas o castigo de mirar o resto de sua existencia, com sacrificio de sua vaidade e petulancia, as ruinas de sua propria obra... Ramon era contrario a esta minha theoria. Para elle, voga este dictado hindú: — "Trabalha para resultados, mas deixa os resultados a Deus..."...

O "thanks-giving-day" foi mal commemorado pela nossa turma, em Roma. Não temos e nem tivemos nada a agradecer ao "mestre Cuca", por um perú recheiado, porque elle não só não fez o perú, como, ainda, não concordou com uma excellente receita que lhe dei, vinda das mãos peritas e conhecedoras da mãe de Carmel Myers.

Ramon estava "cholo" de espirito, aquelle dia. Diz elle que está "cholo", quando mergulha na modorra dos que nada têm a pensar para o dia seguinte...

Achei que, para o espirito do dia, já que era realmente o local proprio a um comedor de lotus, seria esplendido irmos ao restaurante Frascati, no Monte Albano. Sentámo-nos sob as arvores de uma "piazza" pavimentada de pedras. Ao nosso lado, uma immensa senhora, corpo enorme pousando sobre adequados e gigantescos pés. Commetti ali uma heresia. Passou uma carriola e, pintadas nella, scenas da vida de uma santa. Perguntei a Ramon se não seria um bailado de Anna Pavlova, o que elle respondeu com uma censura severa.

Ramon em determinado momento despertou do seu sonhar com cousa alguma:

— Foi justamente ha nove annos, num dia de "thanks-giving" que eu cheguei a Los Angeles. Nem podem imaginar a quantidade e a qualidade de sonhos que me devassam todo...

Elle falou baixo, lento, como falariam mães que estivessem a lastimar pobres filhinhos estrangulados em seus berços...

— Tambem me lembro de outros "thanks-giving-days", quando, sózinho, passava o dia inteiro trabalhando a cortar couro para a confecção de costumes. Numa casa de um emprezario theatral, lembro-me. O jantar era pragmaticamente puxado a perú. Eu, pobre de mim, passava apenas a pão e leite.... Eu a cortar costumes e elles a comerem perú... Sentia agua á vontade na bocca. Mas nem por isso elles se davam por achados e me offereciam um só pedaço. A's cinco horas, meu irmão e eu tivemos um banquete... de pão com leite.

— Mas hoje não acontecerá o mesmo!

Bradei, protector e heroico, pedindo ao "camariere" que me trouxesse uma garrafa do melhor vinho da casa para Ramon.

Partimos, depois disso, já bem mais alegres, para Tusculum, cidade-berço de Cicero e que fôra fundada por um filho de Circe. Lá, deante das ruinas do theatro, Ramon não hesitou mais. Pulou para a arena, e, rapido, pozse a imitar tudo quanto lhe foi possivel: — uma artista em delirio de amor; um joven heroico; um montador de perfeitos corceis; a mãe que chora lamentando o filhinho morto. Tudo, em summa! E quando elle estava a terminar, entre risos, senti uma immensa gargalhada ao meu lado. Olhei. Não era ninguem. Ramon continuou. Ouvi nova gargalhada. Tornei a olhar. Não podia ser ninguem, pois ali ninguem estava e muito menos o éco... O que seria?...

(Nota: — Affirmam que é possivel visitar as ruinas dos theatros antigos, mas jamais possivel será tomar vinho ao almoço... antes de as visitar!).

* *

Um domingo, preguiçosamente, sem outra cousa a fazer, fomos ter ás sete collinas de Roma. Depois, ao monte Janiculum. Deante do convento de Santo Onofre, Ramon de subito mandou parar o carro e saltou. Contemplou os arredores e, subito, exclamou:

— Foi aqui, neste logar, que Tasso morreu.

Em seguida, quasi que religiosamente, visitou os aposentos do poeta, e, em seguida visitou o restante do mosteiro. E emquanto elle discutia a eloquencia de Torquato Tasso, ficavamos nós á porta, sentados no carro, pacientemente esperando...

Depois, ainda ali, lembrou-se Ramon dos tempos em que ainda representava no theatro Majestic de Los Angeles e, isto, bem antes de entrar para o Cinema. Um dia, quando sempre ensaiava, para exercitar-se, monologos celebres, começou, emquanto esperava o bonde que o levaria ao ensaio, a recitar o monologo de Ricardo III que conhecia de cór. Portou-se de tal forma, que duas senhoras quarentonas que esperavam bonde, foram tratando de sahir de perto delle, certas de que se tratava de algum... nervoso.

— Um dia eu me encontrei com o emprezario do Majestic e, isto, ha bem pouco tempo. Elle me disse, sincero como sempre: — "Nunca me esqueço, Ramon, do dia em que te "encontrei" na rua e que não te atropelei com meu carro por sorte tua e, isto, porque estavas recitando, distrahido, versos de Tasso, ao passo que na mão direita seguravas uma banana ainda não devorada, apesar de tua fome...". E elle tinha razão...

* *

— E, Ramon, nunca houve ninguem que duvidasse do seu estado mental, então?

— Si houve! Quando eu ainda representava em prologos para o theatro California, em Los Angeles, fazia tambem extras em Films possiveis e quaes apparecessem, então. Marion Morgan, um dia, telephonou por mim e pediu que chamassem o senhor Samaniegos. Era para um papel de bailarino numa scena de dansa num Film de Alan Holubar, "Queria falar ao Sr. Samaniegos!". Disse ella. "Aqui não ha ninguem com esse nome, minha senhora." Responderam. Por um motivo qualquer, entrando para aquelle palco, adoptára eu o pseudonymo de Zerreco. Marion não sabia disso, é logico, sabendo apenas que lá me encontraria. "Tenho certeza que é ahi mesmo que elle trabalha, senhor." Insistiu ella. "E' um rapaz muito moço. Nunca faz duas cousas ou mesmo uma, igual da vez anterior e na seguinte. E' uma especie de maluco, conhece?". Foi assim que ella falou... Immediatamente o homem não relutou mais e respondeu: — "Sim, aqui está elle!".

Ramon e Louis Graveure, o seu grande professor de canto.

E poz-me logo no telephone... Gente a misturar genio com loucura, como diria talvez Lombroso...

Arrematou elle, rindo a bom rir de tudo aquillo e da ultima pilheria a respeito de si proprio.

* *

Nunca me lembro de ter assistido, em representação, scena alguma de loucura que ultrapassasse a de Ramon, na sequencia da galera. Tres annos passára Ramon acorrentado ao remo. Era esta a impressão que elle devia dar. Olhar esgazeado, remando sempre ao som do compasso do feitor brutal. E sua revolta transformando-se pouco a pouco em furor de loucura. Suor embebendo-lhe o rosto e os olhos apparentemente fóra das orbitas. De repente elle se ergue, num impulso e estira os membros como que querendo romper o aço das cadeias que ali o prendem. Um grito lancinante sahe-lhe da garganta. E elle tomba sem sentidos. Um fardo de carne inanimada sobre um remo parado...

Silencio. Depois o "córta!", do director e, finalmente, applausos freneticos de tresentos ou mais extras italianos." Bravo, Novarro!!! Bravo, Novarro!!!". Bradam elles.

Esta scena não foi exhibida.

— Tampouco algumas outras bem más que eu fiz...

Philosopha Ramon, sempre modesto.

* *

Quando terminou a sequencia das galeras, Ramon escolheu Veneza para descansar alguns dias. Cansados do carro impertinente, quando nos mettemos uma noite numa gondola, para um passeio, adormecemos profundamente ao embalo da canção do remador e do socego das aguas. Quando passou... o somno, porque não podemos chamar áquillo passeio, fomos á "piazza" de San Marco. Entrámos na casa de Olga Asta para comprar presentes que Ramon queria levar para casa. Lá, a primeira cousa que vimos, foram photographias autographadas de Douglas e Mary e ella nos contou que eram dos bons clientes que tinha, cada vez que elles até ali chegavam.

De repente, ella que não tinha ainda reparado bem em Ramon, fixou-o e lhe disse, subitamente:

— O senhor... O senhor... Sim! Parece-se com alguem famoso que eu conheço e...

Ramon tinha o rosto barbado, das scenas da galera e seus cabellos estavam muito crescidos.

Ella continuou pensando.

— O senhor... Sim, o senhor se parece com uma celebridade! Deixe ver... Um artista de Cinema... Não. Um artista... Não! Ah!...

Exclamou ella, agudamente.

Ramon em "O arabe aristocrata" e em "Ceu de amores"

Ramon em "Teu nome é mulher". Ramon e Anna May Wong em "Procellas do coração". Ramon em "Ben Hur".

— Parece-se com... Jesus Christo!

E benzeu-se. As caixeirinhas tambem vieram ver a razão da azafama da patrôa. Ramon encabulou, porque positivamente não esperava aquillo.

— Jesus Christo!!!

Disse a patrôa, mais uma vez, tremula e já nervosa no seu exaggero italiano. E as pequenas, nervosas tambem, commentavam. Eu tremi: — e se ellas me confundissem com algum S. João Baptista, ellas, as Salomés da localidade?...

Quando dali sahimos, puz-me a convencer Ramon de que elle não devia continuar a mystificação e, para isso, devia visitar urgentemente o barbeiro e o cabelleireiro...

Quando nos sentámos, elle para cortar o cabello e barba, eu para cortar cabello, tambem, aproveitando, ouvi o barbeiro delle abaixar-se e perguntar, reverente:

— O senhor é artista?

— Sou, por que?

Respondeu Ramon.

— E representou o papel de Christo, não foi?...

Ramon olhou-o. Depois a mim, que sorria, não me contendo. E respondeu.

— Creia ou não em milagres, meu amigo, eu... não sei!

*

* *

Poucos dias mais tarde, no hotel Danieli, um **garçon** o segurou pelo braço.

— O senhor parece-se com alguem que eu tenho cá na cachola.

Approximei-me.

— Um tanto? — perguntou Ramon modestamente.

— Não. Oberdamm, o assassino do imperador da Austria em...

Deus ou assassino tem a divina qualidade de lembrar alguem a qualquer pessoa. Certa vez Marion Morgan disse:

— "Ramon é como as machinas de surpresas: colloca-se o nickel e alguem apparecerá."

Depois de passar perto de dois mezes a dirigir biga em pleno inverno Ramon resolveu descansar. Dirigiu um ultimatum ao gerente de producção e conseguiu uma semana de férias. Tomámos um trem para a Riviera franceza.

Pouco antes da nossa chegada a San Remo elle descobriu que havia perdido o passaporte. Esquecer um passaporte na Europa é o mesmo que esquecer a camisa preta para tomar parte numa reunião fascista italiana — o melhor é voltar para casa.

Em todo caso tentámos a sorte. Mas os guardas recusaram-se a acceitar a nota de cem liras que lhes puzemos sob os olhos. Entrámos num albergue modesto do lado italiano, dispostos a esperar que os guardas ferrassem no somno durante a noite. Mas os malvados não cochilaram siquer...

Pela manhã puzemo-nos a caminho para a fronteira franceza, como se estivessemos a passeio. Uma guarda italiana fez-nos parar e pediu nossos passaportes.

Dêmos a entender que apenas passeavamos e indicámos o hotel. O chefe da escolta teve um sorriso superior e nós penetrámos calmamente em territorio francez. A principio vagarosamente. Cinco minutos depois corriamos como qualquer campeão mundial de 100 metros rasos.

Os dias que vivemos na Riviera foram os mais alegres de nossa excursão. Todos os dias passeavamos de carro pelas estradas de Nice e Cannes. Ramon ás vezes dormia pelo caminho. A paizagem não o interessava muito. Elle gostou muito do Casino de Monte-Carlo — sobretudo pelo seu grande movimento. Foi bastante meia hora para Ramon descobrir um meio de ganhar na certa. Tanto assim que todas as tardes só perdiamos cincoenta "dollars" em quinze minutos o que representa uma notavel economia de tempo...

*

* *

Florença é a cidade da Italia preferida pelo Ramon. Foi lá que conhecemos o mosteiro medieval de Cestosa, coroando uma collina.

Forte e sereno o mosteiro tem atravessado seculos e seculos como um pharol do espirito humano. Nas suas portas cahem por terra todas as ambições do homem. Os seus habitantes levantam-se com o sol para trabalhar no cultivo da terra e viver em silencio uma vida devotada e contemplativa. Apenas duas vezes por semana, quando comem juntos no refeitorio, é que conversam.

— Como é simples essa vida! — exclama Ramon.

Um monge todo de branco com os olhos reflectindo a mais pura satisfação intima escoltou-nos atravez dos corredores e mostrou-nos todos os recantos do mosteiro.

— Sinto que acabarei meus dias num mosteiro.

— Não aqui, disse eu. Não ha musica.

Ramon olhou-me tristemente.

*

* *

Louis B. Mayer levantou o animo da companhia quando chegou e disse que "Ben Hur" voltaria a Hollywood, para as mãos de Irving Thalberg.

Quinze minutos depois de Ramon completar uma scena final no studio romano estamos no trem voando para Paris e para o restaurante Foyot.

Jacques recebeu-nos á porta com um sorriso e levou-nos para a mesa habitual.

A volta no **La France** foi um verdadeiro contraste com a ida a bordo do **Leviathan.** Fugindo de todos Ramon permaneceu no seu camarote tocando guitarra e deixando a barba crescer..

Ramon cantando canções mexicanas é o lyrico e insinuante. Ramon cujo encanto é irresistivel. Commovido e enthusiasmado com o meu deleite ao ouvir os seus canticos e phrases mexicanas. Ramon uma noite recitou os nomes de todas as ruas da capital do seu paiz. Pelo menos foi o que elle me garantiu. Fiquei encabulado e tentei citar as ruas de minha cidade natal. Só me lembrei de Main Street e Phillips Avenue.

Emquanto fechavamos as malas para desembarcar Ramon mostrou-me um **carnet** com uma phrase escripta por elle antes de ir para Roma: — "Si o meu **Ben Hur** causar successo, não terei vivido em vão."

Elle deixou cahir a cabeça para traz e riu.

Como elle havia mudado! Agora era um homem.

*

* *

Antes do palco surgir permittam-me os "fans" fazer um annuncio.

A scena passa-se em Santa Monica, California, no anno de 1917.

E' noite de gala no Theatro Bijou. A platéa está cheia de gente suando por todos os póros. Uma mistura penetrante de centenas de perfumes enche o ar. O gerente apparece de collarinho, pois é uma noite de gala.

Sua voz clara e pretenciosa diz assim: "Senhoras e cavalheiros! Tenho o maior prazer em apresentar a flor do talento de Los Angeles e Santa Monica...

Apparece uma favorita do logar e canta "Poor Butterfly". Um saxophonetista continua. Segue-se um malabarista que erra apenas tres bolas em sete. Depois um poeta. Depois duas bailarinas da sociedade local. Finalmente apparece um rapazinho que se curva deante da platéa com um sorriso receioso e senta-se ao pianno que acabam de empurrar para o palco.

Fica immovel durante alguns segundos. "Parece até que está orando", diz alguem. Seus dedos tocam as teclas e dellas começam a arrancar a "Oitava Rlapsodia Hungara" de Liszt. Depois "Inquietude", de Pfeiffer. "Estudos", de Chopin. Sonata de Beethoven.

O rapazinho levanta-se e cumprimenta novamente. Estrugem os applausos. O gerente apresenta todos os amadores, um por um. E cada qual recebe as suas palmas. O rapazinho surge novamente e os applausos são mais fortes. Ganhou o premio — dois "dollars" e meio...

*

* *

Quando Ramon trabalhava em "O Prisioneiro do Castello de Zenda" um carpinteiro

lhe perguntou si não era elle o tal rapazinho do espectaculo de amadores.

— Sim. — respondeu Ramon.

— "Você é um artista", — disse o carpinteiro com olhar respeitoso.

Ouvindo isto puz-me a pensar nos que disputam a sympathia popular. Ramon preoccupado com o seu proprio senso da belleza nunca teve tempo para pensar nesse problema....

A sua fé no triumpho sempre foi céga.

* *

Ramon conta que uma pequena india mexicana certa vez ajoelhou-se deante da imagem da Virgem e principiou a rezar assim: "Querida Maria, minha, minha pombinha, minha cebola, minha couve..."

Um padre passando por perto recriminou-a.

— Não é assim que você deve dirigir-se á Mãe Santissima!

A pequena interrogou-o com os olhos.

— E' assim: Ave Maria! cheia de graça, o Senhor é comvosco; bemdita sois vós entre as mulheres...

Ella voltou os olhos para a Virgem e sacudiu a cabeça com um ar triste: "Ella não me comprehenderia. Minha rosa, meu passaro, minha florzinha..."

Não ha duvida. A Virgem Maria comprehenderia a linguagem da india.

* *

Ramon é observador e espirituoso. Num restaurante do bairro mexicano de Los Angeles conversámos:

— Lubitsch estava gosado hoje. Ficou impressionado com as "cavadoras" de Hollywood. Perguntou-me o que podia fazer um homem com mulheres assim. Respondi-lhe que tratasse de importar uma esposa. Após um silencio gritou: "E' o unico meio. E você, Ramon, quando se casa?" Que podia eu responder? Apenas isto: "Tão cedo? Os divorcios são muito caros e ainda não consegui reunir um milhão..."

— E no emtanto ha tantos lares felizes em Hollywood como em qualquer outra cidade.

Ramon pensou e rindo.

— Eu disse a Lubitsch que no Mexico a gente quando vê uma pequena atravez de grades de ferro sente mais emoção do que... quando a tem sentada no collo. Existem muitas pequenas dignas de casamento em Hollywood. Em toda parte existem boas e más. A sua technica é que differe.

— Uma creatura encantadora é Frances Marion. Ella disse-me hoje que uma boa historia para mim seria a vida de Shelley. Que diz você das suas possibilidades Cinematographicas?

— Frances não se engana.

— Hontem á noite estive lendo o romance de Leonardo da Vinci. Tinha vontade de crear um caracter como o delle.

— Muito bem, e com uma barba comprida. Você tem a mania dos patriarchas. Não sei como De Mille não o escolheu para o Moysés dos "Dez Mandamentos".

— Em breve serei um velho. Eu gosto da velhice. E' admiravel. A mocidade é insipida, vasia. E' um erro do Cinema. Os principaes caracteres são sempre jovens e bellos.

* *

Ramon é um rapaz modesto. Elle nao reclama prerogativas reaes, o seu aspecto nada tem de magestoso e a sua residencia não está entre os palacetes de Beverly Hills.

Elle anda como um rapaz qualquer. Não parece um principe do Cinema. Não tem ares de actor. Quando Ramon deixa o studio o seu ar Cinematographico fica prisioneiro no guarda-roupa, juntamente com as suas toilettes da téla.

Para sua familia — cujos membros nunca transpuzeram os portões dos studios — Novarro continua a ser Ramon Gil Samaniego. Para firmar cheques elle teve que legalisar o sobrenome de Novarro. Particularmente as suas iniciaes são R. N. S.

Por outro lado, para Hollywood, Ramon é apenas uma realidade de Cinema. Elle não apparece nas grandes estréas. Raramente é visto em reuniões sociaes. A sua vida é tranquilla e discreta.

Numa sociedade artificial, cheia de pose essa maneira de viver póde parecer egoistica, quando na realidade não passa de uma inclinação hereditaria.

Conhecendo Ramon a gente comprehende alguma coisa do caracter mexicano e o seu respeito ás tradições. A aristocracia mexicana é exclusivista, basta-se a si mesma. Seus membros acham que não ha amigos que se comparem aos velhos amigos e em virtude do costume de viver em familia acabam achando sufficiente o lar.

Uma vez eu fiz ver a Ramon que os americanos recebem muito mais facilmente os estranhos no recesso do lar.

— E muito mais facilmente os atiram fóra! — foi a sua resposta prompta e alegre.

* *

Quando Ramon juntou o seu primeiro dinheiro não fez como os outros — não escalou os altos picos de Beverly Hills para erigir um monumento na forma de um palacio de mil contos.

Pelo contrario. Comprou uma velha casa num bairro modesto de Los Angeles, reformou-a, construiu accommodações sufficientes para poder levar avante os seus estudos musicaes e as suas experiencias theatraes sem perturbar a vida da familia. E' ahi que elle vive, com seus paes, irmãos e irmãs, uma vida familiar no mais tradicional sentido da palavra.

* *

Ramon não é um homem de sociedade. E a razão é simples: elle é muito occupado.

Não conheço quem tenha a vida mais cheia de variados interesses. Meia hora em cada dia elle dedica á musica. Toma lições de musica duas horas por semana. Ha pouco tempo começou a estudar allemão, ao passo que continua a aperfeiçoar os seus estudos de francez e italiano. As suas diversões têm sempre um fim cultural. Frequenta theatros, comparece a concertos e adora a opera. Lê incessantemente. O seu principal recreio é escrever pequenas peças para o minusculo theatro que tem em casa.

Ramon não é um egoista. Ramon nunca pensa em si proprio. Mas tambem não pensa nos outros. Sua cabeça está sempre cheia de idéas — ou antes de quadros, de representações vivas de suas idéas. Ramon vive ardentemente na sua imaginação. Vive com mais vigor no irreal.

Sua origem tem influencia na formação do seu espirito de actor, de pintor musical. Nascido no romantico Mexico, mistura de tradições hespanholas e aztecas com antecedentes orientaes, a vida diaria de Ramon tem sido um intenso drama pictural. Dos cerimoniaes patriarchaes do lar, em que um filho que parte não esquece nunca de beijar as mãos do pae e a testa da mãe, elle passou para os rituaes dramaticos do outro lar tão significativamente chamado Madre Egreja.

Carmel Myers e Ramon em "Ben Hur"

Mesmo que Ramon tivesse nascido no **far west** elle teria creado uma vida romantica.

Por natureza actor, elle o tem sido desde o dia em que converteu a sala de sua casa mexicana em theatro para suas marionnettes. E hoje elle faz de sua casa um theatro e do theatro sua casa.

* *

O mundo inteiro se interessa pelo passado de uma mulher e pelo futuro de um homem.

Um propheta, Dareos, predisse que Ramon deixará a téla por um convento. Seria um novo drama para Hollywood, embora velhissimo para o mundo literario tão rico em caracteres romanticos, que abandonam os prazeres da carne pela vida espiritual. E' a historia de grandes espiritos — philosophos, artistas e homens que mais tarde se tornaram santos e deuses.

Mas Ramon si se fizer padre ou frade continuará a dominar no Cinema...

* *

Ramon é religioso. A expressão dos seus ideaes religiosos, porém, é feita de quadros e musica. A musica é o ritual da sua devoção. A musica toca os nossos sentimentos directamente. Schopenhauer disse: "ella fala a alguma coisa mais subtil do que o intellecto."

Ramon é um actor, um musicista, um mystico e um poeta, mas acima de tudo elle é um symbolo espiritual para a imaginação.

* *

Ramon é um artista versatil. Elle foi o diabolico esgrimista de "O Prisioneiro do Castello de Zenda", o lyrico joven pagão de "Apsará", o atrevido e impertinente revolucionario de "Scaramouche", o bondoso e fino heroe de "Ben Hur", o adoravel romantico de "O Pagão" e o admiravel official de "Mata Hari".

São caracteres distinctos. E cada um delles é Novarro. A differença nelles está simplesmente na côr impressa em cada um pelo seu talento. Sua arte reside na sua habilidade de projectar de dentro de sua propria natureza os traços do caracter que estudou profundamente para crear.

* *

Eu pessoalmente acredito que o destino traçou um papel heroico para Ramon Novarro e equipou-o com todas as qualidades necessarias para interpretal-o. Si a sua principal expressão será por meio do Cinema ou da musica não sei. Será amplamente por meio da arte de viver sem o **handcap** da fama.

O melhor predicado do futuro de Ramon está na fé que os outros depositam nelle. Elle tem todas as prendas. Tudo depende da maneira delle as manejar.

Elle é um vencedor. Ramon Novarro será ainda maior!

Ramon teve o primeiro automovel em 1932, "O Pri-
grande astro desde 1925. Mas não foi .pinteiro

Alice Terry, numa scena do Film de Ramon, "Apsará".

FORAM seis, as mulheres que influiram em minha vida!" começa Ramon Novarro, abrindo assim um capitulo desconhecido de sua vida á publicidade. E', realmente, uma surpresa pois em Hollywood o nome de Ramon nunca esteve ligado, definitivamente, ao de qualquer mulher — profissional ou não.

Já sabemos tudo o mais sobre sua vida. A invencivel ambição que o elevou de um João-Ninguem immigrante á brilhante fama e á segurança da fortuna, já faz parte da historia do Cinema. Sua devoção para com a familia, seu amor pela musica, seu inimitavel espirito, sua viva intelligencia — tudo é familiar aos seus "fans". Mas a "saga" de Samaniego ainda está incompleta. Que dizer sobre as mulheres de sua vida?

O seu primeiro desejo — trabalhar no Cinema — realisou-se e absorveu totalmente Novarro, apagando por completo o outro. A sua respeitosa attitude para com as mulheres nos Films, collocou-o na categoria de um Sir Galahad.

Ramon encara tão á serio o seu trabalho que os seus papeis encobriram, gradualmente, o seu caracter fóra da tela. Hoje vamos encontral-o com 34 annos e ainda um perfeito principe romantico. E, na verdade, elle soube escapar á todas as tentativas de assalto de Hollywood e do tempo...

Novarro é ainda a mesma creatura sincera, despretenciosa, o mesmo amigo sincero de outros tempos. Elle não teve a minima idéa do que eu ia-lhe perguntar, no "cocktail" de despedida que offereceu aos amigos, na sua nova e bellissima residencia em Beverly Hills.

Mas creio que elle falou com todo o coração e sinceridade, ao revelar-me este factos de tão profundo interesse para os seus "fans".

— "Nos dias de qualquer homem, alguma chuva deve sempre cahir — começou elle — E, certamente, algumas mulheres devem sempre entrar. Existem muitas mulheres ás quaes posso chamar amigas. Mas comprehendo que você deseja é o nome d'aquellas que representaram factores vitaes em minha vida, não? Muito bem. As mulheres que até hoje influiram em minha vida são: Leonor Samaniego, Rosa Gavilan, Marion Morgan, Willamene Wilkes, Mary O'Hara e Alice Terry. Seis, ao todo. Nunca esquecerei a ajuda que cada uma dellas me deu. Sem ellas não sei se teria progredido".

"Fan", estude esta lista com cuidado e você ficará sabendo mais sobre Ramon do que lendo cem artigos sobre o creador de "Ben Hur". E notem como a unica artista ahi é Alice Terry. O resto não é composto de celebridades... Nem uma minima menção á Garbo, Myrna Loy e outras famosas mulheres de Hollywood por quem, dizem, Ramon se interessou...

— "Leonor Samaniego, minha mãe, é a quem devo mais. A estricta e perfeita educação que me administrou é, talvez, a razão porque tenho escapado á tantos dissabores. Ella desenvolveu, aperfeiçoou os bons sentimentos que eu possa ter. Sua desinteressada devoção para com a familia foi sempre uma luz, um guia para mim. E' minha felicidade crêr que tenha herdado um pouco de suas grandes qualidades: intelligencia, bom senso, bondade e estoicismo. E tenho sido feliz por ter sido abençoado com uma genitora assim maravilhosa. Sua vida é uma inspiração para mim!"

Até o anno passado, antes de construir sua nova casa nas collinas, Ramon viveu sempre com seus paes na moradia que para elles comprou em Los Angeles. A familia Samaniego gosa de todo o luxo e conforto, graças ao seu filho.

— "Rosa Gavilan foi minha avó, progenitora de mamãe. Na pequena cidade de Durango, onde fui criado, ella era uma creatura unica, sem egual. Era inteiramente franca e, de uma maneira especial, dominante. De sua parte adquiri um grande respeito pela honestidade, orgulho pela familia e a convicção de que que tudo se póde obter, se tivermos vontade para tal.

Minha avó ensinou-me a nunca me declarar satisfeito á não ser com o melhor. Ella tinha quasi uns cincoenta netos — continúa Ramon com um sorriso ironico — "E eu era o seu favorito".

Dona Leonor Samaniego e seu filho Ramon.

Willamene Wilkes que deu a Ramon o seu primeiro contracto e uma das seis mulheres que influiram na sua vida.

Na verdade se a vovó Gavilan pudesse ver hoje o seu favorito "muchacho", uma celebridade mundial, não se sentiria ella contente?

— "Marion Morgan crystalisou minha ambição e fez desta qualidade latente, uma activa — prosegue Ramon. — Era chefe de uma "troupe" de bailados e andava á procura de um rapaz que tivesse rythmo natural, para incluil-o no seu numero de dansa. Eu tinha chegado nesta época á Los Angeles e procurava trabalho. Um

A MAIOR REVELAÇÃO DE RAMON!

amigo apresentou-me á Marion e ella empregou-me logo. Viemos para New York e depois em "tournée" pelo paiz.

Marion Morgan me fez trabalhar muitissimo e criticava o mais possivel o meu trabalho. Parecia-me então que ella tornava tudo difficil para mim! Hoje somos grandes amigos mas naquelles tempos... não o eramos!"

Apesar de reconhecer a habilidade que Ramon tinha para a dansa e dando-lhe opportunidades na sua "troupe", Marion Morgan ensinou-lhe a grande differença que existe entre orgulho e dignidade. Novarro confessa que começou com uma grande e superflua bagagem de orgulho... Hoje elle aprecia o severo treigno por que Marion o fez passar, pois mudou o seu *ego* e livrou-o de um convencimento e uma presumpção que teriam arruinado o seu futuro.

—" Willamene Wilkes deu-me o primeiro real contacto com a arte de representar. Era "manager" do Majestic Theatre de Los Angeles. Mais do que qualquer outra pessoa, ella demonstrou grande fé em minhas possibilidades. Pessoalmente ensaiou-me e muito me ensinou, sem deixar um momento de me encorajar.

Tendo expressado esta confiança no meu futuro, insuflou-me uma enorme vontade de triumphar. Foi um estimulo sem par.

Miss Wilkes falleceu em 1927. Ainda hoje o sinto e respeito sua memoria".

E' o tributo final de Ramon para com sua grande amiga. E lembro-me agora de algumas revelações feitas por um amigo meu: Dickson Morgan, director theatral em Los Angeles e que foi o marido de Willamene Wilkes.

Hoje elle é a unica testemunha restante das primeiras tentativas de Ramon Novarro no palco. Morgan e Willamene formavam a silenciosa platéa do theatro, quando o bonito mexicano fazia os seus inicios na arte de representar.

—" Ramon tinha a scentelha do genio — contou-me certa vez Marion como reminiscencia — Willamene foi a primeira que reconheceu isto.

Lembro-me que o sotaque do rapaz era tão forte que a gente tinha difficuldade em comprehender o que dizia. E elle mesmo expressava-se com difficuldade. Mas em apparencia, personalidade e mentalidade elle era mais do que uma promessa.

Lembro-me bem quando atrahiu a attenção de Miss Wilkes. Era um "usher" no theatro por 5 dollares semanaes. Mas queria trabalhar no palco e vinha tão seguido aos bastidores pedir uma opportunidade, que Miss Wilkes finalmente consentiu que elle désse uma audição.

Ramon dizia-nos: — "Eu preciso ganhar 10 dollares por semana, para mamãe. Ella necessita isto. Representarei o que quizerem e provarei que sou digno dos 10 dollares".

Uma sexta-feira á tarde, depois da "matinée", quando o theatro estava vasio e calmo, Willamene e eu sentamo-nos na primeira fila. No centro do palco, sob uma só luz, surgiu Ramon. Fez uma reverencia formal e disse: — Recitarei para vós".

E apresentou uma scena do "The Melting Pot" de Israel Zangwill. Quando terminou deu um pulo até á orchestra, abriu o piano, fez outra reverencia e continuou:

—"Agora tocarei para vós". Ouvimos o rapaz tirar uma buliçosa musica e mal terminara, fez outra reverencia e declarou:

— "Agora cantarei para vós". E cantou duas bonitas balladas mexicanas, com aquella boa voz que todos conhecem.

Miss Wilkes reconheceu as possibilidades do joven mexicano e deu-lhe um emprego como "call-boy" e seu assistente a 10 dollares por semana.

Por todo "bit" que elle representasse, ganharia mais 5 dollares. E além de tudo mantinha o seu antigo logar como "usher".

Ramon ficou comnosco um anno. Entre os "bits" que elle representou estão: um vendedor japonez, um negro conductor de trem, um vendedor americano em França e um mordomo de New England.

Foi executando uma dansa hespanhola com a ingenua da nossa companhia, numa comedia musicada de muito successo, que Ramon teve a grande opportunidade no Cinema. Edward Ewerett Horton era o astro da peça mas foi Ramon que attrahiu a attenção de Rex Ingram, uma noite.

Ingram queria um dansarino para um numero num de seus Films. Foi depois, ante os pedidos do proprio Ramon, que Rex lhe entregou o papel de Rupert no Prisioneiro do Castello de Zenda".

Dickson nunca esquece a bondade e a gratidão de Ramon.

— "Quando Miss Wilkes foi chamada á New York, Ramon veio á estação para sua despedida. Elle não tinha dinheiro, mas assim mesmo conseguiu trazer-lhe um apanhado de rosas vermelhas, finissimas. Dez mezes mais tarde, quando Willamene voltou, Ramon já trabalhava no "lot" da Metro. Elle veio ao theatro e trouxe algumas centenas de rosas para ella.

Ainda mais tarde, Novarro voltou de uma "location" na Europa. No dia de sua chegada, elle correu ao hospital onde Miss Wilkes jazia enferma. Ella morreu pouco depois mas não antes de ter recebido de Ramon, um valioso e antigo collar. Elle o comprara especialmente para Willamene, em Florença".

Estes incidentes relatando a grande lealdade de Ramon nunca foram revelados antes.

Morgan conta-me ainda que Ramon sempre sentiu, intimamente, que haveria de triumphar e chegar ao topo. Uma noite Ramon esqueceu-se de abaixar o panno. Willamene gritou-lhe:

— "Ramon, que diabo teria acontecido!"

E lá estava elle calmamente sentado numa viga, sorrindo. Respondeu:

— "Estava sonhando... e acabava de me ver correr dos bastidores para o centro do palco, sob os applausos de uma enorme platéa!"

(*Termina no fim do numero*)

A IRMÃ DE RAMON

(FIM)

— Conheceu Greta Garbo?

— Sim! Quando Ramon Filmava "Mata Hari" fui ao Studio e tive a opportunidade de ser apresentada a esta grande artista.

Extraordinaria, simplesmente extraordinaria. E', depois de Chaplin, a figura mais interessante da cidade do Film. Ha nella algo subconsciente que attrahe e domina. Eu tinha imaginado muitas cousas para lhe dizer mas na presença da suéca, fiquei muda! E Garbo parece conhecer este phenomeno, pois passando a sua delgada mão por minha cabeça disse-me:

— "Child!... Child!... Ou seja, creança!... creança!...

Comprehendo, muito bem por que a consideram a figura feminina de maior attracção da tela. E' realmente incomparavel! E' uma das poucas creaturas em Hollywood que são, em pessoa, tal qual imaginamos sob o imfluxo da fantasia. Greta é verdadeiramente maravilhosa.

Outros artistas? Conheço a tantos... Falarei sobre aquelles que me parecem mais sympathicos. Recordo-me que a primeira vez que vi Marlene Dietrich senti-me deslumbrada! Um abrigo de pelles envolvia e sua loura cabelleira d'ahi emergia como uma chuva de ouro. O que acho da Marlene Dietrich-actriz? Seus primeiros Films em Hollywood agradaram-me bastante mas com franqueza, os ultimos têm sido tão falsos e artificiaes... No emtanto, reconheço o grande talento do director Von Sternberg.

— E' verdade que ha amor entre ambos?

— Prefiro não falar sobre isto. Von Sternberg é amigo de Ramon e ficaria mal tocar neste assumpto...

Falemos em Chaplin, por exemplo. E' meu "hobby," um dos meus maiores favoritos! Certa vez, numa festa, nomeou-me sua rainha e passei toda a "soirée" rindo-me a valer de suas creancices e seu terrivel hespanhol. Chaplin sabe umas vinte ou trinta palavras deste idioma e as emprega sem motivo algum. E' uma creatura encantadora e é mesmo lamentavel que em sua vida sentimental, tenha tão pouca sorte.

— Continúa muito namorador?

— "A raposa muda de pello mas não de manhas..." Falo baseando-me n'aquillo que ouvi, pois sobre suas aventuras conheço só o que se murmura em Hollywood. E não se diz mais porque Chaplin é muito respeitado e temido.

No trem que nos trazia de Los Angeles para Nova York, viajámos com Gloria Swanson. Uma mulher bella, sympathica e... temperamental! Imaginem que poz o trem em polvorosa, fazendo um enorme barulho porque não puzeram lenções côr de rosa no seu leito. Dizia que jamais dormiria sobre lenções brancos!... Mas é, realmente, maravilhoso como Gloria conserva sua belleza e juventude. Parece que os annos nada significam para a sua vida e o seu physico.

Fredric March me encanta. É um grande artista e seu trabalho é sempre perfeito. Restam-lhe ainda muitos annos de glórias. Barry Norton é muito sympathico mas sua carreira Cinematographica está embargada por um grave inconveniente: é ser elle demasiado bonito. Mas é um rapaz culto, intelligente e muito bom camarada. E' intimo de Ramon e participa de todas nossas festas.

— E nunca se viu tentada pelo Cinema, Carmencita?

— Sim... mas umas poucas palavras de Ramon dissuadiram-me disso. Eis o que elle me declarou: "A gloria do Cinema, "chiquilla," é uma illusão que nos persegue, furiosamente, nos atormenta com a vehemencia de uma loucura e quando a alcançamos, nada mais é do que puro fumo, pura immaterialidade que em vão tentamos reter entre as mãos... Soffre-se muito e para quê? E' melhor que continues com a tua dansa, que cases e cuides de teus filhos. Serás muitissimo mais feliz e teu coração não estará exposto a desillusões e amarguras que te fariam intimamente uma fracassada ainda mesmo que triumphasses segundo o gosto do publico..."

Nada mais a dizer, Carmencita? —

— Nada mais... por hoje. Assediaram-me com tantas perguntas e fizeram-me falar sobre cousas em que devia guardar silencio... Afinal de tudo, sou uma pequena que tem tido a sorte de viver em Hollywood. O caso de meu irmão ser um astro famoso, nada significa para mim. E' como se eu fosse uma outra creatura qualquer, falando sobre a cidade em que vive...

— Comprehendemos o que quer dizer, Carmencita. E confie na nossa discreção...

O que Ramon cantou nos Films

(FIM)

esta melodia que Novarro entoava para Myrna Loy...

Agora "O Gato e o Violino", sendo uma opereta de Kerb-Harbach tem musica da mais deliciosa. Ao lado da optima soprano Jeannette Mac Donald, Novarro é a bohemia ruidosa de um musico europeu, com a "chance" de cantar em francez: "She Didn'a Say Yes, Poor Pierrot" e "One Moment Alone..."

Novarro tem proporcionado diversão ás platéas mundiaes por annos e annos, mas nunca enfrentára personalmenee este mesmo publico ao qual, diariamente, se apresentava em imagem.

Veiu a "torunée" pela Europa e o reapresenta-se interpretando o seu repercert tour" pela America do Sul, onde consultado da mesma animou-o a este "contorio de musoca dos Films e canções typicas hespanholas e mexicanas além de outras em francez, allemão e italiano.

A peça de Ramon e o que diz Kathleen Key do seu companheiro em "Ben Hur"

(FIM)

Ha tanta cousa ainda para se relatar sobre Ramon! Mas vejo-me obrigada a chegar a uma conclusão. E terminando estas reminicencias sobre um carissimo amigo e um grande artista, tudo o que posso dizer aos seus "fans" é que Ramon é digno de toda a admiração que têm por elle, digno das manifestações que lhe fazem e digno de muito mais ainda!"

RAMON NUM RELAMPAGO

(FIM)

Aprecia com sinceridade qualquer critica honesta que lhe é feita e reconhece seus defeitos. Mas são manias. Detesta falatorios e diffamações. Gosta de cantar pelo radio. Imita admiravelmente os artistas e a si proprio nas suas "performances" como "Pagão", "Apsará" etc. Gostaria de refazer "Ben Hur" no exterior e como um Film falado. Jamais figurou como astro em outra fabrica a não ser a Metro Goldwin.

E' um formidavel physionomista. Passa minutos e minutos lendo a lista telephonica e tem isto como um vicio inoffensivo... Não usa relogio pulseira, em geral. Nem cachimbo... Gosta de boinas. Recebe cartas, presentes e dadivas dos "fans" de todas as partes do mundo.

E' muito sympathisado e tem as melhores amisades entre os humildes do que entre os celebres. Gosta de banhos de chuveiro, bem frios.

E' sempre procurado pelos amigos. Mesmo quando se acha aborrecido, nunca deixa de ser cortez, alegre e polido. Não muda de idéa depois de formal-a, ainda que isto lhe traga transtornos. Ouve argumentos e acceita discussões. Aprecia a alegria e adora a liberdade. Tem um finissimo "sense of humor". Não gosta de gente convencida e que só fala em si. Tem 30 e tantos annos e apparenta 20. Quando fala algo o enthusiasma, sente-se inflammado e põe na conversa toda a sua alma...

Ás vezes é triste e philosopho. Outras é alegre, satyrico, impulsivo. Tem um temperamento vário. Sente-se cansado, fracassado para de repente comecar com novo enthusiasmo e furor. Temperamento latino, enfim.

Nervoso, exaltado na vida interna. E' dado a trivialidades mas a acções nobres. Bondoso. Timido. Mas ha momentos em sua vida que se torna impetuoso e violento. Modesto, simples e calado. Emfim, toda uma gama de emoções e sentimentos.

Brilhante intelligencia. Propensão para o drama. Muita cultura. Fala e lê em varias linguas. Tem uma bibliotheca notavel de literatura franceza, americana, ingleza, hespanhola, italiana e allemã.

Póde discutir sobre arte, canto e literatura como um entendido. Ha 11 annos que a perfeiçoa o seu intellecto e nunca deixou de estudar.

E' uma das personalidades mais multifacetadas do Cinema. Optimo artista, notavel cantor, bailarino, director, compositor e autor theatral. Uma nova edição de Noel Coward.

Estheta e anacoreta. Sacerdote e pagão. Galã e cantor. Sir Galahad com uma guitarra...

Este é Ramon Novarro!

Ramon e Gilberto Souto, representante de "Cinearte" em Hollywood.

Ramon e o director de "Cinearte" em Hollywood, ha 7 annos, durante o "test" para o Film "Romance".

Com Cinematographistas paulistas

A bordo do "Nothern Prince".

Em S. Paulo no Butantan.

Com Yankeletitch e Wm. Melniker.

Um instantaneo de Peressin de Santos.

"Ben Hur" é o Film favorito de Ramon. Por causa dos seus aspectos religiosos. O que "Ben Hur" fez para Ramon, Ramon fez para "Ben Hur".

A MAIOR REVELAÇÃO DE RAMON!

(FIM)

O interessante é que o vimos fazer isto mesmo, annos mais tarde!

Sobre a quinta mulher em sua vida, Ramon é menos explicito.

— "Mary O.Hara era uma scenarista de Rex Ingram. Era uma mulher muito attraente, uma creatura de extraordinaria intelligencia. Costumavamos a ter longas conversas sobre philosophia. Ella ensinou-me a pensar, deu-me a concepção de o quanto eu tinha ainda para aprender. Dizia-me sempre: Eu gostaria de ver você daqui uns 10 annos.

E agora, você é capaz de imaginar que ella mora em Hollywood e nunca tivemos a occasião de um encontro? Não a vejo ha 10 annos. Sei que está casada e vive tão occupada quanto eu!"

Chegamos emfim á sexta: Alice Terry, a unica mulher na vida de Ramon que é popular aos "fans".

— Alice Terry é uma grande philosopha e um grande espirito — diz-nos Ramon. — O publico, realmente, nunca a conheceu! Ella é mil vezes superior ao que vocês viram na tela. Alice é uma mulher maravilhosamente bem harmonizada.

Ensinou-me o que significa a verdadeira lealdade. E emquanto trabalhava, desligava-se ao mesmo tempo destes affazeres. Isto ensinou-me a não tornar-me victima de uma carreira.

Alice tem uma personalidade tão radiante que no momento em que ella entra numa sala, você immediatamente sente-se melhor, sente-se outro — mesmo antes della ter pronunciado uma só palavra. Ella... bem, é melhor não dizer mais nada, pois senão Miss Terry vae caçoar terrivelmente de mim!

Alice Terry estava nesta época em Hollywood visitando sua mãe e seus amigos. Como tambem estava nesta tarde no "cocktail party" de Novarro, como sua convidada de honra, procurei ouvil-a sobre Ramon e tirar as minhas conclusões.

Ella estava linda como nunca nos surgiu nos seus successos no Cinema silencioso. Vestia velludo negro e um chapéo estylo D'Artagnan sobre a cabelleira dourada.

Alice conta-me que apreciou, pessoalmente, as enthusiasticas manifestações do povo francez a Ramon, durante a sua triumphal "tournée" de canto pela Europa.

— "Ramon é um companheiro delicioso — diz ella — e começa a ennumerar as virtudes que já conhecemos. — "Elle nada mudou com os annos. E' sempre o mesmo rapaz contradictorio: um dia terrivelmente sério, devoto, religioso. No outro: alegre, folgazão, jovial.

Quando Rex Ingram Filmava o *Arabe*, na Tunisia, elle Ramon, Herb Howe e eu eramos denominados a "Familia Real"! E até hoje este quartetto tem permanecido uma especie de familia pela amisade, apesar de não tão real como naquelles dias précrise...

Não, não acho extranho que Ramon nunca se tivesse casado. Elle vive tão occupado com sua arte, sua musica, sua familia que apparentemente não tem tempo para amar. E depois, é catholico. A sua religião prohibe o divorcio..."

Observamos que o casamento della, Alice, tinha durado até hoje. Miss Terry retrucou:

— "Mas eu casei-me com um mahometano! Rex pertence agora á religião dos mussulmanos. Salvo a ameaça de ter um harem em casa... não ha outro perigo para que o marido se perca!...

Mas vendo Alice rodeada pela sua legião de amigos e admiradores, concluimos que Rex tomou a religião mas Alice é que conseguiu o harem!

Perguntei-lhe se Ramon estava apaixonado por Myrna Loy.

— "Sim, no anno passado, quando esteve em Paris, eu o ajudei a comprar presentes para Miss Loy... Mas quanto a intenções de casamento?... Tanto quanto conheço Ramon, não posso dizer tal. Elle sempre teve as suas paixões platonicas e idealistas, taes como Barbara La Marr, Lilian Gish, Garbo...

Por falar nos presentes, se Myrna Loy ouvir falar nisto ficará admirada

Ramon e Dorothy Janis em "O Pagão"

com o que aconteceu aos mesmos! Eu elogiei-os tanto que o pobre e voluvel Ramon offertou-me todos!!!

Assim, desde que Alice Terry, uma das melhores amigas e confidentes de Ramon (ella e seu marido Rex Ingram são os maiores amigos de Novarro) não põe a mão no fogo por um verdadeiro romance do interprete de "Laughing Boy" e desde que elle nunca esteve compromettido ou annunciasse intenções de encaminhar-se ao altar, o que elle diz do casamento é pura verdade:

— "Sinto que não fui feito para o casamento. Um artista não póde comprehender a vida do lar".

Além de Garbo, a quem durante a Filmagem de "Mata Hari" elle descreveu como a mulher mais gloriosa de todas as que tem conhecido.. o unico authentico rumor nos annos passados é o que entra o nome de uma rica aviadora. E' uma dama de sociedade e não profissional. Esta creatura mysteriosa era uma frequente visitante ao "set" de Novarro... E Ramon torna-se mysterioso e aborrecido quando se fala nisso...

Quando introduzi o nome de Myrna Loy na conversa elle tornou-se extraordinariamente ambiguo...

— Myrna é uma creatura "aloof" e possue uma indefinivel seducção, uma irreprehensivel distincção e reserva: qualidades que são o "az" no jogo de qualquer mulher" — diz Novarro.

Sua face é uma incrustavel mascara e seus olhos, espelhos de um profundo mysterio. E' uma bôa amisade minha. E uma amiga fascinante".

Assim... Myrna mesmo affirma que a mutua sympathia que os une é nada mais do que uma grande e pura amisade...

Opiniões de Ramon sobre o casamento:

— "O casamento é incompativel com um artista. Rex Ingram achou a esposa ideal em Alice Terry porque ella é um complemento á sua alma, uma ajuda poderosa na realisação e na expersão de sua arte. E ao mesmo tempo é o objecto do seu amor. Mas não conheço outro casamento assim. Este é uma excepção...

Amor... e que é afinal o amor? E' uma completa annulação do proprio "eu" — eis tudo.

Por exemplo: a pequena quér ir ao "vaudeville" emquanto eu prefiro um concerto symphonico. Mas, naturalmente, vou ao "vaudeville... porque ella o quer. Isto é amor? eu não poderia aceitar isto. Nunca!

E quem póde pensar seriamente em amor, vivendo entre divorcios, entre escandalos diarios?"

Um "magazine" sobre a mesa mostra o retrato de uma creança com a seguinte legenda: "Patricia Kikland filha de Nancy Carroll. Seu pae é Jack Kirkland o ex-marido de Nancy".

Novarro olha significativamente esta legenda: "Vale a pena casar-se para que o retrato dos filhos andem assim envolvidos em tumulto e escandalo? Por nada neste mundo em me casarei em Hollywood".

O unico amor ideal que um homem póde ter, deve vir a elle entre os 15 e 20 annos, antes das desillusões. O maior e unico amor de minha vida foi na idade de 16 annos. Eu estava, realmente, apaixonado... Mas tudo passou. Hoje ella é casada em Durango e tem alguns filhos. Nunca mais a vi...

* * *

Palavras de Novarro: — "Apesar de ter trabalhado no theatro como dansarino e actor, o meu pensamento esteve sempre com os Films. Para mim elles eram o medium ideal de expressão — maior mesmo do que o palco. O Cinema é universal. Elle fala todas as linguas porque fala com as imagens. Emoção, acção, explendor e finura — eis o Cinema. Mas para espirito, imaginação — eis o palco. E' esta a unica qualidade que a tela tem custado a adquirir.

— "Não creio que eu viva no presente. Estou sempre planejando, planejando, planejando..."

— "Convenci-me, realmente, de que nascera para artista numa certa occasião em que estava aborrecidissimo, entregue á uma enorme dôr. Era um desses momentos em que a alma parece estar sendo arrancada do corpo. Sentia um desespero unico e então, insensivelmente, corri ao espelho, afim de ver e estudar a expressão desta dôr!...

Ramon Novarro póde orgulhar-se de descender da melhor aristocracia americana. Não que os seus antepassados viessem no Mayflower para a America. Elles já estavam aqui para receber os invasores.

O sangue imperial dos Aztecas corre nas veias de Ramon Novarro e elle tem orgulho, como a imperatriz Eugenia o teve, da sua linhagem que vem de seculos e seculos atraz. Vem ha quatrocentos annos da opulenta côrte de Montezuma onde Cortez descobriu, maravilhado, o esplendor dos palacios de trezentas salas, de paredes de alabastro, cobertas de tapeçarias de plumas, de assoalhos de riquissimo mosaico como se fossem tapetes feitos de joias...

Os palacios dos Gaviláns, a familia materna de Ramon, têm passado atravez quatorze gerações, desde a união de uma nobre Azteca com um hespanhol chamado Guerrero, cavalheiro de Cortez.

Estes factos nunca revelados pelo Ramon são comtudo documentos existentes no Mexico. Ahi, Novarro esteve no collegio Mascarones. Nesta escola de Jesuitas elle teve instrucções militares, estudou musica, francez, inglez e ainda é lembrado como um bom athleta, campeão no remo e bom no jogo mexicano chamado *la bandera*.

Elle é tambem lembrado como o rapaz que possuia uma bonita voz a quem os professores prognosticavam uma brilhante carreira na Opera.

Assim, como os factos demonstram, Ramon é mais americano do que os descendentes daquelles que soffreram *o mal de mer* no Mayflower. Os antepassados desses comparados aos de Ramon, são novissimos...

Reservado por costume, Ramon só uma vez protestou. Foi no inicio de sua carreira quando a publicidade chamou-o de hespanhol e elle insistiu no facto de ser um verdadeiro americano, pois nasceu na America.

Mas em apparencia, Novarro parece um cosmopolita. Não ha, creio, artista que tenha viajado tanto como Ramon em sua carreira. Elle tem interpretado os personagens de nacionalidades mais diversas. O austriaco Rupert em *O Prisioneiro do Castello de Zenda*. Um selvagem da Polynesia em *Apsará* e *O Pagão*. Francez em *Scaramouche* e *Frivolo Amor*. Hespanhol em *Teu nome é mulher!*, *Céo de amores, Amantes* e *Sevilha de meus amores*. Lord inglez em *Galante Conquistador*, Americano em *O Guarda Marinha*. Principe judeu em *Ben Hur*. Francez, de novo, em *Fogo, cinzas, nada...* e *O Bem Amado*. Allemão em *O Principe Estudante*. Hespanhol em *Romance*. Americano em *Procellas do Coração* e *Asas Gloriosas*. Austriaco em *Alvorada*. Indiano em *Filho do Oriente*. Russo em *Mata Hari*. Italiano em *Juventude triumphante*. Egypcio em *Uma noite no Cairo*. Chinez em *Amor de mandarim*. Agora belga em *O Gato e o violino* e indigena Navajo em *Laughing Boy*.

Estes Films têm-no feito viajar muito e tudo isto deu a Ramon, o aspecto e as maneiras de um cosmopolita.

❖ ❖ ❖

O pae de Ramon, Don Mariano Samaniego recebeu o diploma de dentista em Philadelphia e foi para Durango em 1893. Trazia uma carta de apresentação para um intimo amigo de seu pae, Felipe Perez Gavilán que tinha uma filha, Leonor e com quem elle se casou depois. O primeiro filho, Emilio, morreu aos tres annos. Mas já haviam nascidos outros: Guadalupe que hoje é irmã de caridade

Norma e Ramon em "Principe Estudante".

em Hespanha. Rosa, freira em Cuba. E' depois Ramon.

Seguiram-se Leonor que vive em Los Angeles. Mariano que termina os seus estudos de dentista e tendo sido professor de castelhano na Universidade de Loyola e aviador amador. Luz, casada com Gustavo Faist e que já deu aos seus paes os primeiros netos. Antonio estudante de technica de Cinema, engenheiro de som e co-productor de Films descriptivos. José que morreu em 1929 num accidente de football. Carmencita. Felipe, fallecido quando menino, Angel, engenheiro chimico e Eduardo, architecto desde o anno passado.

❖ ❖ ❖

Mary Garden chegou a Los Angeles para cantar operas. Na noite da estréa no Philarmonic Auditorium, depois do espectaculo, quando ella deixava o theatro um joven "usher", mal vestido, apparentando uns 18 annos — abordou-a como um relampago:

— "Miss Garden — pediu elle — quero cantar, dansar e representar para a senhora!"

Miss Garden serenando do susto consentiu. E foi assim que Ramon abordou e exhibiu-se para Geraldine Farrar. Pavlova, Mr. Fiske, etc.

Marion Morgan apresentou-o no seu espectaculo de dansa: "Attila e os hunos". Ramon nunca tinha dansado em sua vida, mas 4 mezes após, estava batendo á porta de Anna Pavlova e offerecendo-se para seu companheiro de dansas!

Nada ha que se aprecie tanto como a audacia. E foi por isto que Ramon venceu.

❖ ❖ ❖

Diz Herb Home:

— "Pensar em qualquer personagem romantico é pensar em Ramon Novarro: Romeu, Ben Hur... Elle é Byron e Shelley. E' um Arcel em contraste com os prosaicos dias de hoje. Mas é principalmente Sir Galahad, o galante visionario á procura do seu grande ideal..."

Em Tunis, quando filmando "O Arabe" Ramon escolheu a fatalista maxima arabe para sua divisa: "Maktoob" (estava escripto).

Elle tambem adopta esta opinião do imperador Toltec: Nexahualcoyatl, cuja philosophia é parallela á de Marco Aurelio:

"As cousas de hontem nada mais são hoje e as cousas de hoje cessarão de ser amanhã...

As glorias de hontem passaram todas como o fumo que foge da garganta do Popocatapetl".

❖ ❖ ❖

Todos os artistas dizem que entraram para o Cinema, por acaso. Ninguem queria saber de Cinema. Ramon lutou para vencer. A opposição do pae, as respostas negativas, as privações, nada o desanimou. Por isso, quando lhe perguntaram agora que estaria fazendo se não fosse artista de Cinema, respondeu:

— Estaria tratando de conseguir ser actor de Cinema...

❖ ❖ ❖

Em "Homem, mulher e matrimono". Ramon e Derelys Perdue executavam um bailado, sobre um espelho em cima duma mesa. Logo nos primeiros momentos, quebrou o espelho que custara 50 dollars.. Mas o azar não o perseguiu... Dansou em outros films com Derelys e chegou a astro...

❖ ❖ ❖

Ramon fez o papel de Antonio no film de Tom Moore, "Paixões Humanas", de Goldwyn.

Cinearte

Propriedade da S. A. O MALHO

FUNDADOR:
Dr. Mario Behring

DIRECTOR:
Adhemar Gonzaga

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. — (Registradas) 1 anno 60$000, 6 mezes 30$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registada, com valor declarado), deve ser dirigida á Travessa Ouvidor nº 34.

Telephones: Gerencia 3-4422 — Redacção: 2-8073 — Rio de Janeiro. Representante em Hollywood. GILBERTO SOUTO.

ALGUMAS DAS SUAS CARACTERIZAÇÕES